UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ARISTOS ARGONAUTWN: O HEROÍSMO NAS *ARGONÁUTICAS* DE APOLÔNIO DE RODES

Fernando Rodrigues Junior

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Professora Doutora Adriane da Silva Duarte

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ARISTOS ARGONAUTWN: O HEROÍSMO NAS *ARGONÁUTICAS* DE APOLÔNIO DE RODES

Fernando Rodrigues Junior

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor.

Orientadora: Professora Doutora Adriane da Silva Duarte

São Paulo
2010

RESUMO

Este trabalho pretende discutir de que forma a noção de heroísmo foi abordada nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes em oposição ao conceito de herói presente nos poemas homéricos. A análise se baseará na distinção entre as personagens Jasão e Héracles como exemplos de modos de atuação díspares e conflitantes no poema. A tradução dos livros I e II das *Argonáuticas* complementa o estudo.

Palavras-chave: *Argonáuticas*; Apolônio de Rodes; literatura helenística; poesia épica; herói; Jasão; Héracles.

ABSTRACT

This work intends to discuss the notion of heroism present in Apollonius Rhodius' *Argonautica* in opposition to the concept of hero in Homeric poems. The analysis is based on the distinction between the characters Jason and Heracles as examples of different and conflicting ways of action. The translation of *Argonautica* books I and II complements the study.

Keywords: *Argonautica*; Apollonius Rhodius; Hellenistic literature; epic poetry; hero; Jason; Heracles.

AGRADECIMENTOS

A Adriane da Silva Duarte pela longa orientação e parceria desde os meus tempos de graduação.

A Maria Celeste Consolin Dezotti e André Malta Campos por participarem do Exame de Qualificação e contribuírem para o desenvolvimento desse trabalho.

À CAPES pela bolsa concedida que me possibilitou usufruir, durante um ano, da Universidade de Oxford e ter acesso ao material inesgotável da Bodleian Library.

A Gregory Hutchinson do Exeter College pela hospitaleira recepção na Inglaterra e pelas sugestões sobre o andamento da pesquisa.

A todos os meus colegas da área de Letras Clássicas pelo companheirismo e, muitas vezes, pela paciência.

A meus pais, Denise e Fernando, a meus irmãos, Anna Paula e Caio, a meus cunhados, Ánderson e Viviane, e a minha querida avó Alice.

Aos meus amigos de longa data Odair, Orion, Gisele, Sarah, Maria Martha e Francisco.

E, finalmente, aos meus alunos pelo constante aprendizado.

Para Bárbara
Meu porto seguro
A parte mais doce da vida

SUMÁRIO

Prólogo.....6

1. O conceito de heroísmo nas *Argonáuticas*.....9

2. O tema Jasão.....51

2.1 A ***andreia*** de Medéia.....52

2.2 Jasão na literatura de Homero a Píndaro.....67

2.3 Os argonautas e a poesia helenística.....107

2.4 A recepção de Apolônio em contexto romano.....122

3. Héracles entre os argonautas.....127

Tradução.....161

Canto I.....162

Canto II.....207

Bibliografia.....250

PRÓLOGO

A busca dos argonautas pelo velocino de ouro na longínqua Cólquida é uma das mais famosas histórias da mitologia grega. Mesmo sendo bastante popular na Antigüidade, a primeira narrativa completa a chegar até nós data somente do século III a. C. Trata-se das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, o primeiro poema épico a ser assim intitulado, apesar de referências a este mito já aparecerem desde o século VIII a. C. nos poemas homéricos. Da mesma forma que a *Ilíada* e a *Odisséia* são as mais antigas epopéias gregas preservadas e, por sua excelência, tornaram-se objeto de admiração e imitação aos que se dedicaram à composição em hexâmetros, as *Argonáuticas* são a primeira narrativa metrificada – cujo texto sobreviveu – a abordar de modo contínuo o ciclo mítico dos argonautas, servindo de referência e modelo para os autores posteriores que seguiram os passos trilhados pelo poeta de Rodes e relataram a travessia da nau Argo.

Dessa forma Jasão, o líder da expedição e figura central da narrativa, assume características peculiares que farão dele uma personagem adequada ao contexto heróico delineado por Apolônio. Após ele ter causado a morte equivocada do hospedeiro Cízico, os argonautas ficaram impedidos de continuar a viagem por mar durante doze dias por conta da ventania provocada pelo assassinato ímpio do rei. Uma alcíone prediz a Mopso de que forma apaziguar Réia e tornar os ventos propícios, possibilitando a continuidade da navegação. A ave surge durante a noite e se posiciona sobre a face loira de Jasão, quando é percebida pelo adivinho. Curiosamente o líder estava adormecido na praia, reclinado sobre um macio velo de carneiro (***malakoij eni kwesin oiwn***, *Arg.* I 1090). Por mais que a expressão possa ser uma reminiscência de *Odisséia* III 38, quando Pisístrato, filho de Nestor, convida Telêmaco e Mentor a se sentarem em velos macios estendidos na praia durante o sacrifício de alguns touros (***kwesin en malakoisin, epi yamaqoij ali$si***), seu sentido nas *Argonáuticas* é carregado de ironia e pretende propor um questionamento sobre as qualidades heróicas atribuídas ao protagonista da epopéia. Sendo responsável pelo retardamento da missão, Jasão é descrito repousando na praia agarrado a um tenro tosão, o mesmo objeto pelo qual os gregos viajam a terras distantes e inospitaleiras. Após a conquista na Cólquida, o herói se deita sobre a pele do carneiro em uma caverna de Córcira para consumar o casamento com Medéia (***Enqa tot" estoresan lektron mega: toio d" uperqen*** / ***xruseon***

aiglhen kwaj balon, ofra peloito / timheij te gamoj kai aoidimoj., *Arg.* IV 1141-43). Uma narrativa sobre o velo de ouro na qual o ***kwaj*** é adequado ao sono e ao sexo prenuncia a implícita discussão sobre o heroísmo travada no poema. Seria Jasão uma personagem avessa às categorias heróicas apresentadas pela poesia épica do período arcaico? As *Argonáuticas* de Apolônio seriam a principal responsável pelo rebaixamento heróico de Jasão, de modo que sua influência no *epos* pós-helenístico se tornaria inevitável? Ao seguir os passos pela estrada de Homero, Apolônio traçaria uma alameda pela qual os poetas épicos posteriores fatalmente teriam de cruzar?

O presente trabalho pretende discutir o conceito de excelência heróica nas *Argonáuticas* em oposição à tradição épica anterior. O primeiro capítulo comenta as leituras mais significativas, realizadas a partir da segunda metade do século XX, sobre a caracterização de Jasão na epopéia de Apolônio e a tentativa de enquadrá-lo nos conceitos de anti-heroísmo, heroísmo-erótico ou heroísmo-diplomático. O segundo capítulo aprofunda a exposição através de uma análise de todas as aparições de Jasão na literatura grega até o período helenístico. Com isso pretendemos questionar se o modo como o herói foi caracterizado nas *Argonáuticas* é fruto de uma invenção poética apoloniana ou baseado em modelos anteriores. Por meio desse percurso cronológico, é possível responder, com uma visão mais abrangente, se o Jasão de Apolônio representa o programático rebaixamento heróico em uma epopéia de elocução média ou simplesmente decorre de uma tradição poética precedente na qual seu ***hqoj*** – ou ***hqh*** – já havia sido delineado.

Por fim, o terceiro capítulo propõe uma comparação entre Jasão e Héracles por serem as figuras masculinas de maior destaque no poema. Como representam ideais distintos de heroísmo, é necessária uma comparação entre ambos visando a definir qual melhor se enquadra ao conceito de ***aristoj Argonautwn*** que permeará a composição da epopéia e servirá de modelo de conduta para uma ação eficiente e exitosa. Para compreendermos a complexidade de Jasão, é imprescindível uma análise ao mesmo tempo diacrônica e sincrônica a fim de perceber os modelos de personagem que Apolônio tinha diante de si, transmitidos pela literatura, e de que forma eles interagiram para a criação de um herói adequado a um novo tipo de epopéia helenística.

Segue, em anexo à tese, uma tradução dos dois primeiros cantos das *Argonáuticas*, possibilitando aos leitores que desconhecem o grego antigo o acesso a um texto em língua portuguesa ainda inédito no Brasil. A tradução pretende servir de

apoio à leitura dos capítulos e procura ser bastante fiel ao original, sem quaisquer pretensões poéticas. Esperamos, dessa forma, contribuir para uma maior divulgação da obra de Apolônio de Rodes – e conseqüentemente da produção literária helenística da qual ele fez parte – entre helenistas, latinistas e estudiosos de literatura no Brasil.

CAPÍTULO 1: O CONCEITO DE HEROÍSMO NAS *ARGONÁUTICAS*

A abordagem crítica das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes costumeiramente foi feita à sombra das epopéias de Homero, não somente por sua localização em um período, até poucas décadas atrás, pouco comentado da literatura grega, mas principalmente pela comparação qualitativa entre as figuras heróicas descritas nos diferentes poemas. Apesar da variedade de tópicos tratados na narrativa, a discussão sobre o modo como Jasão é representado foi responsável pela produção da parte mais numerosa e significativa de artigos e livros a respeito dessa epopéia. A questão mais formulada pela maioria dos comentadores que se debruçaram sobre o assunto poderia ser assim simplificada: seria Jasão, com seu peculiar modo de ação, a principal personagem na expedição dos argonautas? Evidentemente os posicionamentos críticos estão longe da uniformidade e as respostas são as mais variadas possíveis. Couat, autor de um dos mais antigos compêndios sobre poesia alexandrina intitulado *La poésie alexandrine sous les trois premiers Ptolémées*, afirma que Jasão jamais poderia ser definido como um herói ardoroso buscando se lançar à glória e aos perigos. *Se ele é o líder, tal fato não é conseqüência de sua imposição aos outros pelo ardor*.[1] Seguindo o mesmo ponto de vista, Körte em *Hellenistic Poetry* nota a ausência de destaque e a fraqueza de Jasão como protagonista de uma epopéia.[2] Alguns autores demonstram menos polidez ao definirem o herói como frio e egoísta[3] ou desinteressante, quando não repelente.[4] Mas nem todos os comentadores foram unânimes em condenar a caracterização heróica do líder dos argonautas.

---

[1] Couat (1882: 319-20).

[2] Körte (1929: 183).

[3] MACKAIL, J. W. *Lectures on Greek poetry* Apud Carspecken (1952: 100).

[4] Bowra (1933: 221). Valendo-se de critérios semelhantes, Wright (1932: 100) considera Jasão um herói fraco e insignificante, enquanto Mooney o classifica como personagem controlada e insípida. *Compared with Medea the character of Jason is tame and insipid. Endowed with the radiant beauty of Apollo he is brave and gallant as heroes are wont to be, and steadfastly fulfils his task of recovering the golden fleece. He is tactful, lovable and urbane in his dealings with his comrades, and is slow to wrath even when provoked by the taunting words of the Colchian king. He is prone to exhibit a soft sentimentality, seen also in the character of Aeneas which is largely modeled in that of Jason. In his intercourse with Medea he displays a calculate and deliberate selfishness which reappears as the dominant note in his character in the play of Euripides. We cannot discern in him the qualities of a leader of men. We feel that he is but one of the four and fifty heroes, many of them riper in years and more famous for their doughty deeds than he* (Mooney 1912: 37).

O artigo de Carspecken, intitulado *Apollonius Rhodius and the epic tradition* (1952) dedicado a comparar as *Argonáuticas* com a poesia homérica, foi o grande responsável pela consolidação e divulgação de idéias semelhantes às expostas acima. Segundo o autor, Jasão raramente possui papel de destaque no poema, sendo um costumaz observador de façanhas alheias. Nos livros I e II sua principal função seria oferecer preces aos deuses. No momento da partida em Pagasas, Orfeu cessa a discussão entre Idas e Idmão e restaura a paz, enquanto o líder permanece impassível; após perceberem o abandono de Héracles na Mísia, Jasão sofre em silêncio até todo o ocorrido ser explicado por Glauco emerso do mar; Polideuces enfrenta Amico na Bebrícia e os Boréadas perseguem e derrotam as Harpias em Tínia. O único feito executado por Jasão nos dois primeiros livros foi o assassinato acidental de seu hospedeiro Cízico durante a guerra contra os dolíones (I 1032-35). Sua inadequação como líder é enfatizada quando se assusta ao ouvir as profecias de Fineu sobre os futuros desafios da expedição, prostrando-se sem esperanças quanto ao desfecho de toda a viagem (II 622-37 e 886-93).

No entanto Carspecken nota a importância de Jasão em relação aos demais argonautas a partir do terceiro livro, ao se tornar a figura central para o desenrolar dos acontecimentos. A missão passaria, pela primeira vez, a depender de suas ações e isso lhe conferiria certa grandeza, distanciando-o da personagem irrelevante e opaca predominante na primeira parte do poema. Mas essa grandeza seria relativa, já que o cumprimento heróico das tarefas impostas por Eeta – sua grande ***aristeia*** em toda a narrativa – ocorre mediante a imunização causada pelas drogas de Medéia.[5]

Tal caracterização negativa não comprometeria a unidade do *epos* proporcionada pela presença de uma figura heróica central. O poeta optaria por destacar não exclusivamente uma única personagem – apesar de indicada para exercer a liderança – mas todo o grupo que a acompanha, como evidenciariam os ***klea fwtwn***

---

[5] *Jason is subordinate to his comrades, except once, in every trial of strengh, skill or courage, a great warrior only with the help of magical charms, (...) passive in the face of crisis, timid and confused before trouble, tearful at insult, easily despondent, gracefully treacherous in his dealings with the lovesick Medea, but cowering before her later threats and curses (..). Again and again he is called* ***amhxanoj*** *until it becomes the* vox propria *to describe him and his conduct* (Carspecken 1952: 101-2).

mencionados no início do poema (I 1). Ao contrário da *Ilíada* e da *Odisséia*, as *Argonáuticas* seriam um poema épico de herói coletivo.[6]

Lawall no artigo *Apollonius'* Argonautica*: Jason as Anti-Hero* (1966) discorda do heroísmo semi-anônimo e amorfo proposto por Carspecken. Segundo sua leitura, no início do poema Jasão seria mera vítima da profecia de Apolo e das maquinações ambiciosas de Pélias. O poeta teria a intenção de retratá-lo como líder fraco e irresoluto nas três primeiras grandes aventuras da expedição[7]: em Lemno Héracles é o responsável por encerrar a permanência dos argonautas junto às mulheres encontradas na ilha, tornando possível a continuidade da viagem (I 865-74); em Cízico Héracles evita a destruição da nau matando os nascidos da terra e, conseqüentemente, salvando a missão (I 989-1011); na Mísia, por pura negligência, Jasão parte deixando três argonautas para trás, entre eles Héracles, (I 1273-89).

As aparentes debilidades ocultam um minucioso processo de instrução pelo qual o herói se submete durante a trajetória de ida da nau Argo até a longínqua Cólquida. Isso o capacitaria a, finalmente, tornar-se a figura de destaque no livro III. De acordo

---

[6] Para Carspecken (1952: 109) a unidade narrativa da epopéia é alcançada através da presença de um herói central. A ausência de semelhante personagem nas *Argonáuticas* levou a crítica a apontar a falta de unidade no poema causada por um protagonista quase imperceptível ante o grande número de heróis que participam da expedição. Durante a travessia, membros da tripulação se tornam protagonistas momentâneos resolvendo problemas que ameaçam a continuidade da viagem. *In this fashion the narrative continues alternating between group action and individual action, with single figures emerging from the common activity as their special gifts find occasion for use, then becoming once more an indistinguishable part of it. Mopsus is provided with an opportunity to prophesy (I 1084-1106), Argus shows his skill in carpentry and woodcraft (I 1119-20), Polydeuces boxes with Amycus (II 1-97), Zeta and Calais demonstrate their winged speed in pursuit of the Harpies (II 273-96), Euphemus displays his swiftness of foot (IV 1477-80).* (1952: 112). Carspecken sugere que o herói central não deve ser buscado em uma figura isolada e sim em toda a tripulação, já tematicamente aludida de forma coletiva no prólogo do poema (***palaigenewn klea fwtwn*** / ***mnhsomai***, I 1-2). Apesar de ser o grande motivador da expedição, o nome de Jasão só aparece no verso 8 e todos os eventos antecedentes ao início da viagem são brevemente resumidos nos dezessete versos do proêmio. A narrativa termina com a chegada do navio à Grécia, sem qualquer referência explícita ao futuro do Esonida após a entrega do velocino ao rei Pélias. O foco do narrador é a ação do grupo e todos os eventos individuais anteriores ou posteriores à formação deste conjunto de ***palaigenewn fwtwn*** são sintetizados ou descartados do enredo.

[7] *Throughout book 1 Jason thus appears as a generally inexperienced youth who knows little of the world through which he must make his way and who has not yet developed any fixed response to life's challenges. He is no ready made hero* (Lawall 1966: 149).

com Lawall, *os livros I e II, longe de serem uma seqüência solta de episódios sem conexão, constituem um modelo único, um processo de* ***paideia****, já que o leitor segue Jasão através dos estágios de sua educação e observa o processo pelo qual ele se torna o único ator do livro III.* (1966:150). A partir de então pairam sobre ele as decisões e ações necessárias para a aquisição do velocino de ouro, passando da condição de ***amhxanoj*** para a de ***mhxanikwtatoj***.

Em diferentes localidades abordadas pelos argonautas, diferentes lições foram aprendidas pelo protagonista, fazendo-o gradativamente responder com mais presteza e eficiência às situações adversas surgidas.[8] A expedição teria moldado Jasão em uma figura anti-heróica, enganadora e constantemente baseada na ajuda alheia, tanto humana (Medéia), quanto divina (Apolo, Hera ou Afrodite). Ele estaria capacitado a agir segundo artimanhas, engodos – como o assassinato ímpio de Apsirto em frente ao templo de Ártemis – e quebra de juramento. Os argonautas obtêm o tosão e retornam a Iolco, no entanto o preço a ser pago seria o abandono dos valores tradicionais de

---

[8] Para Lawall a viagem descrita nos livros I e II das *Argonáuticas* constitui uma espécie de ***paideia*** à qual Jasão é submetido. Não se trata de sucessão de episódios desconectados, mas etapas de uma jornada concomitantemente geográfica e educativa na qual diferentes lições foram aprendidas pelo protagonista para torná-lo capaz de encontrar as soluções mais adequadas e resolver os diferentes problemas enfrentados durante a missão. Em Lemno o poeta aborda o emprego da sedução e do erotismo como meio eficiente para alcançar um objetivo. Já em Cízico os perigos da guerra são enfatizados, já que o Esonida acaba por matar acidentalmente seu antigo hospedeiro em uma batalha noturna. Após esse assassinato equivocado, o emprego da força será evitado ao máximo pelos argonautas, só sendo utilizado quando qualquer outra forma de acordo não produzir resultados (III 179-90). Na Mísia, após o abandono de Héracles, Jasão percebe a distância que o separa de uma ação heróica tradicional, apresentada com aspectos sobre-humanos. Segundo o autor, a remoção de Héracles *points up the gulf separating the old time hero from Jason and suggests that, if he is to succeed, he must find some new approach to action in keeping with his purely human abilities* (1966: 153). Na Bebrícia foi assimilado o emprego preciso da perícia ao invés da mera violência incalculada, enquanto em Tínia Jasão aprende a ter um comportamento pio em relação aos deuses – no entanto, no livro IV, o herói demonstrará não ter compreendido bem essa lição ao assassinar traiçoeiramente Apsirto em frente ao templo de Ártemis, cometendo um crime que exigirá expiação e retardará o retorno da tripulação. *During the outward voyage Jason has become acquainted with the world within which he must act, and he has learned how to act efficiently and successfully within that world. In contrast, the stereotyped characters of the minor figures remain unaffected by the voyage* (1966: 166).

heroísmo. Em outras palavras, a corrupção de caráter do protagonista teria proporcionado o sucesso da missão.[9]

Charles Beye em *Jason as a Love Hero in Apollonius'* Argonautica (1969) discorda parcialmente deste raciocínio ao afirmar que, lendo as *Argonáuticas*, não estamos diante de um anti-herói e sim de uma anti-epopéia. Ou seja, a matéria-prima do poema de Apolônio seria a poesia homérica, trabalhada de forma a ser alterada para revelar dessemelhanças quando cotejada com o original.[10] Apesar de inegavelmente

---

[9] *The price of success is as brilliant as it is unexpected. The price of success is great, however not in terms of men lost, but in terms of the corruption of values and character. Traditional values of heroism, honor and integrity are jettisoned as Jason puts in motion the machinery of success. Even the most sacred value of piety must be temporally set aside in order to pull the expedition out of a potentially disastrous crisis. Success attends not the grand figure as Heracles, nor the brilliant intellect and skill of a Polydeuces, nor the martial impetuosity of an Idas, nor even an unwavering piety, but success attends the initially weak, the always unadventurous, the circumventive, compromising, treacherous, and finally impious Jason, a man of resounding success, whom no reader has ever found himself able to admire* (Lawall 1966: 168).

[10] *One way to deny the forms is to prevent it, and to my mind, this is exactly what Apollonius set out to do. (…) Apollonius in quite another way, quite seriously, took the materials of epic and put them together with various incongruities that, while legitimate, are bizarre to create an epic poem that is thoroughly sensible and by denying much that is Homeric maintains the sense of Homer throughout. (…) Thus I would call the* Argonautica *'anti-epic' rather than call Jason 'anti-hero'* (Beye 1969: 34). Um exemplo dessa "desmontagem" da elocução homérica seria a recusa de Apolônio em se valer de linguagem formular, mas fazer referência explícita a ela. A expressão ***klea andrwn*** (cf. *Ilíada* IX 189) é alterada no prólogo das *Argonáuticas* para ***klea fwtwn***, sugerindo que o tipo de heroísmo abordado é rebaixado e acessível a todos aqueles de condição mortal (cf. Carspecken 1952: 111 para a distinção entre ***anhr*** e ***fwj***). O uso de símiles em Apolônio também apresenta estreito relacionamento com a poesia homérica (cf. Wilkins 1921: 162-66), Carspecken (1952: 58-99), Garson (1972: 7-9), Hunter (1993: 129-38), Knight (1995: 17-20), Kouromenos (1996: 233-50), Effe (2001: 147-69), Vieira (2006: 59-116). Exemplos desse reemprego são *Arg.* III 1294-95 e *Il.* XV 618-21; *Arg.* III 1359-62 e *Il.* IX 555-59, XII 278-86 e XIX 357-61; *Arg.* I 879-82 e *Il.* II 87-90; *Arg.* II 26-29 e *Il.* XX 164-73; *Arg.* II 123-28 e *Il.* IV 471, XVI 156-63 e 352-55; *Arg.* IV 139-42 e *Il.* XVIII 207-14 e XXI 522-25. Há oitenta e dois símiles nas *Argonáuticas*, enquanto a *Ilíada* se vale de duzentos e seis e a *Odisséia* de quarenta e cinco. No entanto Knight nota que Apolônio evita a repetição de símiles em diferentes cenas *as a ways of writing a different sort of epic, rather than a pale imitation of the* Iliad *and* Odyssey. *Like the avoidance of exact repetition, this change creates a denser texture than Homer, and was adopted by Virgil* (1995: 18). Por fim, é freqüente a descrição de cenas recorrentes na poesia homérica inseridas em outros contextos nas *Argonáuticas*, provocando no leitor acostumado à linguagem épica tradicional a sensação de inadequação ou incompletude. A única cena extensa de armamento de um guerreiro no poema ocorre em *Arg.* III 1225-

pertencer à tradição épica, as *Argonáuticas* causariam estranheza ao leitor acostumado ao estilo da *Ilíada* e da *Odisséia* por parecer uma narrativa oblíqua ou fora de foco para as expectativas do leitor (1969: 35). Seria natural, portanto, nos defrontarmos com um herói igualmente oblíquo ou fora de foco. Não um anti-herói, mas um herói bem adequado a uma anti-epopéia. Em oposição à leitura de Carspecken, segundo a qual o herói do poema não seria o fraco Jasão e sim toda a tripulação da Argo, Beye destaca a insistência de Apolônio em ressaltar a condição do Esonida como protagonista, apesar de suas escassas qualidades como herói épico e sua passividade reiteradamente enfatizada. O líder acabaria escondido sob decisões e escolhas tomadas por outros, fora da sua esfera de influência.[11] Daí viria a recorrência do poeta em caracterizá-lo como ***amhxanoj***. A partir do episódio de Lemno, contudo, nos é apresentada uma outra faceta de Jasão: trajando, no encontro com a rainha Hipsípile, um manto brilhante, artisticamente bordado e descrito de modo semelhante à armadura de um guerreiro antes da realização de alguma ***aristeia***, sua façanha se passa no campo da sedução e da sexualidade e acaba retardando a missão por tempo indeterminado. Para Beye Jasão é uma espécie de *love hero*, uma personagem relativamente nova em contexto épico, cuja atuação exitosa se dá através da manipulação das afecções alheias em benefício próprio.[12] Essa seria a principal diferença em relação a Héracles, o verdadeiro anti-herói do poema. Seu desaparecimento na Mísia já fornece indício claro do tipo heróico que passará a prevalecer na epopéia, pouco habituado ao emprego eficiente da força física. Através da sedução de Medéia, Jasão estará capacitado a cumprir as provas exigidas

---

34, quando Eeta se prepara para assistir aos ***aeqla*** de Jasão (cf. cenas de armamento na *Ilíada* em XI 16-44, XVI 130-39, XIX 369-98). No entanto, ao contrário de Agamêmnon, Pátroclo ou Aquiles, o rei da Cólquida não empunha suas armas como prenúncio de uma batalha da qual participará, mas simplesmente o faz para ser expectador de uma luta alheia cujo protagonista se encontra imune e invencível.

[11] *From the first Jason has been shown to be not responsible for his actions; Heracles chose him leader of the Argonauts, Hipsipyle needed a mate, darkness made Kyzikos an anonymous enemy and victim. Just as he was initially depicted as been swept on by events throughout the poem. However much we may choose to consider this singularly strange, we cannot deny that Jason is uniformly portrayed as passive. Such consistency suggests that Apollonius consciously chose to represent Jason in this fashion. By surrounding him with the props of traditional heroism he offers the reader a paradoxical figure who provides a commentary on the epic form itself* (Beye 1969: 48).

[12] *The traditional hero's panoply with which Jason's encounter with Hipsipyle commences formally declares him a hero, but the context is novel. Jason is a sexual hero, a lover; and this kind of hero is new in epic* (Beye 1969: 44).

pelo rei da Cólquida e saquear o velocino de ouro, sempre seguindo de perto as instruções da princesa bárbara.

A introdução da matéria amorosa como tema principal, na visão de Zanker em *The Love Theme in Apollonius Rhodius'* Argonautica (1979), seria a grande contribuição de Apolônio à tradição épica.[13] ***Erwj*** se torna o tema em destaque não somente no livro III – no qual é narrada a sedução de Medéia e a realização das provas – , mas em todo o poema. Ao abordar programaticamente esse assunto, o poeta não renuncia à tradição genérica na qual sua epopéia está necessariamente inserida – os ***klea fwtwn*** no proêmio do livro I evidenciam esse fato – mas representa o heroísmo segundo um comportamento mais condizente com a estrutura narrativa.[14] Em outras palavras, em uma epopéia de temática erótica um *love hero* seria o protagonista mais adequado e com maiores possibilidades de sucesso. Mas em que consiste um *love hero* e qual o seu modo de atuação?

O tipo de heroísmo representado por Idas – ou Héracles – é visto como obsoleto.[15] Sua arrogância ao criticar Jasão no momento da partida foi severamente

---

[13] Para mais informações sobre o tratamento dado à matéria amorosa na poesia épica, conferir Beye (1982: 120-66), Hunter (1993: 46-74), De Forest (1994: 107-124), Pavlock (2005: 19-68), Rodrigues Jr (2005: 76-128).

[14] *These conclusions shed light on a hottly debated subject, the nature of the epic's principal hero, Jason. It is only when we attempt to see precisely what Apollonius is trying to do with epic as a genre that we get a clearer picture of the ideas of the appropriate hero to epic. True, the traditional subject-matter of the* ***klea fwtwn*** *is never formally renounced, as has already been observed; but by his introduction of love as the instrument of success in a heroic venture, Apollonius seems to be pre-defining the nature of heroism that accomplishes deeds of valour in a way that might have seemed more credible to his contemporaries. The key note of the new heroism is not traditional individualistic process, but the willingness to admit to and exploit the power of a more human force, love* (Zanker 1979: 72).

[15] *Moreover, it is in the final section of book 3 that 'heroic opposition' to the idea of using a woman's help is discredit once and for all. When Jason returns from his meeting with Medea he tells his comrades what the girl has said; all are overjoyed, except Idas who sulks alone 'biting down his wrath' (1170). Again, when the heroes try out Jason's enchanted weapons, Idas loses his temper and hacks at the spear with his sword, which only rebounds like a hammer from an anvil; at this the other heroes shout for joy (1252-55). Idas is made to look ridiculous in the last scene in which he appears in the epic; and that immediately after Jason is said to have acted at Medea's injuction (1245). Idas' kind of heroism is proven outmoded and has been replaced by a more human, though not necessarily a more gentle code* (Zanker 1979: 64).

censurada por Idmão e sua oposição ao plano de Argos para conseguir os ***farmaka*** de Medéia antes da realização das provas se mostrou equivocada. Quando o Esonida retornou ao acampamento munido das drogas imunizadoras, todos os companheiros o rodearam fazendo perguntas, exceto Idas, tomado pela cólera (III 1167-70). Antes da realização dos ***aeqla*** Jasão derramou no escudo, na lança e na espada os ***farmaka*** cedidos. Em seguida os argonautas começaram a usar a força contra o armamento imunizado a fim de testar a resistência, mas foram incapazes de provocar qualquer dano. Idas, por sua vez, bastante raivoso, resolveu golpeá-lo com a espada, contudo o ataque foi igualmente ineficaz. A partir de então os companheiros começaram a festejar esperançosos, considerando a vitória inevitável (III 1246-55). Sendo esta a última menção de Idas no poema, fica evidente a intenção de Apolônio em lhe conferir um destaque especial em oposição aos demais homens, visto ser o único argonauta nominalmente evocado a investir contra as armas ungidas. Todos apoiaram a decisão de contar com o auxílio de Medéia para cumprir as provas, exceto ele, confiando exclusivamente na força de seus braços (I 466-71 e III 558-63). Por ironia essa mesma força vai se mostrar impotente e inadequada em sua última aparição na trama. Estaríamos diante do ocaso deste tipo de heroísmo, tratado de modo ridículo segundo Zanker, enquanto uma forma mais "humana" ou "realista" de ação despontaria?[16]

Essa tese abordada por Zanker no artigo já citado estaria intimamente ligada ao conceito de *love hero*, pois ao tratar o amor como matéria central do poema, seria inevitável o debate acerca da natureza heróica do protagonista. Ou seja, o poeta apresentaria um tipo heroísmo aparentemente mais verossímil aos olhos dos leitores contemporâneos. As qualidades diplomáticas e sedutoras de Jasão e sua beleza enfatizada em diversos símiles (I 307-10, 774-81; III 919-23, 956-61)[17] – tornando-o

---

We have seen how the heroes of the old stamp like Idas, Telamão and Heracles have all in their several ways been found unequal to the task at hand and discredit especially in their attitudes to love and the idea of enlisting the aid of a woman (Zanker 1979: 72).

[16] Sobre o conceito de "realismo" na poesia helenística, cf. Serrao (1978: 911-48).

[17] Em *Argonáuticas* I 774-81, no episódio de Lemno, Jasão é equiparado a um astro brilhante a encantar os olhos das recém-casadas e agradar a virgem que deseja o noivo oriundo de terras distantes, escolhido pelos pais. Uma imagem próxima aparece em contexto bélico em *Ilíada* XXII 26-31. Segundo Vian (1976: 86) as lemnienses, privadas de seus maridos, são equiparadas às recém-casadas mencionadas no símile, enquanto Hipsípile, esperando a chegada do estrangeiro em embaixada, estaria representada pela virgem. A imagem do astro brilhante como prenúncio do amor aparece em Safo fr. 104 LP, Bíon fr. 8

bastante receptivo entre as mulheres – fariam dele o herói mais adequado à narrativa erótica delineada.

O "realismo" na poesia do período helenístico e a conseqüente redefinição do conceito de herói épico são assuntos pormenorizadamente comentados no livro de Zanker intitulado *Realism in Alexandrian Poetry* (1987). Segundo o autor, além da variação no uso da linguagem e das formas métricas, da extrema erudição e do recorrente caráter alusivo, a poesia alexandrina também era caracterizada por uma tentativa de aproximar ao máximo possível o poema do leitor a partir de *experiências sensoriais, intelectuais ou emocionais* (1987: 3). Em outras palavras, a poesia alexandrina seria dotada de um realismo ausente na produção poética dos períodos anteriores[18], baseado, entre outras coisas, no excesso de detalhes descritos gerando verossimilhança aos acontecimentos e buscando uma experiência comum e familiar ao público alvo dos poemas. A presença de cenas do cotidiano – seja para uso cômico ou irônico – é um bom exemplo dessa representação realista[19], da mesma forma que o uso

---

Legrand e Catulo 62. 1-2, 6-10 e 26-31. Segundo o escoliasta das *Argonáuticas* (cf. ***S*** I 781a) a cena é adequada ao contexto, visto que a luminosidade irradiada pelo Esonida é fruto de sua beleza. (ἤτοι κατ' ἔρωτα λέγει ἢ κατὰ μνηστείαν. διόλου δὲ ἁρμόζουσα καὶ οἰκεία ἡ εἰκών. καὶ γὰρ καὶ αὐτὸν ἐρῶσα ἐξεδέχετο παρθένος καταλαμπόμενον τῷ κάλλει). Jasão volta a ser novamente comparado a um astro luminoso em III 956-61, durante seu encontro com Medéia. No entanto o Sírio evocado na passagem indica a miséria que se seguirá entre os rebanhos, prenunciando as funestas conseqüências que se seguirão após a união de Jasão e Medéia (cf. a desgraça que se segue aos homens após o aparecimento do cachorro de Orião no céu em *Ilíada* XXII 26-31). Por fim, em *Argonáuticas* III 919-23 a beleza de Jasão é realçada por ação de Hera, fazendo-o admirável mesmo perante os companheiros com o fim de prepará-lo para o encontro com a princesa bárbara. Odisseu é alvo da mesma ação divina em *Odisséia* VI 229-31 e 235-37 (diante de Nausicaa) e *Odisséia* XVI 172-76 (diante de Telêmaco).

[18] *Now there are many aspects of Alexandrian poetry which mark it out as a movement, its esoteric erudition, its learned imitation and variation in its handling of poetic language as inherited from the canonical classics, its all usiveness and its irony. But what I hope will emerge from my study of it is that it can be viewed as united not only by these characteristics and by the impetus of its central figure, Callimachus, but also by a repeatedly observable desire to bring poetry into the closest possible with sensory, intellectual and emotional experience, in short, by its realism, although I do not wish to suggest that that is the key to the whole of Alexandrian poetry* (Zanker 1987: 3).

[19] Zanker cita como exemplos de cenas típicas do cotidiano o *Hino a Ártemis* de Calímaco, no qual a deusa ainda criança pede, no colo do pai, a manutenção da eterna virgindade, o arco e a flecha e um séqüito de sessenta Oceanidas, dentre outras coisas. Zeus ouve as súplicas e sorri, deixando a filha tocar em sua barba (cf. 26-28). No entanto a cena segue de perto um modelo homérico no qual Ártemis, repreendida por Hera, se dirige ao Olimpo para fazer uma queixa ao pai e senta sobre os joelhos do deus,

de erudição para os mais variados fins, como a precisão geográfica ou a tentativa de harmonizar versões divergentes de uma mesma história. Através dessas discussões o mito se torna mais plausível à audiência, estabelecendo uma estreita relação entre a experiência contemporânea e a reproduzida na poesia.

Zanker aponta três características que fazem de Jasão uma personagem distante da representação heróica tradicional.[20] Em primeiro lugar deve ser destacada a preferência pela via diplomática para a resolução de conflitos prestes a acontecer. Jasão constantemente evita o emprego da força e só se vale dela quando todas as possibilidades de estabelecer um acordo foram esgotadas (I 336-40 e III 179-84). As decisões tomadas em grupo sempre são preferenciais, como no momento da escolha do líder da expedição. Apesar de grande motivador e principal responsável pela viagem à Cólquida, ele não impôs seu comando sobre os demais, mas propôs a eleição de um comandante do agrado de todos (I 333-40). De forma idêntica, quando os argonautas se encontravam perdidos no deserto da Líbia, Jasão ouviu o confuso conselho das ninfas líbias para conseguir salvar a nau e retornar para casa: os heróis deveriam pagar às suas mães as dívidas devidas por tê-los carregado no ventre durante tanto tempo (IV 1237-78). Ainda sem compreender com exatidão o conteúdo de tais palavras, ele resolveu

---

sendo recebida com um sorriso pelo Cronida (*Ilíada* XXI 505-13). O *Hino a Ártemis* também apresenta uma peculiar descrição dos ciclopes capaz de deixar as ninfas atemorizadas (cf. 51-54). O caráter assustador dos ciclopes serviria de pretexto para amedrontar e punir uma divindade ainda criança que desobedecesse às ordens da mãe – imitados repentinamente por Hermes com o corpo coberto de cinzas (cf. 66-71). Outro exemplo famoso seria a cena do toalete de Afrodite, quando a deusa é surpreendida com a visita inesperada de Atena e Hera em seu palácio para rogarem auxílio à expedição dos argonautas (*Argonáuticas* III 43-50). O poeta descreve em detalhes como Cípris, sentada sobre um trono, penteava a cabeleira que lhe tocava os ombros e entrelaçava tranças ao ser surpreendida pelas deusas (cf. também *Argonáuticas* I 742-46). *The everyday, domestic element in the passage is quite pervasive. Aphrodite appears just like any beautiful woman disturbed while preening herself, though she regains composure enough to tease her visitors. The intention of Apollonius' pictorial detail and his use of everyday is plain; it is humor and to make the grand ladies of Olympus look 'just like us' and so fix them as a scale of reality which helps us to relate to them* (Zanker 1987: 70). Outros exemplos de cenas do cotidiano exploradas pelos poetas do período seriam o jogo de ossinhos entre Eros e Ganimedes (*Arg.* III 117-28, Asclepíades 15 HE e Meléagro 15 HE) ou o episódio do estrangulamento de duas serpentes enviadas por Hera ao berço de Héracles (Teócrito XXIV 34-40). Quando Alcmena ouve Íficles chorando, ordena ao marido ir até o quarto das crianças para saber o que está acontecendo. O mesmo episódio é narrado de forma diferente em Píndaro *Neméica* I.

[20] Cf. Zanker (1987: 201-4).

convocar a assembléia para tomar uma decisão conjunta, afinal *melhor é o plano da maioria* (***polewn de te mhtij areiwn***, IV 1336).[21]

O uso excessivo da força é distante da atuação de Jasão e seus atos de bravura, ao contrário dos de Héracles, nunca são vistos como sobre-humanos. Uma exceção ocorre quando o Esonida secretamente lança, na direção dos homens nascidos dos dentes de serpente, uma pedra enorme que nem mesmo quatro homens contemporâneos estariam capacitados a erguer (*Argonáuticas* III 1365-69).[22] Cenas semelhantes acontecem com freqüência na *Ilíada* (cf. V 302-304, XII 447-49, XX 285-87), no entanto, ao contrário dos heróis homéricos, Jasão se encontra sob o efeito das poções de Medéia e, portanto, ostenta qualidades superiores à sua condição mortal. A ênfase do poeta em ecoar um modelo homérico de atuação marcial intenciona contrastar dois diferentes modos de ação heróica baseada na força. Somente através da magia Jasão consegue equiparar seus feitos a Diomedes, Aquiles ou Heitor. Sem o efeito sobrenatural dos ***farmaka*** ele se iguala a um dos quatro homens contemporâneos incapacitados de levantar a enorme pedra.[23]

---

[21] Conferir um posicionamento exatamente contrário a esse em *Ilíada* II 198-206: *Mas se encontrava, a gritar, um qualquer dentre os homens do povo, / o percutia com o cetro, increpando-o, desta arte, em voz alta: / "Para essa bulha, covarde, e atenção presta aos ditos dos outros, / que são melhores que tu, pois te mostras imbele e sem préstimo. / Não vales nada na guerra, ou, sequer, nas reuniões dos Argivos. / Reis não queiramos ser todos que, aqui, nos achamos reunidos. / É mau que muitos comandem; um, só, tenha o posto supremo; / um, seja o rei, justamente a quem Zeus, descendente de Crono, / deu cetro e leis, para o mando, no povo, exercer inconteste.*

"Ον δ' αὖ δήμου τ' ἄνδρα ἴδοι βοόωντά τ' ἐφεύροι, / τὸν σκήπτρῳ ἐλάσασκεν ὁμοκλήσασκέ τε μύθῳ· / δαιμόνι' ἀτρέμας ἧσο καὶ ἄλλων μῦθον ἄκουε, / οἳ σέο φέρτεροί εἰσι, σὺ δ' ἀπτόλεμος καὶ ἄναλκις /οὔτέ ποτ' ἐν πολέμῳ ἐναρίθμιος οὔτ' ἐνὶ βουλῇ· / οὐ μέν πως πάντες βασιλεύσομεν ἐνθάδ' 'Αχαιοί· / οὐκ ἀγαθὸν πολυκοιρανίηφ εἷς κοίρανος ἔστω, / εἷς βασιλεύς, ᾧ δῶκε Κρόνου πάς ἀγκυλομήτεω / σκῆπτρόν τ' ἠδὲ θέμιστας, ἵνά σφισι βουλεύῃσι.

[22] *Pegou do terreno uma grande pedra circular, / terrível disco de Ares Eniálio. Nem quatro homens / no auge da força a levantariam, um pouco que fosse, do chão. / Tomando-a facilmente, de muito longe, a lançou entre eles.*

λάζετο δ' ἐκ πεδίοιο μέγαν περιηγέα πέτρον, / δεινὸν 'Ενυαλίου σόλον "Αρεος· οὔ κέ μιν ἄνδρες / αἰζηοὶ πίσυρες γαίης ἄπο τυτθὸν ἄειραν· / τόν ρ' ἀνὰ ῥεῖα λαβών, μάλα τηλόθεν ἔμβαλε μέσσοις / ἀίξας.

[23] *This is a question which is vitally relevant to us, for I suggest that in his characterization of Jason Apollonius is modernizing notions of heroism in epic and trying to create a type of hero which will be in*

A segunda característica responsável pela redefinição heróica de Jasão seria sua enfatizada beleza física, traço fundamental para a aliança com Medéia. Se na *Ilíada* Heitor critica Páris por cultivar, sobretudo, a aptidão para seduzir mulheres ao invés da virilidade marcial exigida por um combatente em defesa da cidade (cf. *Il.* III 43-45 e 54-57), nas *Argonáuticas* a conquista amorosa será o grande trunfo do protagonista e sua exuberante beleza – salientada pela ação divina (*Arg.* III 919-26) – a arma mais eficiente. Para Heitor os dons de Afrodite se opõem aos conceitos de ***bih*** e ***alkh***, responsáveis por distinguir o herói em batalha e lhe conferir renome. Em Apolônio, por sua vez, os argonautas devem se fiar em Afrodite para alcançarem o velocino de ouro – conforme as palavras do adivinho Fineu (*Arg.* II 423-24) – e, por conseqüência, se tornarem gloriosos.

Apolônio destaca minuciosamente a impressão causada por Jasão na filha de Eeta. Ao receber o golpe de Eros, Medéia se calou enquanto o projétil lhe ardia o coração. Em estado de desrazão, ela não conseguia desviar os olhos do Esonida enquanto a face oscilava entre pálida e ruborizada (*Arg.* III 284-98). Quando a embaixada dos argonautas deixava o palácio real, Jasão se sobressaía entre os demais por sua beleza e graça (***kallei kai xaritessi***, III 444), razão pela qual a princesa bárbara continuava a contemplá-lo fixamente, tendo o peito consumido por dores (*Arg.* III 444-47). Apesar da ausência do herói, ela ainda manteve diante dos olhos seu manto variegado, a maneira como falava, o jeito como se sentava, o modo de partir. A jovem retinha na memória a voz do herói e as palavras pronunciadas, doces ao seu coração (*Arg.* III 453-58). A beleza de Jasão volta a ser enfatizada durante o encontro secreto com a garota (***kaloj … eisoraasqai***, III 960-61). Após as palavras sedutoras do estrangeiro – astuciosamente citando o mito de Teseu e Ariadne em situação semelhante[24] – Medéia lhe ofereceu os ***farmaka*** sem hesitação e, segundo o poeta,

---

accord with the experience of the everyday life of his times and will thus be credible and realistic. (Zanker 1987: 201).

[24] A história de Teseu e Ariadne possui paralelos com os acontecimentos relativos a Jasão e Medéia. Em ambos os mitos um estrangeiro é submetido às ordens funestas de um rei, mas é auxiliado pela filha do monarca e, após superar as vicissitudes, parte com a garota. A alusão a Ariadne como exemplo de precedente à ação de Medéia se dá em *Argonáuticas* III 997-1001, 1074-76, 1097-1101 e 1106-1108. Deve-se notar que, além das semelhanças entre os dois mitos, Pasífae, mãe de Ariadne, é filha de Hélio e, portanto, irmã de Eeta. No entanto Jasão opta por um recorte oportuno à história, pois relata a partida de Creta com a permissão de Minos, mas silencia sobre o abandono de Ariadne em Dia. O poeta teria

teria lhe ofertado a própria alma caso o herói assim desejasse (*Arg.* III 1015-16). Se os ***farmaka*** são fundamentais para a vitória na planície de Ares e condição *sine qua non* para o êxito da missão, eles só puderam ser adquiridos por meio da sedução de Medéia. No momento da despedida Jasão a aconselha a partir para não serem surpreendidos por alguém, pois a garota sequer cogitava o retorno, encantada pela formosura e pelas palavras sedutoras do Esonida (***morf$ te kai aimulioisi logoisin***, III 1141).

A última característica apresentada por Zanker se baseia no constante estado de ***amhxania*** demonstrado por Jasão. Essa qualificação é recorrente em diferentes momentos da narrativa[25] e acaba por contrastá-lo com Odisseu, seu principal modelo na poesia homérica. Em situações importantes nas quais uma liderança firme e resoluta seria esperada por seus pares, o Esonida demonstra insegurança e ausência de recursos, como, por exemplo, na partida da nau Argo em Pagasas (***amhxanoj***, I 460), no abandono de Héracles na Mísia (***amhxani$sin***, I 1286), na necessidade de cumprir as provas impostas por Eeta (***amhxani$***, III 432) ou nas dificuldades ao se encontrar perdido com a tripulação em pleno deserto líbio (***amhxani$***, IV 1318). Para Zanker o poeta deliberadamente apresenta Jasão de modo rebaixado em relação a um suposto modelo heróico reproduzido pela tradição épica. Nas próprias palavras do comentador, *Apolônio parece pretender demonstrar, de modo perfeitamente claro, que seu novo herói possui todas as falhas humanas e confronta seus desafios mais como um homem normal, ao contrário de Odisseu* (Zanker 1987: 204).

Mas em que realmente consiste o estado de ***amhxania***? Ele está necessariamente relacionado ao rebaixamento heróico? Somente Jasão é assim representado ou outras personagens exibem semelhante caracterização? Francis Vian tenta responder a todas essas perguntas no artigo intitulado ***IHSWN AMHXANEWN*** (1978). Para fundamentar a discussão devemos notar que o termo ***amhxania*** não é unívoco, mas abrange grande possibilidade de sentidos, tais como embaraço ou

---

informações sobre esse episódio, pois no livro IV é mencionada a túnica sagrada dada a Toante por seu pai Dioniso, a qual retinha um perfume divino desde quando o deus dormira com a filha de Minos sobre ela, após Teseu tê-la deixado para trás (*Arg.* IV 421-34). Para mais referências sobre o mito de Teseu e Ariadne no período helenístico, conferir Calímaco fr. 67. 13-14 e 110. 59-64 Pf, *Hino a Delos* 307-15, Teócrito II 45-46 e Arato *Fenômenos* 71-73.

[25] Cf. I 460, I 1286-89, II 410, II 885, III 432 e IV 1318.

impotência diante de uma circunstância de difícil resolução (*Odisséia* IX 295, Teógnis 385 e 619, Estesícoro fr. 244 PMG, Simônides fr. 542.16 PMG, Píndaro *Olímpicas* V 14, *Píticas* II 54, Eurípides *Medéia* 647, Xenofonte *Ciropedia* VI 1 15), ou alude a eventos rigorosos ou difíceis de suportar, como ***xeimwnoj amhxanih*** em Hesíodo *Trabalhos e dias* 294. Ainda tratando da primeira acepção, o sentido de "embaraço" abarca tanto o estado inerte de confusão diante de uma situação sem saída como "surpresa" e "atordoamento", quanto simplesmente o fraco sentido de "preocupação" e "confusão" (Vian 1978: 1031).[26]

Vian nota certo paradoxo na maneira como Jasão é apresentado ao leitor. A personagem é cumulada de qualidades – interpretadas pelo comentador como simpatia e admiração do poeta pelo protagonista[27] – tais como seu brilho fulgurante comparado a um astro celeste (I 774 e III 957), o porte real ressaltado pelo manto luzente recebido da deusa Atena (I 721-29), o apreço dos deuses a ponto de lhe engrandecerem a beleza durante o encontro com Medéia (III 919-26), a designação de ***arhioj*** (I 349 e II 122), associando-o a um combatente belicoso e, por fim, a equiparação a Apolo (I 307-10)[28],

---

[26] Conferir em *Argonáuticas* IV 1527 um sentido fisiológico associado a ***amhxania*** ao ser descrito o irremediável esfriamento do corpo de Mopso. Em IV 692, 825 e 1701 o verbo ***amhxanew*** associa a idéia de falta de recursos a desconhecimento, sendo comumente traduzido por "ignorar" ou "estar confuso" diante de uma situação inesperada.

[27] *Dans um récent article, J. Perret a cette heureuse formule: "lire, c'est rejoindre l'intention d'um auteur". La première tâche du philologue est en effet de reconnâitre comment un auteur a vu et senti ses personages. On ne peut douter qu'Apollonios éprouve pour Jason une sympathie et une admiration réelles (…). Pourtant, en dehors de quelques circonstances privilegiées, Jason fait la impression d'être une figure pale, hesitant, incapable de prendre des decisions, sujette à l'abattement et à la peur* (Vian 1978 : 1026).

[28] Em *Argonáuticas* III 1278-83 Jasão, empunhando suas armas, é comparado a Ares e Apolo ao mesmo tempo:

O Esonida, quando prenderam as amarras os companheiros, / então, com a lança e o escudo, caminhou para a luta / lançando-se para longe da nau e, ao mesmo tempo, pegou seu todo reluzente / elmo de bronze cheio de afiados dentes / e a espada nos ombros, corpo nu, mas a Ares / semelhante e a Apolo do gládio de ouro.

Αἰσονίδης δ', ὅτε δὴ πρυμνήσια δῆσαν ἑταῖροι, / δή ῥα τότε ξὺν δουρὶ καὶ ἀσπίδι βαῖν' ἐς ἄεθλον, / νηὸς ἀποπροθορών, ἄμυδις δ' ἔχε παμφανόωσαν / χαλκείην πήληκα, θοῶν ἔμπλειον ὀδόντων, / καὶ ξίφος ἀμφ' ὤμοις, γυμνὸς δέμας, ἄλλα μὲν Ἄρει / εἴκελος, ἄλλα δέ που χρυσαόρῳ Ἀπόλλωνι.

a divindade de maior destaque no poema, de quem a expedição recebe proteção. No entanto, ao mesmo tempo, Jasão aparenta ser uma personagem hesitante e indecisa, capaz de facilmente se abater diante de adversidades imprevistas, características associadas ao conceito de ***amhxania***. Como entender essa contradição?

Segundo Vian, *Jasão é, de todos os argonautas, o herói mais humano e está é precisamente a razão do interesse de Apolônio por ele* (1978 : 1027). Uma grande parte de seus companheiros descende de divindades e todos participam da viagem voluntariamente. A razão que une tão distinta tripulação é o anseio por glória e renome. Jasão, ao contrário, se encontra à margem dessa motivação, uma vez que navega por imposição alheia, seguindo as ordens cruéis de Pélias (III 390).[29] A imortalidade de seu nome não é vista como finalidade a ser alcançada, mas, após cumprir a missão, o herói simplesmente almeja ter o direito de residir em sua cidade com o consentimento do rei (I 901-3). Como a questão da sucessão ao trono de Iolco não é mencionada, o Esonida sequer cogita despojar Pélias do poder e assumir as honras reais. A distância existente entre Jasão e a tripulação é evidenciada no momento da partida, quando, isolado dos companheiros, ele verte lágrimas ao desviar os olhos da terra natal (I 533-35).

A expedição dos argonautas desde o início do poema é considerada irrealizável. Apesar da junção de homens valentes e desejosos por grandes feitos, os habitantes de Iolco sabiam que o caminho por mar era árduo e futuros sofrimentos os aguardavam (I 246). Da mesma forma, após serem informados pelo Esonida sobre os ***aeqla*** exigidos por Eeta, os argonautas se desesperaram, por estarem cientes da impossibilidades de cumpri-los. O impasse seria facilmente resolvido caso Héracles estivesse presente, por ser o único herói com força suficiente para levar a cabo tais provas sobre-humanas (III 1231-34), contudo propositalmente o poeta o retirou da expedição no final do canto I. Nessa situação Jasão não pode ser considerado inferior ou rebaixado em relação aos demais companheiros, já que, apesar da perícia específica de cada um[30], todos são

---

Segundo Vian (1980: 104) Jasão se assemelha a Ares por conta da panóplia, enquanto a comparação a Apolo se dá pelo aspecto físico. Campbell (1983: 80-81) discorda ao notar a ênfase dada pelo poeta ao gládio de ouro pertencente a Febo. O símile, portanto, faria alusão ao caráter destrutivo de Apolo, presente em *Argonáuticas* II 705-707, quando o deus matou Delfine ao pé do Parnaso.

[29] No entanto Jasão menciona o ***kudoj*** advindo da missão em *Argonáuticas* I 351, ao ser escolhido o líder da tripulação.

[30] *Human skill is impotent, and human valor is feeble, when confronted with the terrible menaces which Jason must overcome. In this situation, as in the Symplegades, man must look to superhuman, divine aid:*

incapazes de realizar as provas necessárias para a obtenção do velocino. A conclusão é exatamente contrária: as características específicas de Jasão fazem dele o único herói com chance de êxito em tal situação. O emprego da força não é suficiente para subjugar os bois que cospem fogo e derrotar os homens nascidos dos dentes de dragão. Apesar de Peleu – seguido por Telamão, Idas, os Tindaridas e Meléagro – se prontificar a lutar caso Jasão se recusasse a participar do desafio por temor, não há dúvida sobre o infortúnio que se seguirá, afinal *o pior de todos os males será a morte* (***epei qanatoj ge to kuntaton essetai algoj***, III 514). Diante da possibilidade de cumprir semelhantes provas o líder foi naturalmente tomado por um estado de ***amhxania*** (I 423 e 432), porém seus subordinados demonstram reação muito parecida. Ao ouvir as palavras de Eeta, Jasão ficou em silêncio, baixou os olhos, permaneceu imóvel refletindo sobre qual decisão tomar (III 422-24).[31] Os demais argonautas, após ouvirem, mais tarde, as mesmas palavras reportadas, se calaram, olharam entre si e se prostraram em estado de ***amhxania*** (III 502-4).[32] Decididamente o Esonida não pode ser considerado o único herói tendente ao impasse no poema.[33]

Se a realização efetiva dos ***aeqla*** não pode se fiar no simples emprego da força, as qualidades diplomáticas e sedutoras vão se revelar as mais adequadas para evitar o fracasso. Os companheiros devem se submeter ao *modus operandi* escolhido

---

Medea's potions combined with the magic powers of Hecate save Jason from the bulls and giants. (…) The Argo carries men of specialized skills and sometimes miraculous abilities, but for the most part Apollonius makes little use of them, and they contribute nothing toward getting the fleece in book 3 and 4 (Lawall 1966: 135-36).

[31] *Assim falou. Ele, em silêncio, diante dos pés os olhos fixando / permanecia, como sem voz, embaraçado em infortúnio. Mudava de deliberação durante muito tempo e não tinha como, / com confiança, aceitar aquilo, pois parecia um grande feito.*

ἧστ' αὔτως ἄφθογγος, ἀμηχανέων κακότητι· / βουλὴν δ' ἀμφὶ πολὺν στρώφα χρόνον, οὐδέ πῃ εἶχεν / θαρσαλέως ὑποδέχθαι, ἐπεὶ μέγα φαίνετο ἔργον.

[32] *Assim falou. A todos pareceu uma luta sem resultado. / Durante um tempo ficaram silenciosos e sem voz, olhando uns para os outros, / pela ruína e pelo embaraço abatidos.*

Ὣς ἄρ' ἔφη· πάντεσσι δ' ἀνήνυτος εἵσατ' ἄεθλος· / δὴν δ' ἄνεῳ καὶ ἄναυδοι ἐς ἀλλήλους ὁρόωντο, / ἄτῃ ἀμηχανίῃ τε κατηφέες.

[33] O adjetivo ***kathfhj*** ("baixar os olhos por vergonha, tristeza ou confusão") – correlato ao termo ***amhxanoj*** – é associado a Jasão em uma única ocorrência (*Argonáuticas* I 461), quando o herói se afastou dos demais argonautas na noite anterior à partida e foi censurado por Idas. Já seus companheiros recebem essa designação quatro vezes (II 888, III 502, IV 594 e 1344).

como mais eficiente nesse contexto ou permanecer à parte, isolados dos acontecimentos, como é o caso de Idas. A liderança confiada a Jasão já é indício das escolhas táticas a serem tomadas no decorrer da expedição. Sua perfeita adequação à posição de comando pode ser percebida a partir de dois episódios nos quais a condição de ***amhxania*** é destacada. Ao invés de lhe servir de argumento contrário, essa caracterização o engrandece em relação aos demais e justifica posição que lhe coube dentro do grupo.

Algum tempo após a morte de Tífis, Anceu se predispôs a assumir a função do antigo piloto e comunicou sua decisão a Peleu. Este, por sua vez, incitou os argonautas a abandonarem o luto e escolherem um novo timoneiro, a fim de não retardarem mais a viagem, já que muitos naquela embarcação poderiam assumir o posto (II 880-84). Jasão, ainda em estado de embaraço (***amhxanewn***, II 885), revelou certa desesperança pois os considerados capazes de guiar a nau agora se encontravam tristes e confusos (II 886-93) diante da ruína iminente.[34] Ora, qual o motivo desse discurso desencorajador no momento em que se encontra a solução para a crise? Segundo Fränkel[35], trata-se de uma ***peira*** de modelo iliádico, ou seja, o herói testaria os companheiros para alguém voluntariamente assumir a função vaga. Portanto o particípio ***amhxanewn*** significaria "embaraço fingido" – e evidenciaria o calculado plano de Jasão – os invés de indicar um embaraço real. No entanto esta interpretação de ***amhxanewn*** proposta por Fränkel não encontra suporte em outras ocorrências do vocábulo. O termo não denota, em nenhuma passagem, um estado de impotência ou indecisão ficcional, mas verdadeiro (Ésquilo *Agamêmnon* 1178, Eurípides *Héracles* 492, *Efigênia em Táuride* 734, Tucídides VII 48). Não podemos negar a indecisão de Jasão no episódio em questão e sim tentar entender os motivos que o levaram a este estado de ânimo.

---

[34] *Eácida, onde estão esses comandantes? / Os que antes gabavam de serem capazes / estão mais confusos e entristecidos do que eu. / Por isso também prevejo uma vil ruína junto aos finados, / se não nos for possível alcançar a cidade do funesto / Eeta e retornar para a terra da Hélade / através das pedras. Aqui mesmo uma vil sorte / ingloriosamente nos esconderá, enquanto envelhecemos inutilmente* (*Argonáuticas* II 886-92).

Αἰακίδη, πῇ δ᾽ οἵδε κυβερνητῆρες ἔασιν; / οὕς περ γὰρ τὸ πάροιθε δαήμονας εὐχόμεθ᾽ εἶναι,
οἵδε κατηφήσαντες ἐμεῦ πλέον ἀσχαλόωσι / τῷ καὶ ὁμοῦ φθιμένοισι κακὴν προτιόσσομαι ἄτην, / εἰ δὴ μήτ᾽ ὀλοοῖο μετὰ πτόλιν Αἰήταο / ἔσσεται ἠὲ καὶ αὖτις ἐς Ἑλλάδα γαῖαν ἱκέσθαι / πετράων ἔκτοσθερ καταυτόθι δ᾽ ἄμμε καλύψει / ἀκλειῶς κακὸς οἶτος, ἐτώσια γηράσκοντας.

[35] FRÄNKEL, H. *Noten zu den* Argonautika *des Apollonios* Apud Vian (1978: 1030).

O desespero do herói parece ignorar que, após a travessia pelas Simplégades, as rochas entrechocantes não mais representam perigo (II 889-92, cf. ainda 1190-91), mesmo se a tripulação retornasse à Grécia pela rota empreendida na viagem de ida. O Esonida menciona a velhice inglória que os acometerá caso permaneçam inertes e confusos como até então. Esse argumento relembra a exortação de Héracles para abandonarem Lemno e voltarem à missão (*não seremos muito gloriosos aqui reclusos / por muito tempo com mulheres estrangeiras* I 869-70).[36] Apelar para o renome junto a um grupo de heróis cujo principal interesse em participar da viagem marítima a uma terra tão distante é o anseio por fama surte o efeito desejado por quem profere o discurso. Os argonautas logo se despediram das mulheres na ilha e retornaram ao navio para partirem, bem como Anceu impetuosamente garantiu ter condições de ser o novo timoneiro e guiar a nau, seguido de imediato por Ergino, Náuplio e Eufemo.

Jasão não se portou como líder ineficiente, mas demonstrou habilidade diplomática ao evitar designar o novo piloto sem o consentimento ou concordância da grande maioria. Ele testou a bravura dos companheiros e suscitou reações condizentes com o pretendido. Vários homens se disponibilizaram a substituir Tífis e a escolha recaiu sobre o mais capacitado segundo a opinião consensual. A partir dessa intenção, Vian (1978: 1030-31) sugere que o particípio ***amhxanewn*** (II 885) não implica embaraço fingido, mas real em virtude do receio do líder na escolha do novo timoneiro diante de um grande número de possíveis candidatos ao posto. Portanto a indecisão (ou ***amhxania***) desse herói diplomático não se centra sobre o que fazer para retirar a tripulação da inércia e retornar à viagem e sim em como escolher o mais habilitado e do agrado coletivo para guiar a embarcação.

O outro episódio a ser comentado se passa durante o banquete noturno dos argonautas antes da partida, do qual Jasão não participava com os outros companheiros, mas, isolado, refletia sobre toda a expedição com certo embaraço e incerteza (***amhxanoj***). O comportamento do herói nessa cena é pouco claro, uma vez que ele havia aceitado com alegria a designação de líder (***ghqosunoj***, I 350) e, em seguida, se encarregado de todos os preparativos para o início imediato da viagem (I 351-62). Isso significava preparar o banquete, erguer um altar a Apolo e lhe ofertar sacrifícios, empurrar a nau até o mar, embarcar todo o armamento necessário e sortear a localização

[36] οὐ μάλ᾽ ἐυκλειεῖς γε σὺν ὀθνείῃσι γυναιξίν / ἐσσόμεθ᾽ ὧδ᾽ ἐπὶ δηρὸν ἐελμένοι.

dos remos de cada participante. A menção a um vaticínio apolíneo segundo o qual o deus sinalizaria os caminhos marítimos caso fosse invocado com sacrifícios no início da expedição sugere uma consulta anterior feita ao oráculo acerca da viagem à Cólquida (I 411-14). Se a própria divindade já anunciara seu auxílio, não haveria motivo para preocupação no banquete. Por que, então, Jasão se distancia dos demais e permanece ***amhxanoj*** quando estava prestes a iniciar a empreitada?

Idas interpreta a reação como medo típico dos homens sem força (I 465) e garante protegê-lo por meio de sua lança impetuosa.[37] Idmão, por sua vez, considera as palavras de Idas ímpias em relação aos deuses (*nem mesmo me é tão útil / Zeus quanto a minha lança*, I 467-68)[38], no entanto reconhece a necessidade de encorajar Jasão (*Há outras palavras de consolo com as quais um homem / encoraja outro. As tuas são completamente loucas*, I 479-80).[39] Talvez o abatimento demonstrado pelo Esonida nesse episódio seja fruto da profecia de Idmão realizada antes do banquete, na qual eram previstas inúmeras tarefas a serem cumpridas (***apeiresioi … aeqloi*** I 441-42), além da morte de companheiros durante a travessia (I 443-47).[40] Porém o vaticínio isoladamente não explica a ***amhxania***, uma vez que o próprio adivinho já revelara o

---

[37] Caracterizado como ***uperbioj*** em *Argonáuticas* I 151 – enfatizando sua arrogância – tal como foram chamados os pretendentes de Penélope por Telêmaco em *Odisséia* I 368, Idas já conta com um precedente de comportamento ímpio em *Ilíada* IX 558-60 ao desafiar Apolo por causa de sua noiva. Esse fato é rememorado pelo escoliasta das *Argonáuticas* em I 475 ao se referir ao herói como τῷ Ἴδᾳ ἐχθρῷ ὄντι Ἀπόλλωνι. Em *Odisséia* IX 275-78 Polifemo não demonstra piedade a Zeus e aos demais olímpicos, afirmando que os ciclopes são mais fortes – ***uperbioi*** – que todos os deuses. A arrogância de Idas seria punida por Zeus com a morte ao se desentender com os Dióscuros (cf. *argumentum* dos *Cantos Cíprios*, Píndaro *Neméicas* X 60-72 e Teócrito XXII 210-11).

[38] οὐδέ μ' ὀφέλλει / Ζεὺς τόσον ὁσσάτιόν περ ἐμὸν δόρυ.

[39] ἄλλοι μῦθοι ἔασι παρήγοροι οἷσί περ ἀνήρ / θαρσύνοι ἕταρον·

[40] Por todo o poema nenhum argonauta morreu em batalha. Oito homens não chegaram até o final da expedição: Hilas foi raptado pelas ninfas (I 1221-39), Bouta abandonou Argo encantado pelo som das sirenas (IV 912-19) e Héracles e Polifemo foram deixados na Mísia (I 1240-79). Os quatro restantes faleceram durante a travessia pelo Mar Negro (Idmão em II 815-34 e Tífis em II 851-63) e durante o longo regresso pelo deserto líbio (Mopso em IV 1502-1536 e Canto em IV 1485-1501). Das mortes registradas, duas não são tipicamente homéricas: a doença de Tífis e o envenenamento de Mopso por peçonha de serpente não têm precedentes na *Ilíada* e na *Odisséia* – salvo a segunda situação em caso de símile (*Il.* III 30-37). Para Hunter (1993: 44) a epopéia estaria abordando uma forma de morte possivelmente muito comum em Alexandria no século III a. C.

sucesso da expedição conforme o destino traçado pelos deuses (*A vós o lote dos deuses e a necessidade é retornar / para cá trazendo o tosão*, I 440-41).[41] Ora, qual seria, então, o motivo do embaraço ante uma missão cujo êxito já está assegurado pela palavra divina?

Não devemos nos esquecer de que é conferida a Jasão a liderança graças às suas qualidades diplomáticas e à preocupação com o coletivo. Como o herói deixa bem claro no episódio em questão, *é comum o retorno posterior à Hélade / é são comuns a nós as rotas até Eeta* (I 336-37).[42] O receio pela segurança da tripulação é comportamento freqüente, como pode ser notado na revelação feita a Tífis, após quase perecerem durante a travessia das Simplégades (II 622-37). Constantemente o Esonida afirma passar as noites em claro, refletindo sobre a salvação da dileta tripulação que voluntariamente decidiu acompanhá-lo, pois não se inquieta pela própria vida, mas pela dos companheiros.[43] Sua filantropia também é perceptível na prece feita a Apolo antes da expedição partir: ao invés de rogar pela aquisição do velo de ouro, o herói solicita ao deus o retorno de seus homens sãos e salvos (I 415-16). Portanto é natural a demonstração de embaraço antes de singrarem o mar. A ***amhxania*** não decorre da covardia ou indecisão sobre qual o próximo passo a ser tomado, mas reflete preocupação com a vida dos que o acompanham e ciência das eventuais baixas a ocorrer. Independente do sucesso já vaticinado, a missão trará inevitáveis sofrimentos aos heróis que decidiram empreendê-la.

Fundamentando-se nas idéias apresentadas por Vian, Clasuss, no livro *The Best of Argonauts* (1993), defende que as *Argonáuticas* tratariam explicitamente da redefinição de um novo tipo heróico para a poesia épica em oposição a modelos

---

[41] "Ὑμῖν μὲν δὴ μοῖρα θεῶν χρειώ τε περῆσαι / ἐνθάδε κῶας ἄγοντας.

[42] ἀλλὰ φίλοι, ξυνὸς γὰρ ἐς Ἑλλάδα νόστος ὀπίσσω, ΄ ξυναὶ δ' ἄμμι πέλονται ἐς Αἰήταο κέλευθοι,

[43] *Sempre, dia após dia, velo duramente a noite gemente, / desde quando vos reunistes primeiramente por minha causa, / refletindo cada coisa. Tu facilmente proferes isso, / somente te inquietando com tua vida. Mas eu / não me assusto nem um pouco por mim, mas por este / e por aquele temo, igualmente por ti e pelos outros companheiros, / se não vos trarei seguros para a Hélade.*

(*Argonáuticas* II 631- 37)

αἰεὶ δὲ στονόεσσαν ἐπ' ἤματι νύκτα φυλάσσω, / ἐξότε τὸ πρώτιστον ἐμὴν χάριν ἠγερέθεσθε, /φραζόμενος τὰ ἕκαστα. σὺ δ' εὐμαρέως ἀγορεύεις, / οἷον ἑῆς ψυχῆς ἀλέγων ὕπερ· αὐτὰρ ἔγωγε / εἷο μὲν οὐδ' ἠβαιὸν ἀτύζομαι, ἀμφὶ δὲ τοῖο / καὶ τοῦ ὁμῶς καὶ σεῖο καὶ ἄλλων δείδι' ἑταίρων, / εἰ μὴ ἐς Ἑλλάδα γαῖαν ἀπήμονας ὔμμε κομίσσω.

tradicionais. Toda a discussão se centra na oposição entre as duas figuras de maior destaque no livro I: Jasão e Héracles. Apesar deste contrate já ter sido bastante explorado por grande parte da crítica, Clauss não se baseia em argumentos de caráter erótico, como fizeram os comentadores ao classificarem o protagonista de "anti-herói" ou *love hero*. Ao contrário, a discussão parte de uma compreensão adequada do sentido atribuído ao termo ***aristoj*** aplicado ao contexto da expedição. Em outras palavras, quem seria o melhor dos argonautas? E por quais motivos seria assim considerado?

Não resta dúvida de que Jasão é a figura central do poema, apesar de lhe faltar fôlego para ser equiparado a heróis de estatura homérica. Contudo semelhante discussão se revela inapropriada ao percebermos não ser essa a intenção de Apolônio ao retratá-lo como personagem principal do *epos*. Segundo Nagy (1979: 26-41), a fórmula ***aristoj Axaiwn*** demarca a supremacia de um herói em determinada tradição épica. Portanto, por todo o livro I das *Argonáuticas*, assistimos a uma disputa implícita entre Héracles e Jasão pela imposição de seus modos de atuação e conseqüente discussão sobre as reações mais adequadas para cada tipo de situação particular.

Por duas vezes o superlativo ***aristoj*** é evocado em relação à tripulação da Argo. Na segunda ocorrência (I 1285-86) o destinatário é claramente Héracles. Ao perceberem que o herói foi abandonado na Mísia enquanto tentava encontrar o escudeiro Hilas desaparecido, o poeta afirma que foi *deixado para trás / o melhor de seus companheiros*.[44] Héracles seria, de fato, o melhor dos argonautas? Se a resposta se baseasse em qualidades físicas e no emprego excessivo – e exitoso – da força, a resposta seria indubitavelmente positiva. Contudo ***bih*** não deve ser o principal elemento para caracterizar um ***aristoj*** no poema, como podemos perceber pela conduta de Jasão ao notar o abandono dos companheiros. Ao invés de se pronunciar sobre o ocorrido, fosse para se justificar antes de qualquer acusação, fosse para ordenar um retorno imediato à Mísia, ele preferiu permanecer em silêncio, em estado de ***amhxania*** (I 1286), durante a discórdia e o tumulto travados entre os argonautas. Telamão interpreta o silêncio como evidência de um plano secreto para se livrar de Héracles e obter maior renome por conta de sua ausência (I 1290-95). A força bruta do filho de Zeus não conhece limites e sua presença certamente ofuscaria a ação individual dos demais heróis, mas o abandono não foi fruto de um dolo arquitetado por Jasão a fim de ser alçado à condição de novo

[44] εἰ τὸν ἄριστον ἀποπρολιπόντες ἔβησαν / σφωιτέρων ἑτάρων.

aristoj entre seus pares. Mesmo porque ele já se encontrava na condição de melhor dos argonautas e tal classificação independeria da presença ou ausência de Héracles na trama.

A ***amhxania*** sentida por Jasão nesse episódio não deriva de um sentimento de responsabilidade pelo abandono involuntário do herói. Seria um erro considerá-lo culpado por um equívoco não planejado dolosamente. A ***ath*** descrita em I 1287 é entendida não como falta cometida, mas como desventura cuja causa não é humanamente compreensível – sentido que vai se mostrar correto com o surgimento divino de Glauco para justificar o ocorrido. De acordo com o escoliasta nesta passagem, em total embaraço Jasão não pronuncia nem boas nem más palavras.[45] Tendo em vista o ***neikoj*** criado entre os homens ao perceberem a ausência de alguns companheiros, qualquer palavra dita poderia ser compreendida como partidária e comprometer sua liderança. Segundo Vian (1976: 111) *sua* ***amhxanih*** *é prova de lucidez e não um sinal de incapacidade*, já que, ciente da inexistência de um ardil para prejudicar aliados, Jasão não dispõe de explicação alguma para o abandono de Héracles. Nessa situação o silêncio seria a melhor resposta. Após as justificativas de Glauco, Telamão imediatamente se desculpa pelas infundadas acusações proferidas no auge da cólera.

Já a primeira ocorrência do superlativo ***aristoj*** acontece no momento da escolha do líder (I 338). O termo é enunciado pelo próprio Jasão, incitando os companheiros a eleger o herói mais adequado às funções exercidas por aquele que estará no comando. As atribuições desse líder devem ser a preocupação com todas as coisas relativas à preparação e realização da expedição e a ciência para empreender disputas e pactos com povos estrangeiros. Portanto cabe ao líder uma abordagem diplomática baseada em acordos benéficos para ambas as partes envolvidas ao invés do mero emprego da violência cada vez que uma situação de perigo se avizinha.

A presença de Héracles como participante da expedição no livro I está em oposição ao modelo de comportamento heróico representado por Jasão. O poeta propositalmente justapõe as duas personagens visando a reforçar a inadequação do filho de Zeus nesse novo cenário épico. Não é intenção do poeta contrastar um modelo de heroísmo baseado na força e outro baseado na astúcia. Apesar de seu extremo vigor físico, Héracles sabe também se valer da ***mhtij*** quando a situação assim exige, bem

---

[45] οὔτε ἀγαθὸν οὔτε φαῦλον προΐετο λόγον. (cf. *Arg.* ***S*** I 1287).

como Jasão também emprega violência quando todos os recursos diplomáticos ou acordos pacíficos não surtem o efeito desejado. É redutor compreender as oposições entre as duas personagens como simples antagonismo entre duas tradições épicas baseadas em valores distintos. Seria o equivalente a afirmar que Héracles está para Aquiles assim como Jasão está para Odisseu. As semelhanças entre Jasão e Odisseu são perceptíveis em diferentes momentos da narrativa, no entanto o protagonista das *Argonáuticas* não é mero reflexo de uma tradição odissíaca que lhe antecederia e moldaria sua conduta. Jasão é alçado à condição de ***aristoj*** porque suas respostas são as melhores e mais vantajosas para a resolução dos problemas surgidos durante a expedição. Graças à diplomacia, aos pactos não bélicos, à habilidade para seduzir e persuadir os oponentes e à preocupação constante com todos os acompanhantes, Jasão coleciona vitórias, alcança o objetivo da viagem e prova ser a personagem mais adequada para exercer a liderança.

Clauss parte para uma análise detalhada de todos os episódios do livro I explorando o comportamento díspar dos dois heróis em cada situação. Jasão age inserido em seu grupo, já Héracles opta por façanhas isoladas, pois, ao contrário dos demais, sua força descomunal o torna independente de qualquer ajuda. Se Jasão constantemente apela ao coletivo, Héracles é um herói desagregador que segue solitário realizando feitos de bravura. Ele se revela incapaz de demonstrar preocupação com cada detalhe da viagem, estabelecer acordos com oponentes e zelar pela segurança e sobrevivência de todos os tripulantes. O abandono da expedição para procurar pelo escudeiro Hilas indica claramente a falta de interesse pelo grupo. Se o canto I das *Argonáuticas* propõe uma redefinição de herói a partir de diferentes modelos, a recusa de Héracles, considerado símbolo de um *modus operandi* inadequado – ou, nos termos de Clauss, arcaico[46] –, apresenta Jasão como um novo paradigma de herói épico alexandrino.[47]

---

[46] *First, it is at the conclusion of book 1 that Apollonius identifies Jason as the hero of the epic and fully exposes the nature of his heroism in contradistinction to the quintessential archaic hero* (Clauss 1993: 13).

[47] *At the conclusion of book 1, we have seen the old Homeric hero redefined. Jason has emerged as a new Alexandrian epic hero, the best among his peers at the completing heroic* ***aeqloi****. How we are to read the following three books depends very much on our understanding of this redefined hero. In calling the traditional hero into question and creating a more realistic hero, Apollonius significantly advanced the writing of epic poetry. As the reader prepares to follow the Argonauts on their journey through the*

Para De Forest em *Apollonius'* Argonautica*: a Callimachean epic* (1994) este novo modelo é reflexo da influência exercida pela poesia de Calímaco sobre as *Argonáuticas*. A recusa, no *Prólogo aos Telquines*, em compor um canto contínuo sobre reis e heróis em muitos versos e a defesa do estilo delgado (***leptoj***) ao invés do poema espesso (***paxuj***) foram compreendidas como crítica a uma produção de temática heróica baseada em valores transmitidos pela poesia épica arcaica.[48] Em contexto romano essa *recusatio* foi lida como uma decisão em escrever sobre o amor ao invés da guerra.[49] A representação destoante de Jasão ora como anti-herói, ora como *love hero*, ora como herói diplomata – classificações que em princípio o afastariam das epopéias homéricas – é conseqüência de um modelo poético adotado por Apolônio, responsável por afastar o *epos* de sua gravidade e lhe conferir um estilo mais rebaixado. Em outras palavras, ao nos defrontarmos com o protagonista das *Argonáuticas*, estamos diante de um herói calimaquiano.

A tensão é construída entre a linguagem homérica adotada pelo narrador e as ações das personagens, distantes de um comportamento tido como plenamente heróico.[50] No entanto o sentido do termo "heróico" pressuposto na leitura de De Forest

---

Symplegades and beyond, he or she can observe how this new kind of hero engages in a mission best suited for a traditional hero like Heracles (Clauss 1993: 211).

[48] Para mais informações sobre o *Prólogo aos Telquines*, cf. Barigazzi (1954: 186-94), Matthews (1979: 128-37), Benedetto (1993: 67-79), Cameron (1995: 185-232), Massimilla (1996: 199-233), Andrews (1998: 1-19), Spanoudakis (2001: 425-41), Fantuzzi & Hunter (2004: 66-76) e Werner (2005: 3-98). Sobre a influência da poesia de Calímaco sobre as *Argonáuticas*, cf. Bundy (1972: 39-94), Klein (1975: 16-25), Lefkowitz (1980: 1-19), Kahane (1994: 121-33), Albis (1995: 104-9), Albis (1996: 121-132), Cusset (2001: 228-41) e Rodrigues Jr. (2005: 52-75).

[49] *The Roman love poets claimed Callimachus as their model with such infectious enthusiasm that only lately have scholars given up the hope of recovering his love poems from the sands of Egypt* (De Forest 1994: 34). Cf. Propércio II 34. 31-32 e Ovídio *Arte de amar* III 329, *Remédios do amor* 759-60, *Tristia* II 367-68. Sobre a oposição entre Homero e poesia erótica, cf. Propércio I 9. 11 e Ovídio *Remédios do amor* 381-82. Sobre a interpretação da *recusatio* em contexto romano, cf. Archibald (1938: 26-36) e Cameron (1995: 454-84).

[50] *The* Argonautica *is a heroic tale told in the wrong voice, an epic story changed to an allegory of poetic theory. There is no doubt that Jason will win the Golden Fleece. The suspense of the story lies in the telling. Can a Callimachean narrator triumph over the genre of epic poetry? The story itself is epic: how Jason won the Golden Fleece, the prize of heroism and symbol of glory. The Argonauts' expedition occurred a generation before the Trojan War, and two heroes of that war, Achilles and Ajax, were the sons of Argonauts. Apollonius recreates Homer both in language and manner. The Homeric meter,*

é bastante limitado, pois sugere uma conduta unívoca ao contrário da variedade de modelos de atuação dispersos pelos cantos da *Ilíada* e da *Odisséia*. Apesar da abordagem parcial, a comentadora sugere uma interessante leitura do poema segundo a qual Apolônio combinaria uma tradição homérica a um modo de composição calimaquiano e desse amálgama resultaria a hibridez das *Argonáuticas*.

Se a narrativa deve propositalmente sugerir um rebaixamento da epopéia, é esperado que o protagonista não seja ressaltado por qualidades heróicas convencionais. O ***hqoj*** de Jasão é construído em oposição ao de Aquiles[51], adequado ao conceito de ***megaloyuxia*** conforme a definição de Aristóteles em *Ética a Nicômaco* IV 3. Um indivíduo dotado de magnanimidade sempre almeja realizar grandes feitos, sendo inteiramente capacitado a cumpri-los. As honras devidas e concedidas exclusivamente por pessoas de mérito são a recompensa resultante de suas ações. O ***megaloyuxoj*** deve possuir um caráter nobre, não sendo condizente com sua natureza a fuga diante da ameaça, o abandono das armas ou as ações injustas cometidas no prejuízo de outrem. Ele não procura o perigo por razões de pouca importância, mas sabe enfrentá-lo quando surge a oportunidade, sem qualquer receio de sacrificar a própria vida, caso seja necessário.[52] Em *Analíticos Posteriores* 97b15 Aristóteles usa o adjetivo ***megaloyuxoj*** para definir o comportamento de Aquiles e Ájax, por serem incapazes de tolerar a desonra.

Apesar de ser o líder da expedição, a ausência de características marciais distanciariam Jasão do posto de melhor dos argonautas, posição ocupada por Héracles por ser o único ***megaloyuxoj*** do poema. Após seu abandono no final do livro I, as *Argonáuticas* se tornariam um poema predominantemente anti-heróico, ou de heroísmo rebaixado segundo um viés calimaquiano. Para De Forest a condição de ***aristoj*** é

---

formulae, and adornments remind the reader that the poem is in the Homeric tradition. But the Callimachean narrator makes the epic devices absurd by applying Homeric forms to non-heroic people (De Forest 1994: 8-9).

[51] *The Argonauts yearn to take part in a Homeric poem, which the Callimachean narrator focuses to write. Their opposing perspectives are brought into focus through the opposition of the heroic Heracles, chosen by the Argonauts as their leader, and the anti-heroic Jason imposed upon them by the narrator. Jason's character is formed in opposition to the Homeric hero Achilles, the model of aristocratic heroism from the dawn of Western literature* (De Forest 1994: 9).

[52] Cf. ocorrências do termo em Isócrates 189b e 201a, Aristóteles *Política* I 20.11 e Demóstenes 384.18.

atributo do herói dotado de virtude guerreira. Se a intenção de Apolônio fosse distanciar Jasão de uma personagem emblemática como Aquiles, o argonauta jamais estaria capacitado a ser elevado à condição de ***aristoj*** entre seus pares, apesar de ser a principal figura do poema e centro agregador de todos os tripulantes. Ele não anseia empreender grandes feitos e obter as devidas honras, como é próprio de um homem magnânimo, mas simplesmente deseja uma vida pacata em sua terra natal com a devida permissão de Pélias (I 901-3). Apesar de titubear, o Esonida não chega a fugir do perigo, no entanto prescinde das armas para confrontá-lo, pois se vale do dolo e das drogas como alternativa para a vitória. Dessa forma Jasão não seria exatamente caracterizado um herói, bem como só formalmente as *Argonáuticas* poderiam ser consideradas um poema épico.[53] Todo êxito alcançado não é conseqüência de seu esforço e a ausência de qualidades marciais acaba por contrastá-lo com cada um dos companheiros, portadores de perícias específicas. O narrador do poema seria irônico ao escalar uma personagem sem qualquer habilidade peculiar para ser o líder da expedição. Sua débil posição é destacada durante a reprimenda feita por Héracles, contrário à longa estada na ilha de Lemno (I 865-74).[54] O desvio erótico de Jasão seria corrigido pelas ambições heróicas de Héracles. Partindo desse ponto de vista, De Forest chega a cogitar um eventual abandono do Esonida em Lemno. Em tal circunstância a expedição seguiria seu curso sem a presença do líder, denotando quão superficial é sua autoridade sobre os demais. Ora, tal situação é inimaginável, sobretudo porque a viagem existe em função de uma tarefa a ser realizada pelo próprio Jasão. O comando lhe coube por direito, bem como por perícia. Não perícia bélica, como possui parte dos heróis que o acompanham, mas perícia diplomática, capacitando-o a preencher todos os requisitos exigidos para exercer a liderança e ser considerado o melhor.

Héracles representaria no poema uma via alternativa baseada no vigor físico e nos valores heróicos tradicionais em oposição à postura adotada por Jasão. As duas personagens seriam incompatíveis participando conjuntamente da mesma empreitada. O

---

[53] *Jason is the hero without heroic qualities. As the* Argonautica *is formally, and only formally, an epic, so Jason is graced with a hero's beauty, which his comrades do not notice, and with the narrator's adornments, which they cannot see. For the Argonauts, for the narrator, and for the reader – a rare instance for these parties – Heracles is the best man. Perversely, Jason, the ostensible hero of the poem, acts as his foil* (De Forest 1994: 54).

[54] Para mais informações sobre a relação entre o discurso de Héracles e o dos companheiros de Odisseu após uma longa permanência na ilha de Circe em *Odisséia* X 469-74, cf. Clauss (1993: 136-40).

abandono de Jasão em Lemno teria representado um direcionamento da narrativa a uma gravidade adequada à epopéia arcaica, contudo o abandono de Héracles na Mísia acabou por simbolizar a adesão a um enredo anti-épico de forte influência calimaquiana.[55]

O símile descrito em I 1201-4 sugere a inadequação do filho de Zeus como membro da expedição. Após quebrar o remo quando sozinho impelia a nau com todos os tripulantes em repouso, Héracles desceu em terra firme para procurar algo que pudesse substituir o antigo instrumento. Como um tronco de árvore serviria muito bem a esse propósito, o herói o arrancou do solo valendo-se somente de seus braços. O vigor descomunal nessa cena é equiparado a uma rajada de vento que se precipita sobre um navio e lhe arranca o mastro causando o naufrágio.[56] A força de Héracles pode se tornar problemática ou ameaçadora para a própria continuidade da viagem, uma vez que possivelmente geraria a desarmonia ou o desequilíbrio entre os companheiros. Quando Héracles é deixado para trás, Jasão assume indisputadamente o controle da expedição e passa a definir a natureza heróica predominante na narrativa.

A ausência provocada pela perda de Héracles só será compensada no livro III com o aparecimento de Medéia. Segundo De Forest, *Medéia é o herói trágico do poema e a única a se defrontar com uma escolha moral. Ela avança no espaço deixado por Héracles e, apesar de ser uma garota, se torna a personagem central* (1993: 107). Se nos ativermos estritamente a essa leitura, a ação de Jasão no poema seria insignificante e ao invés de um líder cuja ação calculada impele as outras personagens a agir segundo

---

[55] *First, Heracles' elimination changes the course of the story because the Argonauts will avoid heroic combat. Second, the departure of Heracles also defines the voyage in a literary sense. By leaving he pushes the poem in a Callimachean anti-epic. More than being the story of Jason, the* Argonautica *is not the story of Heracles* (De Forest 1994: 65-66).

[56] *Como quando, sobretudo no invernal ocaso do funesto / Orião, uma veloz rajada de vento, precipitando-se do alto, / puxa inesperadamente dos estais o mastro / da nau com as próprias cunhas. / Assim ele o arrancou.* (*Argonáuticas* I 1201-1205)

ὡς δ' ὅταν ἀπροφάτως ἱστὸν νεός, εὖτε μάλιστα / χειμερίη ὀλοοῖο δύσις πέλει Ὠρίωνος, / ὑψόθεν ἐμπλήξασα θοὴ ἀνέμοιο καταίξ / αὐτοῖσι σφήνεσσιν ὑπὲκ προτόνων ἐρύσηται / ὣς ὅγε τὴν ἤειρεν.

Segundo de Forest (1994: 64) o símile indica ao leitor o perigo que a presença de Héracles proporciona à nau caso continue a viagem até a Cólquida. De acordo com essa interpretação, os companheiros seriam equiparados ao mastro do navio arrancado inesperadamente pelo vento intenso. Já Clauss (1993: 186-88) sugere um antecedente a esse símile em *Odisséia* IX 319-24, quando o cajado de Polifemo é comparado ao mastro de uma negra nau guiada por vinte nautas.

seu interesse, ele não passaria de figura secundária facilmente manipulada e dependente do auxílio alheio. Héracles em momento algum ocupa o papel central, mas representa um modo de heroísmo alternativo. Já o destaque dado a Medéia a partir do livro III não se opõe, mas complementa e fundamenta o *modus operandi* representado pelo Esonida. Se sua ***mhtij*** se torna vitoriosa[57], isso se deve aos ***farmaka*** e às detalhadas instruções fornecidas pela princesa bárbara que, em total oposição a Héracles, tem responsabilidade sobre o rebaixamento do gênero épico proposto nas *Argonáuticas*.

No entanto a ação de Medéia é precedida por um conflito. Apesar da deliberação divina em lhe suscitar o desejo durante a embaixada dos argonautas no palácio de Eeta, a princesa reluta em prestar auxílio a Jasão e trava um longo embate interno entre ***aidwj*** e o ***erwj***.[58] Para De Forest, a defesa do pudor, entendido como limitação do comportamento a partir da valoração que outros atribuirão aos seus atos[59], associa

---

[57] Em *Argonáuticas* III 184 Jasão pondera ser mais eficiente o emprego da ***mhtij*** ao invés de tomar o tosão de Eeta pela força. O auxílio de Medéia também é chamado de ***mhtij*** em III 720, 781e 912. Em III 475 Argos propõe a Jasão um plano (***mhtin***) para tornar Medéia sua aliada e conseguir os ***farmaka***. Medeia também sugere o uso da ***mhtij*** para derrotar o gigante Talos em IV 1661. Em II 1050, 1058 e 1068 Anfidamante sugere o emprego de um artifício (***mhtin***) para derrotar as aves da ilha de Ares. A participação dos deuses para o êxito da expedição igualmente se dá através de uma ***mhtij*** em I 423 (Apolo) e III 30 (Hera). Em IV 1336 o Esonida roga pela ***mhtij*** coletiva para interpretar o oráculo das ninfas líbias (***polewn de te mhtij areiwn***). Por fim, o termo é considerado pejorativo quando Telamão imagina que o abandono de Héracles na Mísia foi fruto da ***mhtij*** de Jasão para obter maior renome dentre os argonautas (I 1291). Para mais informações sobre o uso da astúcia nas *Argonáuticas*, cf. Holmberg (1988: 135-59).

[58] Cf. *Argonáuticas* III 451-70, 616-64 e 740-824. Para mais informações, cf, Pavlock (1990: 51-68), Albis (1996: 67-92), Papadopoulou (1997: 641-64), Fusillo (2001: 127-46), Rodrigues Jr. (2005: 97-128).

[59] *É aquela que, se preocupando de tal forma com o homem estrangeiro, / morreu; é aquela que o palácio e seus genitores envergonhou / ao desejo lhe cedendo.' Que vergonha não será a minha? / Ai de mim, que loucura a minha. Certamente seria muito mais útil, / nesta mesma noite, abandonar a vida no quarto / em sorte inesperada, de todos os maus opróbrios fugindo, / antes de estas coisas reprocháveis e não nomeáveis cumprir.*

(*Argonáuticas* III 795-801)

ἥτις κηδομένη τόσον ἀνέρος ἀλλοδαποῖο / κάτθανεν, ἥτις δῶμα καὶ οὓς ᾔσχυνε τοκῆας, / μαργοσύνῃ εἴξασα.' –τί δ' οὐκ ἐμὸν ἔσσεται αἶσχος; / ὤ μοι ἐμῆς ἄτης. ἦ τ' ἂν πολὺ κέρδιον εἴη / τῇδ' αὐτῇ ἐν νυκτὶ λιπεῖν βίον ἐν θαλάμοισιν, / πότμῳ ἀνωίστῳ κάκ' ἐλέγχεα πάντα φυγοῦσαν, / πρὶν τάδε λωβήεντα καὶ οὐκ ὀνομαστὰ τελέσσαι.

Medéia a uma figura heróica de contornos homéricos. A garota pressupõe, caso auxilie os estrangeiros, se tornar alvo constante de injúrias e chacota após sua morte e ter a reputação denegrida pelas mulheres colcas por desonrar os parentes e ceder a uma insensata paixão. A vergonha pela opinião alheia faz Medéia evitar o suicídio, mas a escolha pelo desejo vence o embate interno transformando-a em aliada fundamental dos argonautas. A opção por ***erwj*** conecta novamente a epopéia ao estilo calimaquiano e confirma o tratamento pedestre da ação heróica já sinalizado com o abandono de Héracles na Mísia.[60]

Por fim, a última ameaça a desafiar os argonautas durante a travessia de retorno a Iolco simboliza, segundo De Forest, uma oposição entre a grandiosidade da poesia homérica e o rebaixamento proporcionado pela influência de Calímaco. Trata-se de Talos, um gigante pertencente à raça de bronze que protegia o porto de Creta e impedia a aproximação de qualquer inimigo (IV 1636-88). Apesar de Talos não ser uma criação de Apolônio, mas já ter sido mencionado por Simônides (fr. 568 PMG) e Sófocles (*Dédalo* fr. 161 Radt), lhe é atribuída, nas *Argonáuticas*, uma conotação condizente com a proposta da narrativa. O gigante representaria um Colosso de Rodes dotado de movimento. Se o Colosso era uma enorme estátua do deus Hélio toda feita em bronze, guardando a entrada do porto, o nome ***Talwj***, por sua vez, seria definido pelo léxico

---

Notar que, em Apolônio, Medéia sempre cogita a respeito da maneira como as pessoas vão compreender seus atos, evitando ser alvo de escárnio alheio (cf. também o mesmo tema no símile da jovem viúva que pranteia secretamente, temendo ser alvo de zombaria das demais mulheres em *Arg*. III 656-64). Semelhante comportamento já lhe fora anteriormente atribuído na peça homônima de Eurípides. A importância da opinião pública e o conceito de ***aidwj*** motivando ou evitando a ação das personagens podem ser encontrados em *Ilíada* VI 442, XV 561-64, XVII 91-93, XXII 105 e *Odisséia* XVI 75, XXI 323-28. *Medea's love obliterates the restraints of* ***aidwj****. During her struggle, we see as nowhere else in the poem, the heroic temperament. Like Heracles, Medea is formed on the heroic model, but the man in a lion's skin is comical compared to the girl in love.* ***aidwj*** *means respect for the opinion of others. Medea has been corrupted by passion, so that she uses* ***aidwj*** *to avoid the honorable solution* (De Forest 1994: 112).

[60] *By giving up Homeric* ***aidwj*** *she follows the path approved by the Callimachean narrator. Jason is Callimachean in his lack of heroic qualities. Medea is Callimachean because, even with the power and the resourcefulness of an epic hero, she is a girl. Forced to adopt solutions not normally available to innocent young girls, Medea creates a new path for herself. By sending her alone along this new path, one of murder, humiliation, and finally marriage with Jason, Apollonius establishes one aspect of the Callimachean tradition* (De Forest 1994: 124).

de Hesíquio como o próprio sol.[61] Portanto o confronto entre os argonautas e o gigante simbolizaria o embate entre a poesia épica espessa e o estilo delgado de influência calimaquiana. A associação entre Talos e um guerreiro épico é sugerida pela fragilidade de seu calcanhar, totalmente vulnerável ao ataque dos adversários, apesar de todo o seu corpo brônzeo ser impenetrável por qualquer armamento (IV 1645-47).[62] Logo, sua derrota revelaria a ineficácia de um estilo de representação heróica considerado inadequado para os valores estabelecidos pelo poema.

Não é casual ser Medéia a responsável por sua derrota. Os argonautas aproximaram a nau do gigante desviando dos blocos de terra lançados contra eles, enquanto a feiticeira, empregando seus encantos (***aoidaij***, IV 1665 e 1668) e rogando às Ceres, enfeitiçou-o por meio do olhar nocivo (***exqodapoisin ommasi***, IV 1669-70). Talos, desarrazoado, foi tomado por uma intensa cólera levando-o a se ferir acidentalmente e perder a vida. Durante o confronto não houve necessidade de empunhar nenhuma arma, todo o embate ocorreu à distância, fruto de uma calculada ***mhtij*** de Medeia (IV 1661). Neste momento o narrador interrompe a trama para expressar sua surpresa diante da potencial ameaça representada pela ação da princesa colca. A morte não mais é resultado somente de doenças ou ferimentos, uma vez que um inimigo do porte de Talos foi abatido sem qualquer contato físico (IV 1673-77). A força ou o vigor sobre-humanos se tornam ineficazes ante a astúcia e os feitiços de Medéia, devidamente chamada de ***polufarmakoj*** (IV 1677, cf. também III 27). Provavelmente nem mesmo Héracles seria páreo a esse tipo de ação. Por conseguinte o abatimento do gigante *simboliza a vitória da poesia de Calímaco sobre Homero. Uma estátua de bronze ambulante, um Colosso vivo, Talos representa o declínio da poesia épica. Medéia fez o Mar Egeu seguro para a poesia calimaquiana* (De Forest 1993: 136).[63]

Na contramão das teorias apresentadas nesse capítulo, Hunter no artigo *Short on Heroics: Jason in the* Argonautica (1988) – retrabalhado de modo mais abrangente no livro *The* Argonautica *of Apollonius: Literary Studies* (1993) – questiona a crítica apoloniana predominante ao examinar se haveria um real afastamento de Jasão em

---

[61] Ταλῶς· ὁ ἥλιος.

[62] cf. Apolodoro *Biblioteca* I 9. 26

[63] Para mais informações sobre o episódio de Talos, cf. Vian (1981: 64-66), Dyck (1989: 468-70), Albis (1996: 86-89).

relação às figuras heróicas dispostas na poesia homérica. Desde que as *Argonáuticas* começaram a receber a devida atenção por parte dos helenistas, é comum aludir à ausência de um *status* heróico ao protagonista de Apolônio por conta de um desígnio poético ou por pura imperícia narrativa. A partir do artigo de Carspecken, Apolônio foi transformado em uma espécie de Homero sem fôlego, idéia bem recorrente pelas décadas seguintes. No entanto, a *Ilíada* e a *Odisséia* transmitiriam uma caracterização monolítica e fixa do que possa ser considerado "herói"?[64] Ou Apolônio pretenderia reproduzir fidedignamente – ou contestar sistematicamente – essa forma de caracterização?

Grande parte da dificuldade enfrentada pelos comentadores do poema se deve ao modo lacônico com o qual o narrador descreveu as ações de Jasão. Somos vagamente informados sobre suas intenções e muitas vezes não há qualquer justificativa para um comportamento inusitado. O plano de matar Apsitro seria resultado de um dolo previamente calculado ou simplesmente fora criado de imediato para conter as reprimendas de Medéia ao se sentir traída (IV 395-409)?[65] Ao persuadir a princesa colca

---

[64] *At one level we must note ancient and modern warnings against the assumption that an epic must have a single hero of extraordinary skills at its centre. Moreover, we must be clear that precisely is at stake in trying to decide whether Apollonius' characters are 'heroic'. If this label is used as a heuristic device in order to help to define how Apollonius exploits the epic tradition, then it may be positively useful. If, however, the label is used – as it too often has been – merely in an attempt to decry the characters of Apollonius in comparison with those of Homer, then it is an obstacle to understanding; here, as commonly in the literary criticism of classical texts, the analysis of difference soon slides into the assertion of qualitative hierarchies. More concretely, Apollonius did not inherited from Homer a monolithic and fixed picture of heroism, but rather a series of contesting models in which 'heroic values' were always matters for dispute* (Hunter 1993: 10).

[65] O pacto estabelecido entre Jasão e Apsirto para ocorrer nas ilhas Apsirtides visava à devolução de Medéia aos colcos, mas permitia aos gregos a manutenção do velocino de ouro. Ao aceitar o acordo com o inimigo, Jasão estaria contradizendo o juramento feito em nome de Zeus Olímpio e Hera Conjugal no qual se comprometia a conduzir a filha de Eeta à Hélade e desposá-la (*Argonáuticas* IV 95-98). Resta saber em qual circunstância o herói não estaria sendo sincero. Segundo Vian (1981: 21-22) não há indícios para justificar o falso juramento feito a Medéia, portanto o Esonida aceita o acordo proposto por Apsirto para deliberadamente assassiná-lo, já que ele desempenhava o papel de tutor legal (***aosshthr***) da irmã (*Arg.* IV 407). Com a morte desse protetor por direito, o litígio sobre o destino de Medéia perderia sentido. Vian pressupõe um comportamento doloso de ambas as partes, pois Apsirto pretenderia reaver a princesa colca para, mais tarde, recuperar o tosão, fingindo concedê-lo aos argonautas de bom grado. Ora, em nenhum momento o poeta analisa as reais intenções de Apsirto ao propor o pacto. Da

a lhe ceder os ***farmaka***, Jasão mencionara o auxílio que Ariadne havia prestado a Teseu para livrá-lo da morte nas mãos do Minotauro (III 997-1004). Como silenciou o posterior abandono de Ariadne em Dia (IV 430-34), ele já estaria maquinando uma forma de deixar Medéia para trás?[66] Por qual motivo, no banquete anterior à partida de Pagasas, o Esonida se encontrava consternado e afastado dos companheiros, em estado de ***amhxania*** (I 460-61)? Estaria simulando preocupação ou estaria realmente preocupado? Seria uma preocupação com o bem estar da tripulação, adequada à sua condição de líder, ou estaria angustiado com as profecias feitas por Idmão sobre os perigos a enfrentar no porvir? Acaso Idas estaria correto em censurá-lo e acusá-lo de covardia por revelar um suposto sinal de fraqueza incompatível com sua posição? Ao contrário de Medéia, cujas motivações são minuciosamente descritas, Apolônio não fornece dados sobre as intenções de Jasão no decorrer da narrativa. A inexistência de justificativa para sua ***amhxania*** cria uma permanente discussão crítica capaz de gerar leituras completamente divergentes sobre a forma de atuação e representação do principal herói das *Argonáuticas*.

Hunter questiona se há de fato um distanciamento programático entre Jasão e as figuras heróicas da poesia homérica. A constante angústia e ***amhxania*** de Jasão encontram paralelos na épica arcaica, seja entre guerreiros durante a batalha (cf. *Ilíada* VII 92-95[67]), seja na gruta de Polifemo, após Odisseu e os companheiros assistirem à

---

mesma forma o leitor se surpreende – tal como Medéia – do plano arquitetado por Jasão para matar o adversário durante a trégua momentânea. Possivelmente a entrega de Medéia é uma possibilidade vislumbrada pelo Esonida, como indicam os versos IV 402-403. Ao negar as acusações da princesa colca, Jasão afirma que, caso os argonautas fossem mortos, a dor da garota seria ainda maior ao ser transformada em butim de guerra. Estaria por trás dessa idéia a opção de cedê-la aos inimigos evitando um sofrimento mais intenso?

[66] Sobra o conhecimento de Apolônio acerca do mito de Teseu e Ariadne e suas fontes, cf. Jackson (1999: 152-57).

[67] *Isso disse ele; os presentes calados e quedos ficaram. / De recusar tinham pejo; porém de anuir, muito medo. / Té que, por fim, Menelau se levanta e, com termos violentos, / os companheiros censura, pois sua aflição era grande.*

(*Ilíada* VII 92-95)

Ὣς ἔφαθ᾽, οἱ δ᾽ ἄρα πάντες ἀκὴν ἐγένοντο σιωπῇ·/ αἴδεσθεν μὲν ἀνήνασθαι, δεῖσαν δ᾽ ὑποδέχθαι· / ὀψὲ δὲ δὴ Μενέλαος ἀνίστατο καὶ μετέειπε / νείκει ὀνειδίζων, μέγα δὲ στεναχίζετο θυμῷ.

refeição antropofágica realizada pelo ciclope (*Odisséia* IX 295).[68] Em *Argonáuticas* IV 338-41 os argonautas evitam o confronto direto com a frota colca por ser previsível a derrota e optam por negociar com os inimigos. Nada há de anti-heróico nessa decisão, já que o emprego da força deve ser compatível com as possibilidades de êxito. Da mesma maneira Heitor é persuadido por Polidamante a recuar ante um ataque às naus dos aqueus cuja ruína seria certa (*Ilíada* XIII 740-48)[69]. Tal como Jasão opta por liderar uma embaixada até o palácio de Eeta para requisitar o velocino de ouro empregando diplomacia e troca de favores – um eventual combate e submissão dos sauromatas, inimigos dos colcos (III 350-53) –, assim também fizeram os helenos antes de travarem guerra contra os troianos. Em *Ilíada* III 204-24, Odisseu e Menelau viajaram a Tróia em

---

[68] *Nós, prorrompendo em soluços, a Zeus elevamos os braços, / diante daquele espetác'lo, o desânimo a todos invade.*

(*Odisséia* IX 294-95)

ἡμεῖς δὲ κλαίοντες ἀνεσχέθομεν Διὶ χεῖρας, / σχέτλια ἔργ' ὁρόωντες ἀμηχανίη δ' ἔχε θυμόν.

Apesar do termo ***amhxanih*** ser um *hapax* em Homero e sua ocorrência se dar nessa passagem (no entanto conferir ***amhxanoj*** em *Od.* XIX 363), a sensação de desespero e ausência de solução diante de uma situação de perigo é descrita inúmeras vezes. Em *Odisséia* X 496-98 Odisseu demonstra comportamento semelhante ao de um homem em estado de ***amhxanih*** ao ser informado por Circe da necessidade de viajar até o Hades para consultar o adivinho Tirésias:

Parte-se-me o coração ao ouvi-la dizer tais conceitos. / Caio de bruços por cima do leito, a chorar sem vontade / nem de com vida ficar, nem de ver outra vez o sol claro.

ὣς ἔφατ', αὐτὰρ ἐμοί γε κατεκλάσθη φίλον ἦτορ· / κλαῖον δ' ἐν λεχέεσσι καθήμενος, οὐδέ νύ μοι κῆρ / ἤθελ' ἔτι ζώειν καὶ ὁρᾶν φάος ἠελίοιο.

Em *Od.* IV 538-41 Menelau reage de modo idêntico ao tomar conhecimento da morte do irmão Agamêmnon.

[69] *'Acho que deves recuar e reunir os heróis mais valentes. / Aí deveremos, então, ponderar toda a sorte de alvitres, / se é aconselhável cair sobre as naves providas de remos, / caso a vitória um dos deuses nos dê, ou se é mais conveniente / sem grandes perdas deixar os navios. Receio, de fato, / que os combatentes aquivos nos paguem a dívida de ontem, / pois junto às naus ainda se acha um guerreiro insaciável de lutas / que, por sem dúvida, não ficará muito tempo inativo'. / Foi agradável a Heitor o discurso de Polidamante.*

ἀλλ' ἀναχασσάμενος κάλει ἐνθάδε πάντας ἀρίστους· / ἔνθεν δ' ἂν μάλα πᾶσαν ἐπιφρασσαίμεθα βουλὴν / ἤ κεν ἐνὶ νήεσσι πολυκλήϊσι πέσωμεν / αἴ κ' ἐθέλῃσι θεὸς δόμεναι κράτος, ἢ κεν ἔπειτα / πὰρ νηῶν ἔλθωμεν ἀπήμονες. ἦ γὰρ ἔγωγε / δείδω μὴ τὸ χθιζὸν ἀποστήσωνται Ἀχαιοὶ / χρεῖος, ἐπεὶ παρὰ νηυσὶν ἀνὴρ ἆτος πολέμοιο / μίμνει, ὃν οὐκέτι πάγχυ μάχης σχήσεσθαι ὀΐω. /Ὣς φάτο Πουλυδάμας, ἅδε δ' Ἕκτορι μῦθος ἀπήμων.

uma tentativa de reaver Helena e foram recebidos e hospedados por Príamo no palácio real.

Apesar das similaridades entre as personagens de Apolônio e seus modelos arcaicos, as *Argonáuticas*, ao contrário da *Ilíada*, não são uma epopéia de temática bélica. Em oposição às longas e constantes cenas de luta travada em solo troiano, as *Argonáuticas* só dispõem de cinco batalhas espalhadas pelos quatro cantos do poema. Em ordem cronológica temos os seguintes episódios marciais: a batalha contra os nascidos da terra (I 898-1011); o confronto noturno contra os dolíones (I 1018-52); o embate contra os bébrices após a morte de Amico (II 98-136); os ***aeqla*** de Jasão (III 1277-398); o sucinto confronto naval com os colcos (IV 482-91).

Os ***aeqla*** de Jasão dificilmente poderiam ser classificados como uma batalha. Apesar da fraseologia empregada e do uso excessivo de símiles estabelecendo uma proximidade temática com a poesia épica arcaica[70], o episódio parece propor um distanciamento desse modelo, já que o herói se encontra imune às ameaças externas por ter sido ungido pelos ***farmaka*** e não poder ser derrotado.[71] Já a luta contra os nascidos da terra é praticamente um feito individual realizado por Héracles. Os outros

---

[70] *The greatest single concentration of similes is to be found in this last instance, where, in the lines devoted to Jason's trials (3. 1225-1407) – the yoke of the fire-breathing bulls, the sowing of the dragon's teeth and the destruction of the giants born of Earth – a total of seventeen extended similes appears. (…) But although this use of simile in scenes of fighting is clearly derivative from Homer, it is less certain that Apollonius employs it for an identical purpose. If Homer uses many similes in the course of describing battles, it is because he enjoys such scenes, at least from an objective standpoint, and wishes to make them as vivid to the hearer as they are to him, with all their violent movement and picturesque heroism. But Apollonius, living in a milder age, does not share Homer's exuberant delight in beholding this sort of physical spectacle* (Carspecken: 1952: 91-92).

Quanto aos modelos homéricos para os símiles dessa passagem: *Arg.* III 1259-62 e *Il.* VI 506-11 (cf. também XV 263-68), *Arg.* III 1294-95 e *Il.* XV 618-21, *Arg.* III 1299-1303 e *Il.* XVIII 470-72, *Arg.* III 1350-53 e *Il.* XIII 471-75 (cf. também XVII 281), *Arg.* III 1359-63 e *Il.* VIII 555-59 (cf. também XII 278-86 e XIX 357-61), *Arg.* III 1374-76 e *Il.* XVII 53-58, *Arg.* III 1377-81 e *Il.* IV 75-79, *Arg.* III 1399-1404 e *Il.* VIII 306-308.

[71] Em *Odisséia* X 281-306 Hermes oferece um ***farmakon*** (cf. versos 287 e 302) a Odisseu para imunizá-lo contra os encantos de Circe. Dessa forma o herói pode enfrentar a feiticeira sem correr o risco de ser transformado em animal. O nome divino da raiz imunizadora era ***mwlu*** e os homens teriam muita dificuldade em obtê-la.

participantes tardam a chegar para auxiliá-lo e permanecem anônimos, isentos de um ***kleoj*** individual, já que sua presença era prescindível.

No embate contra os dolíones Jasão desempenha um importante papel, no entanto a vítima do ataque é seu antigo hospedeiro, assassinado por conta da total ignorância sobre a identidade dos antagonistas. Como já fora notado desde Carspecken (1952: 91-3), a narração do episódio é repleta de símiles para conectá-lo às cenas de batalha em Homero. Contudo a semelhança de elocução acaba por ressaltar as disparidades entre as epopéias. Ao contrário dos confrontos diurnos na *Ilíada*, a luta contra Cízico ocorre durante a noite impossibilitando a identificação entre as partes opostas. Caso os dois exércitos se defrontassem durante o dia, os heróis se reconheceriam e a refrega seria evitada.[72] Ao ser morto por Jasão, o poeta destaca que o rei Cízico não mais retornaria ao palácio e ao tálamo nupcial (I 1030-31), aludindo diretamente ao fado de Ifidamante (*Ilíada* XI 221-47) e Protesilau (*Ilíada* II 695-702), o primeiro combatente a morrer em Tróia. Em algumas versões, a esposa de Protesilau, Laodâmia, cometeu suicídio ao lhe comunicarem a morte do marido (cf. Luciano *Diálogo dos Mortos* 28, Hígino *Fábulas* 104), da mesma forma que Clite, esposa de Cízico, enforca-se tão logo é informada sobre sua viuvez (I 1063-65).

A breve batalha é emoldurada por dois símiles com precedente homérico, destacando a cena do restante do episódio. O primeiro equipara os homens armados com lanças e escudos a se entrechocarem ao fogo se erguendo sobre os arbustos ressequidos (I 1026-29; cf. *Ilíada* XI 155-59 e XV 605-606).[73] O segundo compara os

---

[72] Uma exceção a essa constatação é a matança narrada em *Ilíada* X 465-525, quando Odisseu e Diomedes participam de uma emboscada dirigindo-se secretamente ao acampamento inimigo durante a madrugada e golpeando vários trácios indefesos enquanto dormiam.

[73] *Tal como quando em floresta fechada edaz fogo se ateia, / que para todos os lados o vento propaga, e no solo, / desarraigados os galhos atira, que as chamas colheram: / dos fugitivos troianos, assim, as cabeças caíam / ante Agamêmnone.*

(*Il.* XI 155-59).

ὡς δ᾽ ὅτε πῦρ ἀΐδηλον ἐν ἀξύλῳ ἐμπέσῃ ὕλῃ, / πάντῃ τ᾽ εἰλυφόων ἄνεμος φέρει, οἳ δέ τε θάμνοι /πρόρριζοι πίπτουσιν ἐπειγόμενοι πυρὸς ὁρμῇ. / ὣς ἄρ᾽ ὑπ᾽ Ἀτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι πῖπτε κάρηνα / Τρώων φευγόντων.

Enfurecia-se Heitor tal como Ares lanceiro ou daninha / chama alastrada em floresta viçosa no cimo de um monte.

(*Il.* XV605-606)

μαίνετο δ᾽ ὡς ὅτ᾽ Ἄρης ἐγχέσπαλος ἢ ὀλοὸν πῦρ / οὔρεσι μαίνηται βαθέης ἐν τάρφεσιν ὕλης.

dolíones sobreviventes se retirando apavorados a pombas assustadas com as velozes aves de rapina (I 1049-50; cf. *Ilíada* XXII 139-44).[74] A batalha é equivocada e ímpia em contexto de hospitalidade[75] e sugere a inadequação dos argonautas no emprego da tática bélica. Por esse motivo, o número de confrontos realmente travados é inferior em relação às potenciais batalhas que foram evitadas, como em Lemno (I 634-38), no cabo das amazonas (II 985-95), e na Cólquida contra Eeta (III 1225-37) ou contra os colcos (IV 214-25, 1000-10, 1055-57 e 1180-81). Ou seja, a luta armada vai ser insistentemente substituída por outras formas não bélicas de resolver um conflito, tais como diplomacia, atração sexual ou artimanhas.[76]

As duas últimas batalhas a serem comentadas apresentam peculiaridades. Após a morte de Amico no pugilato, os bébrices atacaram os argonautas em fidelidade ao rei. A cena segue de perto o estilo e a fraseologia homéricos[77], sendo um dos poucos eventos narrados nas *Argonáuticas* em que o poeta afirma ocorrer segundo a vontade de Zeus (***Dioj boulh***, II 154).[78] Contudo armas como o bastão (***korunh,*** II 115; cf.

---

[74] *Como no monte o gavião, a mais leste de todas as aves, / mui facilmente se atira, a voar, contra a tímida pomba, / que se lhe escapa da esguelha, e de perto a acomete, soltando / guinchos agudos, que o peito o concita a apanhar a presa fácil: / do mesmo modo o Pelida, impetuoso, acomete, deitando / o ínclito Heitor a correr ao redor da muralha de Príamo.*
ἠΰτε κίρκος ὄρεσφιν ἐλαφρότατος πετεηνῶν / ῥηϊδίως οἴμησε μετὰ τρήρωνα πέλειαν, / ἣ δέ θ' ὕπαιθα φοβεῖται, ὃ δ' ἐγγύθεν ὀξὺ λεληκὼς / ταρφέ' ἐπαΐσσει, ἑλέειν τέ ἑ θυμὸς ἀνώγει. / ὣς ἄρ' ὅ γ' ἐμμεμαὼς ἰθὺς πέτετο, τρέσε δ' Ἕκτωρ / τεῖχος ὕπο Τρώων, λαιψηρὰ δὲ γούνατ' ἐνώμα.

[75] A morte de Cízico e Clite provoca violentas ventanias (*Arg.* I 1078) retendo a nau no porto e evitando a partida dos argonautas até a realização de um rito de expiação (*Arg.* I 1091-1102). Segundo o adivinho Mopso, é preciso tornar a deusa Réia favorável para cessar as tempestades e possibilitar a continuidade da rota, já que dependeriam dela os ventos do mar, a terra e o nevoso Olimpo (*Arg.* I 1098-99). Quanto ao culto de Réia em Cízico, cf. Heródoto IV 76 e Neantes 84F39 Jacoby.

[76] *The 'frustrated battles' are one instance of Apollonius' tendency to lead the reader to expect an outcome which then does not take place, seen also (for example) in his treatment of the Cattle of the Sun. The prospect of battle is raised to tease the reader, even when battle is actually joined, further surprises are in store as familiar aspects of epic battle narrative are redeployed in new ways. In addition, these scenes indicate that battle will be replaced by other ways of dealing with conflicts* (Knight 1995: 117).

[77] Quanto aos modelos homéricos para os símiles dessa passagem: *Arg.* II 25-29 e *Il.* XX 164-73, *Arg.* II 70-73 e *Il.* XXI 306-307, *Arg.* II 88-89 e *Il.* XXIII 756-58, *Arg.* II 123-28 e *Il.* IV 471 (cf. também XVI 156-63 e 352-55), *Arg.* II 130-34 e *Il.* II 87-90 (cf. também XII 167-70).

[78] Ao contrário da *Ilíada*, que menciona o desígnio de Zeus no proêmio (Διὸς δ' ἐτελείετο βουλή, I 5), as *Argonáuticas* são bastante reticentes em associar os acontecimentos narrados a um plano divino previamente arquitetado. O desígnio da missão é atribuído a um mortal, Pélias, e não a uma divindade

também II 99), com o qual Areto golpeia Ífito, e a lança de caçador (***sigunnoi***, II 99) não são empregados na *Ilíada* e na *Odisséia*.[79] Outro distanciamento em relação ao modelo imitado é perceptível na entrada tardia de alguns heróis no embate. A presença nominal de um guerreiro durante o confronto supõe destaque às façanhas a serem realizadas. Entretanto Apolônio frustra a expectativa do leitor, visto que, quando Anceu – usando armamentos incomuns como o machado (***pelekuj***, II 119, cf. também I 169 e 430) e a pele de urso (***arktou deroj***, II 120)[80] –, os Eácidas e o Esonida (II 118-22) se prontificaram a lutar, os bébrices se dispersaram e bateram em retirada comunicando a todos os habitantes a ruína de Amico. Como já ocorrera no episódio dos nascidos da terra, a presença de Jasão no momento do embate não foi fundamental para o êxito, mas, ao contrário, totalmente dispensável. Sua menção só ocorre quando o conflito chega ao fim.

Por fim o último confronto narrado nas *Argonáuticas* não tem precedente na poesia homérica. Trata-se de uma batalha naval entre Argo e a nau colca que trouxera Apsirto até a ilha de Ártemis para uma possível negociação cujo resultado foi seu assassinato de modo desleal (IV 452-81). O massacre do navio inimigo é brevemente

---

específica (τίς Πελίαο νόος, *Arg.* I 242). No entanto os deuses não estão indiferentes à ação, mas muitas vezes interagem para seu cumprimento. Apesar de Zeus não ser representado na narrativa, há uma motivação expiatória que conecta a viagem à necessidade de apaziguar sua ira (*Arg.* II 1194-95 e III 190-93). O sacrifício de Atamante a ser realizado no altar de Zeus exige purgação através da recondução do velocino de ouro à Grécia (*Arg.* III 336-39). Não casualmente são ofertados ao Cronida sacrifícios na noite anterior à partida da nau. Zeus também se encontra envolvido com o destino estabelecido a outras personagens, exigindo a retirada de Héracles da missão (*Arg.* I 1315-16). Mas nem tudo ocorre segundo o desígnio de Zeus, já que o assassinato de Apsirto desencadeou a cólera do deus e obrigou os heróis a se deslocarem até a ilha de Circe para se purificarem pelo sangue derramado (*Arg.* IV 557-61, 576-77, 584-85). Parece, portanto, possível agir contra o destino estabelecido por Zeus (ὑπὲρ Διὸς αἶσαν**,** *Arg.* IV 1254), apesar de ele tudo ver (Ζηνὸς Ἐποψίου, *Arg.* II 1123) e punir aqueles que agem contra sua justiça (***Alla Dioj deidoika dikhn iqeina atissai***, *Arg.* IV 1100). Não cabe ao homem revelar com precisão os desígnios de Zeus (Διὸς νόον ἀφραδίῃσιν, *Arg.* II 313-16). Os mortais devem conhecer com imprecisão os planos divinos para constantemente rogarem o auxílio dos imortais. A desobediência a essa ordem causou a cegueira de Fineu (*Arg.* II 178-93). Da mesma forma o narrador só revela parcialmente os desígnios de Zeus, apesar de fazê-lo figura constante e responsável pelo cumprimento da expedição. Mais informações em Feeney (1991: 55-98), Hunter (1993: 75-100) e Knight (1995: 267-305).

[79] A única ocorrência do emprego da ***korunh*** em Homero se dá em *Ilíada* VII 141-43.

[80] Exemplos de uso da pele de urso em *Ilíada* XIII 612 e XV 711.

relatado em dez versos, sendo quase metade utilizada para descrever símiles de precedente iliádico (*Arg.* IV 485-86 e *Il.* XXII 139-42; *Arg.* IV 486-87 e *Il.* XV 323-27). O crime foi fruto da traição, uma vez que os navios se dirigiram à ilha de Ártemis para selarem um pacto e evitarem o enfrentamento por mar. No entanto o dolo já estava cuidadosamente arquitetado pelos argonautas, de modo que a nau Argo só avança contra a embarcação colca quando Medéia sinaliza com uma tocha o momento propício para o ataque. Novamente a presença de Jasão no confronto foi prescindível. O poeta enfatiza o desejo do herói por participar da luta (***memawj epamunemen***, IV 490), no entanto não havia necessidade de sua presença para a aniquilação completa do navio inimigo (***ou mal" arwghj*** / ***deuomenoij***, IV 490-1). O atraso de Jasão foi causado pelo longo sepultamento dado a Apsirto visando a expiar o assassinato cometido (IV 475-81). Mas além da motivação proporcionada pela trama, notamos a recorrência do narrador em excluí-lo das cenas marciais, por meio do atraso ou da inserção de maneira desastrosa, como no episódio de Cízico. Apesar de Jasão se mostrar disposto a participar de confrontos contrários (III 183) ou favoráveis (III 351-53 e 394-95) a Eeta, reiteradas vezes sua inadequação neste tipo de cena é destacada. O êxito se encontra no acordo, não no campo de batalha. Como bem destaca Hunter (1993: 43), *a guerra e o assassinato são ações cegas e irracionais e há pouco espaço para elas em um poema que principalmente enfatiza* ***logoj*** *e* ***mhtij***.

Em linhas gerais as *Argonáuticas* podem ser lidas como uma recriação livre da Idade Heróica na qual as personagens ora se aproximam de modos de caracterização reproduzidos pela poesia épica arcaica, ora destoam destes modelos. Para Hunter (1988: 452-53) o narrador pretende testar os limites e as possibilidades poéticas proporcionadas pela epopéia, apesar de a crítica sempre tender a explorar as diferenças ao invés das semelhanças em relação a Homero. Somente por se inserir na tradição épica e se valer de linguagem comum, ideologia e cenas recorrentes, as *Argonáuticas* podem "distorcer" estes elementos não visando a criar uma "anti-epopéia", mas um *epos* que pretende causar estranhamento ao leitor acostumado às características e lugares-comuns do gênero.

Como exemplo desse ponto de vista, citamos a exortação feita à tripulação após a aquisição do velocino de ouro (IV 190-205): o Esonida incita a bravura em seus homens dizendo estar nas mãos de cada um o futuro dos filhos, da pátria e dos

genitores.[81] Através do esforço ou empreendimento coletivo (***eform$***, IV 204) a Grécia será motivo de vergonha ou de muita glória (***kleoj***, IV 205) no porvir. O termo ***eformh***, pertencente ao vocabulário militar, significa uma incursão ou ataque (cf. *Arg.* IV 148).[82] A fala de Jasão encontra paralelo no discurso feito por Heitor aos troianos para estimulá-los a avançar sobre os aqueus ao redor das naus, alegando ser glorioso morrer pela pátria, pelos filhos e pelo palácio real (*Ilíada* XV 494-99).[83] Apesar das diferenças entre as falas de Jasão e Heitor, ambos exortam os homens por motivos semelhantes, no entanto o troiano insufla em seus aliados o desejo por um bom desempenho na batalha, enquanto o grego aconselha a fuga. A glória da Grécia será conseqüência da força dos braços dos argonautas, capaz de conduzir Argo ao mar antes

---

[81] *Não mais agora, caros, retardeis o regresso à pátria. / Pois a necessidade pela qual suportamos / a dolorosa navegação, fatigados em aflição / foi facilmente cumprida graças aos planos desta garota. / Eu a levarei para casa, caso queira, como minha esposa / legítima. Mas vós, por ela ser valorosa / auxiliadora de toda a Acaia e de vós mesmos / protegei-a. Pois certamente Eeta, assim penso, virá / com estrondo para nos impedir de, pelo rio, chegarmos ao mar. / Mas parte de vós, após sentardes na nau alternativamente um / após o outro, forçai com os remos, enquanto a outra metade de vós / protegendo com os escudos de pele de boi, ágil defesa contra os dardos / hostis, ajudai durante o retorno. Agora nas mãos / temos nossos filhos, a cara pátria e os velhos / genitores. Por nosso esforço a Hélade se inclina / ou ao desânimo ou à conquista de grande renome.*

Μηκέτι νῦν χάζεσθε φίλοι πάτρηνδε νέεσθαι· / ἤδη γὰρ χρειὼ τῆς εἵνεκα τήνδ' ἀλεγεινήν / ναυτιλίην ἔτλημεν, ὀιζύι μοχθίζοντες, / εὐπαλέως κούρης ὑπὸ δήνεσι κεκράανται. / τὴν μὲν ἐγὼν ἐθέλουσαν ἀνάξομαι οἴκαδ' ἄκοιτιν / κουριδίην· ἀτὰρ ὔμμες, Ἀχαιΐδος οἷά τε πάσης / αὐτῶν θ' ὑμείων ἐσθλὴν ἐπαρωγὸν ἐοῦσαν, / σώετε· δὴ γάρ που μάλ', ὀίομαι, εἶσιν ἐρύξων / Αἰήτης ὁμάδῳ πόντονδ' ἴμεν ἐκ ποταμοῖο. / ἀλλ' οἱ μὲν διὰ νηὸς ἀμοιβαδὶς ἀνέρος ἀνήρ / ἑζόμενος πηδοῖσιν ἐρέσσετε, τοὶ δὲ βοείας / ἀσπίδας ἡμίσεες δῄων θοὸν ἔχμα βολάων / προσχόμενοι νόστῳ ἐπαμύνετε. νῦν ἐνὶ χερσίν / παῖδας ἑοὺς πάτρην τε φίλην γεραρούς τε τοκῆας / ἴσχομεν, ἡμετέρῃ δ' ἐπ' ἐρείδεται Ἑλλὰς ἐφορμῇ / ἠὲ κατηφείην ἢ καὶ μέγα κῦδος ἀρέσθαι.

[82] Cf. *Odisséia* XXII 130, Tucídides VI 90. 3 e Opiano *Haliêutica* IV 623.

[83] *Vamos! À volta das naus combatei num só corpo. E se deve / ser alguém presa da morte, ferido de longe ou de perto, / que morra, então, pois é glória morrer em defesa da pátria / mas ficarão protegidos a esposa dileta e os filhinhos, / bem como intacto o palácio e os haveres copiosos, se os Dânaos / para o torrão de nascença em seus barcos velozes voltarem.*

ἀλλὰ μάχεσθ' ἐπὶ νηυσὶν ἀολλέες ὃς δέ κεν ὕμεων / βλήμενος ἠὲ τυπεὶς θάνατον καὶ πότμον ἐπίσπῃ / τεθνάτω· οὔ οἱ ἀεικὲς ἀμυνομένῳ περὶ πάτρης / τεθνάμεν· ἀλλ' ἄλοχός τε σόη καὶ παῖδες ὀπίσσω, / καὶ οἶκος καὶ κλῆρος ἀκήρατος, εἴ κεν Ἀχαιοὶ / οἴχωνται σὺν νηυσὶ φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν.

dos colcos bloquearem a passagem pelo rio Fásis. Para isso é necessário que metade dos homens maneje os remos enquanto a outra metade os proteja com escudos contra os dardos inimigos (IV 199-202). Apesar do emprego do vocábulo ***eformh*** e de um princípio de armamento por meio de escudos, não se segue nenhuma cena de confronto, mas uma retirada. Reiterando um traço comum ao comportamento de Jasão, a batalha é novamente evitada. Ao partir de um modelo tradicional que funciona como preâmbulo a um embate, Apolônio subverte seu desfecho e faz do Esonida uma espécie de exortador da fuga, não por covardia ou falta de qualidades heróicas, mas por ser esta a única forma de evitar a aniquilação e assegurar o êxito e a glória da missão.

Para uma compreensão mais acurada sobre a estatura de Jasão nas *Argonáuticas* e a importância de seu modo de ação no poema, é necessário examinar as diferentes maneiras pelas quais ele foi descrito na produção poética anterior e contemporânea a Apolônio de Rodes. Características como a diplomacia, a ***amhxania***, o dolo, a sedução de mulheres e a recusa ao emprego da força são elementos que lhe são associados desde suas mais antigas menções na literatura ou fruto de um processo de construção gradativo acompanhado a partir do material poético preservado? Por meio da análise deste material teremos mais dados para inferir se Apolônio seguiu à risca a caracterização de Jasão transmitida pela tradição ou se optou por apresentar uma personagem que, apesar de inserida, rotineiramente atua à margem de um comportamento reproduzido pela poesia homérica. Não se pretende somente discutir em que consiste a natureza heróica de Jasão por meio deste estudo, mas também quais foram os modelos legados a Apolônio e de que forma eles influenciaram na composição da principal personagem das *Argonáuticas*.

CAPÍTULO 2: O TEMA JASÃO

2.1 A *andreia* de Medéia

Após um breve encontro com Egeu no qual lhe é prometido asilo em Atenas por ter sido expulsa de Corinto, Medéia, na peça homônima de Eurípides, revela minuciosamente seu plano de vingança às mulheres do coro justificando não ser fraca ou indefesa, mas *do outro modo, / grave para inimigos e para amigos benévola:/ a mais gloriosa vida é de quem é assim* (*Medéia* 808-10).[84] O princípio ético de prejudicar os desafetos e beneficiar os aliados é recorrente na poesia grega, sendo mencionado por Arquíloco fr. 23.14-15 W, Sólon fr. 1. 5-6 W, Teógnis 869-72, Píndaro *Pítica* II 151, Platão *República* 332b e Xenofonte *Memoráveis* II 6. Em *Héracles* de Eurípides, após salvar os familiares da morte iminente nas mãos de Lico, o herói ouve do pai Anfitrião a definição de seu comportamento ante os demais: *É da tua natureza, filho, ser amigo dos amigos / e odiar os inimigos* (585-86).[85] Nas *Céforas* de Ésquilo, ao rememorar o nome de Orestes, o coro roga aos deuses que alguém venha punir os crimes cometidos por Egisto e Clitemnestra, pois sempre se deve *retribuir males a inimigos* (122).[86] A partir desse modelo de conduta, Bongie (1977: 27) sugere que a Medéia de Eurípides representa o conceito heróico de virtude, associando-se a personagens como Aquiles e Ájax.[87]

---

[84] Todas as citações em português de *Medéia* são extraídas da tradução de Jaa Torrano (Eurípides 1991).
ἀλλὰ θατέρου τρόπου, / βαρεῖαν ἐχθροῖς καὶ φίλοισιν εὐμενῆ· / τῶν γὰρ τοιούτων εὐκλεέστατος βίος.

[85] Tradução de Maria Cristina R. S. Franciscato (Eurípides 2003).
πρὸς σοῦ μέν, ὦ παῖ, τοῖς φίλοις <τ'> εἶναι φίλον / τά τ' ἐχθρὰ μισεῖν·
Cf. Dover (1994: 180-84). Ironicamente Héracles tratará os amigos como inimigos, assassinando os filhos por imaginar se tratar da prole de Euristeu (*Héracles* 967-1000). Bond (1988: 212) sugere uma atitude diversa em relação a esse princípio ético a partir do século V a. C. Em Píndaro *Pítica* IX 95-96 os grandes feitos, mesmo de um inimigo, devem ser louvados com justiça (***keinoj ainein kai ton exqron / panti qum% sun ge kala rezont" ennepen***).

[86] Tradução de Jaa Torrano (Ésquilo 2004).
τὸν ἐχθρὸν ἀνταμείβεσθαι κακοῖς;

[87] *Euripides gives another portrait of a woman and a wife, one whose character and principles, however, have their closest affinities, not with Alcestis and women of her kind, but rather with the great male heroes of Greek literature such as the Homeric Achilles and the Sophoclean Ajax* (Bongie 1977: 27). Para mais informações, consultar: Knox (1977: 193-225), Rehm (1989: 97-115), Boedeker (1997: 127-148), Mueller (2001: 471-504) e Mastronarde (2002: 7-36).

A preocupação com a reputação é responsável por inseri-la em um ambiente masculino. A fama advinda da participação na expedição dos argonautas fora mencionada por Jasão durante o primeiro confronto verbal com a antiga esposa (*Medéia* 534-41).[88] Reiteradas vezes durante a peça se afirma que a ***timh*** de Medéia foi atingida (cf. 20, 33, 438, 660, 696 e 1354). Conseqüentemente a feiticeira teme se tornar alvo de zombaria (cf. 383, 404, 797, 1049-50, 1355 e 1362)[89], revelando constante interesse pela manutenção do ***kleoj*** (***duskleian*** em 218, ***eukleeij*** em 236 e ***eukleestatoj*** em 810). Qualquer ato que atinja diretamente a honra ou o renome demanda necessária retaliação.

A linguagem militar e o emprego de metáforas aludindo a um contexto bélico são freqüentes nas falas de Medéia e colaboram para a masculinização de seus valores. O apelo às armas apesar da condição feminina é formulado pela primeira vez em 250-51 (*eu preferiria lutar / com escudo três vezes a parir uma vez*)[90], já indicando a conduta adotada pela heroína para vingar o abandono do marido. Ao contrário da reação de Dejanira nas *Traquínias*, tentando reaver o amor de Héracles e restabelecer a condição de esposa, Medéia almeja, por meio de planos dolosos, a completa ruína de Jasão.[91] A

---

[88] *Por minha salvação, todavia, mais / recebeste do que deste, como eu direi. / Primeiro, em vez de país bárbaro, habitas / terra grega e conheces a justiça / e o uso das leis, não a favor da força. / Todos os gregos viram que és hábil / e tens fama; se os extremos confins / da terra habitásseis, não se falaria de ti.*

μείζω γε μέντοι τῆς ἐμῆς σωτηρίας / εἴληφας ἢ δέδωκας, ὡς ἐγὼ φράσω. / πρῶτον μὲν Ἑλλάδ᾽ ἀντὶ βαρβάρου χθονὸς / γαῖαν κατοικεῖς καὶ δίκην ἐπίστασαι / νόμοις τε χρῆσθαι μὴ πρὸς ἰσχύος χάριν· / πάντες δέ σ᾽ ᾔσθοντ᾽ οὖσαν Ἕλληνες σοφὴν / καὶ δόξαν ἔσχες· εἰ δὲ γῆς ἐπ᾽ ἐσχάτοις / ὅροισιν ᾤκεις, οὐκ ἂν ἦν λόγος σέθεν.

[89] De forma semelhante, Ájax será objeto de riso alheio ao descobrirem que ele atacara o gado julgando se tratar dos aqueus (***oimoi gelwtoj, oion ubrisqhn ara***, *Ájax* 367). Ironicamente o herói é tomado por um ***gelwn polun*** ao ferir os animais pressupondo triunfo sobre os adversários (*Ájax* 303). Cono nota Stanford (1963: 67), de acordo com o comportamento heróico *nothing is more pleasant than to be able to exult of the misfortunes of one's enemies. We see the other side of the picture, the burning shame which a hero felt at being the victim of such mockery. In the words of Ajax and his friends in 367, 382, 454, 957-61, 969, 1043; cf. the grim maxim in 988-9, 'all the man love to laugh over the fallen dead'.*

[90] ὡς τρὶς ἂν παρ᾽ ἀσπίδα ΄ στῆναι θέλοιμ᾽ ἂν μᾶλλον ἢ τεκεῖν ἅπαξ.

[91] *This scene alone should be enough to give pause to those critics who talk about the "femininity"of Medea and who attribute her reactions to jealousy, thwarted love and other motivations that are part and*

intenção de matar os rivais com armas chega a ser cogitada (cf. 379), mas logo é descartada, visto a vergonha pela possibilidade do fracasso. Ante as adversidades, a feiticeira deve mostrar resistência e distinguir o melhor momento de atacar, mesmo que seu oponente seja equiparável a uma torre firme (***purgoj asfalhj***, cf. 390). O termo ***purgoj*** conota a resistência do combatente em *Odisséia* XI 556, em referência a Ájax.[92] A mesma imagem reaparece em Calino fr. 1. 20 W, Alceu fr. 112.10 L. P., Teógnis 233, Sófocles *Ájax* 159 e *Édipo Rei* 1201. Em *Ilíada* IV 333-34 ***purgoj*** se torna metáfora militar usada para designar uma coluna de homens a avançar no decorrer da batalha.[93] O uso da violência física ainda não está totalmente rejeitado por Medéia (cf. 393-94), mas ela prefere o ***doloj*** (cf. 391) como forma eficaz de retaliação.[94]

O sofrimento impele a esposa abandonada ao terror, por estar diante de um duelo de coragem (***agwn euyuxiaj***, cf. 403). A expressão sugere uma exortação bélica ao

---

parcel of popular conceptions of the "female character" but that have little to do with the heroine as Euripides presents her. Contrast the behaviour of Deianeira in the Trachinian Women: she does not lash out against Heracles when he betrays her with Iole but rather she seeks to regain his love and hence her own status as his wife. Medea's reaction, on the other hand, is not typically or ideally feminine at all: it is masculine. (Bongie 1977: 39). Na peça de Sófocles Dejanira embebe uma túnica com o sangue do centauro Nesso e a envia a Héracles em resposta à sua intenção de desposar Iole. Cf. *Traquínias* 531-87.

[92] *"Ó Telamônio impecável, Ájaz, até mesmo entre os mortos / não te dispõe a abrandar tal rancor, por motivo das armas / prejudiciais, que aos Argivos os deuses em mal converteram? / Causa elas foram de haver perecido um baluarte como eras / para os Aqueus."* (*Odisséia* XI 553-57).

Ἶαν, παῖ Τελαμῶνος ἀμύμονος, οὐκ ἄρ᾽ ἔμελλες / οὐδὲ θανὼν λήσεσθαι ἐμοὶ χόλου εἵνεκα τευχέων / οὐλομένων; τὰ δὲ πῆμα θεοὶ θέσαν Ἀργείοισι· / τοῖος γάρ σφιν πύργος ἀπώλεο· σεῖο δ᾽ Ἀχαιοὶ / ἶσον Ἀχιλλῆος κεφαλῇ Πηληιάδαο / ἀχνύμεθα φθιμένοιο διαμπερές·

Em *Ilíada* VII 219-20 e XI 485 os escudo de Ájax, brônzeo e dotado de sete camadas de couro (***eptoboeij***), é equiparado a um ***purgoj***.

[93] Segundo o escoliasta de *Ilíada* IV 334c o termo ***purgoj*** significa a disposição de trezentos e sessenta homens durante o contexto bélico (πύργος τάξις. συνέστηκε δὲ ὁ πύργος ἐκ τριακοσίων ἑξήκοντα ἀνδρῶν. ὁ δὲ τρόπος μεταφορά). A mesma metáfora reaparece em *Ilíada* IV 347.

[94] *Espera ainda por pouco tempo, / se uma torre nos parecer irresvalável, / irei a ela com dolo e calada à matança; / se infortúnio imbatível me persegue, / ainda que eu morra, com a espada na mão / mato-os e ousada irei à crueldade.* (*Medéia* 389-94)

μείνασ' οὖν ἔτι σμικρὸν χρόνον, / ἢν μέν τις ἡμῖν πύργος ἀσφαλὴς φανῇ, / δόλῳ μέτειμι τόνδε καὶ σιγῇ φόνον· / ἢν δ' ἐξελαύνῃ ξυμφορά μ' ἀμήχανος, / αὐτὴ ξίφος λαβοῦσα, κεἰ μέλλω θανεῖν, / κτενῶ σφε, τόλμης δ᾽ εἶμι πρὸς τὸ καρτερόν.

ardor dos combatentes antes do início do certame, sendo empregada duas vezes nas elegias marciais de Tirteu (cf. fr. 10. 13-18 W e fr. 11. 3-6 W). Nos *Persas* de Ésquilo o mensageiro reporta à rainha Atossa as baixas ocorridas no exército comandado por Xerxes e, dentre os vários generais, menciona Sinésis, governador da Cilícia, distinguido pela coragem (***euyuxia***, cf. 326) e acometido por uma gloriosa morte. Em *Persas* 394 os helenos, ao raiar do dia, entoam um canto triunfal repleto de ardor (***euyuxoj***) causando pavor na horda dos bárbaros.

Por várias vezes Medéia se reporta ao marido, a Creonte e à sua filha como ***exqroi*** (cf. 376, 383, 734, 750, 765 e 1050) e, após obter o apoio de Egeu mediante juramento, se auto-intitula vencedora no combate (***kallinikoj***, cf. 765), valendo-se de um termo pertencente ao vocabulário atlético (cf. Píndaro *Neméicas* III 31). Os conflitos entre marido e esposa são chamados de certames (***agwnej***, cf. 235 e 366), rememorando o uso deste vocábulo em contexto esportivo para designar a reunião de participantes de jogos públicos (cf. *Ilíada* XXIII 258 e XXIV 1, *Odisséia* VIII 200, Heródoto II 91, Tucídides III 104 e Platão *Leis* 658a). Ao ouvir o relato do mensageiro sobre os eventos ocorridos no interior do palácio de Creonte, Medéia decide assassinar imediatamente os filhos para que não caiam em mãos adversárias. Buscando se encorajar para ser capaz de matar os próprios filhos, a feiticeira empunha a espada e *corre para a meta triste da vida* (cf. 1245).[95] O termo ***balbida*** empregado na passagem designa as balizas presentes nos estádios nas quais uma corda era presa para servir de ponto de partida e chegada aos corredores do ***diauloj*** (Page 1988: 166).[96] A imagem criada equipara a mãe, prestes a cometer infanticídio, a um corredor prestes a iniciar uma disputa esportiva. O vocabulário reiteradamente utilizado durante a peça busca associar Medéia a um combatente ou atleta em vias de realizar feitos a serem gloriados pelos pósteros.

Segundo a nutriz, Medéia é dotada de um caráter selvagem (***agrion hqoj***, cf. 103) e de um espírito orgulhoso (***frenoj auqadouj***, cf. 104). O adjetivo ***auqadhj*** costumeiramente significa presunção, arrogância ou determinação teimosa, como ocorre em Ésquilo (cf. *Prometeu Acorrentado* 64, 79, 908 e 1034) e em Sófocles (cf. *Antígona*

[95] ἕρπε πρὸς βαλβῖδα λυπηρὰν βίου.

[96] Cf. o emprego metafóricos desse vocábulo em Aristófanes *Vespas* 548, Eurípides *Héracles* 867 e Sófocles *Antígona* 131.

1028 e *Édipo Rei* 549). Em *Prometeu Acorrentado* 934 o filho de Jápeto profetiza o rebaixamento de Zeus após a união que gerará um filho superior ao pai, apesar da arrogância de seu espírito (***auqadhj frenwn***). A expressão é semelhante à empregada pela nutriz para derscrever Medéia censurada pelo marido por ***auqadia*** (cf. 621). A própria feiticeira se diz infortunada por conta de seu caráter implacável (***w dustalaina thj emhj auqadiaj***, cf. 1028), ao avaliar a possibilidade de partir para o exílio abandonando os filhos.

O caráter selvagem de Medéia é novamente evocado em 1343 (***agriwteran fusin***). Por várias vezes ela é descrita como um animal, ora um boi (cf. 92, 188), ora uma leoa (cf. 187, 1342-43, 1358, 1407). O olhar taurino (***omma … tauromenh***) aponta para a raiva e ferocidade de suas reações.[97] A equiparação a uma leoa, por sua vez, se baseia em uma grande ironia em relação às atitudes tomadas no decorrer da peça. Em Heródoto III 108 as leoas são consideradas os animais mais fortes e impetuosos (***isxurotaton kai qrasutaton***), a ponto de as garras da cria, mais afiadas dentre todos os seres vivos, rasgarem o útero da mãe ainda antes do nascimento. Em Ésquilo *Agamêmnon* 1258 Cassandra chama Clitemnestra de ***leaina*** por conta do plano para assassinar o marido e a cativa de guerra (*Essa leoa bípede junto com o lobo / deitada na ausência do nobre leão / matar-me-á mísera*, cf. 1258-60).[98] No entanto a agressividade da leoa em *Medéia* 187 é decorrência do nascimento e proteção da cria (***tokadoj … leainhj***). Dentre os animais, a leoa era vista como a que mais bravamente defendia os rebentos (*Ilíada* XVII 133-36, XVIII 318-22, Calímaco *Hino a Deméter* 51-52). Jasão chama a esposa de leoa pela selvageria demonstrada no infanticídio perpetrado (cf. 1342 e 1407) – e a própria Medéia afirma ser dotada de tal natureza leonina (cf. 1358) –, contudo a ferocidade atribuída a esse animal é resultado de comportamento exatamente oposto. Ao invés de proteger bravamente a prole, Medéia é chamada de ***leaina*** por assassinar de modo brutal os filhos.

Ao se apropriar de valores masculinos, Medéia acaba se adequando a uma moldura heróica que supostamente deveria pertencer a Jasão. A preocupação com a

[97] Cf. Aristófanes *Rãs* 804, Platão *Fédon* 177b e Eurípides *Héracles* 868-69.

[98] Tradução de Jaa Torrano (Ésquilo 2004)

timh e a vergonha pública ao ser desonrada com o abandono do marido lhe são freqüentemente atribuídas (cf. 20, 33, 438, 660, 696, 1354).[99] A indignação e o desejo por retaliação, tentando evitar o riso alheio, decorrem do fato de Medéia se considerar equivalente a Jasão e possuir o mesmo *status* ou pertencer ao mesmo grupo do qual seu cônjuge faz parte na sociedade grega. O juramento trocado por ambos no momento do casamento, tendo os deuses como testemunhas, indica a isonomia entre o casal, já que o pacto de união não foi travado entre Jasão e Eeta.[100] A garota não passou das mãos do antigo mantenedor e guardião legal para as de seu marido mediante um acordo estabelecido entre iguais.[101] Medéia acusa Jasão de impiedade por quebrar o juramento de união feito diretamente a ela (cf. Apolônio de Rodes *Argonáuticas* IV 95-98). Se as juras somente são feitas entre os pares, as acusações da esposa sugerem que o Esonida desonrou o código de reciprocidade entre indivíduos de mesma condição (*Medéia* 21-22 e 439), levando Medéia e o coro a rogar a intervenção de Têmis (cf. 160-63, 169-70), personificação da justiça divina aliada a Zeus (cf. 208-9, *Odisséia* II 68 e Hesíodo *Teogonia* 901-2). Segundo Mastronarde (2006: 204), em 208-9 Zeus parece ser o pai de Têmis *na base alegórica de que Zeus é o responsável pela lei e pela ordem* (cf. também Ésquilo *Suplicantes* 360), indicando que um perjúrio cometido exige expiação divina. A impiedade de Jasão é reforçada nas palavras de Medéia endereçadas ao marido:

αὕτη δίπους λέαινα συγκοιμωμένη / λύκῳ, λέοντος εὐγενοῦς ἀπουσίᾳ, / κτενεῖ με τὴν τάλαιναν·

[99] *A significant part of Medea's assimilation of heroic and male traits is her attitude toward honour and dishonour and her competitive insistence that others regard her with respect or fear.* (Mastronarde 2006: 167).

[100] Em *Olímpicas* XIII 53-54 Píndaro diz que Medéia desposou Jasão a despeito do pai e se tornou a salvadora na nau Argo (***kai tan patroj antia Mhdeian qemenan gamou aut#, nai swteira Argoi kai propoloij***).

[101] *The process* (i. e. the wedding) *began with the* engye*, a contract between the prospective bridegroom and the bride's father (or legal guardian). (…)* Engye *means something placed "in the hand'; in the context of the wedding the* engye *is the promise made by the bride's father to the groom and then sealed by a handshake. (…) With the dowry he would fulfill the last part of his responsability for his daughter's support. After the wedding her husband would become her legal guardian. (…) The bride's father, as her legal guardian, had the power to make this pledge without consulting his daughter, and she did not need to be present for the* engye*. Under ideal circumstances she could have no preferences in the choice of a groom, since the segregation of the sexes in ancient Greece would have provided her with little opportunity to come into contact with men.* (Oakley & Sinos 1993: 9-10).

Das juras a fé se foi, nem posso perceber
se crês que deuses enfim não valem mais
ou novas leis vigem entre homens agora,
já que és consciente de que és perjuro.[102]

(*Medéia* 492-95)

O desrespeito aos deuses e a adoção de novas regras (***kaina … qesmia***) desconsiderando os vínculos e relações de reciprocidade entre os pares ligados por juramento contribuem para a caracterização negativa de Jasão no decorrer da peça. Apesar de todos os argumentos justificando o acordo nupcial para desposar a filha de Creonte, o Esonida é incapaz de se defender da acusação de perjúrio. Egeu, por sua vez, representa um comportamento adequado ao censurar Jasão por vileza (cf. 695, 699 e 707) e cumprir o juramento feito a Medéia em nome da Terra, do Sol e de todos os demais deuses (cf. 752-53). Como um mantenedor de juramentos, Egeu é o exato contraponto a Jasão e sua aparição na peça sugere o envolvimento divino com a causa de Medéia, fato corroborado pela presença do carro do Sol na cena final (cf. 1321-22). Curiosamente Jasão afirma que, ao vir para a Hélade, Medéia conheceu a prática da justiça e o uso das leis, ao invés do emprego da força, bastante comum em terras bárbaras (cf. 536-38). Essa referência à superioridade helênica se revela irônica, pois, segundo o comentário do escoliasta (***S*** *Medéia* 538), o marido julga não agir injustamente, apesar de desrespeitar as leis e quebrar um juramento, ansiando por ***filodocia***.[103]

Jasão tende a considerar pequena a participação de Medéia para o êxito da expedição dos argonautas e atribui a Cípris o papel de *única salvadora de minha navegação* (527-28).[104] Para ele Medéia é portadora de um ***alastwr*** provocado pelo assassinato do irmão Apsirto e responsável pela ruína presente. Contudo a ***metabasij*** do herói não é fruto de uma maldição provocada por crimes alheios, mas motivada por

---

[102] ὅρκων δὲ φρούδη πίστις, οὐδ' ἔχω μαθεῖν / ᾗ θεοὺς νομίζεις τοὺς τότ' οὐκ ἄρχειν ἔτι, / ἢ καινὰ κεῖσθαι θέσμι' ἀνθρώποις τὰ νῦν, / ἐπεὶ σύνοισθά γ' εἰς ἔμ' οὐκ εὔορκος ὤν.

[103] νόμοις τε χρῆσθαι· ἐπιλαμβάνονται τοῦ ἐπιχειρήματος· ἔδει γὰρ αὐτὸν ταῦτα λέγοντα μηδὲν ποιεῖν ἄδικον. πρὸς γὰρ τὸν λέγοντα ὅτι νόμοις ἐπίστασαι χρῆσθαι, εἴποι ἄν τις εἰκότως· ἀλλὰ σὺ οὐκ ἐπίστασαι νόμοις χρῆσθαι, ἀλλὰ καὶ τοὺς ὅρκους παραβέβηκας καὶ τὰς δεξιὰς καὶ τὰ τέκνα καὶ τὴν γυναῖκα προδέδωκας, ὅπως τὴν τοῦ τυράννου θυγατέρα λάβῃς, τοῦτο δὲ ἕνεκα φιλοδοξίας.

[104] Κύπριν νομίζω τῆς ἐμῆς ναυκληρίας / σώτειραν εἶναι θεῶν τε κἀνθρώπων μόνην.

comportamento ímpio ao quebrar um juramento previamente estabelecido. De modo contrário, Medéia se proclama responsável pelo sucesso da missão na Cólquida (cf. 476-87). Em 515 ela afirma ter a condição de mendigo errabundo como retribuição por tê-lo salvo (***h t" eswsa se***, retomando a expressão ***eswsa s"*** presente no verso 476). O auxílio ocorreu em três diferentes momentos: nos ***aeqla*** contra os touros que cospem fogo e os homens nascidos da terra (cf. 478-79), no confronto com a serpente guardiã do velo de ouro (cf. 480-82) e no dolo contra Pélias resultando no regicídio cometido pelas próprias filhas (cf. 486-87). A responsabilidade de Medéia, portanto, não fica restrita aos eventos ocorridos na Cólquida, mas se estende a fatos posteriores passados na Grécia. Por usurpar o trono de Esão, Pélias se tornou regente em Iolco e passou a ocupar a liderança que cabia a Jasão. Ao provocar a morte do rei por mutilação, a feiticeira interrompe a manutenção do poder por sua linhagem dada a inexistência de herdeiro masculino a sucedê-lo (cf. 487), deixando o Esonida na iminência de ocupar o trono que lhe cabia por direito.[105]

Jasão discorda sobre a importância de Medéia para a vitória na Cólquida e afirma que ela teria sido mero instrumento de Cípris e Eros, os grandes responsáveis pelo retorno do velo de ouro à Grécia. Eros a teria impelido, por meio de suas flechas, para lhe salvar o tosão (***Erwj s" hnagkase / tocoij aruktoij toumon ekswsai demaj***, cf. 530-31). No entanto o escoliasta em *Medéia* 527 discorda dessa versão afirmando não passar de ***yeudoj***, uma vez que Hera prestava auxílio aos argonautas desde o início da expedição com o intuito de punir Pélias por tê-la desonrado (cf. *Argonáuticas* III 66-74). O comentador também menciona Atena, mas silencia a

[105] A ausência de um filho para Pélias é atestada, no século V, por Moisés de Corene em *Progymnasmata* III 4: *Ibi artes magicas exercuit: decreverat enim regem qui terrae imperabat dolosis consiliis perdere. Idcirco persussit filias eius ad senectutem patris respiciens et quia mascula proles, quae in paternum regnum succederet, ei possuit. "Si ipsae vultis, equidem illum in iuvenilem aetatem restituire possum" His dictis statim pergit eis demonstrare, qua ratione res patrari possit: arietem laniavit et in lebetem coniecit ignemque subdidit. Atque fervente cum motibus lebete, arietem vivum declaravit . Hoc modo filiabus deceptis Medea Peliam leniandum curavit: eratque, inquit* (Euripides scil.), in lebete et nil amplius. (Cf. Eurípides ***PELIADES*** *testimonia* iiib Radt). Em outras versões Acasto aparece como filho de Pélias (cf. Hesíodo fr. 208-9 M. W., Eurípides *Alceste* 739, *Troianas* 1128, Apolônio *Argonáuticas* I 224-27, Higino *Fábulas* 24). Em Diodoro da Sicília IV 53. 1-2, após a morte de Pélias, por conta do dolo de Medéia, Jasão oferece o trono de Iolco a Acasto e assume a responsabilidade pelas filhas do antigo rei.

ajuda fundamental de Apolo, cuja presença e proteção são mencionadas durante toda a viagem segundo as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes.[106]

O desempenho de Jasão, condicionado a uma ajuda externa, ou foi fruto da intenção de Medéia, ou decorrência de um plano divino cumprido através da princesa colca. Sem sua participação, a missão dos argonautas estaria fadada ao fracasso e ao esquecimento. Baseada nessa dependência, Medéia acusa Jasão de falta de virilidade (***anandria***, cf. 466), por lhe faltarem audácia (***qrasoj***) e bravura (***eutolmia***, cf. 469).[107] Em *Fedro* 254c-d Platão descreve a reação da parelha alada, simbolizando a alma, ao contemplar a Beleza no banquete das Idéias. O cocheiro refreia ambos os cavalos, mas o de má raça não aceita voluntariamente a reprimenda e, encolerizado, se rebela contra o guia por covardia e frouxidão (***deili# te kai anandri#***, cf. também *Leis* 659a). O termo ***deilia*** é usado como oposto a ***qrasuthj*** (Platão *Leis* 648b), além de estar na raiz de *Dilíada* (***Deiliaj***), a epopéia paródica de Nicócares que apresentaria personagens covardes em contexto heróico (Aristóteles *Poética* 1448a). Em Platão *Fedro* 239c-d o adjetivo ***anandroj*** é correlato a ***apaloj*** ("tenro", "delicado") designando os indivíduos efeminados (***apalhj kai anandrou diaithj***, cf. também Plutarco *Sólon* 21 e Diodoro da Sicília V 40). Por quebrar um juramento sobre o qual ambas as partes estavam em acordo e por não agir com audácia ou coragem, Jasão é acusado de ***anandria***, visto estar sempre à sombra de Medéia durante a realização de suas façanhas heróicas. De acordo com ***S*** *Medéia* 465, a censura se baseia na

---

[106] Κύπριν νομίζω: ἐγὼ νομίζω, φησὶν, ὑπὸ τῆς Ἀφροδίτης σεσῶσθαι, ἣν μόνην φησὶ μᾶλλον ἀνθρώπων καὶ θεῶν ἰσχύειν πλέον· τοῦτο γὰρ λείπει. μόνην φησὶ τὴν Ἀφροδίτην σεσωκέναι αὐτὸν καὶ οὐδένα ἀνθρώπων οὐδὲ θεῶν. τοῦτο δὲ ψεῦδος· φαίνεται γὰρ τὴν Ἥραν προστάτιν ἐσχηκὼς ἐξ ἀρχῆς διόλου καὶ ὑπὸ ταύτης παρορμηθεὶς εἰς τὸν ἆθλον, ὑφ' ἧς εἰκὸς αὐτὸν σεσῶσθαι ἵνα τὸν Πελίαν φονεύσῃ ἐχθρὸν ὄντα τῆς Ἥρας. ἔτι δὲ καὶ ἡ Ἀθηνᾶ κινδυνεύουσαν τὴν ναῦν προσραγῆναι ταῖς πέτραις ἀνεσώσατο.

Para mais informações sobre o auxílio de Apolo e a participação dos deuses conferir Gaunt (1972: 117-26), Feeney (1991: 55-98), Hunter (1993: 75-100), De Forest (1994: 37-46), Cusset (1999: 281-83), Berkowitz (2004: 97-127) e Rodrigues Jr. (2005: 53-58).

[107] Cf. o uso de termos com o mesmo radical e sentido correlato em Ésquilo *Persas* 755, Eurípides *Orestes* 1031, Heródoto IV 142, Tucídides I 83. 1 e Xenofonte *Memoráveis* II 1. 13.

dependência do Esonida, pois sem os ***farmaka*** cedidos ele não seria capaz de realizar as provas.[108]

A ausência de heroísmo nas ações de Jasão é simbolizada na forma de sua morte, segundo a profecia de Medéia ao final da peça:

Tu, vil, terás morte vil como convém,
golpeado no crânio pela relíquia da Argo,
ciente das amargas cerimônias de minhas núpcias.[109]

(*Medéia* 1386-88)

De acordo com o escoliasta em 1386, o ornamento na proa da Argo (***akrostolion***), dedicado a Hera, teria caído sobre a cabeça do herói provocando sua morte, após ter sido depositado nos muros do templo da deusa.[110] Na versão de Estáfilo de Náucrates (269F11 Jacoby), historiador helenístico do século II a. C., Medéia teria exigido que Jasão dormisse debaixo da proa do navio tornando possível, por conta do desgaste provocado pelo tempo, o rompimento e queda do ornamento sobre seu corpo. Na *Medéia* de Neofrão haveria referências à morte posterior de Jasão por enforcamento (cf. ***S*** *Medéia* 1387), no entanto esse relato não é mencionado por nenhum outro autor.[111] O fim da vida do Esonida estaria associado à nau Argo, não durante a travessia pelo mar cumprindo a missão que o cumularia de glória, mas quando a embarcação já se encontrava inapropriada para o uso. Mesmo neste momento a participação de Medéia se

---

[108] τοῦτο γὰρ εἰπεῖν ἔχω σοι γλώσσῃ μέγιστον κακὸν διὰ τὴν ἀσθένειαν τὴν ἐμήν· γυνὴ γάρ εἰμι καὶ ἀσθενὴς, μὴ δυναμένη χερσὶν ἐπιτιμωρήσασθαι. διὸ τῇ διὰ τοῦ στόματος κατηγορίᾳ κολάζω σε. ἡ εἰς ἀντὶ τῆς διά, δι' ἀνανδρίαν. τοῦτο δέ φησιν ὡς μὴ δυνηθέντος αὐτοῦ χωρὶς αὐτῆς ἀνύσαι τὸν ἆθλον. οὗτος γὰρ, ὁ Ἰάσων, ἀποσταλεὶς παρὰ τοῦ <Πελίου> ἀνείλετο τὸ χρυσοῦν δέρας ἀπὸ τῶν Κόλχων διὰ φαρμάκων τινῶν τῆς Μηδείας, ἐρασθείσης αὐτοῦ.

[109] σὺ δ', ὥσπερ εἰκός, κατθανῇ κακὸς κακῶς, / Ἀργοῦς κάρα σὸν λειψάνῳ πεπληγμένος, / πικρὰς τελευτὰς τῶν ἐμῶν γάμων ἰδών.

[110] τὸ ἀκροστόλιον γὰρ τῆς Ἀργοῦς ἀνέθηκεν Ἰάσων τῇ Ἥρᾳ. ποτὲ δὲ εἰσιόντος αὐτοῦ εἰς τὸ ἱερὸν, πεσὸν ἀνεῖλεν αὐτόν. λειψάνῳ οὖν φησὶ μέρει τινὶ τῆς Ἀργοῦς. ἄλλως: ἱστορεῖται Ἰάσων τέλει τοιούτῳ χρήσασθαι. κοιμώμενον γὰρ αὐτὸν ὑπὸ τὴν Ἀργὼ κατασαπεῖσαν ὑπὸ πολλοῦ χρόνου, μέρος τι ταύτης ἐκπεσὸν κατὰ τῆς κεφαλῆς ἔκρουσεν. ἄλλως: οἱ μὲν λέγουσι κατὰ Μηδείας [χόλον ἢ] κέλευσιν ὑπὸ τῇ πρύμνῃ τῆς Ἀργοῦς καταδαρθέντα τὸν Ἰάσονα τελευτῆσαι, ἐμπεσόντος αὐτῷ ξύλου.

[111] Na versão de Diodoro da Sicília (IV 55. 1) Jasão teria cometido suicídio em virtude do enorme sofrimento pela perda dos filhos e da esposa (***dio kai mh dunamenon enegkein to megeqoj thj sumforaj ek tou zhn eauton metasthsai***).

faz importante, pois Jasão é golpeado mortalmente cumprindo suas ordens, ao repousar debaixo da proa quando foi atingido pelo ***akrostolion***.

Para Boedeker (1997: 127) a peça de Eurípides foi responsável por moldar a identidade atribuída a Medéia a partir de então ao empregar vocabulário e comportamento masculinos que a distinguem da ***anandria*** exibida por Jasão. Sua inflexibilidade a torna equiparável a uma rocha ou ao mar (cf. 28-29), tal como Aquiles (*Ilíada* XVI 34-35), Odisseu (*Odisséia* XVII 463-64) ou Menelau (Eurípides *Andrômaca* 537-38). A imagem volta a aparecer em 1279-80, quando o coro a acusa de ser feita de pedra ou de ferro por ter assassinado a prole, pois, segundo Mastronarde (2006: 169), esses elementos funcionam como *emblemas do que é duro, cruel, inflexível ou insensível*.

Apesar da popularidade alcançada pela versão do mito de Medéia reportada por Eurípides – visto a grande maioria dos autores posteriores seguirem seus passos – as narrativas mais antigas não atribuem à mãe o infanticídio. Para Wilamowitz (1880: 486 Apud Johnston 1997: 45) o assassinato dos filhos como vingança pelo abandono do marido seria um acréscimo euripidiano ao enredo. Também é possível se tratar de uma invenção de Neofrão em sua *Medéia*, segundo o *argumentum* que antecede a peça de Eurípides (***to drama dokei upobalesqai para Neofronoj diaskeuasaj***).[112] Em versões do período arcaico, Medéia não está envolvida intencionalmente – mas acidentalmente – na morte dos filhos (cf. Píndaro ***S*** *Olímpicas* XIII 74). Hera, em gratidão por não ter cedido às investidas de Zeus, oferece imortalidade aos filhos da princesa bárbara desde que devidamente deixados no santuário da deusa por um tempo determinado. Porém Hera não cumpre a promessa e as crianças acabam por morrer, provocando a fúria entre os coríntios e obrigando a mãe a fugir. A história relatada nas *Corintíacas* de Eumelo (século VII a. C.) apresenta algumas variações, segundo nos relata Pausânias II 3. 10-11. De modo similar a Deméter e Demofonte (*Hino Homérico e Deméter* 231-55), Medéia tenta imortalizar os filhos quando é flagrada por Jasão, provocando a morte das crianças e a separação do casal.[113] De acordo com Parmenisco

---

[112] Cf. Michelini (1989: 115-35).

[113] Εὔμηλος δὲ Ἥλιον ἔφη δοῦναι τὴν χώραν Ἀλωεῖ μὲν τὴν Ἀσωπίαν, Αἰήτῃ δὲ τὴν Ἐφυραίαν· καὶ Αἰήτην ἀπιόντα ἐς Κόλχους παρακαταθέσθαι Βούνῳ τὴν γῆν, Βοῦνον δὲ Ἑρμοῦ καὶ Ἀλκιδαμείας εἶναι, καὶ ἐπεὶ Βοῦνος ἐτελεύτησεν, οὕτως Ἐπωπέα τὸν Ἀλωέως καὶ τὴν Ἐφυραίων σχεῖν ἀρχήν· Κορίνθου δὲ ὕστερον τοῦ Μαραθῶνος οὐδένα ὑπολ[ε]ιπομένου

(cf. ***S*** *Medéia* 264), eles teriam quatorze filhos, mas em outras versões somente dois (cf. Pausânias II 3. 9). Em *Teogonia* 1001 Hesíodo se refere a um de seus rebentos pelo nome Medéio. Já Cinetão (cf. Pausânias II 3. 9) menciona também uma filha chamada Eriópis. No relato de Parmenisco as crianças foram mortas pelos coríntios, ao não admitirem ser governados por uma estrangeira, apesar de o trono de Corinto lhe pertencer por direito.[114] Creófilo, por sua vez, dizia que os filhos de Medéia foram assassinados pelos coríntios em retaliação à morte de Creonte, espalhando rumores, após o sucedido, de que o crime fora cometido pela própria mãe (cf. ***S*** *Medéia* 264).[115]

παῖδα, τοὺς Κορινθίους Μήδειαν μεταπεμψαμένους ἐξ Ἰωλκοῦ παραδοῦναί οἱ τὴν ἀρχήν. βασιλεύειν μὲν δὴ δι' αὐτὴν Ἰάσονα ἐν Κορίνθῳ, Μηδείᾳ δὲ παῖδας μὲν γίνεσθαι, τὸ δὲ ἀεὶ τικτόμενον κατακρύπτειν αὐτὸ ἐς τὸ ἱερὸν φέρουσαν τῆς Ἥρας, κατακρύπτειν δὲ ἀθανάτους ἔσεσθαι νομίζουσαν· τέλος δὲ αὐτήν τε μαθεῖν ὡς ἡμαρτήκοι τῆς ἐλπίδος καὶ ἅμα ὑπὸ τοῦ Ἰάσονος φωραθεῖσαν–οὐ γὰρ αὐτὸν ἔχειν δεομένῃ συγγνώμην, ἀποπλέοντα <δὲ> ἐς Ἰωλκὸν οἴχεσθαι–, τούτων δὲ ἕνεκα ἀπελθεῖν καὶ Μήδειαν παραδοῦσαν Σισύφῳ τὴν ἀρχήν. (Pausânias II 3. 10-11).

[114] Segundo as *Corintíacas* de Eumelo (cf. Pausânias II 3. 10-11), o trono de Corinto pertencia originalmente a Eeta, porém, após a partida do rei para a Cólquida por motivos pouco claros, o poder foi ocupado por regentes indicados. Quando Medéia chegou à Grécia, foi chamada de Iolco para governar a cidade na condição de descendente do antigo rei. Ao aceitar a oferta ela fez de Jasão o rei de Corinto. Cf. Graf (1997: 34-36).

[115] Παρμενίσκος γράφει κατὰ λέξιν οὕτως· 'ταῖς δὲ Κορινθίαις οὐ βουλομέναις ὑπὸ βαρβάρου καὶ φαρμακίδος γυναικὸς ἄρχεσθαι αὐτῇ τε ἐπιβουλεῦσαι καὶ τὰ τέκνα αὐτῆς ἀνελεῖν, ἑπτὰ μὲν ἄρσενα, ἑπτὰ δὲ θήλεα. [Εὐριπίδης δὲ δυσὶ μόνοις φησὶν αὐτὴν κεχρῆσθαι.] ταῦτα δὲ διωκόμενα καταφυγεῖν εἰς τὸ τῆς Ἀκραίας Ἥρας ἱερὸν καὶ ἐπὶ τὸ ἱερὸν καθίσαι. Κορινθίους δὲ αὐτῶν οὐδὲ οὕτως ἀπέχεσθαι, ἀλλ' ἐπὶ τοῦ βωμοῦ πάντα ταῦτα ἀποσφάξαι. λοιμοῦ δὲ γενομένου εἰς τὴν πόλιν πολλὰ σώματα ὑπὸ τῆς νόσου διαφθείρεσθαι. μαντευομένοις δὲ αὐτοῖς χρησμῳδῆσαι τὸν θεὸν ἱλάσκεσθαι τὸ τῶν Μηδείας τέκνων ἄγος. ὅθεν Κορινθίοις μέχρι τῶν καιρῶν τῶν καθ' ἡμᾶς καθ' ἕκαστον ἐνιαυτὸν ἑπτὰ κούρους καὶ ἑπτὰ κούρας τῶν ἐπισημοτάτων ἀνδρῶν ἐναπενιαυτίζειν ἐν τῷ τῆς θεᾶς τεμένει καὶ μετὰ θυσιῶν ἱλάσκεσθαι τὴν ἐκείνων μῆνιν καὶ τὴν δι' ἐκείνους γενομένην τῆς θεᾶς ὀργήν'. Δίδυμος δὲ ἐναντιοῦται τούτῳ καὶ παρατίθεται τὰ Κρεωφύλου ἔχοντα οὕτως· 'τὴν γὰρ Μήδειαν λέγεται διατρίβουσαν ἐν Κορίνθῳ τὸν ἄρχοντα τότε τῆς πόλεως Κρέοντα ἀποκτεῖναι φαρμάκοις. δείσασαν δὲ τοὺς φίλους καὶ τοὺς συγγενεῖς αὐτοῦ φυγεῖν εἰς Ἀθήνας, τοὺς δὲ υἱοὺς, ἐπεὶ νεώτεροι ὄντες οὐκ ἠδύναντο ἀκολουθεῖν, ἐπὶ τὸν βωμὸν τῆς Ἀκραίας Ἥρας καθίσαι νομίσασαν τὸν πατέρα αὐτῶν φροντιεῖν τῆς σωτηρίας αὐτῶν. τοὺς δὲ Κρέοντος οἰκείους ἀποκτείναντας αὐτοὺς διαδοῦναι λόγον ὅτι ἡ Μήδεια οὐ μόνον τὸν Κρέοντα, ἀλλὰ καὶ τοὺς ἑαυτῆς παῖδας ἀπέκτεινε'.

Ecoando essa versão, há várias menções, na peça de Eurípides, ao perigo de morte que os filhos de Medéia sofrem nas mãos dos parentes de Creonte (cf. 781, 1060-61, 1238-41, 1301-5, 1380-81). Em ***S*** *Medéia* 9 o escoliasta afirma que Eurípides transferiu o assassinato das mãos dos coríntios para as mãos da mãe mediante pagamento de cinco talentos feito pela população de Corinto, sendo possivelmente o primeiro tragediógrafo a representar o mito dessa maneira.

A crueldade e o caráter agressivo de Medéia não são exclusivos da fase helênica de sua vida. Nos *Carmina minora* de Dracôntio, poeta latino do século V, na condição de sacerdotisa de Ártemis, ela voluntariamente sacrificava todos os estrangeiros chegados à Cólquida.[116] Segundo Friedrich (1966 Apud Graf 1997: 26) a fonte dessa versão seria alguma tragédia grega do século IV ou III a. C., visto o tema da ***cenoktonia*** ser bastante explorado por autores do período, como em *Ifigênia em Táuride* e *Helena* de Eurípides.[117] Para Diodoro da Sicília IV 45. 1-3 a ***cenoktonia*** era praticada em Táuride e na Cólquida por serem reinos de Perses e Eeta, ambos filhos de Hélio.[118] Além disso Medéia é sacerdotisa de Ártemis e, semelhante a Ifigênia, serve ao altar da deusa.

---

[116] Cf. Moreau (1994: 214-315). Trata-se de uma narrativa hexamétrica cujo enredo é bastante livre. Medéia, como sacerdotisa de Ártemis, poupa Jasão do sacrifício e vive com ele durante quatro anos na Cólquida. Após o nascimento dos filhos, eles roubam o velocino de ouro e fogem para Tebas, localidade não incluída em versões anteriores do mito. Possivelmente esse deslocamente geográfico se deu por uma identificação errônea entre o Creonte de Corinto e o Creonte de Tebas, sem nenhuma conexão com a história de Jasão. No poema de Dracôntio não há menção a Pélias.

[117] Em Ovídio *Metamorfoses* X 220-37 há o relato acerca do sacrifício de estrangeiros feito pelos cerastas sobre o altar de *Jupiter Hospes*.

[118] Ἐπιζητούσης δὲ τῆς ἱστορίας τὰς τῆς ξενοκτονίας αἰτίας, ἀναγκαῖον βραχέα διελθεῖν, ἄλλως τε καὶ τῆς παρεκβάσεως οἰκείας ἐσομένης ταῖς τῶν Ἀργοναυτῶν πράξεσι. φασὶ γὰρ Ἡλίου δύο γενέσθαι παῖδας, Αἰήτην τε καὶ Πέρσην· τούτων δὲ τὸν μὲν Αἰήτην βασιλεῦσαι τῆς Κολχίδος, τὸν δ' ἕτερον τῆς Ταυρικῆς, ἀμφοτέρους δὲ διενεγκεῖν ὠμότητι. καὶ Πέρσου μὲν Ἑκάτην γενέσθαι θυγατέρα, τόλμῃ καὶ παρανομίᾳ προέχουσαν τοῦ πατρός· φιλοκύνηγον δ' οὖσαν ἐν ταῖς ἀποτυχίαις ἀνθρώπους ἀντὶ τῶν θηρίων κατατοξεύειν. φιλότεχνον δ' εἰς φαρμάκων θανασίμων συνθέσεις γενομένην τὸ καλούμενον ἀκόνιτον ἐξευρεῖν, καὶ τῆς ἑκάστου δυνάμεως πεῖραν λαμβάνειν μίσγουσαν ταῖς διδομέναις τοῖς ξένοις τροφαῖς. ἐμπειρίαν δὲ μεγάλην ἐν τούτοις ἔχουσαν πρῶτον μὲν τὸν πατέρα φαρμάκῳ διαφθεῖραι καὶ διαδέξασθαι τὴν βασιλείαν, ἔπειτ' Ἀρτέμιδος ἱερὸν ἱδρυσαμένην καὶ τοὺς καταπλέοντας

Se o relato de Dracôntio é tardio, o costume de sacrificar estrangeiros foi associado à Cólquida pelo menos desde o período helenístico. Dioniso Citobráquion, mitógrafo grego do século II a. C., teria escrito um relato em prosa sobre o ciclo mítico dos argonautas cuja paráfrase chegou até nós através da *Biblioteca Histórica* de Diodoro da Sicília (IV 40-55).[119] De acordo com o autor, Eeta instituiu o culto anti-hospitaleiro seguindo recomendações proferidas pelo oráculo e escolheu sua filha para ser sacerdotisa desse ritual.[120] Na época em que a narrativa transcorre, a região do Ponto seria, segundo o historiador, habitada por nações bárbaras e hostis aos visitantes, classificadas como ***acenoi***.[121] Jasão pretendia resgatar o velocino, mesmo reconhecendo a dificuldade da tarefa, pois ansiava por fama (***dochj oregomenon***) e

---

ξένους θύεσθαι τῇ θεῷ καταδείξασαν ἐπ' ὠμότητι διονομασθῆναι. μετὰ δὲ ταῦτα συνοικήσασαν Αἰήτῃ γεννῆσαι δύο θυγατέρας, Κίρκην τε καὶ Μήδειαν, ἔτι δ' υἱὸν Αἰγιαλέα.

[119] As principais fontes sobre esse autor alexandrino são fornecidas por Diodoro da Sicília. A julgar pelas passagens III 52. 3 e III 66. 6, Dioniso Citobráquion teria escrito um relato sobre os argonautas, o deus Dioniso e muitas outras narrativas. As tentativas de explicar os mitos de forma verossímil indicam influências de Evêmero de Messena. Dessa forma, o tosão era guardado no templo e constantemente vigiado por guardas oriundos de Táuride. Por homonímia os vigias ***tauroi*** foram interpretados posteriormente como touros com cascos de bronze que deveriam ser enfrentados por Jasão durante os ***aeqla***. A ameaça da serpente vigilante e insone que protegia o tosão teria se originado do nome ***Drakwn***, atribuído a um dos guardas táurios (*Biblioteca histórica* IV 47. 3-4). Palefasto em *Histórias incríveis* já havia fornecido uma explicação semelhante no século IV a. C., certamente influenciando a leitura de Dioniso Citobráquion. Segundo o autor, Hele e Frixo fugiram de Iolco acompanhados de um amigo chamado ***Krioj*** (de onde teria surgido a história da fuga dos irmãos montados em um carneiro) e se dirigiram à Cólquida. Hele não chega ao destino final, morrendo durante a viagem. Ao alcançar o reino de Eeta, os gregos sacrificam um carneiro, lhe arrancam a pele, a revestem de ouro e oferecem a um homem chamado ***Drakwn*** para vigiá-la (cf. Tzetzes *Escólios de Alexandra* 22). Para mais informações cf. Hunter (1989: 20), Moreau (1994: 224-32), Graf (1997: 25-28).

[120] Em Diodoro IV 47.2 Eeta foi informado por um oráculo que morreria após a chegada de estrangeiros procurando pelo velocino de ouro. Em Higino *Fábulas* 22, Ele permanece no poder enquanto preservar o tosão no bosque sagrado.

[121] ***Ton de Ponton kat' ekeinouj touj xronouj perioikoumenon upo eqnwn barbarwn kai pantelwj agriwn Acenon prosagoreusasqai, cenoktonountwn twn egxwriwn touj katapleontaj.*** (I 40. 4).

esperava que grande glória fosse atribuída a seu nome no porvir.[122] No entanto o ardor demonstrado não o capacitou a ocupar a posição de líder da expedição, já que Héracles fora escolhido pela tripulação para exercer a função por conta de sua virilidade (***andreia***).[123]

De modo semelhante à versão tardia de Dracôntio, Medéia protege os estrangeiros destinados à morte por ser contrária à prática, usando seus ***farmaka*** para salvá-los e auxiliá-los a roubar o velocino (IV 46. 1-5). Durante a fuga Eeta chega a perseguir os gregos mas é morto por Meléagro, enquanto Jasão é gravemente ferido em batalha, sendo curado por uma droga à base de raízes feita pela princesa bárbara. Por duas vezes Medéia salva a vida do herói em um curto espaço de tempo.

Independente das dificuldades em conectar a história de Medéia na Cólquida com a história de Medéia em Corinto devido às diferenças de caracterização em ambas as narrativas[124], é inegável notar que nas duas versões Jasão sempre aparece à mercê de seus poderes e de suas deliberações. Cabe a ele o papel de subordinado em relação à ***andreia*** e aos interesses demonstrados pela garota, guiando seus atos ou o punindo por agir alheio à sua influência. Apolônio explora a relação de dependência do Esonida provavelmente tomando como modelo a personagem ***anandroj*** apresentada na peça de Eurípides. No entanto é importante investigar se as mais antigas versões do mito dos argonautas já o caracterizavam dessa maneira ou se estamos diante de um suposto processo de desconstrução heróica cujo início se situaria na tragédia ática do século V a. C. Para responder a essa questão é necessária uma análise minuciosa dos modos como Jasão foi retratado na literatura grega supérstite desde as mais antigas menções no período arcaico até a abundante documentação do período helenístico. Só assim teremos indícios mais seguros para discutir se o comportamento de Jasão nas *Argonáuticas* de

---

[122] ***Iasona de dochj oregomenon kai ton aqlon dusefikton men, ou kata pan d' adunaton krinonta, kai dia touto mallon auton epifanesteron esesqai dialambanonta, paraskeuasasqai ta proj thn epibolhn.*** (I 40. 5).

[123] Em sentido oposto, Jasão foi acusado de ***anandria*** em Eurípides *Medéia* 466.

[124] *The Corinthian Medea has little to do with the Medea whom epic located in Colchis and Iolcos. Herbal magic was not her concern – and far less magic of any kind. Just the opposite: whereas the Medea we meet in Iolcos could rejuvenate Aeson, the Corinthian Medea failed to immortalize her own children. (…) Many scholars have suspected that our composite story originated from the conflation of two homonyms – a Thessalian and a Corinthian Medea.* (Graf 1997: 35-38)

Apolônio se baseia em uma forma recorrente de representação da personagem ou é fruto de uma discussão programática sobre o rebaixamento da figura heróica principal em uma epopéia de elocução média.

2.2 Jasão na literatura de Homero a Píndaro

Na *Ilíada* de Homero há uma referência ao reino de Iolco em II 711-15, governado por Eumelo, neto de Pélias.[125] A viagem dos argonautas seria de conhecimento do poeta, pois em *Ilíada* VII 467-69 os aqueus receberam navios carregados de vinho enviados por Euneu, o soberano de Lemno e filho de Hipsípile e Jasão (cf. também *Ilíada* XXI 40-41 e XXIII 745).[126] A descendência ligada ao casal pressupõe a existência da expedição por conta da estadia na ilha das lemnienses. Porém a primeira menção explícita à expedição da Argo ocorre em *Odsséia* XII 69-72, quando Circe fornece a Odisseu instrução sobre qual rota seguir por mar após passar pelas

---

[125] *Os moradores de Feras, ao lado do lago de Bébide, / os da cidade bem feita de Iolco, de Gláfira e Beba, / em onze naus, com Eumelo, nascido de Admeto, chegaram. / Fora a sua mãe a divina entre todas as jovens, Alceste, / a mais formosa de quantas nasceram de Pélias guerreiro.*

Οἳ δὲ Φερὰς ἐνέμοντο παραὶ Βοιβηΐδα λίμνην / Βοίβην καὶ Γλαφύρας καὶ ἐϋκτιμένην Ἰαωλκόν, / τῶν ἦρχ' Ἀδμήτοιο φίλος πάς ἕνδεκα νηῶν / Εὔμηλος, τὸν ὑπ' Ἀδμήτῳ τέκε δῖα γυναικῶν / Ἄλκηστις Πελίαο θυγατρῶν εἶδος ἀρίστη.

[126] *Nisso chegaram de Lemno navios inúmeros, cheios / de vinho rútilo, todos de Euneu e por ele enviados, / filho do chefe de povos, Jasão e de Hipsípile bela.*

νῆες δ' ἐκ Λήμνοιο παρέσταν οἶνον ἄγουσαι / πολλαί, τὰς προέηκεν Ἰησονίδης Εὔνηος, / τόν ῥ' ἔτεχ' Ὑψιπύλη ὑπ' Ἰήσονι ποιμένι λαῶν.

Segundo o escoliasta de *Ilíada* VII 468, Homero, ao citar Euneu, demonstra conhecer alguma versão da história dos argonautas (***oti kai ta Argonautika oiden***). Demétrio de Cépsis, ao contrário, defendia que Homero ignorava a ocorrência da viagem de Jasão pelo Fásis, mas para Estrabão (I 2. 38-40) essa afirmação estava em desacordo com as referências feitas ao herói na *Ilíada* e na *Odisséia*. Segundo o geógrafo, a navegação dos argonautas seria do conhecimento de todos (***twn de peri ton Iasona sumbantwn kai thn Argw kai touj Argonautaj, twn men omologoumenwn para pasin***) e teria ocorrido de fato. Vários monumentos comemorativos como o templo de Frixo na Cólquida e o santuário de Jasão na Armênia, na Média e nas regiões vizinhas forneceriam uma dimensão histórica ao evento. Porém a viagem não seria motivada pela busca do velocino, mas sim pelas riquezas em prata, ouro e ferro que a região da Cólquida oferecia (***kai o ploutoj thj ekei xwraj ek twn xruseiwn kai argureiwn kai sidhreiwn kai dikaian tina upagoreuei profasin thj strateiaj, kaq' hn kai o Fricoj proteron esteile ton ploun touton***). Conhecendo essa história, Homero teria criado a ilha Eea (***Aiaih***, derivada da cidade de ***Aih*** na Cólquida) e, baseado em Medéia, a feiticeira Circe (***kai para thn Mhdeian thn Kirkhn farmakida poi$***).

sirenas. Ao descrever as rochas que se entrechocam[127] e a quase impossibilidade de atravessá-las, a feiticeira faz uma pequena ressalva:

Uma, somente, das naves velozes passar conseguiu,
Argo, que todos celebram nos cantos, de volta de Eeta.
Esta também contra o imano penedo seria lançada
se Hera, por ser afeiçoada a Jasão, não servisse de guia.[128]

---

[127] A referência às Planctas (***Plagktai***, cf. *Odisséia* XII 61) nessa passagem gerou identificações equivocadas na Antigüidade. Provavelmente Circe se refere às rochas posteriormente situadas no Bósforo, famosas por serem dotadas de movimento e constantemente se entrechocarem ameaçando qualquer tentativa de travessia. São conhecidas como Simplégades (***Sumplhgadej***, cf. Eurípides *Ifigênia em Táuride* 260, 355 e 1389; *Medéia* 2 e 163) ou simplesmente Plégades (***Plhgadej***, cf. Apolônio de Rodes *Argonáuticas* II 596 e 645). O nome deriva do verbo ***plhssw***, denotando a idéia de colisão explorada na história dos argonautas. Para o escoliasta de *Ifigênia em Táuride* 124-24 o choque entre as rochas seria causado por um erro de visão. A menção feita em *Odisséia* XII 62-65 às pombas que voam – nem sempre com êxito – pelas pedras levando ambrosia a Zeus seria aludida em *Argonáuticas* II 555-72, quando, seguindo as instruções de Fineu (II 328-31), Eufemo solta da proa uma ave para testar a viabilidade da travessia (sobre a presença da pomba no *Fineu* de Sófocles, cf. Asclépio de Trágilo 12F2 e 12F31 Jacoby). Nas *Argonáuticas* essas rochas são freqüentemente chamadas de ***Kuaneai*** (cf. I 2-3; II 317-18, 770; IV 304, 1002-3; cf. também Sófocles *Antígona* 966 e Heródoto IV 85). Píndaro trata do episódio em *Pítica* IV 207-11 ao abordar brevemente a viagem empreendida rumo à Cólquida, chamando as Simplégades de ***sundromwn petran*** (cf. *Argonáuticas* II 346). Já Simônides, segundo o escoliasta de *Medéia* 2, usaria o termo ***sunormadej*** (cf. fr. 546 PMG), apesar de nada sabermos sobre o contexto no qual haveria essa referência. Homero, ao contrário, situa o obstáculo durante o retorno a Iolco (***par' Aihtao***, cf. *Odisséia* XII 70), estabelecendo um trajeto não explorado em relatos posteriores (cf. ***S*** *Pítica* IV 370 sobre o deslocamento da rota em Homero). Apesar da identificação errônea feita na Antigüidade entre as Simplégades e as Planctas – cujo nome deriva de ***plazw*** por conta de seu constante movimento –, percepítvel em Heródoto IV 85, ***S*** *Odisséia* XII 69, Eratóstenes (cf. ***S*** *Medéia* 2), Arriano *Périplo do Ponto Inospitaleiro* 25 e Plínio *História Natural* VI 13, Apolônio faz uma clara distinção entre os dois episódios, situando as "rochas ambulantes" em pleno Mar Tirrênio (cf. *Argonáuticas* IV 920-63). Estrabão também estabelece uma distinção entre as duas em *Geografia* I 2. 10. Para mais informações consultar Seaton (1882: 433-40), Vian (1976: 150-54), Braswell (1988: 290-91), Knight (1995: 210-16) e West (2005: 39-43).

[128] οἴη δὴ κείνῃ γε παρέπλω ποντοπόρος νηῦς / Ἀργὼ πᾶσι μέλουσα, παρ᾽ Αἰήταο πλέουσα· / καί νύ κε τὴν ἔνθ᾽ ὦκα βάλεν μεγάλας ποτὶ πέτρας, / ἀλλ᾽ Ἥρη παρέπεμψεν, ἐπεὶ φίλος ἦεν Ἰήσων.

(Homero *Odisséia* XII 69-72)

Dois importantes pontos devem ser observados neste trecho. Em primeiro lugar, a proteção de Hera para a segurança e o sucesso da missão, dado recorrente nas abordagens posteriores do mito.[129] Em segundo lugar, o uso do particípio ***melousa*** no verso 70 sugerindo a fama que a nau Argo – e conseqüentemente a tripulação por ela transportada – teria no período em que os poemas homéricos foram compostos. O verbo ***melw*** pode designar algo ou alguém que se torna objeto de preocupação ou conhecimento. Dessa forma Odisseu se apresenta aos feácios afirmando ser conhecido entre os homens por todas as formas de dolo (***oj pasi doloisin*** / ***anqrwpoisi melw***, cf. *Odisséia* IX 19-20, Teógnis 245, Píndaro *Olímpicas* X 14, Eurípides *Andrômaca* 850 e *Troianas* 842). Grande é o renome de Odisseu por seu desempenho em Tróia, antes mesmo do retorno a Ítaca (*Odisséia* VIII 503), atestando o sentido preciso do verbo ***melw*** na passagem em questão. Os feácios conheciam a fama do herói por meio de cantos que celebravam seu nome e seus feitos (*Odisséia* VIII 72-82 e 499-520), contudo não identificaram naquele estrangeiro náufrago o itacense cuja astúcia possibilitou ao exército aqueu penetrar os muros de Tróia. Se a nau Argo é conhecida por todos (***Argw pasi melousa***, cf. *Odisséia* XII 70), é provável que eventos relacionados à expedição dos argonautas fossem objeto de canto por todo o território grego. Como infere West (1985: 137-38), haveria, paralelo ao ciclo mítico troiano, um ciclo de histórias relacionado a Iolco servindo de matéria para a poesia heróica arcaica, abrangendo Pélias e seus jogos fúnebres, Jasão e a travessia da nau Argo.[130]

---

[129] Cf. Píndaro *Pítica* IV 184-85, Apolodoro I 9. 16, Apolônio de Rodes *Argonáuticas* I 14 e III 61-75 e Ferecides 3F15 Jacoby.

[130] *The genealogies are not homogeneous. They contain folk tale, fiction, and saga in very varying proportions. These variations reflect the different sorts of material that were available in different regions for the construction of genealogies. The major variable is saga, by which I mean quasi-historical legend about wars or family feuds, the stuff of heroic poetry. The body of Greek heroic poetry seems to have been made up of four more or less independent cycles: an Iolkos cycle; an Aetolian-Elean-Pylian cycle; a Theban cycle; a Troy cycle. In calling these cycles independent I do not mean that there was no interaction between them. But the events with which each cycle was concerned were quite unconnected with the events treated in the other cycles, involved a different set of heroes, and took place in different*

Há mais duas referências implícitas ao ciclo dos argonautas na *Odisséia*. Em XI 253-59 Odisseu vislumbra no Hades a ***yuxh*** de Tiro, filha de Salmoneu e mãe de Pélias (unida ao deus Posêidon) e de Esão (unida ao mortal Creteu).[131] Em X 135-39 Odisseu aporta na ilha de Circe, a irmã de Eeta, descrito como o de espírito funesto (***oloofronoj***).[132]

A localização na qual a história dos argonautas se passa é fornecida por Hesíodo em *Teogonia* 340, ao listar os rios descendentes da união entre Tétis e Oceano, dentre eles o Fásis. A menção ao mesmo rio volta a aparecer no *Catálogo das Mulheres* fr. 241 M. W. A partir deste fragmento podemos inferir em qual espaço a expedição transcorre no quadro de uma geografia mítica, já que, após cruzar o Mar Negro, Argo navegou pelo Fásis, desembocou no Oceano e alcançou a Líbia, onde os heróis carregaram o navio nos ombros até chegarem ao Mar Mediterrâneo.[133]

---

regions. They must be the properties of separate poetic traditions that developed independently in different parts of Greece in that period of regional isolationism which we call the Dark Age.

[131] *Tendo isso dito, mergulha de novo no mar ondulante. / Grávida tendo ficado, foi mãe de Neleu e de Pélias, / que, como servos robustos de Zeus poderoso, cresceram. / Pélias em Iolco de extensas planícies o mando exercia, / rico em rebanhos; mas o outro, no chão arenoso de Pilo. / Mais outros filhos a esposa imperial de Creteu pôs no mundo: / Ésone, o claro Ferete e o ginete valente Amitátone.*

ὣς εἰπὼν ὑπὸ πόντον ἐδύσετο κυμαίνοντα. / ἡ δ' ὑποκυσαμένη Πελίην τέκε καὶ Νηλῆα, / τὼ κρατερὼ θεράποντε Διὸς μεγάλοιο γενέσθην / ἀμφοτέρω· Πελίης μὲν ἐν εὐρυχόρῳ Ἰαολκῷ / ναῖε πολύρρηνος, ὁ δ' ἄρ' ἐν Πύλῳ ἠμαθόεντι. / τοὺς δ' ἑτέρους Κρηθῆς τέκεν βασίλεια γυναικῶν, / Αἴσονά τ' ἠδὲ Φέρητ' Ἀμυθάονά θ' ἱππιοχάρμην.

[132] *Fomos, depois, aportar à ilha Eéia, onde tinha morada / Circe, de tranças bem feitas, canora e terrível deidade, / que era de Eeta irmã, feiticeiro de espírito escuro, / pois ambos foram nascidos do Sol que os mortais ilumina, / quando com Persa se unira, que foi pelo Oceano gerada.*

Αἰαίην δ' ἐς νῆσον ἀφικόμεθ'ῥ ἔνθα δ' ἔναιε / Κίρκη ἐϋπλόκαμος, δεινὴ θεὸς αὐδήεσσα, / αὐτοκασιγνήτη ὀλοόφρονος Αἰήταο· / ἄμφω δ' ἐκγεγάτην φαεσιμβρότου Ἠελίοιο / μητρός τ' ἐκ Πέρσης, τὴν Ὠκεανὸς τέκε παῖδα.

[133] Ἡσίοδος δὲ καὶ Πίνδαρος ἐν Πυθιονίκαις καὶ Ἀντίμαχος ἐν Λύδῃ διὰ τοῦ ὠκεανοῦ φασιν ἐλθεῖν αὐτοὺς εἰς Λιβύην, καὶ βαστάσαντας τὴν Ἀργὼ εἰς τὸ ἡμέτερον πέλαγος ⟨παρα⟩γενέσθαι.

Segundo Hecateu de Mileto (1F18a Jacoby), Argo cruzaria o Fásis até o Oceano para desembocar no Nilo e finalmente alcançar o Mediterrâneo (Ἑκαταῖος δὲ ὁ Μιλήσιος ἐκ της Φάσιδος διελθεῖν εἰς τὸν Ὠκεανόν, εἶτα ἐκεῖθεν εἰς τὸν Νεῖλον, ὅθεν εἰς τὴν ἡμετέραν θάλασσαν). Para mais informações sobre a rota adotada por Apolônio, cf. Delage (1930), Pearson (1938: 443-59) e Ensdjo (1997: 373-85).

Em *Teogonia* 956-62 Hesíodo expõe a genealogia de Eeta e pela primeira vez menciona o nome de Medéia.[134] Em Mimnermo fr. 11.2 W a região na qual repousa o velocino de ouro se chama ***Aih***, de onde o nome ***Aihthj*** derivaria.[135] Para West (1966: 419), *Eeta parece simplesmente ser o homem de Ea.* Da mesma forma sua irmã Circe possui o epíteto ***Aiaih*** (*Odisséia* IX 31-32 e XII 268 e 273), pois habitava a ***nhsoj Aiaih*** (cf. *Odisséia* X 135, XI 70 e XII 3). Em *Argonáuticas* II 417-18 Ea é considerada uma cidade pertencente ao reino da Cólquida, localizado *nos extremos limites do mar e da terra* (***Aia de Kolxij*** / ***pontou kai gaihj epikeklitai esxati$sin***). Semelhante localização já ocorre em *Argonáuticas* I 84-85, ao se afirmar que a distância entre a Cólquida e a Líbia é idêntica ao espaço entre o nascer e o pôr do sol, ou seja, uma está situada no extremo leste e a outra no extremo oeste.[136]

Medéia reaparece em *Teogonia* 992-1002, quando o poeta menciona a união com Jasão e o nascimento do filho Medéio.[137] Sua inserção em um catálogo de deusas

---

[134] Todas as citações da *Teogonia* foram extraídas da tradução de Jaa Torrano (Hesíodo 1995).

Do Sol incansável a ínclita Oceanina / Perseida gerou Circe e o rei Eeta. / Eeta, filho do Sol ilumina-mortais, / desposou a virgem do Oceano rio circular / Sábia de belas faces, por desígnios dos Deuses. / Ela pariu Medéia de belos tornozelos, subjugada em amor graças à áurea Afrodite.

᾿Ηελίῳ δ' ἀκάμαντι τέκε κλυτὸς ᾿Ωκεανίνη /Περσηὶς Κίρκην τε καὶ Αἰήτην βασιλῆα. / Αἰήτης δ' υἱὸς φαεσιμβρότου ᾿Ηελίοιο / κούρην ᾿Ωκεανοῖο τελήεντος ποταμοῖο / γῆμε θεῶν βουλῇσιν, ᾿Ιδυῖαν καλλιπάρηον· / ἣ δή οἱ Μήδειαν ἐύσφυρον ἐν φιλότητι / γείναθ᾿ ὑποδμηθεῖσα διὰ χρυσῆν ᾿Αφροδίτην.

[135] *Nem, um dia, o grande velocino traria, o próprio Jasão, / de Ea, perfazendo doloroso caminho, para o orgulhoso Pélias realizando penosa luta, / nem sobre a do Oceano bela corrente chegariam.* (fr. 11W)

οὐδέ κοτ' ἂν μέγα κῶας ἀνήγαγεν αὐτὸς ᾿Ιήσων / ἐξ Αἴης τελέσας ἀλγινόεσσαν ὁδόν, / ὑβριστῆι Πελίηι τελέων χαλεπῆρες ἄεθλον, / οὐδ᾿ ἂν ἐπ᾿ ᾿Ωκεανοῦ καλὸν ἵκοντο ῥόον.

De Eeta à cidade, onde do veloz Sol / os raios jazem em dourada câmara, / do Oceano junto às bordas, onde chegou o divino Jasão. (fr. 11aW)

Αἰήταο πόλιν, τόθι τ' ὠκέος ᾿Ηελίοιο / ἀκτῖνες χρυσέωι κείαται ἐν θαλάμωι / ᾿Ωκεανοῦ παρὰ χεῖλος, ἵν᾿ ὤιχετο θεῖος ᾿Ιήσων.

Tradução de Teodoro Rennó Assunção e Jacyntho Lins Brandão.

[136] De acordo com o escoliasta de *Argonáuticas* II 413-18c, Ea seria uma cidade da Cólquida situada nos confins da terra habitada (ἡ Αἶα πόλις τῆς Κολχίδος, αὕτη ἐπ᾿ ἐσχάτοις κεῖται τῆς οἰκουμένης).

[137] *Virgem de Eeta sustentado por Zeus, / o Esonida por desígnios dos Deuses perenes / levou-a de Eeta após cumprir gemidosas provas, / as muitas impostas pelo grande rei soberbo / o insolente Pélias estulto e de obras brutais. / Cumpriu-as, e chegou a Iolcos após muito penar / o Esonida, levando em seu navio*

sugere natureza imortal (cf. Álcman fr. 163 PMG e Píndaro *Pítica* IV 11), contudo em um período posterior a condição humana prevalecerá, como se nota no casamento com Aquiles nos Campos Elísios (cf. Íbico fr. 291 PMG e Simônides fr. 558 PMG).[138]

Nesta passagem da *Teogonia* temos, pela primeira vez, um relato breve de parte dos eventos ocorridos durante a expedição dos argonautas. Tal como a união de Eeta com Idia (*Teogonia* 958-60), Jasão leva Medéia consigo por desígnio dos deuses (***boul$si qewn***, cf. 993). As tarefas realizadas na Cólquida seriam impostas por Pélias, caracterizado como violento (***ubristhj***, semelhante aos pretendentes de Penélope em *Odisséia* VI 120, IX 175 e XIII 201, ou aos centauros em Sófocles *Traquínias* 1096), insensato (***atasqaloj***, semelhante aos pretendentes de Penélope em *Odisséia* IV 693 ou aos homens da raça de prata em *Trabalhos e dias* 134) e de obras violentas (***obrimoergoj***, como Aquiles na visão de Príamo, após assassinar Heitor em *Ilíada* XXII 418). Mimnermo fr. 11. 3 W alude aos ***aeqla*** como igualmente exigidos por Pélias, também denominado ***ubristhj***. Se em Mimnermo a tarefa designada a Jasão é de difícil cumprimento (***ubrist$ Peli$ telewn xalephrej aeqlon***), em *Teogonia* 994 ela provoca sofrimentos (***stonoentaj aeqlouj***), de modo semelhante às lutas travadas por Héracles (***stonoentaj aeqlouj***, cf. *Teogonia* 951).[139] Não é possível detectar se Jasão encabeçaria a expedição dos argonautas desejoso por adquirir renome ou seria compelido a realizá-la. A adjetivação conferida a Pélias é possivelmente justificada pela usurpação do trono de Iolco (cf. Píndaro *Pítica* IV 106-16 e Pausânias IV 2. 5) e pela intenção de impor ao herdeiro real uma expedição

---

veloz / a virgem de olhos vivos, e desposou-a florescente. / Ela, submetida a Jasão pastor de homens, / pariu Medéio, criou-o nas montanhas Quíron / Filirida, e cumpriu-se o intuito do Grande Zeus.

κούρην δ' Αἰήταο διοτρεφέος βασιλῆος / Αἰσονίδης βουλῇσι θεῶν αἰειγενετάων / ἦγε παρ' Αἰήτεω, τελέσας στονόεντας ἀέθλους, / τοὺς πολλοὺς ἐπέτελλε μέγας βασιλεὺς ὑπερήνωρ, / ὑβριστὴς Πελίης καὶ ἀτάσθαλος ὀβριμοεργός· / τοὺς τελέσας ἐς Ἰωλκὸν ἀφίκετο πολλὰ μογήσας / ὠκείης ἐπὶ νηὸς ἄγων ἑλικώπιδα κούρην / Αἰσονίδης, καί μιν θαλερὴν ποιήσατ' ἄκοιτιν. / καί ῥ' ἥ γε δμηθεῖσ' ὑπ' Ἰήσονι ποιμένι λαῶν / Μήδειον τέκε παῖδα, τὸν οὔρεσιν ἔτρεφε Χείρων / Φιλλυρίδης· μεγάλου δὲ Διὸς νόος ἐξετελεῖτο.

[138] ὅτι δὲ Ἀχιλλεὺς εἰς τὸ Ἠλύσιον πεδίον παραγενόμενος ἔγημε Μήδειαν, πρῶτος Ἴβυκος εἴρηκε, μεθ' ὃν Σιμωνίδης. (cf. ***S*** *Arg.* IV 814-15). Sobre a origem divina de Medéia, cf. Moreau (1994: 101-15).

[139] O adjetivo ***stonoeij*** é associado à guerra em *Odisséia* XI 383 e Hesíodo *Escudo de Héracles* 127.

marítima cujo êxito era tido como inviável.[140] Apesar das dificuldades, as provas foram cumpridas e o herói pôde voltar a Iolco acompanhado de Medéia, após muito penar em seu trajeto de retorno (***afiketo polla moghsaj***, como os sofrimentos de Odisseu por mar até encontrar a ilha dos feácios em *Odisséia* XXIII 338). Jasão fez de Medéia sua esposa florescente (***qalerhn poihsat' akoitin***), no entanto não sabemos em qual circunstância a garota partiu com os argonautas, se fugindo ou com a permissão do pai. Da união somente um filho é mencionado, Medéio, considerado posteriormente o rei dos medos (Ésquilo *Persas* 765, Diodoro da Sicília IV 55, Apolodoro I 9. 28).

O destaque dado à liderança de Jasão se verifica no emprego de uma expressão que lhe é costumeiramente – mas não exclusivamente – associada: pastor de povos (***poimena lawn***, cf. 1000). A mesma fórmula aparece em Hesíodo fr. 40 M. W. quando são mencionados os ensinamentos do centauro Quirão ao herói em formação.[141] Segundo o escoliasta de *Ilíada* II 85, a expressão se deve a uma hierarquia de comando. Aquele que detém mais poder necessariamente deverá ser o mais prudente de todos os chefes, de forma idêntica a um pastor em relação ao rebanho.[142] Sendo, portanto, tal título adequado a um soberano ou chefe militar na função de responsável e ordenador dos subordinados, a constante atribuição a Jasão indica ênfase dada ao comando por ele desempenhado em relação aos demais.[143]

---

[140] Contudo notar que em Apolônio *Argonáuticas* I 902-3 Jasão não pretende reivindicar o trono de Iolco, mas só deseja poder residir tranqüilamente em sua pátria após o retorno.

[141] Αἴσων, ὃς τέκεθ' υἱὸν Ἰήσονα ποιμένα λαῶν, / ὃν Χείρων ἔθρεψ' ἐνὶ Πηλίωι ὑλήεντι.

Em Homero há cinqüenta e seis ocorrências do epíteto ***poimena lawn***, atribuídas, além de Jasão (*Il.* VII 469), a diferentes heróis como Agamêmnon (*Il.*II 85, VII 230, XIV 22, XXIV 554; *Od.* III 156, XIV 497), Heitor (*Il.* X 406), Nestor (*Il.* XXIII 411, *Od*. XI 151, XVII 109), Aquiles (*Il.* XVI 2) e Menelau (*Od.* IV 24).

[142] ποιμένι λαῶν: δεῖ γὰρ τὸν ἄρχοντα τοσοῦτον εἶναι τῶν ἀρχομένων προνούστερον ὅσον ποιμένα προβάτων. λέγει δὲ τὸν Ἀγαμέμνονα.

[143] Apolônio de Rodes não faz uso dessa expressão em nenhuma passagem das *Argonáuticas.* Agamêmnon é chamado de ***probatognwmwn*** pelo coro quando retorna a Argos ao final da Guerra de Tróia em Ésquilo *Agamêmnon* 795. A metáfora se baseia na equiparação do rei a um bom pastor que tudo sabe em relação a seus subordinados. Em Platão *Político* 265d o ***basileuj*** pastoreia um rebanho desprovido de chifres (***kolobon agelhn tina keratwn nomeuei***) e em 267e-268b o estadista é chamado de pastor da humanidade (***anqrwpina nomeusin***) por caber a ele, na condição de boiadeiro (***bouforboj***), zelar por todas as necessidades do povo. Comparação semelhante aparece em Xenofonte

Por fim, a última informação relevante acerca do tratamento dado ao mito dos argonautas na poesia hesiódica está presente em ***S*** *Argonáuticas* I 45-47a. Segundo o escoliasta, nem Hesíodo, nem Homero ou Ferecides teriam incluído Íficlo entre os tripulantes.[144] De acordo com Apolônio, o herói é tio materno do Esonida (***mhtrowj Aisonidao***, cf. I 46) e, portanto, irmão de Alcimede.[145] A informação sobre sua ausência sugere haver, em algum poema ou texto atribuído aos três autores aludidos, uma espécie de catálogo de heróis participantes da expedição. Tal informação corrobora a tese de que o ciclo dos argonautas e o ciclo troiano coexistiram como matérias distintas e possivelmente intercambiáveis no contexto de composição oral anterior ao período arcaico.[146]

Contudo não há vestígio preservado até o período helenístico de uma narrativa hexamétrica dedicada exclusivamente à viagem da nau Argo. A mais antiga epopéia a tratar do assunto foram as *Corintíacas* de Eumelo (século VII a. C.), porém o poema abordaria incidentalmente a missão dos argonautas durante o relato sobre a história da cidade de Corinto. Segundo West, *parece, então, que as* Argonáuticas *conhecidas pelo*

Ciropedia I 1. 2, Ésquilo *Suplicantes* (***nawn poimenej***) e *Persas* 241 (***poimanwr***) e Eurípides *Suplicantes* 674-75 (***poimenej d' oxwn tetraorwn***).

[144] οὔτε Ὅμηρος οὔτε Ἡσίοδος οὔτε Φερεκύδης λέγουσι τὸν Ἴφικλον συμπεπλευκέναι τοῖς Ἀργοναύταις.

[145] Desde Homero a fama de Íficlo decorria da extrema velocidade alcançada (*Ilíada* XXIII 636, cf. também Hesíodo fr. 19 M. W.).

[146] Há ainda outras referências ao ciclo dos argonautas no *Catálogo das mulheres* de Hesíodo. Notamos a presença de Frixo, Hele e do carneiro e a tentativa de Atamante sacrificar os próprios filhos (fr. 68-69 M. W.), além da menção a Fineu (fr. 138 e 157 M. W.) e à perseguição pelas Harpias (***ton Finea upo twn Arpuiwn agesqai***, fr. 151 M. W.). Em outros poemas atribuídos a Hesíodo, são descritos acontecimentos anteriores ao início da expedição. No fr. 254 M. W. Fineu fora cegado por revelar a Frixo o caminho a seguir até a Cólquida; no fr. 255 M. W. são nomeados os quatro Frixidas, dentre os quais Argo, também mencionado no fr. 256 M. W. O sacrifício do carneiro realizado por Frixo, a purificação do velocino e a acolhida no palácio de Eeta são relados no fr. 299 M. W. (***aggelon fhsi Ermhn upo tou Dioj pemfqhnai keleuonta decasqai ton Frixon, ina thn Aihtou qugatera ghm$. o de ton Aigimion poihsaj dia <to> deraj auton auqairetwj fhsi prosdexqhnai. Legei de oti meta thn qusian agniaj to deraj outwj esteixen eij touj Aihtou domouj, to kwaj exwn***). Por fim, no *Casamento de Ceice*, Héracles teria abandonado a nau Argo em Afetas, na Magnésia (fr. 263 M. W.).

poeta da Odisséia *circulavam somente de forma oral ou, se foram fixadas por escrito, desapareceram antes do período Helenístico* (2005: 40). Inúmeros contatos entre ambos os ciclos míticos podem ser inferidos a partir das semelhanças ou relações existentes entre episódios ocorridos durante as travessias marítimas de Odisseu e Jasão, como no caso das Simplégades, de Circe, das sirenas ou dos feácios.[147] Na ausência de material sobre os argonautas, só podemos pressupor o conteúdo dessas narrativas a partir de referências nos poemas do período arcaico e clássico preservados integral ou parcialmente. Jasão atingiria a região de Ea através do Fásis, encontraria Eeta, seria compelido a cumprir alguns ***aeqla*** e obteria o velocino de ouro com o provável auxílio de Medéia, de quem se tornaria marido ao retornar à Grécia. Toda a missão contaria com o apoio de Hera, fato já atestado por Homero em *Odisséia* XII 72. Mas é impossível tecer qualquer tipo de comentário mais específico sobre o papel de Jasão para o cumprimento da missão e sobre a colaboração de Medéia para seu êxito.

As *Corintíacas* narrariam, com alguma extensão, a viagem dos argonautas em conexão com a história da cidade de Corinto. Não sabemos qual seria o espaço dado ao evento e de que maneira precisa ele estaria ligado ao tema principal da epopéia, todavia um número significativo de fragmentos relacionados a Jasão e à expedição à Cólquida – pela primeira vez mencionada com esse nome[148] – sugere certo destaque. Segundo o escoliasta de *Argonáuticas* III 1354-56a, os versos dedicados ao surgimento dos

---

[147] Cf. Knight (1995: 122-266) e West (2005: 39-64).

[148] Segundo West (2005: 41) *Aea was not yet identified with the real land of Colchis in Georgia, and the river Phasis that featured in the myth was not yet identified with the Colchian river Rion. The identification with Colchis first appears in Eumelus, and there is no reason to suppose that it preceded Greek settlement in Colchis. This appears to date only from the middle of the sixth century, though the region was no doubt visited sporadically before that.* Heródoto (II 104-5) afirma que os colcos são originários do Egito, descendentes de membros do exército de Sesóstris, fato demonstrável, segundo o historiador, não somente pela pele escura, mas também pela prática da circuncisão e pela semelhança entre os costumes e a língua (cf. também Diodoro da Sicília XI 2. 17). Em IV 37 a Cólquida é localizada na Ásia, após a região habitada pelos sáspeiros, e seu território chegaria até o Mar Negro (chamado ***boreihn qalassan***), onde o rio Fásis desembocaria. Estrabão a situa ao leste da Armênia (XI 14. 4) e ao norte da Capadócia (XII 1. 1). Mais referências à Cólquida e seus habitantes em Píndaro *Pítica* IV 212, Ésquilo *Prometeu* 413, Eurípides *Medéia* 2 e 132, Platão *Eutidemo* 285c, Xenofonte *Anábase* IV 8. 8-9 e Estrabão XI 2. 18.

nascidos da terra armados na planície de Ares derivariam das *Corintíacas* de Eumelo.[149] Porém não se trataria de uma descrição da cena feita pelo narrador, mas da fala de Medéia endereçada ao adivinho Idmão (***par"% fhsi Mhdeia proj Idmona***). Esta é a primeira menção explícita às provas impostas a Jasão para a aquisição do velocino. Os ***stonoentaj aeqloujj*** aludidos em Hesíodo *Teogonia* 994 não são claros e podem se reportar tanto às tarefas empreendidas em solo colco quanto às dificuldades encontradas pelos heróis ao singrarem o mar. Em Eumelo não resta dúvida de que foram impostas a Jasão tarefas a serem cumpridas, embora não seja possível saber exatamente quais teriam sido. A alusão aos nascidos da terra implica no ato de, ao menos, semear os dentes de dragão. Quanto aos touros com cascos de bronze e que cospem fogo, subjugados para arar o terreno, sua presença não pode ser garantida.

A descrição de Medéia sobre os nascidos da terra a Idmão sugere alguma espécie de vínculo entre a garota e os argonautas, justificando o possível conselho ou instrução de como se portar para derrotá-los durante as provas (cf. Apolônio *Argonáuticas* III 1026-62, precisamente sobre os nascidos da terra em 1052-66). Podemos inferir, portanto, que desde as mais antigas versões do mito conhecidas a ajuda de Medéia seria parte integrante da narrativa e condição *sine qua non* para o êxito de Jasão.

No entanto não é possível afirmar com precisão quanto do mito dos argonautas seria relatado nessa epopéia, nem se os eventos estariam dispostos em uma narrativa contínua, já que o foco central das *Corintíacas* não era a expedição à Cólquida. O vínculo entre a história de Corinto e a família dos eólidas é estabelecido por meio de Eeta. Segundo Eumelo, o filho de Hélio seria soberano em Éfira (antigo nome da cidade de Corinto, cf. fr. 1-2 e 4 K), contudo migrou para a Cólquida (fr. 2 K)[150] tornando-se monarca local. Daí decorreria a conexão entre Jasão, Medéia e o reino de Corinto, pois quando o trono da cidade se tornou vago, a princesa colca foi chamada de Iolco para assumir o poder real. Talvez este seja o vínculo entre as *Corintíacas* e a viagem dos

---

[149] [τὸν δ' ἕλεν ἀμφασίη·] οὗτος καὶ οἱ ἑξῆς στίχοι εἰλημμένοι εἰσὶ παρ' Εὐμήλου, παρ' ᾧ φησι Μήδεια πρὸς Ἴδμονα.

[150] ***All" ote d" Aihthj kai Alweuj ecegeneto / Heliou te kai Antiophj, tote d" andixa xwrhn / dassato paisin eoij Uperionoj aglaoj uioj. / hn men ex" Aswpoj, tauthn pore di% Alwei: / hn d" Efurh kteatiss", Aiht$ dwken apassan / Aihthj d"ar" ekwn Boun% paredwke fulassein, / eisoken autoj ikoit" h ec autoio tij alloj, / h paij h uiwnoj: o d" iketo Kolxida gaian.***

argonautas, pois, como sugere Braswell, *para contar como Medéia veio para Iolco Eumelo deve ter relatado algo da história dos argonautas.* (1988: 11). Dado o uso textual que Apolônio fez dessa epopéia para a composição das *Argonáuticas*, provavelmente a expedição à Cólquida teria alguma proeminência na narrativa de Eumelo.

Segundo Pausânias II 3. 10-11, tomando como base o ***epoj*** de Eumelo, Jasão se tornou soberano de Corinto através do direito de sua esposa ocupar o trono vago. Contudo a separação do casal não se daria por infidelidade marital, mas motivada por uma tentativa frustrada de Medéia tornar os filhos imortais depositando-os no santuário de Hera, como já foi mencionado anteriormente. As crianças acabaram morrendo e Jasão retornou a Iolco insensível às súplicas da mulher. Em Corinto, no período arcaico, havia o culto a Hera Akraia cuja fundação estava associada a Medéia.[151] Segundo o escoliasta de *Medéia* 1385, durante a festividade anual eram feitas oferendas à deusa e às crianças mortas (cf. também Zenóbio I 27).[152] Em *Medéia* 1378-79 a feiticeira diz que sepultará os filhos no santuário de Hera Akraia (***ej Hraj temenoj Akraiaj qeou***), sugerindo algum tipo de proximidade com a deusa. Pausânias II 3. 6-7 menciona um culto existente em Corinto dedicado aos filhos de Medéia assassinados violentamente pelos locais, em acordância com o ***penqimoj eorth*** citado pelo escoliasta de *Medéia* 1379. Segundo o comentador, durante a cerimônia na qual faziam sacrifícios propiciatórios às crianças mortas, sete garotos e sete garotas eram enviados ao templo de Hera Akraia para passarem um ano servindo à deusa (cf. ***S*** *Medéia* 264 e 1382; Eliano *História Variada* V 21).

A relação entre Medéia e Hera é apresentada por Eumelo no fr. 3 K**,** quando a mãe busca o auxílio da deusa para imortalizar os filhos. Contudo é perceptível a diferença existente entre a Medéia representada no mito dos argonautas e sua versão homônima coríntia. Se a personagem colca é associada à feitiçaria (*Argonáuticas* III 477-78, 529-33 e IV 50-53), sendo capaz de rejuvenescer Esão por meio de seus ***farmaka***, a coríntia permanece à mercê de Hera e, por ser inábil no uso das drogas, é incapaz de imortalizar ou trazer de volta à vida os próprios filhos. É possível que tenha

[151] Cf. Dunn (1994: 103-15) e Johnston (1997: 44-70).

[152] λιμωξάντων Κορινθίων ἔχρησεν ὁ θεὸς τιμῆσαι τοὺς τῆς Μηδείας παῖδας. ἐγὼ οὖν, φησὶ, περιποιήσω αὐτοῖς πάνδημον ἑορτήν·

ocorrido a identificação de duas distintas personagens homônimas (cf. Lesky 1931: 48-50). Para Johnston (1997: 65-66) esta associação se deu no início do período arcaico, motivada pela intenção das cidades conectarem mitos locais às narrativas épicas pan-helênicas, levando à assimilação de uma figura coríntia de expressão regional com a personagem de um ***epoj*** amplamente conhecido.[153] Portanto a relação entre Jasão e Corinto – e seu direito ao trono em virtude da ascendência da esposa – decorreria da identificação tardia entre a Medéia colca com sua homônima coríntia. As aventuras envolvendo o Esonida pertenceriam originalmente a um ciclo mítico tessálico.[154]

A história dos argonautas também seria abordada nas *Naupácticas*, um ***epoj*** genealógico do século VI a. C. definido por Pausânias como *um poema sobre mulheres* (***epesin … pepoihmenoij ej gunaikaj***, cf. X 38. 11). Talvez fosse um poema hexamétrico muito próximo ao *Catálogo das mulheres*, possivelmente atribuído a Carcino de Náupacto, apesar de Pausânias discordar da autoria questionando o próprio título conferido à epopéia. Grande parte dos fragmentos preservados é extraída dos escólios das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes e, conseqüentemente, aborda diferentes etapas da expedição.[155] As ***Naupaktia eph*** deveriam conter uma narrativa completa da história abordando eventos desde a viagem de ida à Cólquida (como o episódio das Harpias no fr. 3 K)[156], até o retorno a Iolco e os desdobramentos da missão em solo grego (fr. 10 K).[157]

---

[153] *Broadly, we can respond by noting that the desire of cities, during the archaic period, to link themselves to the figures of Panhellenic epic would have encouraged the identification of some local Corinthian hero or heroine with a character from one of the great sagas. If the voyage of the Argo was already "of interst of everyone" by the time of the* Odyssey*'s composition (*Od. *XII 70), then certainly its characters would be good candidates for such identification* (Johnston 1997: 66).

[154] Para mais informações sobre as *Corintíacas*, cf. Huxley (1969) e West (2002: 109-33).

[155] Cf. ***S*** *Arg.* II 299 (fr. 3 K), ***S*** *Arg.* III 515 (fr. 5 K), ***S*** *Arg.* III 523 (fr. 6 K), ***S*** *Arg.* IV 86 (fr. 4, 7 e 8K), ***S*** *Arg.* IV 87 (fr. 9 K).

[156] Apesar da presença de Fineu e das Harpias no *Catálogo das mulheres* de Hesíodo (fr. 151 M. W.), a primeira conexão explícita destas personagens com a viagem dos argonautas é detectada nas *Naupácticas*. Contudo em Hesíodo os Boréadas já perseguiriam as Harpias até as ilhas Equínades (fr. 155-56 M. W.), apesar de não haver informação sobre o contexto do episódio. Em Ferecides 3F29 Jacoby elas não seriam mortas (cf. Íbico fr. 812 PMG), mas passariam a habitar uma gruta no monte Argino, em Creta. Em Apolônio de Rodes *Argonáuticas* II 284-300, os Boréadas são impedidos de matá-las por ordens dos deuses, mas, sob o juramento de Íris, eles receberam garantia de que Fineu não mais

Em *Argonáuticas* III 523-24, após Jasão expor aos demais argonautas as tarefas impostas por Eeta, Argos sugere o auxílio dos ***farmaka*** de Medéia para cumpri-las com segurança. O contato entre os gregos e a princesa colca é feito através de Calcíope, interessada em ajudar os estrangeiros para proteger os filhos. Referente a esta passagem, o escoliasta comenta que nas *Naupácticas* Idmão se ergueria e exortaria Jasão a suportar as tarefas (***en de toij Naupaktikoij Idmwn anastaj Iasoni keleuei uposthnai ton aqlon***, cf. fr. 6 K). É possível compreender essa parênese como resposta repreensiva contrária à intervenção de Medéia. A hesitação do Esonida se justificaria pela dificuldade para o cumprimento de provas sobre-humanas cuja possibilidade de êxito era quase nula. Nas *Argonáuticas*, após ouvir a seqüência de tarefas exigidas, Jasão se cala e fixa os olhos no chão, imóvel em total estado de ***amhxania*** (cf. III 422-25).[158] Por lhe parecer um feito difícil de ser realizado (***mega .. ergon***) o herói tardou a decidir acatá-lo. A ***amhxania*** demonstrada pelo líder também atinge a tripulação quando informada sobre o desafio proposto (III 502-4).[159] Este

---

seria incomodado. Elas são abandonadas nas ilhas ***Plwtai***, chamadas a partir de então ***Strofadej*** (cf. Antímaco fr. 60 Wyss, Virgílio *Eneida* III 210-13 e Higino *Fábulas* 14). No relato tardio de Opiano *Cinegética* II 615-28 (século III), Hélio envia as Harpias a Fineu como punição por preferir o dom profético ao invés da visão. Em *Argonáuticas* II 222-31 elas impedem o adivinho de se alimentar e inutilizam a comida restante fazendo-a exalar um odor nauseabundo. Segundo Hesíodo, as Harpias seriam filhas de Tauma e Electra e se chamariam ***Aellw*** e ***Wkupeth***. Em ***S*** *Argonáuticas* II 222-24b é acrescentada uma terceira Harpia, ***Kelainw***.

[157] ἔπη δὲ ἔστιν ἐν Ἕλλησι Ναυπάκτια ὀνομαζόμενα· πεποίηται δὲ ἐν αὐτοῖς Ἰάσονα ἐξ Ἰωλκοῦ μετὰ τὸν Πελίου θάνατον ἐς Κόρκυραν μετοικῆσαι καί οἱ Μέρμερον μὲν τὸν πρεσβύτερον τῶν παίδων ὑπὸ λεαίνης διαφθαρῆναι θηρεύοντα ἐν τῇ πέραν ἠπείρῳ· Φέρητι δὲ οὐδέν ἐστιν ἐς μνήμην προσκείμενον.

[158] Todas as citações em português de *Argonáuticas* canto III serão extraídas da tradução de Rodrigues Jr. (2005).

Assim falou. Ele, em silêncio, diante dos pés os olhos fixando / permanecia, como sem voz, embaraçado em infortúnio. / Mudava de deliberação durante muito tempo e não tinha como, / com confiança, aceitar aquilo, pois parecia um grande feito.

Ὣς ἄρ' ἔφη· ὁ δὲ σῖγα ποδῶν πάρος ὄμματα πήξας, / ἦστ' αὔτως ἄφθογγος, ἀμηχανέων κακότητι· / βουλὴν δ' ἀμφὶ πολὺν στρώφα χρόνον, οὐδέ πῃ εἶχεν / θαρσαλέως ὑποδέχθαι, ἐπεὶ μέγα φαίνετο ἔργον.

[159] *Assim falou. A todos pareceu uma luta sem resultado. / Durante um tempo ficaram silenciosos e sem voz, olhando uns para os outros, / pela ruína e pelo embaraço abatidos.*

estado de “quase desespero” ou “falta de recurso” para resolver uma situação de impasse é descrito com freqüência nas *Argonáuticas* diante de várias dificuldades encontradas (cf. II 408-10, 858-63, 885; III 432; IV 1308-18), como já foi comentado no capítulo anterior.

A reação de Jasão parece beirar ao pânico temporário (de modo parecido ao seu estado de ânimo antes da partida da nau Argo no porto de Pagasas em I 460-62), porém ecoa um comportamento semelhante ao de diferentes figuras heróicas em situações similares. Os olhos baixos de Jasão (III 422) lembram a postura adotada por Odisseu enquanto profere um discurso (*Ilíada* III 217). Se a atitude do Esonida revela alguma dúvida sobre a decisão a tomar, o comportamento do Laertíada é prenúncio de uma fala que encantará a todos. Seu silêncio (***afqoggoj***, cf III 423) nos remete à mudez de Ájax ao recobrar a lucidez e perceber que matara o gado pensando se tratar dos aqueus (***hsto pleiston afqoggoj xronon***, cf. Sófocles *Ájax* 311). A expressão ***amhxanewn kakothti*** (III 423) também aparece em II 410 (ligada a Jasão), em II 1146 (ligada a Argos) e em IV 1259 (ligada a Anceu). O infortúnio (***kakothj***) – causa do suposto desespero demonstrado pelo herói – surge em diferentes momentos da *Odisséia* ora associado somente a Odisseu (V 290), ora a Odisseu e a seus companheiros (IX 489).

Se a indecisão causava a relutância de Jasão em aceitar as tarefas necessárias, Peleu, após breve ***amhxania*** coletiva, afirma estar disponível com ardor (***qarsalewj***, cf. III 505) a enfrentá-las. Esta iniciativa imediata contrasta com a atitude dúbia de Jasão, oscilando indistintamente entre a prudência e o temor. O próprio Peleu chega a compreender seu comportamento, pois afirma poder realizar o desafio no lugar do líder, caso seu ***qumoj*** não confie inteiramente na virilidade a ser desempenhada na planície de Ares (cf. *Argonáuticas* III 506-14).[160] A julgar pelos

---

Ὣς ἄρ' ἔφη· πάντεσσι δ' ἀνήνυτος εἴσατ' ἄεθλος· / δὴν δ' ἄνεῳ καὶ ἄναυδοι ἐς ἀλλήλους ὁρόωντο, / ἄτῃ ἀμηχανίῃ τε κατηφέες.

[160] *É hora de planejar o que cumpriremos, no entanto não acredito / haver necessidade de deliberação, tanto quanto baseada na força dos braços. / Se, portanto, tu subjugar os bois de Eeta, / herói Esonida, pensas e desejas o trabalho, / certamente guardando tua promessa tu te prepararás. / Mas se teu ânimo não confiar inteiramente / na tua virilidade, tu próprio não te apreses nem a um outro / destes homens lances olhares, estando sentado. Pois eu mesmo / não me distanciarei quando a pior dor for mesmo a morte.*

comentários do escoliasta das *Argonáuticas*, a hesitação de Jasão em aceitar o desafio não seria um acréscimo de Apolônio à história, baseado no heroísmo supostamente rebaixado da personagem, mas já faria parte do enredo desde, ao menos, a versão das *Naupácticas* no período arcaico. Em ***S*** *Argonáuticas* III 515-21 o comentador diz que, em reposta à indecisão de Jasão, todos os demais heróis se predispuseram a realizar os ***aeqla***.[161] Logo, a ***amhxania***, abundantemente explorada na epopéia de Apolônio, seria um antigo atributo associado ao Esonida em diferentes versões do mito, apesar de o termo não ser detectado nos fragmentos supérstites. Daí decorre a necessidade do auxílio de Medéia – já destacado nas *Naupácticas* fr. 6 K – para conseguir realizar a façanha exigida.

Contudo a filha de Eeta não partiria com os argonautas por sua própria vontade. Ao comentar a passagem da fuga deliberada de Medéia do palácio do pai, o escoliasta de *Argonáuticas* IV 66a relata que nas *Naupácticas* os gregos seriam convidados por Eeta para um banquete, todavia o rei arquitetava arruinar a expedição incendiando a nau Argo e os privando do retorno.[162] Em ***S*** *Argonáuticas* IV 86 o escoliasta complementa a narrativa dizendo que Afrodite interveio e insuflou desejo no rei para se unir à esposa possibilitando a fuga dos argonautas acompanhados de Medéia.

A partir do *argumentum* resumido deste episódio das *Naupácticas*, três observações podem ser feitas. Em primeiro lugar o convite para os estrangeiros participarem de um banquete no palácio do rei invalida o tema da ***cenoktonia*** comentado no início do capítulo. Como as fontes para essa versão do mito são tardias, é provável que ela inexistisse no período arcaico. Em segundo lugar há a presença de uma

---

"῞Ωρη μητιάασθαι ὅ κ' ἔρξομεν· οὐ μὲν ἔολπα / βουλῆς εἶναι ὄνειαρ ὅσον τ' ἐπὶ κάρτες χειρῶν. / εἰ μέν νυν τύνη ζεῦξαι βόας Αἰήταο, / ἥρως Αἰσονίδη, φρονέεις μέμονάς τε πόνοιο, / ἦ τ' ἂν ὑποσχεσίην πεφυλαγμένος ἐντύναιο· / εἰ δ' οὔ τοι μάλα θυμὸς ἑῇ ἐπὶ πάγχυ πέποιθεν / ἠνορέῃ, μήτ' αὐτὸς ἐπείγεο μήτε τιν' ἄλλον / τῶν δ' ἀνδρῶν πάπταινε παρήμενος· οὐ γὰρ ἔγωγε / σχήσομ', ἐπεὶ θάνατός γε τὸ κύντατον ἔσσεται ἄλγος."

[161] ὁ μὲν Ἀπολλώνιος τούτους φησὶ προαιρεῖσθαι ζεῦξαι τοὺς βόας, ὁ δὲ τὰ Ναυπακτικὰ πάντας ἀριθμεῖ τοὺς ὑπ' αὐτοῦ φερομένους ἀριστεῖς.

[162] παρὰ [δὲ] τῷ τὰ Ναυπακτικὰ πεποιηκότι οὐκ ἔστι κατὰ τὴν ἰδίαν προαίρεσιν ἐξιοῦσα ἡ Μήδεια, ἀλλ' ἐφ' ἑστίασιν καλουμένων τῶν Ἀργοναυτῶν κατ' ἐπιβουλήν, ἐνστάντος τοῦ τῆς ἀναιρέσεως αὐτῶν καιροῦ, προτραπομένου δὲ τοῦ Αἰήτου ἐπὶ τὴν Εὐρυλύτης τῆς γυναικὸς συνουσίαν, Ἴδμονος ὑποθεμένου τοῖς Ἀργοναύταις ἀποδιδράσκειν, καὶ Μήδῳια συνεκπλεῖ.

proteção divina além de Hera em favor dos argonautas. O auxílio de Cípris à missão é bem explorado nas *Argonáuticas* sobretudo no livro III, quando é descrita a visita das deusas Hera e Atena à sua residência para solicitarem ajuda (III 6-166). Em *Medéia* de Eurípides o próprio Jasão demonstra ciência da participação de Afrodite para o retorno seguro e exitoso a Iolco (cf. 526-28). A temática erótica tão explorada na epopéia de Apolônio encontra paralelo nas *Naupácticas*, apesar de não ficarem claros os motivos que levaram a deusa a colaborar com o sucesso dos heróis.[163] O escoliasta cita os versos nos quais a participação de Afrodite no poema é atestada:

> *Então a diva Afrodite lançou em Eeta o desejo*
> *de se unir sexualmente a Eurilite, sua esposa,*
> *preocupando-se, em suas entranhas, em como, depois das provas, Jasão*
> *retornaria para casa com seus companheiros, que combatem próximo.*[164]

Não se pode inferir a presença da deusa em outros episódios, nem de qual maneira ela teria influenciado o comportamento de Jasão para angariar o apoio de Medéia, no entanto é possível que a caracterização de *love hero* a ele atribuída – o herói cujo êxito se baseia na perícia para seduzir mulheres – também remonte ao período arcaico.[165]

Finalmente, em terceiro lugar, somos informados de que Medéia não fugiu com os argonautas por escolha própria (***ouk esti kata thn idian proairesin eciouaj h Mhdeia***), mas tampouco foi compelida a abandonar o palácio paterno por meio da força. A princesa colca não foi raptada, mas talvez sentisse necessidade de partir para evitar a fúria de Eeta. Portanto podemos ler esse comentário do escoliasta

---

[163] Dentre as várias cenas mitológicas representadas na famosa urna de Cipselo descrita por Pausânias, em uma Medéia aparecia sentada sobre um trono tendo Jasão de pé ao lado direito e Afrodite ao esquerdo. Sobre a imagem havia uma inscrição dizendo: "*Jasão desposa Medéia como ordena Afrodite* (Μήδειαν ᾽Ιάσων γαμέει, κέλεται δ᾽ ᾽Αφροδίτα)" (cf. V 18. 3).

[164] δὴ τότ' ἄρ' Αἰήτῃ πόθον ἔμβαλε δῖ᾽ ᾽Αφροδίτη / Εὐρυλύτης φιλότητι μιγήμεναι, ἧς ἀλόχοιο, / κηδομένη φρεσὶν ᾗσιν, ὅπως μετ' ἄεθλον ᾽Ιήσων / νοστήσῃ οἶκόνδε σὺν ἀγχεμάχοις ἑτάροισιν.

[165] Para mais informações sobre a temática erótica nas *Argonáuticas*, cf. Phinney (1967: 327-41), Beye (1969: 31-55), Zanker (1979: 52-75), Shapiro (1980: 163-86), Vian (1980: 32-48), Beye (1982: 120-166), Zanker (1987: 66-81; 195-205), Hutchinson (1988: 105-21), Hunter (1993: 46-74), De Forest (1994: 107-124), Clauss (1997: 149-177), Byre (2002: 67-107), Berkowitz (2004: 128-48), Rodrigues Jr. (2005: 95-128).

tendo como pressuposto o auxílio prestado aos estrangeiros. A fuga seria estratégica, motivada pelo receio em ser descoberta e punida por traição, já que ela teria se impelido a partir com os gregos ao ouvir o ruído de seus pés e não após algum tipo de exortação – a julgar pelo breve resumo do escoliasta (***thn de Mhdeian thn podoyorian akousasan anastasan sunecormhsai***). Na fuga a garota levaria consigo o velo de ouro (fr. 9 K), pois, ao contrário da versão de Apolônio, nas *Naupácticas* a relíquia não ficava guardada em ***Kriou Eunai*** vigiada por um dragão, mas no próprio palácio real.[166] A primeira menção, na poesia supérstite, à serpente guardiã do velo ocorre em Píndaro *Pítica* IV 249-50, mas, baseando-se na iconografia, o motivo certamente é anterior ao século V a. C.[167]

Outra leitura possível fornecida pelo escoliasta tem como fonte o mitógrafo Heródoro (31F53 Jacoby). Após subjugar os touros selvagens, o Esonida foi levado ao local onde o velo de ouro estava guardado, matou o dragão e trouxe a pele áurea até

---

[166] ὁ μὲν Ἀπολλώνιος μετὰ τὸ φυγεῖν τὴν Μήδειαν ἐκ τοῦ Αἰήτου οἴκου πεποίηται ὑπισχνουμένην τὸ κῶας τῷ Ἰάσονι· ὁ δὲ τὰ Ναυπακτικὰ γράψας συνεκφέρουσαν αὐτὴν τὸ κῶας κατὰ τὴν φυγήν, κατὰ τὸν αὐτοῦ οἶκον κείμενον [τοῦ Αἰήτου].

[167] Há um grande número de evidências iconográficas registrando eventos relacionados ao ciclo dos argonautas durante os períodos arcaico e clássico. As cenas mais comuns são Frixo montado no carneiro (cf. 3-16 LIMC) acompanhado, algumas vezes, por Hele (cf. 26-27 LIMC); Fineu e as Harpias (cf. 3-8 LIMC); a perseguição das Harpias pelos Boréadas (cf. 9-16 LIMC); Jasão lutando contra os touros (cf. 15-17 LIMC) e contra a serpente guardiã do velo (cf. 22-24, 30-42 LIMC). Durante os ***aeqla*** é freqüente Jasão segurar o touro pelos chifres enquanto é assistido por Medéia e Nike (cf. 16 LIMC) ou Medéia e Eros (cf. 17 LIMC). Em uma cratera napolitana de, aproximadamente, 370 a. C., Jasão enfrenta o touro enquanto Medéia segura uma planta na mão ou, hipoteticamente, uma raiz comumente usada para fazer seus feitiços (cf. 16 LIMC). Medéia também acompanha Jasão em representações de contexto pouco claro (cf. 11-13 LIMC). Héracles aparece em uma cratera italiota da segunda metade do século IV a. C. acompanhando Jasão no confronto com a serpente. Apesar de o herói segurar uma clava, ele somente observa o Esonida lutando com o animal. Medéia, por sua vez, segura uma caixa, indicando o auxílio através dos ***farmaka*** (cf. 39 LIMC). A imagem da caixa de Medéia aparece em várias imagens do período clássico (cf. 37-42 LIMC). Em uma cratera napolitana do final do século IV a. C. a feiticeira segura uma tijela e derrama o seu conteúdo na boca da serpente, enquanto Jasão rouba o tosão sem que o animal perceba (cf. 42 LIMC). No entanto as cenas mais antigas, datando de VII a V a. C., apresentam um evento não explorado pela literatura preservada: o Esonida lutando contra a serpente e sendo devorado – ou regurgitado – por ela (cf. 30-35 LIMC). Para mais informações, conferir Mackie (2001: 10-14).

Eeta; em seguida o rei o convidou para um banquete planejando um dolo contra ele.[168] A julgar pela primeira leitura apresentada, apesar de cumprir as provas exigidas – provavelmente auxiliado pela feiticeira – Jasão não adquire o tosão por seus próprios feitos, mas o recebe das mãos de Medéia que o havia retirado secretamente do palácio. Já pela segunda leitura, o papel do Esonida é fundamental, pois sozinho mata a serpente (***foneusai te ton drakonta***) – ao contrário de sua função coadjuvante em *Argonáuticas* IV 109-82 – e traz o velo até Eeta (***to kwaj apenegkein proj Aihthn***). É bastante tênue o limite entre a virilidade e o heroísmo de retaguarda desde as mais antigas narrativas sobre os feitos de Jasão na Cólquida.[169]

Resta ainda mencionar a existência de um poema dedicado aos argonautas atribuído a Epimênides de Creta no século VI a. C. Segundo Diógenes Laércio I 10. 111 o filósofo teria composto um ***epoj*** de 6500 versos sobre a construção da nau Argo e a viagem de Jasão à Cólquida (***Argouj nauphgia te kai Iasonoj eij Kolxouj apoplouj***). Praticamente nada se sabe sobre o conteúdo dessa obra – exceto as referências à origem coríntia de Eeta (cf. ***S*** *Arg.* III 240) e a um quinto filho de Frixo (cf. ***S*** *Arg.* II 1122a) –, nem se, de fato, seria um poema hexamétrico ou uma narrativa em prosa, mas, dadas as raras alusões a Epimênides nos escólios das *Argonáuticas*, talvez seu poema tenha exercido pouca ou nenhuma influência em narrativas posteriores sobre o assunto. Para Vian (1976: xxxi) *é bem possível que se tratasse de uma obra apócrifa, quiçá tardia.*

Apesar de haver informações suficientes para pressupor a existência de narrativas hexamétricas pertencentes ao ciclo dos argonautas no período arcaico, não é possível recriar o enredo e a caracterização das personagens com alguma precisão, obrigando-nos, para continuar explorando o assunto, a expandir a área de pesquisa a outros gêneros poéticos além da epopéia. Analisando a elegia e a lírica, informações escassas porém valiosas são encontradas em Mimnermo, Estesícoro, Íbico e Simônides.

---

[168] ὁ μὲν Ἀπολλώνιος μετὰ τὸ φυγεῖν τὴν Μήδειαν ἐκ τοῦ Αἰήτου οἴκου πεποίηται ὑπισχνουμένην τὸ κῶας τῷ Ἰάσονι· ὁ δὲ τὰ Ναυπακτικὰ γράψας συνεκφέρουσαν αὐτὴν τὸ κῶας κατὰ τὴν φυγήν, κατὰ τὸν αὐτοῦ οἶκον κείμενον [τοῦ Αἰήτου]· ὁ δὲ Ἡρόδωρος μετὰ τὴν ἀνάζευξιν τῶν ἀγρίων ταύρων ἀποσταλῆναι τὸν Ἰάσονα ὑπὸ τοῦ Αἰήτου ἐπὶ τὸ κῶας, τὸν δὲ πορευθέντα φονεῦσαί τε τὸν δράκοντα καὶ τὸ κῶας ἀπενεγκεῖν πρὸς Αἰήτην, τὸν δὲ δόλῳ καλέσαι αὐτοὺς ἐπὶ δεῖπνον (cf. ***S*** *Argonáuticas* IV 87).

[169] Para mais informações sobre as *Naupácticas*, cf, Huxley (1969: 88-73) e Matthews (1977: 189-207).

Os fragmentos 11 e 11a W de Mimnermo, já mencionados anteriormente, apresentam a residência de Eeta no extremo leste do Oceano. Pélias é chamado de ***ubristhj*** (em consonância com *Teogonia* 996) e as provas cumpridas seriam de difícil execução (***telewn xalephrej aeqlon***). Não é claro detectar em qual contexto de *Nano* os argonautas apareceriam – se, de fato, os fragmentos citados pertenceram a este poema – contudo, dada a inexistência do período completo no fr. 11a W, Braswell (1988: 12) sugere se tratar de exemplo mitológico ao invés de narrativa independente em dístico elegíaco.

Estesícoro abordou um episódio negligenciado pela poesia, mas bem documentado na iconografia do período arcaico: os jogos fúnebres em honra a Pélias (fr. 178-80 PMG). Os fragmentos testemunham a descrição de uma corrida de carroças e de desafios de salto, lançamento de dardos e pugilato, além da participação de Anfiarau, Cástor, Polideuces e Meléagro – os três últimos, membros da expedição dos argonautas.[170] Os mesmos jogos fúnebres também são mencionados por Simônides fr. 564 PMG.[171] A realização deste evento contrasta com a versão apresentada por Eurípides em *Medéia* 486-87 em que o rei de Iolco foi morto por um dolo obrigando Jasão a fugir. O crime teria sido cometido pelas filhas de Pélias, enganadas por Medéia

---

[170] Há ainda outras referências a personagens ligadas à história dos argonautas nos fragmentos de Estesícoro. A avó de Jasão se chamaria Eteoclímene (fr. 238 PMG) e a irmã do herói seria Hipólita (fr. 301 PMG). As Harpias são mencionadas no fr. 292 PMG e no fr. 309 PMG o gigante Talos é amante de Radamanto.

[171] Pela freqüência de episódios pertencentes à expedição dos argonautas mencionados em diversos fragmentos de Simônides, é possível que, entre seus poemas, houvesse uma narrativa sobre essa matéria. No fr. 546 PMG as Simplégades são chamadas de ***sunormadej*** e no fr. 544 PMG o tosão é chamado de ***nakoj***. O termo é empregado por Homero, no feminino, em referência a uma pele de cabra (***nakhn … aigoj***). Segundo a *Etymologicum magnum*, ***nakoj*** é um ***aigeion derma*** e, portanto, Simônides teria se equivocado ao usar esse vocábulo para se referir ao velocino de ouro feito na Cólquida, derivado da pele de um carneiro (***kakwj oun Simwnidhj fhsi nakoj***). No entanto conferir Heródoto II 42 (***tou kriou … to nakoj***) e Píndaro *Pítica* IV 68, se reportando ao tosão. No fr. 576 PMG o velocino tem a coloração púrpura. Simônides também aludiria a eventos posteriores à viagem como o rejuvenescimento de Jasão realizado mediante os feitiços de Medéia (fr. 548 PMG). Dois fragmentos não possuem vinculação explícita com a saga dos argonautas, mas poderiam eventualmente fazer parte de uma narrativa sobre o assunto: no fr. 568 PMG Talos é mencionado como guardião de Creta e no fr. 540 PMG é dito que os mínias habitavam a cidade de Iolco.

ao sugerir o rejuvenescimento do pai por meio do desmembramento de seu corpo. Corroborando a história, os *Nostoi* (fr. 6 K) descrevem o rejuvenescimento efetivo de Esão realizado por Medéia[172] e, em Simônides fr. 548 PMG, Jasão se torna mais jovem através do mesmo processo.

Pausânias menciona duas representações iconográficas dos jogos fúnebres de Pélias. A primeira estaria incrustada no trono de Apolo em Amicles, na Lacônia (III 18. 16), contudo a passagem é breve e só se refere aos jogos organizados por Acasto em honra de seu pai (***kai on Akastoj eqeken agwna epi patri***), em meio a cenas famosas da mitologia grega como a luta de Teseu contra o Minotauro, o encontro de Menelau com Proteu e as libações feitas a Heitor pelos troianos. A segunda representação, descrita em mais detalhes, estava esculpida na urna de Cipselo (V 17. 9-11), um artefato datado da primeira metade do século VI a. C. feito em madeira, ouro e mármore, dedicado ao templo de Zeus em Olímpia. Dentre as várias cenas, Pausânias ocupa um longo espaço com a descrição minuciosa do ***agwn*** realizado durante o funeral de Pélias. O evento contava com a participação de vários membros da expedição dos argonautas, como Asterião, Admeto, Eufemo, Mopso, Peleu, Íficlo, Acasto e Polideuces, além de uma cena paralela representando Fineu com os Boréadas perseguindo as Harpias ao fundo. Curiosamente a maioria dos homens que participam das competições atléticas foram tripulantes da nau Argo; o próprio Jasão aparece no desafio de pugilato contra Peleu.

Causa estranhamento pressupor que os jogos fúnebres em homenagem ao rei contassem com a presença do homem responsável – e talvez beneficiado – por seu brutal assassinato. Portanto, nessa versão do mito, o Esonida não teria qualquer vínculo com a morte de Pélias. As Pelíades, executoras não intencionais do pai, estão entre os espectadores das competições atléticas. Possivelmente Jasão teria passado boa parte da vida harmoniosamente ao lado do rei, já que Diodoro da Sicília IV 53. 2 menciona seu casamento com a Pelíade Alceste. Os laços entre as famílias são reforçados através da união de Acasto, filho de Pélias e membro da expedição dos argonautas, com Hipólita (cf. Píndaro *Neméicas* IV 57), a irmã de Jasão segundo Íbico fr. 301 PMG.

O ciclo dos argonautas foi bastante utilizado como matéria para a composição de tragédias entre os séculos VI e IV a. C., apesar de chegar até nós inteira somente uma

---

[172] ***Autika d" Aisona qhke filon koron hbwonta / ghraj apoxusasa idui$si prapidessi / farmaka poll" eyous" eni xruseioisi lebhsin.***

única peça sobre o assunto: a *Medéia* de Eurípides.[173] Ésquilo, talvez, tivesse dedicado toda uma tetralogia para dramatizar eventos ocorridos durante a viagem. Não sabemos exatamente quando foi apresentada, nem a ordem exata das peças[174], apesar de Vian (1976: xxxvi) apresentar a hipotética seqüência *Argo*, *Os lemnienses*, *Hipsípile* e *Os cabiros*. Pouco conhecemos sobre cada um desses dramas e os raros fragmentos quase nada dizem sobre o conteúdo. Em *Argo* a viga da nau é dotada de voz (fr. 20 Radt) em consonância com a capacidade de falar atribuída ao navio na epopéia de Apolônio (I 525-27 e IV 580-92).[175] A única informação existente sobre *Hipsípile* consta dos escólios das *Argonáuticas* I 769-73: as lemnienses se armaram para evitar o desembarque dos argonautas, mas, após acordo selado por juramento, se uniram sexualmente a eles.[176] O contato entre argonautas e lemnienses era um dado conhecido desde a poesia homérica (*Ilíada* VII 467-69, XXI 40-41 e XXIII 747). A reação demonstrada pelas mulheres ao portarem suas panóplias na peça é semelhante à descrita por Apolônio após perceberem a aproximação de um navio não identificado em pleno mar (*Argonáuticas* I 633-37). Sobre *Os lemnienses* nenhum, vestígio foi preservado e a

---

[173] Outros tragediógrafos também compuseram peças chamadas *Medéia* entre os séculos V e IV a. C. Foram eles Neofrão (fr. 1-3 Snell), Dicaiógenes (fr. 1a Snell), Diógenes de Atenas (cf. *Suda* ***d*** 1142), Eurípides II (cf. *Suda* ***e*** 3694), Melâncio (fr. 1 Snell) e Diógenes de Sinope (fr. 1e Snell). Segundo Estobeu III 29. 92, na peça de Diógenes de Sinope Medéia não seria uma feiticeira, mas uma mulher sábia (***o Diogenhj elege thn Mhdeian sofhn, all' ou farmakida genesqai***). Por meio de uma boa alimentação e prática de exercícios físicos, ela transformava homens fracos e debilitados em robustos e vigorosos. Dessa prática teria surgido a fama de possibilitar o rejuvenescimento e a associação com a magia (***lambanousan gar malakouj anqrwpouj kai ta swmata diefqarmenouj upo trufhj en toij gumnasioij kai toij puriathrioij diaponein kai isxurouj poiein sfrigwntaj: oqen peri authj ruhnai thn docan, oti ta krea eyousa neouj epoiei***).

[174] Cf. Braswell (1988: 14-15).

[175] A nau também é capaz de falar em Antímaco fr. 58 Wyss, Calímaco fr. 16 Pf, Licofrão *Alexandra* 1319, Apolodoro I 9. 16 e 19, Valério Flaco *Argonáuticas* I 302 e *Argonáuticas Órficas* 244, 1155-57 e 1345. Segundo Ferecides 3F111a Jacoby, a nau reclama do peso de Héracles, obrigando o herói a ser abandonado em Afetas. O escoliasta das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes 526-27 explica o fato inusitado por Argo ser formada pela madeira oriunda de Dodona, dotada de loquacidade tal como Homero já atestara em *Odisséia* XIV 327-30 (πιθανῶς ἐκ τῆς Δωδωνίδος φησὶ δρυὸς τὸ ξύλον εἶναι ἐν τῇ Ἀργοῖ τὸ φωνῆεν, ἐπεὶ καὶ αὕτη ἐφθέγγετο, ὥς φησιν Ὅμηρος).

[176] Αἰσχύλος δὲ ἐν Ὑψιπύλῃ ἐν ὅπλοις φησὶν αὐτὰς ἐπελθούσας χειμαζομένοις ἀπείργειν, μέχρι λαβεῖν ὅρκον παρ' αὐτῶν ἀποβάντας μιγήσεσθαι αὐταῖς.

única menção disponível consta do catálogo de peças escritas por Ésquilo. A inclusão desta tragédia na suposta tetralogia argonáutica esquiliana é arbitrária, não havendo evidências seguras para comprovar que todas as peças listadas abordassem diretamente a expedição.

Os cabiros ilustram as dúvidas acerca da existência dessa tetralogia argonáutica. Segundo Ateneu no *Banquete dos sábios* 428f, Jasão e seus companheiros apareceriam embriagados diante dos espectadores.[177] O assunto da peça deveria girar em torno da viagem em busca do velocino, já que os escólios de Píndaro *Pítica* IV 303b informam haver um catálogo de argonautas na peça.[178] Provavelmente a trama se passava na ilha de Lemno, um dos mais importantes lugares visitados durante a expedição. A referência ao vinho no fr. 97 Radt explica a embriaguez dos heróis remontando à célebre e apreciada bebida de Lemno consumida pelos guerreiros gregos em Tróia (*Ilíada* VII 467-69). A localização do enredo também é sugerida pelo próprio título, pois os cabiros eram divindades ctônicas associadas a Hefesto e cultuadas em ilhas ao norte do mar Egeu, sobretudo Samotrácia e Lemno (cf. Heródoto II 51, Estrabão VII 7, Apolônio de Rodes *Argonáuticas* I 915-21). Não é tarefa simples inferir o conteúdo de um drama cujo título é baseado em um grupo de divindades misteriosas, mas se realmente as quatro peças aqui listadas pertenceram a uma tetralogia, talvez estivesse adequada a *Os cabírios* a posição de drama satírico.[179]

Sófocles abordou o ciclo dos argonautas em um número significativo de tragédias, abarcando eventos posteriores ao retorno dos heróis a Iolco. Nas *Lemnienses*, segundo o comentário do escoliasta em *Argonáuticas* I 769-73, as mulheres da ilha travariam uma ferrenha batalha contra os gregos, possivelmente provocada pelo reconhecimento equivocado dos argonautas como trácios (*Argonáuticas* I 636-37), antecedendo a união amorosa entre os dois exércitos.[180] Apolônio não explora o

---

[177] εἰ δ᾽ ὅτι κατέδειξεν ἡμῖν τὸν οἶνον, διὰ τοῦτο ποιοῦσιν αὐτὸν οὕτως διακείμενον, δῆλον ὅτι καὶ τὴν Δήμητρα θερίζουσαν ἢ ἐσθίουσαν ποιήσουσιν. ἐπεὶ καὶ τὸν Αἰσχύλον ἐγὼ φαίην ἂν τοῦτο διαμαρτάνειν· πρῶτος γὰρ ἐκεῖνος καὶ οὐχ, ὡς ἔνιοί φασιν, Εὐριπίδης παρήγαγε τὴν τῶν μεθυόντων ὄψιν εἰς τραγῳδίαν. ἐν γὰρ τοῖς Καβίροις εἰσάγει τοὺς περὶ τὸν Ἰάσονα μεθύοντας. ἃ δ᾽ αὐτὸς ὁ τραγῳδιοποιὸς ἐποίει ταῦτα τοῖς ἥρωσι περιέθηκε· μεθύων γοῦν ἔγραφε τὰς τραγῳδίας.

[178] τάχα δὲ Κρονίδαο Ζηνὸς υἱοὶ τρεῖς: πάντας Σοφοκλῆς ἐν ταῖς Λημνιάσι τῷ δράματι καταλέγει τοὺς εἰς τὸ Ἀργῷον εἰσελθόντας σκάφος, καὶ ὁ Αἰσχύλος ἐν Καβείροις.

[179] Para mais informações sobre a suposta tetralogia argonáutica de Ésquilo, cf. Deforge (1987: 30-44).

[180] Σοφοκλῆς δὲ ἐν ταῖς Λημνίαις καὶ μάχην ἰσχυρὰν αὐτοῖς συνάψαι φησίν.

elemento bélico do episódio, mas somente faz referência a ele ao descrever o armamento das lemnienses quando a nau Argo se aproxima da ilha (***dhia teuxea dusai ej aigialon proxeonto***, cf. I 635). Interesa ao poeta expor o caráter erótico do protagonista, portanto a ***ekfrasij*** de um armamento para uso marcial é substituída pela descrição do manto púrpura com o qual Jasão seduzirá a rainha Hipsípile (I 721-67).[181] No fr. 387 Radt Polixo retrataria os costumes viris e marciais dessas mulheres, enquanto nas *Argonáuticas* I 675-96 essa mesma anciã exorta as cidadãs a se unirem aos estrangeiros recém-chegados para obterem proteção e descendência.

A masculinização das mulheres de Lemno é justificada pela longa ausência de homens na ilha, segundo ***S*** *Argonáuticas* I 627.[182] Por essa razão os trabalhos de Atena – considerados afazeres femininos em ***S*** *Argonáuticas* I 629 – foram negligenciados. Em conformidade com os hábitos agressivos dessas mulheres, Heródoto VI 138 informa que, por conta dos crimes cometidos contra os maridos, pais e filhos, atos terríveis ou cruéis eram chamados de "lemnienses" (***lhmnia***) entre os gregos (cf. Ésquilo *Coéforas* 631-34). Portanto diante de mulheres viris, no primeiro potencial conflito armado da expedição, Apolônio opta por omitir seu conteúdo bélico e transformá-lo em intervalo erótico do qual os argonautas só se retiram por intermédio de Héracles (*Argonáuticas* I 861-74).

As *colcas* de Sófocles teriam influenciado a composição do livro III das *Argonáuticas*, já que, segundo os escólios da epopéia, vários eventos ocorridos durante a estadia na Cólquida se baseavam na peça hoje perdida. No fr. 340 Radt é mencionado o ungüento prometéico, o mesmo ***farmakon*** ofertado a Jasão para imunizá-lo durante

---

[181] Cf. Lawall (1966: 149-51 e 158), Beye (1969: 43-44), George (1972: 48-52), Shapiro (1980: 163-86), Clauss (1993: 119-129), Hunter (1993: 52-59), Berkowitz (2004: 122-26), Rodrigues Jr. (2005: 100-6) e Bulloch (2006: 44-68). Segundo o escoliasta de *Argonáuticas* I 721-22, Jasão não se vale de um objeto de guerra (***polemik$ skeu$***) no encontro com Hipsípile, mas, de modo elegante (***asteiwj***), se orna com uma vestimenta, pois recebeu o convite sem qualquer intenção marcial (***apolemon auton ekalei***), afora o fato de a cidade ser habitada somente por mulheres que se alegrarão com os heróis (***gunaikwn monwn h polij ai malista toij toioutoij xairousi***). Contudo relatos tardios ainda atribuem um caráter bélico a esse encontro (cf. Estácio *Tebaida* V 376-97).

[182] λοιπὸν γὰρ διὰ τὸ ἀνδρῶν πολὺν χρόνον στερίσκεσθαι τὴν νῆσον, ἡ πεῖνα αὐτὰς καὶ εἰς ἀνδρεῖον μετέβαλεν βίον καὶ ἐπιτήδευμα.

Há referências a essa masculinização das lemnienses em Apolônio de Rodes *Argonáuticas* I 627-30.

o cumprimento dos ***aeqla*** em *Argonáuticas* III 844-53.[183] A presença da droga gerada a partir do sangue de Prometeu conecta o cumprimento das provas ao auxílio de Medéia e torna Jasão imune aos riscos. O escoliasta em *Argonáuticas* III 1354-56 cita o momento, na peça, em que os nascidos da terra germinavam armados do solo. Os ***aeqla*** não eram encenados diante dos espectadores da peça, mas reportados por um mensageiro a Eeta que, de modo contrário às *Argonáuticas*, não os presenciara.[184]

A tragédia trataria ainda do assassinato de Apsirto (fr. 343 Radt), não o protetor de Medéia (***aosshthr***, *Argonáuticas* IV 407), nem o comandante da frota colca a perseguir os argonautas (IV 305-37), mas uma criança degolada no palácio de Eeta. O mesmo diz Eurípides (*Medéia* 1334) e Calímaco (fr. 8 Pf) sobre a morte do garoto. Já Ferecides (3F32 Jacoby) relata que os argonautas embarcaram com Apsirto e, ao serem perseguidos pelos navios colcos, desmembraram a criança e jogaram as partes de seu corpo no mar com o intuito de retardar os inimigos.[185] O autor não esclarece se o responsável pelo infanticídio seria Jasão ou Medéia – vide que em *Argonáuticas* IV 450-81 o assassinato é cometido pelo Esonida, mas em *Medéia* 167 e 1334-35 pela irmã –, mas fica evidente a intenção por trás do crime: esquivar-se, por todos os meios possíveis, do confronto direto entre gregos e colcos. Táticas para evitar o emprego da força serão postas em prática pelo protagonista das *Argonáuticas* não somente durante a fuga da Cólquida (IV 395-404), mas em todas as demais situações de contato com

---

[183] Cf. referências a essa droga em Propércio I 12. 10, Sêneca *Medéia* 708 e Valério Flaco VII 355-65. Em ***S*** *Argonáuticas* III 1040c é dito que, nas *Colcas*, através de um diálogo esticomítico, Medéia instruía Jasão sobre como agir durante as provas (***Sofoklhj de en taij Kolxisin eisagei thn Mhdeian upotiqhmenhn t% Iasoni peri tou aqlou di" amoibaiwn***).

[184] Σοφοκλῆς δὲ ἐν ταῖς Κολχίσι πεποίηκε τὸν ἄγγελον, τοῦ Αἰήτου πυθομένου περὶ τῶν προειρημένων

‘ἦ βλαστὸς οὐκ ἔβλαστεν οὐπιχώριος;’

λέγοντα·

‘καὶ κάρτα φρίξας τ' εὐλόφῳ σφηκώματι

χαλκηλάτοις ὅπλοισι μητρὸς ἐξέδυ.’

ταῦτα δὲ Ἀπολλώνιος παραγέγραφεν.

[185] Φερεκύδης δὲ ἐν ζ" διωκομένους ἀναβιβάσαι ἐπὶ τὴν ναῦν τὸν Ἄψυρτον καὶ μελίσαντας ῥῖψαι εἰς τὸν ποταμόν. Σοφοκλῆς δὲ ἐν Κολχίσι φησὶ κατὰ τὸν οἶκον τοῦ Αἰήτου τὸν παῖδα σφαγῆναι. (cf. ***S*** *Arg*. IV 223-30a).

outros povos, seja através da via diplomática ou da ação traiçoeira. O confronto bélico é visto como última opção viável.

As peças *As citas* e *Cortadoras de raízes* (*Rhizotomoi*) de Sófocles também pertenceram ao ciclo dos argonautas, mas abordaram eventos posteriores à aquisição do velocino de ouro. A primeira encenaria o retorno dos argonautas a Iolco (cf. ***S*** *Argonáuticas* IV 248 [fr. 547 Radt]), enquanto a segunda mostraria Medéia persuadindo dolosamente as Pelíades a matarem o pai de modo a rejuvenescê-lo (cf. Macróbio *Saturnália* V 19. 9). O mesmo assunto seria abordado nas *Pelíades* de Eurípides.

O ciclo mítico dos argonautas foi pouco explorado por Eurípides, apesar de pertencer a ele a única tragédia sobre o assunto a chegar até nós. Além de *Medéia* e das *Pelíades*, ele compôs uma peça parcialmente preservada intitulada *Hipsípile*. No entanto a ação ocorre cerca de vinte anos após a passagem dos argonautas pela ilha de Lemno, no momento em que a rainha precisa escapar da fúria das lemnienses ao descobrirem que ela preservara a vida do pai. Fugindo para Tebas ela vai se associar às guerras entre Etéocles e Polinices e participar da fundação dos Jogos Neméicos.[186]

A primeira narrativa completa sobre a expedição dos argonautas a chegar até nós foi a *Pítica* IV de Píndaro, dedicada à vitória de Arcesilau na corrida de carroça em 462 a. C. O poeta relata longamente a busca pelo velocino de ouro (cf. 70-262) estabelecendo um vínculo genealógico entre o rei de Cirene louvado no epinício e o argonauta Eufemo, ancestral da dinastia real da qual Arcesilau faz parte. A história narrada abrange acontecimentos desde a chegada de Jasão a Iolco e os preparativos para a navegação até a obtenção do velocino e conseqüente retorno à Grécia.

Em sua primeira aparição no poema, o Esonida causa espanto na multidão (***ekpagloj***, cf. 79). O mesmo adjetivo é empregado para caracterizar Aquiles (*Ilíada* I 146, XVIII 170 e XXI 589), além de outros guerreiros como Ífiton (*Ilíada* XX 389) e Laomedonte (*Ilíada* XXI 452). Hesíodo se refere à raça de bronze por meio da mesma

---

[186] Para mais informações sobre essa peça consultar Bond (1963). O ciclo mítico dos argonautas também foi trabalhado por outros tragediógrafos. Cf. *Mínias* de Queremon (fr. 12 Snell), *Jasão* de Antífon (fr. 1a Snell) e *Frixo* de Acaio (fr. 38 Snell). Dentre as comédias dos séculos V a III a. C., várias peças se chamaram *Medéia* (Dinóloco fr. 4-5 K. A., Rintão fr. 7 K. A., Cântaro fr. 1-4 K. A., Eubulo fr. 64 K. A. e Estrátis fr. 34-35 K. A.) e *Lemnienses* (Aristófanes fr. 372-91 K. A., Dífilo fr. 53-54 K. A., Nicócares fr. 14-17 K. A.), além do *Fineu* de Teopompo (fr. 63 K. A.), do *Amico* de Epicarmo (fr. 6-8 K. A.) e das *Pelíades* de Dífilo (fr. 64 K. A.).

palavra (*Trabalhos e dias* 154), por conta de sua extrema violência marcial. O termo pode ainda abarcar a idéia de temor provocado por algo inusitado ou extraordinário (derivado do verbo ***ekplhssw***, cf. *Ilíada* XVIII 225, Ésquilo *Coéforas* 231 e Eurípides *Troianas* 183) ou simplesmente estupefação e surpresa ante algo maravilhoso de se contemplar (cf. Sófocles *Édipo em Colono* 716, Píndaro *Neméicas* IV 27). O uso de ***ekpagloj*** na passagem se justifica pela maneira como Jasão surge aos olhos de seus conterrâneos, portando duas lanças, trajando uma pele de leopardo sobre os ombros e exibindo madeixas ainda não cortadas (73-83)[187], o que indicaria, segundo ***S*** *Pítica* IV 145, a condição de herói ainda efebo prestes a alcançar a idade adulta.[188]

É comum um guerreiro homérico estar equipado com duas lanças, como é o caso de Agamêmnon (*Ilíada* XI 43), Sarpédon (*Ilíada* XII 298), Odisseu (*Odisséia* I 256) ou mesmo Páris (*Ilíada* III 18). Em Baquílides fr. 18. 46-51 Maehler (= *ditirambo* 4) o jovem Teseu, após realizar atos de bravura (***afata d' erga legei krataiou fwtoj***, cf. fr. 18. 18-19 Maehler)[189], é anunciado por Egeu portando uma espada e duas lanças, desejando com furor participar de guerras e combates (***memnasqai polemou te kai xalkeoktupou maxaj***, cf. fr. 18. 59-60 Maehler) ao se encaminhar à

---

[187] *Veio até ele um frio oráculo a seu espesso coração / dito no meio do umbigo da mãe de belas árvores / para que ele se mantivesse em grande guarda, de toda forma, contra o de uma só sandália, / quando surgisse das regiões elevadas / para a bem visível terra de Iolco gloriosa, / fosse estrangeiro ou cidadão. Chegado o momento, / o homem veio com lanças duplas, impressionante. Tinha uma vestimenta / originária da Magnésia ajustada a seus membros admiráveis / e com uma pele de leopardo se protegia da fremente chuva, / nem os cachos brilhantes da cabeleira foram cortados e perdidos, / mas resplandeciam pelas costas inteiras.*

ἦλθε δέ οἱ κρυόεν πυκινῷ μάντευμα θυμῷ, / πὰρ μέσον ὀμφαλὸν εὐδένδροιο ῥηθὲν ματέρος / τὸν μονοκρήπιδα πάντως / ἐν φυλακᾷ σχεθέμεν μεγάλᾳ, / εὖτ' ἂν αἰπεινῶν ἀπὸ σταθμῶν ἐς εὐδείελον / χθόνα μόλῃ κλειτᾶς Ἰαολκοῦ, / ξεῖνος αἴτ' ὢν ἀστός. ὁ δ' ἦρα χρόνῳ / ἵκετ' αἰχμαῖσιν διδύμαισιν ἀνὴρ ἔκπαγλος· ἐσθὰς δ' ἀμφοτέρα νιν ἔχεν, / ἅ τε Μαγνήτων ἐπιχώριος ἁρμόζοισα θαητοῖσι γυίοις, / ἀμφὶ δὲ παρδαλέᾳ στέγετο φρίσσοντας ὄμβρους· / οὐδὲ κομᾶν πλόκαμοι κερθέντες ᾤχοντ' ἀγλαοί, / ἀλλ' ἅπαν νῶτον καταίθυσσον.

[188] οὐδὲ κόμαν πλόκαμοι· οὐδὲ τὴν πρώτην κόμην εἰς ἀπαρχὴν τοῖς θεοῖς ἐκείρατο, ἀλλ᾽ ὡς Ἀχιλλεὺς νέος ἦν πρωτοκόμης· “Σπερχεῖ, ἄλλως σοί γε πατὴρ ἠρήσατο Πηλεύς.” O escólio cita *Ilíada* XXIII 144 referindo-se à promessa de Peleu para, caso Aquiles retornasse vivo à terra natal após a guerra, cortar os cabelos do filho e ofertá-los ao rio Esperqueio.

[189] Teseu havia assassinado o ***uperbioj*** Sínis, o ***atasqaloj*** Círon e derrotado Procoptes na palestra de Cercíone por ser ***areionoj fwtoj*** (cf. Baquílides fr. 18. 20-30 Maehler).

cidade de Atenas. Teseu traja uma túnica púrpura coberta por um ***xlamuj*** tessálico (fr. 18. 53-55 Maehler). Jasão, de modo similar, usa uma vestimenta magnésia (***esqaj … Magnhtwn epixwrioj***, cf. 79-80) por conta de sua origem: ele acabara de abandonar o preceptor Quirão, chamado de ***Magnhj Kentauroj*** em *Pítica* III 45. Sendo a Magnésia uma região localizada ao sudoeste da Tessália, pode-se inferir uma semelhança entre os dois heróis causando admiração à população que os contempla surgir maravilhosamente.

Mas além do traje magnésio, Jasão também cobre o corpo com uma pele de leopardo (***pardale#***, cf. 81), ecoando as peles de animal exibidas por guerreiros em Tróia como Menelau (*Ilíada* X 29) e Páris (*Ilíada* III 17) – de leopardo – e Agamêmnon (*Ilíada* X 23) – de leão. Ao fitá-lo as pessoas cogitam tratar-se de um deus, associando-o a Apolo ou Ares.[190] Segundo o escoliasta de *Pítica* IV 154a, Píndaro estabelece um paralelo entre o Esonida e os deuses por causa de sua florescência e beleza e não pela condição de imortalidade.[191] Da mesma forma os marinheiros que ingressaram na expedição dos argonautas são chamados de ***hmiqeoisin*** em *Pítica* IV 12 (cf. também 184 e 211) e de ***hrwej antiqeoi*** em *Pítica* IV 58. Em Homero o termo ***hrwj*** só é associado a mortais, em geral combatentes da Guerra de Tróia (cf. *Ilíada* I 4, II 110, IV 200, VIII 391, XII 165, XVIII 56, XXIII 896, etc). Já Platão em *Crátilo* 398c-e apresenta como etimologia da palavra ***hrwj*** a derivação de ***erwj***. Por conta dos heróis terem nascido da união entre deuses e mortais, a expressão então empregada para designá-los decorreria de ***erwj***, embasando etimologicamente sua natureza semi-divina (***ouk oisqa oti hmiqeoi oi hrwej;***).[192] Apesar do catálogo pindárico de argonautas enumerar somente os descendentes de imortais (*Pítica* IV 169-87)[193], a maioria da

---

[190] Em Apolônio *Argonáuticas* III 1282-83 Jasão, armando-se para realizar as provas, é concomitantemente comparado a Ares e a Apolo (cf. III 1278-83).

[191] ἐχρήσατο τῷ λόγῳ πάνυ κεκολασμένως τὸ οὔτι προσθεὶς, καὶ ἔδωκε διὰ μὲν τὸ κάλλος ὅμοιον εἶναι τοῖς θεοῖς τὸν Ἰάσονα, διά γε μὴν τὸ τῆς φύσεως φθαρτὸν ἀμφιβάλλων ἀπαρνεῖται.

[192] Para mais informações sobre o sentido de ***hrwj***, cf. Griffin (1980: 81-102), Nagy (1986: 69-210) e Currie (2005: 60-70).

[193] São mencionados os seguintes membros: Héracles, Cástor e Polideuces (filhos de Zeus), Eufemo e Periclímeno (filhos de Posêidon), Orfeu (filho de Apolo), Equião e Érito (filhos de Hermes) e Zeta e Calais

tripulação não possui qualquer origem divina e só se equipara aos deuses por aparência e excelência, não por natureza. Essa é a condição do Esonida.[194]

Ao ser interpelado por Pélias, questionando-o sobre sua origem, Jasão se prontifica a respondê-lo com palavras confiantes e suaves (***qarshsaij aganoisi logoij***, cf. *Pítica* IV 101). Sua fala doce será novamente enfatizada em 128 (***meilixoisi logoij***) e 137 (***malqak# fwn#***). Essa loquacidade suave é reiteradas vezes assinalada por Apolônio de Rodes nas *Argonáuticas* e já consta de seu primeiro discurso no poema, endereçado à mãe (***meilixioij epessi***, I 294). Ao tentar persuadir Eeta a entregar o tosão (***meilixioisin***, III 385), encorajar a tripulação simulando arrependimento pela empreitada (***meilixioij epessi***, II 621), rogar o auxílio de Medéia (***adin% … muq%***, III 1104 e ***aimulioisi logoisin***, 1141) ou convencê-la de que não cometerá traição e a entregará aos colcos (***meilixioij epessin***, IV 394), Jasão se vale de doces palavras cujo fim é persuadir o ouvinte a concordar com o plano por ele estabelecido.[195] À exceção de Eeta, o Esonida se mostra imbatível no convencimento verbal demonstrando a eficácia da via diplomática em oposição ao uso da violência bélica. Contudo a resolução do herói em responder à inquirição de Pélias em Píndaro contrasta com os diferentes momentos de reflexão contrários a uma rápida reação por parte da personagem descrita nas *Argonáuticas*.[196]

(filhos de Bóreas). Segundo Braswell (1988: 248), *his principle of selections is clear: only sons of the gods are named and (…) these are listed in the order of their fathers' digninity.*

[194] Em Apolônio *Argonáuticas* I 548 os tripulantes da Argo são chamados de ***hmiqeoisin andrwn genoj***, apesar de grande parte não possuir qualquer ascendência divina. O escoliasta (***S*** *Arg.* I 547-48) interpreta a expressão como fruto da contemplação e admiração dos deuses quando a embarcação parte (***dia toutou ebebaiwsato kai touj qeouj skopein kai qaumazein ton ploun***), mas frisa que alguns não eram simples marinheiros, mas semi-deuses de fato (***ou gar aplwj tinej nautai hsan, all' hmiqeoi***).

[195] Em *Argonáuticas Órficas* 76 Jasão, em seu primeiro discurso no poema, roga a participação de Orfeu na expedição também se valendo de doces palavras (***meilixon … fwnhn***).

[196] Como já foi comentado no primeiro capítulo, a ***amhxania*** do protagonista em momentos de crise não é fruto de inépcia ou covardia, mas de ponderação e cálculo visando a uma resposta mais eficiente para a resolução da crise surgida.

O herói tarda a se apresentar e somente ao final do discurso revela a verdadeira identidade, quando suas intenções são claramente pronunciadas diante de todos os presentes: recuperar a antiga realeza concedida por Zeus a seu pai em Iolco e retirar o ***aqemij*** Pélias do poder (*Pítica* IV 104-110).[197] O rei é chamado de dirigente arrogante (***uperfialou agemonoj*** cf. 111-12) cuja ***ubrij*** forçou Jasão, ainda criança, ao exílio secreto, ecoando a caracterização conferida aos ciclopes por Odisseu (***Kuklwpwn uperfialwn aqemistwn***, cf. *Odisséia* IX 106).[198]

A reivindicação exigida contrasta radicalmente com a posição do protagonista da epopéia de Apolônio cujo objetivo almejado é cumprir a missão designada para residir tranqüilamente em sua terra-natal com o consentimento de Pélias (*Argonáuticas* I 901-3).[199] Na ode pindárica Jasão rejeita a possibilidade de reaver o poder real por meio da força (cf. 147-48) – atitude que o escoliasta de *Pítica* IV 261 classifica como ***dikaion*** – e aceita a proposição do regente para buscar o velo de ouro na distante Cólquida e trazê-lo de volta à Grécia junto da alma de Frixo (159-62).[200] As dificuldades da missão e as

---

[197] *Tendo completado vinte anos sem ter feito / nem dito algo desviante a eles, vim / para casa obter o poder real de meu pai, sendo exercido / não segundo o lote que Zeus concedeu ao líder / Éolo e seus filhos. / Informei-me que Pélias sem lei, persuadido por seu coração pálido,/ pilhou-o violentamente de nossos genitores, detentores legítimos.*

εἴκοσι δ' ἐκτελέσαις ἐνιαυτοὺς οὔτε ἔργον /οὔτ' ἔπος ἐντράπελον κείνοισιν εἰπὼν ἱκόμαν / οἴκαδ', ἀρχαίαν κομίζων πατρὸς ἐμοῦ, βασιλευομέναν / οὐ κατ' αἶσαν, τάν ποτε Ζεὺς ὤπασεν λαγέτᾳ / Αἰόλῳ καὶ παισὶ τιμάν. / πεύθομαι γάρ νιν Πελίαν ἄθεμιν λευκαῖς πιθήσαντα φρασίν / ἁμετέρων ἀποσυλᾶσαι βιαίως ἀρχεδικᾶν τοκέων·

[198] Os pretendentes de Penélope também são considerados ***uperfialoi*** em várias passagens da *Odisséia* (cf. I 134, IV 790, XV 12, XVI 271, XVIII 71 e XX 12).

[199] *Retenha um melhor ânimo / concernente a mim, já que me basta, por vontade de Pélias, / morar em minha pátria. Somente os deuses me libertariam da luta.*

ἐκ μακάρων· τύνη δ' ἐμέθεν πέρι θυμὸν ἀρείω / ἴσχαν', ἐπεὶ πάτρην μοι ἅλις Πελίαο ἕκητι / ναιετάειν· μοῦνόν με θεοὶ λύσειαν ἀέθλων.

[200] O escoliasta de Píndaro *Pítica* IV 281a sugere que a expedição dos argonautas estaria baseada em um ritual para trazer de volta à Grécia as almas dos que morreram em terras estrangeiras. Portanto, através do velocino, os heróis estariam resgatando a alma de Frixo. Em Apolônio *Argonáuticas* II 1192-95 Jasão alega que a expedição tem por fim expiar o sacrifício de Frixo e apaziguar a cólera de Zeus contra os Eólidas. O mesmo motivo é mencionado em *Argonáuticas* III 333-39 (*Um rei, desejando impelir este homem para longe de sua pátria / e de seus bens, porque em excesso, com sua força, / disitnguia-se entre todos os Eólidas, / enviou-o para cá, sem recursos. Ele afirma que não evitará / a raça dos Eólidas do*

reais intenções de Pélias não mencionadas por Píndaro são explicitadas em Apolônio *Argonáuticas* I 16-17, Diodoro da Sicília IV 40. 2, Valério Flaco I 31-66 e *Argonáuticas Órficas* 58-60. A opção pela luta para readquirir os direitos reais inviabilizaria a expedição dos argonautas, contudo há relatos de batalhas ocorridas após o retorno da nau Argo munida do tosão. Em Píndaro *Neméicas* III 32-36 Peleu sozinho conquistou a cidade de Iolco.[201] Ferecides (3F62 Jacoby) apresenta uma versão diferente, afirmando que a guerra na qual participaram Jasão e os Tindaridas foi travada contra Acasto, filho de Pélias.[202] Mesmo com o sucesso da missão, o direito ao trono não fora transmitido ao

---

amargo Zeus a dolorosa ira / e a raiva, nem o intolerável crime e as punições por Frixo / antes de para a Hélade retornar o tosão [τόνδε τις ἱέμενος πάτρης ἀπάνευθεν ἐλάσσαι / καὶ κτεάνων βασιλεύς, περιώσιον οὕνεκεν ἀλκῇ / σφωιτέρῃ πάντεσσι μετέπρεπεν Αἰολίδῃσιν, / πέμπει δεῦρο νέεσθαι, ἀμήχανον· οὐδ' ὑπαλύξειν / στεῦται ἀμειλίκτοιο Διὸς θυμαλγέα μῆνιν / καὶ χόλον οὐδ' ἄτλητον ἄγος Φρίξοιό τε ποινάς / Αἰολιδέων γενεήν, πρὶν ἐς Ἑλλάδα κῶας ἱκέσθαι.]). Segundo o escoliasta de *Argonáuticas* III 336-39a, trata-se de um ***miasma***, iniciado por Atamante, que deve ser purificado. Porém em *Argonáuticas* I 16-17 Pélias, temendo perder o cetro, impõe a árdua navegação ao Esonida na esperança de lhe causar a ruína pela impossibilidade do retorno. Em Diodoro da Sicília IV 40. 2, por sua vez, é o próprio Jasão quem sugere a viagem à Cólquida.

[201] *Em antigas excelências / o rei Peleu alegrou-se após talhar uma lança superior. / Ele capturou sozinho Iolco, sem exército, / e tomou a deusa Tétis / como prêmio.*

παλαιαῖσι δ' ἐν ἀρεταῖς / γέγαθε Πηλεὺς ἄναξ, ὑπέραλλον αἰχμὰν ταμών· / ὃς καὶ Ἰαολκὸν εἷλε μόνος ἄνευ στρατιᾶς, / καὶ ποντίαν Θέτιν κατέμαρψεν / ἐγκονητί.

[202] ***docei de o Pindaroj dia ton Aiginhthn xarizesqai t% Phlei: ou gar monoj eile thn Iwlkon, alla meta Iasonoj kai twn Tindaridwn, wj istorei Ferekudhj.***

A guerra em solo grego também faz parta da narrativa de Diodoro da Sicília (IV 50-53): Pélias provoca a morte de todos os parentes de Jasão ao ser notificado do retorno da nau Argo. Quando os heróis chegam em Iolco o Esonida é informado sobre o ocorrido e resolve deliberar com os demais argonautas se devem imediatamente atacar o rei de surpresa ou tentar angariar combatentes para iniciar uma guerra. Medéia, por sua vez, afirma ser capaz de assassinar Pélias mediante um ***doloj*** e sinalizar a consumação do crime para que os heróis pudessem invadir a cidade. Com uma estátua da deusa Ártemis oca, repleta de ***farmaka*** em seu interior, a feiticeira entra através dos muros da cidade e promete a Pélias o rejuvenescimento. Durante o processo, empreendido pelas próprias filhas, o rei é assassinado e os argonautas penetram na cidade matando todos que oferecessem resistência (***dio kai touj Argonautaj apo thj skophj katamaqontaj to pur, kai nomisantaj suntetelesqai thn anairesin tou basilewj, ormhsai drom% proj thn polin, pareiselqontej d" entoj tou teixouj espasmenoij toij cifesin eij ta basileia***

Esonida, justificando o início do conflito bélico. A intenção de se tornar monarca, despojando o tio usurpador do poder, foi totalmente ignorada por Apolônio de Rodes, uma vez que Jasão nas *Argonáuticas* não demonstra interesse algum em ocupar qualquer posição real.[203]

Imediatamente após o acordo, o herói enviou mensageiros a todas as partes da Grécia divulgando a expedição e recrutando tripulantes. A rápida reação à proposta de Pélias é ressaltada pela expressão ***autoj hdh***, enfatizando a ansiedade em logo formar o grupo de argonautas e zarpar rumo à Cólquida. A iniciativa imediata de Jasão a determinadas situações conflitantes é freqüente na *Pítica* IV (cf. 83 (***taxa***), 133 (***aiya***), 169 (***autoj hdh***) e 171 (***taxa***), em referência à aceitação dos futuros argonautas ao convite) e provavelmente reflete um ideal heróico baseado na pronta resposta diante de vicissitudes ao invés da ponderação cautelosa. Em Pìndaro o Esonida não costuma deliberar por muito tempo antes de tomar decisões, ao contrário das supostas incertezas demonstradas pela personagem em *Argonáuticas* I 460-61, I 1286-89, II 885-88 e III 421-24. Apolônio não narra a reação do herói ao ser notificado sobre a necessidade da navegação, mas a censura às lamentações de Alcimede indicam uma provável relutância. Exortando a mãe a cessar as lágrimas e as aflições, o Esonida tenta consolá-la afirmando que os deuses invisíveis distribuem pesares aos mortais (***phmata gar t" aidhla qeoi qnhtoisi nemousi***, cf. I 298). Logo a expedição pode ser entendida como um ***phma***, corroborando o reiterado tom de lamento com o qual Jasão costumeiramente se refere a ela (cf. ***lugroi … aeqloi*** em I 841, ***kruerh basilhoj atasqalou … efetmh*** em III 390 e ***kakhj anagkhj*** em III 430). Em I 903 é explicitado o desejo por se ver livre da missão, todavia caberia somente aos deuses liberá-lo de obrigações impostas pelo rei. Em *Argonáuticas Órficas* 60-61 a reação do Esonida é similar ao comportamento do protagonista da epopéia de Apolônio: ao

---

katanthsai kai touj enantioumenouj twn fulakwn anelein). Após a tomada da cidade, Jasão transfere o poder a Acasto, filho do rei Pélias.

[203] O trono de Lemno foi oferecido a Jasão por Hipsípile em *Argonáuticas* I 890-92 (*Mas esta ilha / e o cetro de meu pai estarão à disposição se no porvir, / após ter retornado, quiseres vir de novo para cá* [***Hdh de nhsoj / skhptra te patroj emeio paressetai, hn kai opissw / dh pote nosthsaj eqel$j ayorron ikesqai***]), contudo o herói não o aceitou, desejoso por retornar a Iolco (I 900-3).

escutar a proposta de Pélias ele ergue as mãos – provavelmente em desespero – invocando Hera, costumaz protetora da expedição.[204]

Píndaro na *Pítica* IV destaca somente dois eventos ocorridos durante o trajeto de ida da nau Argo: a construção do santuário de Posêidon às margens do Mar Inospitaleiro (cf. 204-6) e a travessia pelas Simplégades (cf. 207-11). A estadia em Lemno é transferida para o trajeto de retorno, em oposição à maioria das demais versões (cf. 251-56).[205] Essa alteração gera inconsistência geográfica ao se tentar entender a rota seguida e obriga a omissão do relacionamento amoroso travado entre Jasão e Hipsípile, vide a presença de Medéia entre a tripulação.

Píndaro se vale de maior concisão ao narrar os eventos ocorridos na Cólquida em exatos trinta e cinco versos (cf. 211-246), sendo que mais da metade se centra na realização dos ***aeqla*** (cf. 224-43), enquanto uma parte significativa relata a maneira como Medéia foi seduzida (cf. 213-23).[206] Ao chegarem à Cólquida, os argonautas protagonizaram uma batalha na presença de Eeta (cf. 211-13).[207] Este acontecimento bélico inexiste em outras versões e pressupõe a ênfase de Píndaro em atribuir valores marciais à expedição, apresentando um Esonida que não evita a violência como modo de ação e se faz conhecer aos colcos primeiramente pela força dos braços. O evento mais próximo a ocorrer em relatos posteriores é o confronto narrado por Diodoro da Sicília (IV 48. 4-5) entre argonautas e colcos após o rapto do velocino de ouro. Durante a luta Eeta é morto por Meléagro, enquanto Jasão é gravemente ferido, mas logo se recupera graças às drogas de Medéia. Em Apolônio os argonautas confrontam brevemente os colcos por mar, mas Jasão sequer participa do certame, pois se ocupava do assassinato traiçoeiro de Apsirto (IV 482-91).

---

[204] *Quando ouviu as palavras ilegais / ele estendeu os braços e invocou a soberana Hera*.

Ὁ δ' ὡς κλύεν ἔκνομον αὐδήν / χεῖρας ἐπαντείνας ἐπεκέκλετο πότνιαν Ἥρην·

[205] O escoliasta de *Pítica* IV 252 nota a discrepância, em relação a outras versões da história, do deslocamento do episódio de Lemno para a viagem de retorno (***ouk akolouqwj. Ou gar upostrefontej prosebalon t$ Lhmn%, all' apiontej***).

[206] Segundo Braswell (1988: 293), *only the contest of strength is described in any detail, and that serves to give an impression of epic narrative which stands as representative for the rest of the action not explicitly mentioned*.

[207] *Em seguida / desembocaram no Fásis, onde entraram em confronto com os colcos sombrios / na presença do próprio Eeta.*

ἐς Φᾶσιν δ' ἔπειτεν / ἤλυθον, ἔνθα κελαινώπεσσι Κόλχοισιν βίαν / μεῖξαν Αἰήτᾳ παρ' αὐτῷ.

Contudo é um erro pressupor que a militarização dos argonautas decorra do recorte pindárico visando a enaltecer o comportamento heróico associado à tripulação. A proposta feita por Argos a Eeta em *Argonáuticas* III 350-53 sugere o poderio marcial dos gregos, pois, apesar de não navegarem até a Cólquida para fazer uso da força, poderiam submeter os hostis sauromatas ao jugo dos colcos em troca do tosão (cf. também III 392-95).[208] A oferta de auxílio bélico sequer é mencionada na resposta indignada do rei. Possivelmente Apolônio alude a uma conhecida caracterização marcial da expedição, mas ressalta que o foco da narrativa caminha em direção contrária (***ou gar ikanei xersi bihsomenoj*** cf. III 350-51), frustrando o leitor de qualquer expectativa da presença de batalhas como forma de resolução para os conflitos da trama.

A descrição dos ***aeqla*** em Píndaro só abrange os desafios dos touros com casco de bronze e da serpente guardiã (cf. Heródoro 31F52 Jacoby).[209] Apolônio, por sua vez, segue o modelo de Ferecides (3F22 Jacocy)[210] e insere a luta contra os homens armados nascidos dos dentes de serpente (III 1346-97).

---

[208] *Mas será de modo a agradar a ti próprio, pois não veio / fazer uso da força das mãos e ele deseja pagar-te o valor / do presente; escutando de mim sobre os muito hostis / sauromatas, ele os submeterá ao teu cetro.* (*Arg.* III 350-53)

αὐτῷ δ' ὥς κεν ἄδῃ, τὼς ἔσσεται· οὐ γὰρ ἱκάνει / χερσὶ βιησόμενος, μέμονεν δέ τοι ἄξια τείσειν / δωτίνης· ἀίων ἐμέθεν μέγα δυσμενέοντας / Σαυρομάτας, τοὺς σοῖσιν ὑπὸ σκήπτροισι δαμάσσει.

E agora mesmo / estamos dispostos a te pagar em guerra, com rápida recompensa, / se desejas os sauromatas ou algum outro / povo ao teu cetro submeter. (*Arg.* III 392-95)

καὶ δέ τοι ἤδη / πρόφρονές εἰμεν ἄρηι θοὴν ἀποτεῖσαι ἀμοιβήν, / εἴτ' οὖν Σαυρομάτας γε λιλαίεαι εἴτε τιν' ἄλλον / δῆμον σφωιτέροισιν ὑπὸ σκήπτροισι δαμάσσαι.

[209] ὁ μὲν Ἀπολλώνιος μετὰ τὸ φυγεῖν τὴν Μήδειαν ἐκ τοῦ Αἰήτου οἴκου εποίηται ὑπισχνουμένην τὸ κῶας τῷ Ἰάσονι· ὁ δὲ τὰ Ναυπακτικὰ γράψας υνεκφέρουσαν αὐτὴν τὸ κῶας κατὰ τὴν φυγήν, κατὰ τὸν αὐτοῦ οἶκον είμενον [τοῦ Αἰήτου]· ὁ δὲ Ἡρόδωρος μετὰ τὴν ἀνάζευξιν τῶν ἀγρίων ταύρων ἀποσταλῆναι τὸν Ἰάσονα ὑπὸ τοῦ Αἰήτου ἐπὶ τὸ κῶας, τὸν δὲ πορευθέντα φονεῦσαί τε τὸν δράκοντα καὶ τὸ κῶας ἀπενεγκεῖν πρὸς Αἰήτην, τὸν δὲ δόλῳ καλέσαι αὐτοὺς ἐπὶ δεῖπνον (cf. ***S*** *Argonáuticas* IV 87).

[210] περὶ τῆς Κάδμου εἰς Θήβας παρουσίας Λυσίμαχος ἐν τῇ συναγωγῇ τῶν Θηβαικῶν παραδόξων ἱστορεῖ καὶ Ἑλλάνικος ἐν α Φορωνίδος ἱστορῶν, ὅτι καὶ τοὺς ὀδόντας ἔσπειρε τοῦ δράκοντος κατὰ Ἄρεως βούλησιν καὶ ἐγένοντο ε ἄνδρες ἔνοπλοι, Οὐδαῖος, Χθόνιος, Πέλωρ, Ὑπερήνωρ, Ἐχίων. ὁ δὲ Ἀπολλώνιος πολλοὺς οἴεται καὶ ἄλλους <καὶ> ἀλλήλοις πεπολεμηκέναι. ἐν δὲ τῇ γ Μουσαῖος Τιτανογραφίᾳ λέγεται, ὡς Κάδμος ἐκ τοῦ Δελφικοῦ ἐπορεύετο προκαθηγουμένης αὐτῷ τῆς βοός. Ἱππίας δὲ ὁ Ἠλεῖος ἐν Ἐθνῶν ὀνομασίαις φησὶν

Antes da realização das provas, Eeta incita o rei (***basileuj***) e o chefe do navio (***ostij arxei naoj***) a se apresentar para cumpri-las diante de todos os presentes (*Pítica* IV 229-30). Apesar do desprezo demonstrado pelo monarca ao comandante da embarcação grega – sugerido pelo uso do pronome ***ostij*** –, a ênfase na presença de um líder realça as potencialidades heróicas de Jasão no momento do embate. Imediatamente ele se despe do manto e dá início às provas, confiante no deus (***qe% pisunoj***). Enquanto empreende as tarefas o herói é chamado de homem vigoroso (***biataj anhr***, cf. 236) e ao finalizá-las o rei se surpreende com sua ***dunamij*** (cf. 238) e condição ***karteroj*** (cf. 239). Píndaro não o representa como uma personagem fraca e subordinada a circunstâncias ou auxílios alheios[211], mas como um herói robusto cuja virilidade se impõe aos oponentes. Segundo Hadas (1936: 167-68) a debilidade foi associada a Jasão durante o século V a, C. por conta da ênfase à dependência, por toda a viagem, ao apoio de mulheres, tais como Hipsípile, Medéia e Arete. O Esonida ἄνανδρος do período helenístico, cujo principal expoente seria o protagonista da epopéia de Apolônio de Rodes, decorre dessa abordagem já perceptível desde a *Medéia* de Eurípides. A *Pítica* IV de Píndaro, sob essa ótica, pode ser lida como última representante de uma tradição heróica que conectaria Jasão a personagens de caráter marcial como Aquiles, Ájax ou Diomedes.[212]

Ao contrário de Hadas, devemos fazer uma leitura cautelosa antes do propor explicações abrangentes baseadas em documentação poética escassamente preservada.

ἔθνος τι καλεῖσθαι Σπαρτούς, καὶ ὁμοίως Ἀτρόμητος. Φερεκύδης δὲ ἐν τῇ ε οὕτω φησίν· ἐπεὶ δὲ Κάδμος κατῳκίσθη ἐν Θήβῃσιν, Ἄρης διδοῖ αὐτῷ καὶ Ἀθηναίη τοῦ ὄφιος τοὺς ἡμίσεις ὀδόντας, τοὺς δὲ ἡμίσεις Αἰήτῃ. καὶ ὁ Κάδμος αὐτίκα σπείρει αὐτοὺς εἰς τὴν ἄρουραν Ἄρεως κελεύσαντος, καὶ αὐτῷ ἀναφύονταιπολλοὶ ἄνδρες ὡπλισμένοι. ὁ δὲ Κάδμος δείσας βάλλει αὐτοὺς λίθοισιν. οἱ δὲ δοκέοντες ὑφ' ἑαυτῶν βάλλεσθαι, κρατέουσιν ἀλλήλους καὶ θνήσκουσιν πλὴν ε ἀνδρῶν, Οὐδαίου καὶ Χθονίου καὶ Ἐχίονος καὶ Πέλωρος καὶ Ὑπερήνορος, καὶ αὐτοὺς Κάδμος ποιεῖται πολίτας (cf. ***S*** *Argonáuticas* III 1179).

[211] Cf. Korte (1929: 183), Hadas (1936: 166-68), Carspecken (1952: 99-125), Lawall (1966: 121-169), Vian (1978: 1025-41), Klein (1983: 115-26). Clauss (1997: 149-177).

[212] *When vigor or decision is required, Jason is imbecile; his success comes only from the help of women, in the Argonautica from the intervention of Hypsipyle, Medea, Arete. An effeminate Jason, then, is not the invention of the Hellenistic age for the delight of the voluptuous Egyptian court, but a tradition, comic or not, from the fifth century.* (Hadas 1936: 167).

Como já foi comentado anteriormente, desde as mais antigas narrativas acerca da expedição dos argonautas no período arcaico, a participação de Medéia já fazia parte do enredo sem necessariamente feminizar o protagonista. Além disso as qualidades viris de Jasão enquanto cumpre os ***aeqla*** também são ressaltadas por Apolônio de Rodes. A admiração de Eeta por seu vigor (***qaumase d' Aihthj sqenoj aneroj***, cf. III 314) rememora Píndaro *Pítica* IV 237-39.[213] Portanto não é possível conceber a trajetória mítica de Jasão de modo linear pressupondo um processo de desconstrução heróica que parte de um hipotético modelo arcaico tradicional.

Talvez seja muito antiga a relação entre a expedição dos argonautas e o emprego dos ***farmaka***, independente da participação de Medéia na trama. Em um fragmento de cratera coríntia datado do século VI a. C. estão pintados Jasão, Cástor, Polideuces e Fineu. O adivinho sentado segura as mãos dos Dióscuros, enquanto o Esonida, por trás, toca seus olhos (cf. Mackie 2001: 7). A cegueira de Fineu já era conhecida por Hesíodo (fr. 254 M.-W.) em conexão com o ciclo mítico dos argonautas: foi-lhe retirada a visão por ter revelado a Frixo os caminhos a seguir por mar. Em *Argonáuticas* II 178-93 a cegueira se deve a um castigo divino pelo mau uso da arte divinatória, visto que as intenções sagradas de Zeus eram proferidas aos homens indevidamente. Segundo Mackie (2001: 7-9) a cena pode ser interpretada como um processo de cura executado por Jasão buscando recuperar a visão do ancião.

Não há menção na literatura supérstite de poderes curandeiros atribuídos ao herói, tampouco que Fineu, após o castigo divino, tenha voltado a enxergar. Na peça *Fineu* de Sófocles, segundo os escólios de Aristófanes *Pluto* 634-36, Asclépio possuía o poder de curar a cegueira, contudo não há como saber exatamente quem receberia o tratamento mencionado. Filarco, historiador ateniense do século III a. C., relata que Asclépio foi alvejado pelos raios de Zeus após ter ter restaurado a visão dos filhos de Fineu, mas nada é dito sobre o pai (cf. Sexto Empírico *Contra os gramáticos* 262).[214] A

---

[213] *E gritou em dor silenciosa / Eeta, admirado com seu poder. / Os companheiros ao forte varão as caras / mãos ergueram.*

ἴυξεν δ' ἀφωνήτῳ περ ἔμπας ἄχει / δύνασιν Αἰήτας ἀγασθείς. / πρὸς δ' ἑταῖροι καρτερὸν ἄνδρα φίλας / ὤρεγον χεῖρας.

[214] As mais antigas menções a Fineu aparecem no *corpus* hesiódico (fr. 138, 151, 157 e 254 M. W.), contudo não é explícita a vinculação de sua cegueira e da perseguição às Harpias pelos Boréadas (fr. 151 M. W.) com a viagem dos argonautas. A única conexão é inferida pela revelação a Frixo da rota correta a ser seguida (fr. 254 M. W.), provavelmente em sua viagem rumo à Cólquida. Segundo esse mesmo

capacidade de curar está associada etimologicamente ao nome de Jasão (***Ihswn***), derivado do verbo grego ***iaw***, ou seja, "curar", dado ao herói pelo preceptor Quirão em razão de seu ofício de físico e médico (cf. ***S*** Píndaro *Pítica* IV 211a).[215] Segundo o escoliasta de *Argonáuticas* I 554, Jasão aprendeu com Quirão a arte de proporcionar a cura, de onde teria derivado seu nome (***par" autou gar emaqe thn iatrikhn, oqen kai Iaswn eklhqh, para thn iasin***). Portanto é possível que houvesse alguma versão anterior do mito dos argonautas na qual seu líder fosse caracterizado como curandeiro e conseguisse manipular os ***farmaka*** sem o intermédio de nenhuma feiticeira bárbara, mas, por razões difíceis de serem compreendidas, a produção poética não preservou vestígios factíveis que comprovem essa abordagem.

---

fragmento, Fineu foi cegado por dois motivos divergentes: ter revelado o caminho a Frixo e ter optado por uma longa vida ao invés da visão (***pephrwsqai de Finea fhsin Hsiodoj en megalaij Hoiaij, oti Fric% thn odon emhnusen, en de t% Katalog%, epeidh ton makron xronon thj oyewj proekrinen***). Apolodoro I 9. 21 elenca três razões para explicar a cegueira: castigo dos deuses por revelar o futuro, castigo dos Boréadas e dos argonautas por cegar os próprios filhos e castigo de Posêidon por revelar aos Frixidas a melhor rota marítima a ser seguida. A representação de Fineu como um rei cruel que atenta contra os próprios filhos foi explorada por Sófocles em, ao menos, três tragédias. Em *Antígona* 966-87 a madrasta é responsável pelo cegamento das crianças, de forma semelhante às *Tocadores de Tambor* (fr. 645 Radt). O escoliasta de *Argonáuticas* II 178, por sua vez, alega que o próprio Fineu cegou os filhos de seu primeiro casamento com Cleópatra, persuadido pela segunda esposa (***Sofoklhj de, oti touj ek Kleopatraj uiouj etuflwse. Parqenion kai Karambij, peisqeij diabolaij Idaiaj thj autwn mhtruiaj***). Apesar de a afirmação se basear em Sófocles, o comentador não diz de qual peça a descrição da cena foi retirada. Possivelmente a fonte foi a tragédia *Fineu*, cujo argumento é reproduzido por Asclepíade de Trágilo (12F31 Jacoby) e já explicita a conexão deste episódio com a expedição dos argonautas. Cf. ainda *Naupácticas* fr. 3K. Apesar de Apolônio de Rodes silenciar sobre a caracterização cruel e quase infanticida de Fineu, as *Argonáuticas Órficas* aludem às duas esposas do adivinho e o consideram ***ainogamoj*** por conta da ruína causada pelo amor de uma mulher (cf. 671-73). Os Boréadas salvaram seus filhos, lhes restituíram a visão e cegaram o pai como forma de punição (cf. 674-79). A descrição profética da viagem e da travessia pelas Rochas Cianéias, nessa versão, cabe a Calíope, mãe de Orfeu (680-83). Os *Argonautas* de Dioniso Citobráquion apresentariam uma narrativa semelhante, porém o resgate dos filhos e castigo de Fineu seriam empreendidos por Héracles (cf. ***S*** *Argonáuticas* II 206-8a).

[215] παρὸ ἰατρὸς ἦν, τὸν ἐκτραφέντα ὑπ' αὐτοῦ φερωνύμως Ἰάσονα ἐκάλεσε παρὰ τὴν ἴασιν.

A importância de Medéia para a expedição, na versão de Píndaro, não deve ser subestimada. O fogo emanado dos touros nos ***aeqla*** não atingia o Esonida graças às instruções (***eftmaij***) e à imunização de seu corpo empreendidas pela garota, chamada de ***pamfarmakou ceinaj*** (cf. 233). O adjetivo ***pamfarmakoj*** é similar ao ***polufarmakoj*** usado por Apolônio para descrevê-la (*Argonáuticas* III 27 e IV 1677).[216] Contudo o auxílio de Medéia se deve a um encantamento realizado pelo Esonida a partir dos ensinamentos de Afrodite para torná-la aliada dos gregos (cf. 213-23).[217] Se a deusa instruiu Jasão a manipular o ***iugc***, o herói não seria totalmente inábil no uso da magia, visto ser necessário empregá-la para tornar a princesa colca a principal colaboradora da expedição. O ***iugc*** era um pássaro comumente usado em rituais de feitiçaria com o objetivo de atrair a pessoa amada (cf. Teócrito *Idílios* II 17). A prática deveria ser bem conhecida, já que o nome da ave era também usado metaforicamente para expressar a idéia de desejo (cf. Píndaro *Neméicas* IV 35 e Ésquilo *Persas* 987). De acordo com ***S*** *Pítica* IV 380a, para que a técnica do ***iugc*** fosse utilizada durante os encantamentos associados ao amor, Afrodite a transmitiu aos homens e a ensinou a Jasão para fazer Medéia esquecer o pudor mantido em relação aos pais e se aliar aos estrangeiros. Se a prática era comum entre as feiticeiras, a conexão entre Jasão e uma ***farmakij*** sugere uma aproximação existente – talvez remota – entre o herói e alguns rituais de magia. Evidentemente se trata de uma inferência, já que essa abordagem teria

---

[216] Homero também caracteriza Circe por meio do adjetivo ***polufarmakoj*** (*Odisséia* X 276, cf. também Hesíodo fr. 302. 15 M-W). Os médicos (***ihtroi***) também são chamados assim em *Ilíada* XVI 28.

[217] *A senhora das flechas mais velozes / o* ***iugc*** *variegado, do Olimpo, de quatro membros, / atrelando na roda inescapável, / a ave enlouquecida, ela, a Ciprogênia, trouxe / primeiramente aos homens e em preces e encantos / ensinou ao Esonida ser hábil / a fim de arrebatar o pudor de Medéia pelos genitores, / pela desejável Hélade / queimando nas entranhas, a impelisse com o chicote da Persuasão. / E rapidamente ela lhe mostrou como terminar as provas paternas / e untando-o com óleo / o antídoto das dores cruéis / deu-lhe para ungir, e prometeram se unir / num doce casamento comum entre si.*

πότνια δ' ὀξυτάτων βελέων / ποικίλαν ἴϋγγα τετράκναμον Οὐλυμπόθεν / ἐν ἀλύτῳ ζεύξαισα κύκλῳ / μαινάδ' ὄρνιν Κυπρογένεια φέρεν / πρῶτον ἀνθρώποισι λιτάς τ' ἐπαοιδὰς ἐκδιδάσκησεν σοφὸν Αἰσονίδαν· / ὄφρα Μηδείας τοκέων ἀφέλοιτ' αἰδῶ, ποθεινὰ δ' Ἑλλὰς αὐτάν / ἐν φρασὶ καιομέναν δονέοι μάστιγι Πειθοῦς. / καὶ τάχα πείρατ' ἀέθλων δείκνυεν πατρῴων· / σὺν δ' ἐλαίῳ φαρμακώσαισ' ἀντίτομα στερεᾶν ὀδυνᾶν / δῶκε χρίεσθαι. καταίνησάν τε κοινὸν γάμον / γλυκὺν ἐν ἀλλάλοισι μεῖξαι.

sido pouco explorada pela poesia grega do período arcaico, apesar de a etimologia proposta ao nome de Jasão possivelmente resgatá-la.[218]

Logo o emprego dos ***farmaka*** para a realização das provas na Cólquida não deve ser visto necessariamente como responsável pelo rebaixamento heróico do líder dos argonautas, nem causador da acusada ausência de virilidade, mas talvez elemento presente desde as mais remotas versões do mito e preservado no próprio nome do herói. A idéia de magia, portanto, estaria indissociavelmente conectada a Jasão. Resta saber por quais motivos sua competência farmacológica foi transmitida a outra personagem externa ao grupo que integrava a expedição.[219]

O enfrentamento da serpente guardiã do velocino é outro momento da narrativa em que o uso de alguma espécie de magia é recorrente. Nas *Argonáuticas*, ao lado de um Jasão completamente aterrorizado (***pefobhmenoj***, cf. IV 149) ao se deparar com a fera, Medéia, por meio de um encantamento, a faz adormecer para permitir a retirada do tosão do bosque sagrado. Enquanto a feiticeira aspergia ***farmaka*** sobre os olhos da serpente proferindo fórmulas mágicas, o Esonida, seguindo suas ordens (***kourhj keklomenhj***, IV 163, cf. também *Argonáuticas Órficas* 1017), retira o velo do carvalho e retorna ao navio (IV 110-82). Medéia indubitavelmente é a protagonista da cena, coordenando toda a ação, ao passo que Jasão permanece imóvel e assustado à espera de recomendações para agir no momento propício sem nenhum perigo a enfrentar.

De modo semelhante, a serpente era adormecida pelos encantos de Medéia em Antímaco fr. 63 Wyss, Apolodoro I 9. 23 e Valério Flaco VIII 68-120.[220] Em

---

[218] Para mais informações sobre o uso do ***iugc*** na *Pítica* IV, cf. Johnston (1995: 177-206).

[219] De acordo com Mackie (2001: 14), *magical healers are perceived as dangerous, and their activities are deemed essentially inappropriate for Greek heroes like Jason. My own view is that this is one aspect of why Medea enters so strongly into the story of Jason. It is one thing for a Greek hero to employ such dangerous practices, but quite another for a foreign woman to do so. Jason's lack of knowledge of drugs in the literature, and Medea's extensive use of them in their own ways help to reinforce notions of self-identity and difference, between Greeks and barbarians on the one hand, and men and women on the other. Jason it seems is transformed through time to conform to the demands of a society with firm views on the dangers of drugs, and the healing practices associated with them.*

[220] Segundo ***S*** *Arg.* IV 156-66a (fr. 63 Wyss), ἐν τούτοις καὶ τοῖς ἐφεξῆς φησι τὴν Μήδειαν, ἐπιρραίνουσαν ἀρκεύθῳ φάρμακον, κοιμίσαι τὸν δράκοντα ἐπᾴδουσαν, καὶ οὕτω τὸ κῶας

Argonáuticas Órficas o encantamento é empreendido por Orfeu através da lira.[221] Contudo havia versões em que o animal era morto em combate pelo Esonida, como em Ferecides (3F31 Jacoby) e Heródoro (31F52 Jacoby). Píndaro parece mesclar as duas variantes, pois o abatimento do monstro é verbalmente assinalado (***kteine***, cf. *Pítica* IV 249), no entanto a maneira como isso ocorre é pouco clara (cf. 249-50).[222] As ***texnaij*** empregadas não são explicadas gerando dúvidas sobre quem realmente as detém e de que forma elas atuam para derrotar a serpente vigilante. Na peça de Eurípides, Medéia afirma ser ela própria quem abatera o dragão (cf. 480-82, cf. também Diodoro as Sicília IV 48. 3), porém é improvável que em Píndaro ela possa ser lida como sujeito do verbo ***kteine***. Segundo o escoliasta de Píndaro *Pítica* IV 443, as ***texnaij*** citadas pertenceriam a Medéia (***taij thj Mhdeihj texnaij***). As técnicas podem se referir ao encanto pelo qual a feiticeira adormeceu a serpente, tal como Apolônio de Rodes narrou nas *Argonáuticas*. Se assim fosse, Jasão teria assassinado a fera entorpecida, fato que diminuiria sensivelmente o caráter heróico do episódio. Segundo o léxico de Hesíquio, a palavra ***texnh*** pode ser compreendida como sinônimo de ***doloj*** (cf. também ***S*** *Ístmicas* 4 52e[223]). Mesmo associando ao termo o sentido de

---

ἀνελέσθαι καὶ χωρισθῆναι ἀμφοτέρους ἐπὶ τὴν ναῦν κοιμωμένου τοῦ θηρίου, συμφώνως Ἀντιμάχῳ.

A mesma versão da derrota do dragão que Apolônio teria reprodizido de Antímaco também ocorre em Apolodoro I 9. 23. Antímaco é a fonte mais antiga a dizer que o dragão foi posto para dormir pelos encantos de Medéia e não morto por Jasão. Segundo Matthews (1996: 219), *it is probably part of the later trend in the myth to magnify the role of Medea and lessen that of Jason and may well have originated with Antimachus. It would seem fitting for the subject matter of the* Lyde *that the female characters receive greater emphasis.*

[221] No entanto enquanto os argonautas estavam aterrorizados, Medéia mantinha o ânimo firme (***akampea qumon***, cf. *Argonáuticas Órficas* 999).

[222] *Matou com artimanhas a serpente de olhos glaucos e de costas variegadas, / ó Arcesilau, e roubou Medéia, por sua própria vontade, a assassina de Pélias.*

κτεῖνε μὲν γλαυκῶπα τέχναις ποικιλόνωτον ὄφιν, / ὦ Ἀρκεσίλα, κλέψεν τε Μήδειαν σὺν αὐτᾷ, τὰν Πελίαο φονόν·

[223] τὸ δὲ τέχνῃ νῦν ἀντὶ τοῦ δόλῳ καὶ μηχανῇ τινι.

artimanha ou plano astucioso, a passagem permanece nebulosa, pois não sabemos exatamente como o dragão seria executado.[224]

As mais antigas representações iconográficas do embate entre Jasão e a serpente datam do século VII a. C. Em nenhum dos seis objetos preservados em que a cena aparece (cf. 30-35 LIMC) há a presença de Medéia. A única companhia presente em um desses artefatos é a da deusa Atena portando a lança enquanto assiste ao confronto (cf. 32 LIMC). Em 35 LIMC, um espelho de bronze etrusco do início do século VI a. C., Jasão segura o velocino com a mão esquerda e a espada com a mão direita, contudo uma perna está na boca do animal como se estivesse prestes a ser devorado. A imagem fica mais clara à luz de outras representações iconográficas do período arcaico e clássico nas quais o herói irrompe da boca do dragão. Em 32 LIMC, um cálice ático datado de 480-470 a. C., Jasão é regurgitado pela serpente tendo Atena a observá-lo e o velo ao fundo suspenso sobre os galhos de uma árvore. Um vaso coríntio do século VII a. C. apresenta a mais antiga representação dessa cena, na qual um homem barbado – identificado como Jasão – sai da boca de uma serpente, provavelmente enquanto lutava para salvar a vida.

Não existe nenhum vestígio literário citando tal episódio nas diferentes versões da história dos argonautas. Por que há uma defasagem entre o registro poético e o registro iconográfico do mesmo evento? Em quais circunstâncias Jasão foi expelido da barriga da serpente? A presença – e assistência? – de Atena garantiria um desempenho viril no certame?

Se o regurgitamento foi motivado pelo emprego dos ***farmaka***, a intrigante ausência de Medéia na cena suportaria a idéia de um Jasão originariamente associado à magia. Se assim fosse, a transferência da prática encantatória à princesa bárbara poderia ser uma forma de entender porque a poesia grega acaba negligenciando o registro do confronto com a serpente de acordo com as imagens reproduzidas nesses artefatos e concede maior espaço aos feitiços de Medéia, fazendo de Jasão mero espectador da façanha de outrem.

---

[224] Em *Imagens* XI Filóstrato descreve a fuga da Cólquida após a captura do velocino. A serpente vigilante estava adormecida, enquanto Medéia, na Argo, era acompanhada por um homem armado identificado como Jasão. A panóplia não foi usada no confronto com a serpente, encantada pela feiticeira, mas era necessária para a proteção contra o avanço dos colcos.

A narrativa de Píndaro sugere o desempenho do Esonida como executor do abatimento da serpente sem citar diretamente a presença de Medéia. Talvez as ***texnaij*** mencionadas em 249 sejam uma referência concisa a essa antiga versão do mito, dando ênfase ao bom desempenho da missão e à aquisição do velocino através da habilidade de Jasão em empregar recursos marciais ou mágicos quando a situação assim exigir. O herói sabe agir de modo conveniente segundo os diferentes contextos com os quais é confrontado, em todos eles atuando como personagem principal.

2.3 Os argonautas e a poesia helenística

O ciclo mítico dos argonautas foi abordado por grande parte dos autores do período helenístico, indicando a grande popularidade que a história alcançou a partir do século III a. C. Possivelmente poetas como Teócrito e Calímaco, ao comporem sobre episódios da viagem, também tenham servido de modelo às *Argonáuticas*.

A segunda narrativa etiológica exposta nos *Aitia* de Calímaco seria referente ao culto de Apolo em Anafe (fr. 7.19 Pf - 21 Pf), cuja origem remonta ao trajeto de retorno da nau Argo. Efetivamente se trata da última parada antes de a expedição atingir o porto de Pagasas, de acordo com as *Argonáuticas*. Após Apolo, por meio de seu arco luminoso, ter conduzido o navio na penumbra do Mar Egeu em direção a uma das ilhas Espórades, os argonautas o invocaram pelo epíteto ***Aiglhthj***, ou seja, "Luminoso" e lhe ergueram um altar, passando a chamar aquela terra de Anafe, pois o deus aparecera a eles (***anefhne***) e salvara suas vidas conduzindo-os a solo firme (*Argonáuticas* IV 1689-730, cf. também *Argonáuticas Órficas* 1353-59).[225]

Segundo os escólios florentinos referentes ao fr. 7.19 - 21 Pf, a musa Calíope explica ao poeta porque os sacrifícios realizados em Anafe eram acompanhados de ***aisxrologia***.[226] A presença de cativas feácias, atestada no fr. 21. 5-7 Pf, é justificada

---

[225] O fr. 17 Pf trata da escuridão que desorientou os argonautas em pleno mar Egeu, de modo que o timoneiro Tífis não mais conseguia localizar a constelação da Ursa Maior (chamada de ***Kallistw***) e se guiar por ela (***Tifij a[/ kallist[***, fr. 17.9-10 Pf). No fr. 18 Pf os heróis fazem preces aos deuses rogando por auxílio. Os primeiros seriam os Tindaridas, invocando Zeus (fr. 18.1-4 Pf). Na seqüência Jasão, com o coração aflito (***all" og" ani]azwn on kear Aisonidhj / soi xeraj her]tazen***, fr. 18.5-6 Pf), roga por Apolo, prometendo-lhe oferendas em Delfos e Delos caso sobrevivam (***Ihie, polla d" apeilei / ej Puqw pe]myein, polla d" ej Ortugihn, / ei ken amixqaloessan ap" hera nhoj elass$j***, fr. 18.6-8 Pf). A cena foi imitada em *Argonáuticas* IV 1701-5, porém, na versão de Apolônio, o Esonida chorava (***kata d" erren asxalownti / dakrua***, cf. 1703-4) enquanto fazia referência às mesmas localidades de culto a Apolo (cf. ainda *Argonáuticas* I 411-24). O aparecimento da Ilha Anafe é relatado no fr. 21 Pf. Para mais informações cf. Massimilla (1996: 255-85).

[226] ***Kwj de qeai, ..[...] men anhr Anafaioj ep" ais[xroij*** (fr. 7. 19 Pf).

zhtei d(ia) tina ai[tian en Anaf$ m(eta) aisxr(wn) eij allhlouj logwn Apoll%[ni, en de Lind% Hraklei ..... m(eta) k(ata)rwn quousi. [prwton oun Kallioph istorei wj ote Iaswn e[k Kolxwn (*Scholia Florentina ad fr. 7.19 – 21*). A narrativa etiológica seguinte

em *Argonáuticas* IV 1220-22 por serem presente de casamento ofertado por Arete a Medéia. A inserção dessas escravas na ilha de Anafe em *Argonáuticas* IV 1720-24 possivelmente seguiria o modelo calimaquiano, já que a presença dos argonautas em Córcira (fr. 12-15 Pf) – identificada como a ilha dos feácios – constaria dos *Aitia* não para narrar o casamento de Jasão e Medéia mas para explicar a presença das cativas na ilha consagrada a Apolo. A narrativa da viagem dos argonautas em Calímaco não se pretendia contínua, mas diferentes episódios, preferencialmente menos conhecidos, seriam relatados procurando esclarecer a origem de costumes relacionados a eles. Fechando o poema, o último ***aition*** explanado se referiria à âncora da nau Argo (fr. 108-9 Pf).[227] De certa forma eventos pertencentes à expedição de Jasão emolduravam a elegia etiológica de Calímaco.[228]

---

explicaria o uso de imprecações durante o culto a Héracles na cidade de Lindo, em Rodes (fr. 22-23 Pf). Segundo Massimilla (1996: 32) *gli* aitia *sono accostati per affinità contenutistiche: il culto de Apolo ad Anafe e quello de Eracle a Lindo hanno in comune il carattere escrologico.* Antes de se referir à fundação do culto, Calímaco faria uma breve referência à estada dos argonautas na Cólquida reproduzindo o discurso furioso de Eeta (***arxmenoj wj hrwej ap' Aihtao Kutaiou / autij ej arxaihn epleon Aimonihn /]em, o d' wj iden erga qugatroj /] elece tade:***, fr. 7. 25-28 Pf). A referência à destruição da nau (***nhio]n o sfe ferei / autan[dron***, fr. 7.32-33 Pf) será rememorada por Apolônio na fala de Eeta em *Argonáuticas* III 582 (***autandron flecein doru nhion***), porém em Calímaco a embarcação já havia partido. Uma provável vingança seria enunciada, tomando como testemunhas Hélio e o Fásis (***] Hlioj istw / kai Fasij [potamwn hme]terwn basileuj***, fr. 7.33-34 Pf), o pai de Eeta e o principal rio da Cólquida. A referência aos ***erga qugatroj*** indica o auxílio de Medéia para o êxito e fuga dos estrangeiros (chamados de ***Ihonej*** no fr. 7.29 Pf), confirmado pelo assassinato de Apsirto cometido pela própria irmã no fr. 8 Pf.

[227] Os fragmentos dizem respeito à pedra que servia de âncora à nau Argo, abandonada sob a fonte Artácia em Cízico. O episódio é narrado por Apolônio de Rodes *Argonáuticas* I 955-60 e *Argonáuticas Órficas* 490-98. A referência a ***Panorme*** no fr. 108 Pf (***Argw kai se, Panorme, katedrame kai teon udwr***) diz respeito ao porto de Cízico, pois, como esclarece o escoliasta de *Argonáuticas* I 954, ***o Panormoj limhn thj Kuzikou, ou omwnumoj polij en Sikeli#***. Para Ardizzoni (1967: 227) seria evidente que Apolônio se basearia nos *Aitia* de Calímaco para narrar o episódio da troca de âncoras, como se deduz da *Diegesis* (***fhsi touj Argonautaj udreusasqai apobantaj eij Kuzikon apolipein ton liqon enqade % exrwnto agkur#, a<te> elafroteron onta - touton d' usteron kaqierwqhnai Aqhn# -, eteron ge mhn baruteron analabein***). A fonte Artácia, sob a qual a âncora é deixada, aparece em *Odisséia* situada na terra dos lestrigões. Segundo o

Teócrito aborda diretamente a história dos argonautas em dois idílios, um dedicado aos Dióscuros narrando a luta entre Polideuces a Amico (*Idílio* XXII) e outro ao abandono de Héracles na Mísia enquanto procurava por Hilas (*Idílio* XIII). A passagem pela Bebrícia exigiu que os argonautas se defrontassem com o rei local, Amico, famoso por impor o pugilato até a morte a todos os estrangeiros que aportassem em suas terras, assassinando-os brutalmente. Apolônio o descreve de modo assustador, equiparado a um leão feroz (II 26-29), a um matador de bois (II 91) e a um rebento monstruoso de Tifeu (II 38-40).[229] Segundo Apolodoro I 9. 20, o bárbaro desafiou o melhor homem da expedição (***ariston***, cf. também Apolônio *Argonáuticas* II 15) a enfrentá-lo na luta, mas apesar da liderança do Esonida, considerado ***aristoj*** entre seus pares (*Argonáuticas* I 332-62), não coube a ele a empreitada.

Em todas as versões conhecidas desse episódio, Polideuces aceita a contenda e derrota Amico. O escoliasta de *Argonáuticas* II 98-100a cita três possíveis fontes de Apolônio: o comediógrafo Epicarmo, o poeta épico Pisandro e o historiador Díoco na obra *Sobre Cízico*.[230] Em todos os relatos o Tindarida enfrenta a violência do rei bébrice enquanto Jasão é mero espectador. Em *Argonáuticas*, durante todo o episódio (I 1-163), ele é mencionado uma única vez ao final do confronto com o exército de Amico. Durante o pugilato os únicos argonautas nominalmente aludidos por prestarem auxílio a Polideuces amarrando-lhe as correias e o exortando são Cástor e Talau (II 60-64). Em nenhum momento Jasão, na condição de líder, se prontifica a enfrentar Amico ou encorajar o Tindarida. Somente após o abatimento do rei ele é mencionado ao participar do embate contra os bébrices hostis, porém sua inserção é retardada, não sendo descrita nenhuma luta em que tenha se destacado individualmente. Após Cástor, Talau, Ífito,

---

escoliasta de *Argonáuticas* I 955-60c, Apolônio seguiria o modelo de Alceu (fr. 400 L.P.) e Calímaco (fr. 109Pf), localizando-a na terra dos dolíones (***Artakia krhnh peri Kuzikon, hj kai Alkaio memnhtai kai Kallimaxoj, oti thj Dolioniaj estin***).

[228] Para mais informações sobre a estrutura do livro I dos *Aitia* e as *Argonáuticas* de Apolônio, cf. Harder (1993: 103-9).

[229] Em Apolônio *Argonáuticas*, Amico se mostra ansioso por derramar o sangue do peito do inimigo (***sthqewn ec aima kedassai***, cf. II 50) e molhar com sangue as faces dos homens (***andrwn te parhidaj aimati fursai***, cf. II 59).

[230] ᾿Απολλώνιος μὲν ἐμφαίνει ὡς ἀνῃρημένον τὸν ᾿Αμυκον· ᾿Επίχαρμος δὲ καὶ Πείσανδρός φασιν, ὅτι ἔδησεν αὐτὸν ὁ Πολυδεύκης. Δηίοχος δὲ ἐν α᾿ Περὶ Κυζίκου καταπυκτευθῆναί φησιν αὐτὸν ὑπὸ Πολυδεύκους.

Anceu, Peleu e Telamão, o nome de Jasão é relembrado acrescido ironicamente do adjetivo ***arhioj*** (II 101-22).[231]

Um tratamento pouco diverso é atribuído ao Esonida no *Idílio* XIII. Ao contrário das escassas abordagens à história de Hilas na literatura das épocas arcaica e clássica[232], sua freqüente aparição em diferentes obras do período helenístico sugere o destaque que a narrativa teria adquirido, comentado por Virgílio ao se indagar *cui non dictus Hylas puer?* (*Geórgicas* III 6). Além de Teócrito e Apolônio de Rodes (*Argonáuticas* I 1151-272), a personagem também aparece em Calímaco (fr. 24-24 Pf), Euforião (fr. 74-76 Powell) e Nicandro (cf. Antonino Liberal *Metamorfoses* XXVI). Na versão de Nicandro, Héracles retorna à nau após ser informado sobre o desaparecimento de Hilas e continua a expedição deixando Polifemo na ilha à procura do garoto. O relato está de acordo com as *Metamorfoses* de Antonino Liberal, em que Héracles seria o líder da

---

[231] Não se tratando da descrição de uma façanha sua, é natural o *Idílio* XXII somente citar Jasão uma única vez. É dito que a nau Argo contém os filhos amáveis dos deuses (***qewn fila tekna***, cf. *Idílio* XXII 29), em alusão à ascendência divina de parte de seus membros (cf. *Argonáuticas* III 402 e Píndaro *Píticas* IV 13). Ao chegarem à Bebrícia os argonautas desembarcaram da nau Jasônia (***andrej ebainon Ihsonihj apo nhoj***, cf. *Idílio* XXII 31). Mais informações sobre o *Idílio* XXII em Gow (1942: 11-18), Gow (1965: 382-407), White (1976: 403-8), Sens (1992: 335-50), Dover (1992: 237-51) e Hunter (1996: 46-76). Cf. uma comparação entre a luta de Polideuces e Amico em Teócrito e Apolônio em Campbell (1974: 38-41). Para mais informações sobre essa cena nas *Argonáuticas* de Apolônio, cf. Fränkel (1952: 144-55).

[232] Além de Helanico de Mitilene (4F131 Jacoby), o mito de Hilas é aludido por Aristófanes antes do período helenístico. Em *Pluto* 1127 Hermes se lamenta por não mais ser presenteado por larápios, quando Cárion lhe diz: *Sentes falta do ausente e chamas em vão* (***poqeij ton ou paronta kai mathn kaleij***). Segundo o escoliasta desta passagem, o verso pertence a uma tragédia anônima que abordaria o desaparecimento de Hilas na Mísia. A fala proferida pelo coro de nereidas seria endereçada a Héracles no momento em que o herói procurava pelo escudeiro (Ἡρακλῆς πλέων μετὰ τῆς Ἀργοῦς εἰς Κόλχους σὺν Ἰάσονι ἐν Κίῳ τῇ νήσῳ ἐξελθὼν, καὶ πέμψας τὸν ἐρώμενον αὐτοῦ Ὕλλαν ὕδωρ ἀντλῆσαι, περιέμενεν αὐτόν· τοῦ δὲ ὑπὸ Νυμφῶν ἁρπασθέντος, Ἡρακλῆς πολὺν χρόνον ἐζήτει· ὕστερον δὲ ὑπό τινος αἰθερίας φωνῆς ἤκουσε · "ποθεῖς τὸν οὐ παρόντα καὶ μάτην καλεῖς"). Notar que o escoliasta chama explicitamente Hilas de ***erwmenon*** de Héracles, da mesma forma que ***S*** *Arg.* I 131 (***outoj Hrakleouj erwmenoj***) e ***S*** *Arg.* I 1207a (***egenonto de polloi erwmenoi Hrakleouj: Ulaj, Filokthj kai Diomoj kai Perinqoj kai Trigc***).

expedição dos argonautas.[233] Ocupando semelhante posição ele jamais seria esquecido pela tripulação e deixado para trás.

Diferente de Apolônio de Rodes, Teócrito reforça a existência de um relacionamento erótico entre Héracles e seu escudeiro, seguindo o modelo da tragédia anônima citada pelos escólios de *Pluto* 1127. Novamente Jasão não é figura central no episódio e sua presença se resume a duas menções. Em *Idílio* XIII 67 é dito que, por conta do amor, encontrar Hilas era mais importante para o herói que os assuntos de Jasão.[234] A expedição é definida como ***ta d" Iasonoj panta***, denotando o papel coadjuvante desempenhado por Héracles, ao contrário de outras versões que o colocam no centro dos acontecimentos ou mesmo na condição de líder. Os argonautas, por sua vez, são chamados de ***aristhej*** (*Idílio* XIII 17, cf. também *Argonáuticas* I 640, 911 e 1082), acompanhando Jasão na empreitada. Sua liderança é ressaltada por ter sido capaz de reunir um grande número de nobres escolhidos dentre os mais valorosos de toda a Grécia.[235]

Segundo Teócrito, Héracles alcança os argonautas na Cólquida percorrendo a longa distância que os separava a pé (***pez# d" eij Kolxouj te kai acenon iketo Fasin***, cf. *Idílio* XIII 75). Para o escoliasta do *Idílio* XIII 75a essa informação seria exclusiva de Teócrito e não apareceria em outros autores. Além disso o abandono seria provocado por Hera para que Jasão pudesse realizar os ***aeqla*** obtendo renome.[236]

---

[233] Ἡρακλῆς ὅτε μετὰ τῶν Ἀργοναυτῶν ἔπλει, στρατηγὸς ὑπ᾽ αὐτῶν ἀποδειχθεὶς συνεπήγετο μεθ᾽ αὑτοῦ καὶ Ὕλαν, παῖδα μὲν Κήυκος, [ἰτυπος᾽] νέον δὲ καὶ καλόν. (cf. Antonino Liberal XXVI 1).

[234] *Infelizes os que amam; condenado ele sofreu / pelas montanhas e florestas. Todos os assuntos de Jasão lhe vinham depois.*

σχέτλιοι οἱ φιλέοντες, ἀλώμενος ὅσσ' ἐμόγησεν / οὔρεα καὶ δρυμούς, τὰ δ᾽ Ἰάσονος ὕστερα πάντ᾽ ἦς.

[235] Em Plutarco *Preceitos políticos* 819d os homens adquirem boa reputação (***eudokimein***) quando aliam habilidades, virtudes e fortuna para um mesmo fim. Os argonautas são citados como contra-exemplo de comportamento por abandonarem Héracles e serem obrigados a se valer da ajuda de mulheres e do uso de encantos e drogas para alcançarem o tosão. Em outras palavras, Medéia só é uma alternativa viável e necessária à ação quando Héracles não mais está presente.

[236] πεζᾷ δ' ἐς Κόλχους· τοῦτο ἰδίως ὁ Θεόκριτος λέγει, ὅτι πεζῇ ἦλθεν εἰς Κόλχους, τῶν ἄλλων λεγόντων μὴ παραγενέσθαι, ἀλλὰ κατὰ βουλὴν τῆς Ἥρας ἀπολειφθῆναι, ἵνα δόξῃ Ἰάσων κατωρθωκέναι τὸν ἆθλον.

Lendo essa informação com cuidado notamos que a presença de Héracles obscureceria os feitos do Esonida tornando-o refém de sua superioridade e lhe ameaçando a liderança. Seria o abandono do filho de Zeus, portanto, meticulosamente planejado por alguns membros da tripulação ao invés de acidente casual? As censuras lançadas por Telamão contra o Esonida reforçam essa possibilidade (*Argonáuticas* I 1290-95), acusando-o de temer que o renome de Héracles encobrisse o seu ao retornarem a Iolco (***seo d" ektoqi mhtij orwren, / ofra to keinou kudoj an Ellada mh se kaluy$*** cf. I 1291-92). Os Boréadas se recusaram de modo veemente a voltar à Mísia para resgatá-lo e, posteriormente, foram alvo da vingança do herói abandonado (*Argonáuticas* I 1298-305). Qual o real motivo do assassinato dos Boréadas, já que Glauco expõe a necessidade em retirar o filho de Zeus da viagem para cumprir seu lote empreendendo as doze tarefas fatigantes impostas por Euristeu (cf. I 1315-20)? Se o abandono foi fruto do ***megaloio Dioj boulhn*** (cf. I 1315), a punição de Zeta e Calais não se justifica. Para Estesímbroto (107F19 Jacoby) o desentendimento foi motivado pelos presentes ofertados por Jasão aos nobres (***Sthsimbrotoj de, oti diaforan esxon proj ton Hraklea peri twn dedomenwn dwrwn upo Iasonoj toij aristeusi***). Provavelmente os ***areisteusi*** mencionados na passagem seriam os membros da nau Argo (cf. Teócrito *Idílios* XIII 17), no entanto não sabemos ao certo em qual contexto esses presentes seriam distribuídos. Se o evento ocorresse ao final da viagem, Héracles não teria sido deixado para trás e a explicação para o assassinato dos Boréadas como consta das *Argonáuticas* não se fundamentaria. Talvez Apolônio esteja aludindo a uma versão da história em que Zeta e Calais arquitetaram de modo deliberado – provavelmente com a participação do Esonida – o abandono do herói. A dubiedade sobre suas intenções e a morte injustificada indicam a possibilidade da existência de uma narrativa na qual Jasão, julgando que os vigorosos feitos de Héracles tornassem secundária sua presença entre os argonautas, tenha maquinado dolosamente para retirá-lo da missão.[237]

πεζῇ δ' εἰς Κόλχως· ἰδίως πεζόν φησι τὸν Ἡρακλέα εἰς Κόλχους ἐλθεῖν. ἡ γὰρ πολλὴ κατέχει δόξα, ὅτι βουλῇ Ἥρας ὑστέρησεν Ἡρακλῆς ὑπὲρ τοῦ τὸν Ἰάσονα κατορθῶσαι μόνον δοκεῖν τὸν εἰς Κόλχους πλοῦν καὶ μὴ ἐξιδιοποιήσασθαι τὸν ἆθλον αὐτοῦ.

[237] Para mais informações sobre o *Idílio* XIII cf. Gow (1965: 231-45), Mastronarde (1968: 273-90), Dover (1992: 179-88), Hunter (1999: 261-89) e Köhnken (2001: 83-92).

Há poucas menções à expedição dos argonautas na *Alexandra* de Licofrão, dentre as quais duas devem ser destacadas. Ao relatar a antiga querela opondo Ásia e Europa, seguindo o modelo de Heródoto (I 1-5), Cassandra profetiza o rapto de Io pelos fenícios (1291-95), a captura de Europa pelos cretenses (1296-301) e, por fim, a viagem dos argonautas (1309-21)[238] resultando na aliança com Medéia, considerada assassina do irmão e maldição dos próprios filhos (***thn gnwtofontin kai teknwn alastora*** cf. 1318). Os argonautas são chamados de atraces em referência a ***Atrac***, cidade na região da Tessália onde se localiza Iolco, raramente mencionada. O Esonida, por sua vez, nunca é designado pelo nome, mas através dos epítetos ***monokrhpidi*** ("de uma só sandália", em referência à profecia ouvida por Pélias em *Argonáuticas* I 5-11 e Píndaro *Pítica* IV 73-78) e ***tag%*** (termo de origem tessálica significando comandante ou líder). A referência à chefia de Jasão talvez aparecesse em Euforião fr. 153 Groningen. Segundo Fócio *Biblioteca* 532b18, Euforião é censurado por Heládio ao chamar Jasão de ***nauagoj*** ao invés de utilizar a palavra ***nenauaghkota***. Apesar de termos derivados do radical ***nauag-*** implicarem na idéia de naufrágio (***nauj*** e ***agnumi***, cf. Eurípides *Helena* 408 e 1070, Ésquilo *Persas* 420, Tucídides I 50 e Xenofonte *Helênicas* I 7. 4), o verbete ***nauhgoj*** na *Suda* é glosado como ***o| thj newj arxhgoj***. Essa interpretação aponta para uma etimologia alternativa formada da junção dos vocábulos ***nauj*** e ***hgeomai***. Duas questões devem ser levantadas para tentar compreender o fragmento 153 Groningen: é possível que Euforião tenha tratado do mito dos argonautas em alguma de suas narrativas hexamétricas breves? Em qual contexto

---

[238] *E enviaram os segundos lobos atraces / ao líder de um só calçado para roubarem o velocino / protegido por serpentes vigilantes. / Dirigindo-se à Cita líbia / e adormecendo a hidra de quatro narinas com plantas / e erguendo os redondos arados dos touros / que cospem fogo e dilacerando o corpo em um caldeirão, / sem alegria capturou a pele de carneiro, / mas tendo tomado a gralha que se auto convida, / a assassina do irmão e maldição dos rebentos, / guiou a carruagem em direção ao corvo tagarela, / ecoando, dos assentos caônios, a voz / mortal, com experiência de corridas.*

Καὶ δευτέρους ἔπεμψαν Ἄτρακας λύκους / ταγῷ μονοκρήπιδι κλέψοντας νάκην / δρακοντοφρούροις ἐσκεπασμένην σκοπαῖς. / ὃς εἰς Κύταιαν τὴν Λιβυστίνην μολὼν / καὶ τὸν τετράπνην ὕδρον εὐνάσας θρόνοις / καὶ γυρὰ ταύρων βαστάσας πυριπνόων / ἄροτρα καὶ λέβητι δαιτρευθεὶς δέμας / οὐκ ἀσμένως ἔμαρψεν ἐρράου σκύλος, / ἀλλ' αὐτόκλητον ἁρπάσας κεραΐδα, / τὴν γνωτοφόντιν καὶ τέκνων ἀλάστορα, / εἰς τὴν λάληθρον κίσσαν ἡρματίξατο, / φθογγὴν ἑδώλων Χαονιτικῶν ἄπο / βροτησίαν ἱεῖσαν, ἔμπαιον δρόμων.

Jasão seria descrito como náufrago? Quanto à primeira questão não temos outros excertos assegurando uma resposta afirmativa; já quanto à segunda, é muito provável que a descriçãoção do Esonida como ***nauagoj*** se deva à condição de líder tal como a *Suda* entende o termo, visto não haver vestígio, em nenhuma versão do mito conhecida, de um episódio em que a nau Argo afundasse ameaçando a vida da tripulação.

Contudo em Licofrão a liderança é obnubilada pela presença de Médéia e seus feitiços. Por meio de plantas mágicas (***qronoij***) o Esonida conseguiu adormecer a serpente e guiar o arado preso aos touros que cospem fogo, cumprindo os ***aeqla***. O poeta não explicita quais plantas seriam nem a quem elas pertenceriam. Estaria Licofrão citando uma antiga versão da história ainda associando Jasão à prática de magia e à derrota do dragão por meio de seus próprios ***farmaka***? Na contra-mão desse raciocínio, o escoliasta de *Alexandra* 1313 diz que as ervas manuseadas foram dadas por Medéia. Para a interpretação o comentador se baseia na seqüência da profecia, quando é dito que o corpo do herói foi esquartejado e posto em um caldeirão em clara referência ao processo de rejuvenescimento ao qual foi submetido pela princesa colca após o regresso a Iolco.[239] Deve-se notar a presença de Medéia verbalmente enfatizada ao final do episódio por meio de crimes cometidos durante e após a expedição, rememorando o leitor que, sob sua influência, o ***tagoj*** Jasão cumpre a missão. Uma alusão perceptível a esse fato se nota no uso da expressão ***ouk asmenwj***, ou seja, "sem alegria", empregada para descrever a reação do Esonida no momento em que põe as mãos no velocino de ouro. Segundo Mooney (1921) estaria aí implícita a contrariedade do herói em enfrentar o dragão e não um suposto receio em adquirir o tosão. Talvez a condição ***ouk asmenwj*** seja fruto do medo demonstrado ante a ameaça sobre-humana representada pela serpente vigilante, tal como Apolônio de Rodes enfatiza através do particípio ***pefobhmenoj*** em *Argonáuticas* IV 149.

Outra passagem de *Alexandra* a ser comentada se refere ao casamento de Aquiles e Medéia ocorrido posteriormente nos Campos Elísios (174-75)[240] A noiva é chamada de ***Kutaikhj***, por ser natural da cidade de Cita, na Cólquida, e ***ceinobakxhj***, em referência a seus relacionamentos com estrangeiros anteriores ao

[239] Cf. Simônides 548 PMG e Ferecides 3F113 Jacoby.

[240] Cf. também em Íbico fr. 291 PMG e Semônides fr. 558 PMG.

Pelida, como Egeu e Jasão. Devemos destacar, sobretudo, os comentários de Tzetzes acerca do verso 175, nos quais o bizantino apresenta o *argumentum* conciso da história dos argonautas. Dentre os principais autores que abordaram a matéria na Antigüidade, são citados Apolônio de Rodes, Píndaro e Ferecides. A menção exclusiva a esses três talvez se deva à sobrevivência de seus textos até o século XII, ou por terem se tornado versões canônicas sobre o assunto. Sendo assim, a despeito da disposição cronológica, Apolônio aparece à frente de Píndaro indicando a importância que sua epopéia teria adquirido como a principal narrativa da expedição escrita em língua grega. Mas ao contrário da filiação de Jasão sugerida nas *Argonáuticas* (filho de Alcimede em I 46-48, cf. também Ferecides 3F104 Jacoby), Tzetzes afirma ser o herói filho de Polimele (cf. também Hesíodo fr. 38 e 43a M-W) e, portanto, neto de Autólico (cf. Heródoro 31F40 Jacoby). A genealogia explorada pelo comentador bizantino sugere uma identificação entre Jasão e Odisseu, possivelmente motivada por modos similares de ação baseados no uso de astúcia, de poções mágicas e de auxílios femininos durante os contatos com povos diversos em terras longínquas.

Por fim, no poema visual – também chamado ***texnopaignion*** – atribuído a um certo Dosíades, pertencente à *Antologia Palatina* XXV 26, é abordado o retorno da viagem dos argonautas. É difícil estabelecer uma datação, ainda que aproximada, pois nada sabemos sobre o autor além de seu nome. As alusões a personagens por meio de epítetos obscuros aproximam Dosíades do estilo de Licofrão, semelhança já notada por Luciano de Samósata em *Lexifano* 25. O poema possui o formato de um altar e descreve a circunstância em que foi erguido, após Medéia ter encantado o gigante Talos nas proximidades de Creta (cf. *Argonáuticas* IV 1636-88). De acordo com o escoliasta, o altar em questão fora construído por Jasão para ser consagrado a Apolo, contudo o herói nunca é evocado pelo nome, mas por meio de termos que indicam sua caracterização predominante durante o período helenístico. Nos primeiros versos ele é apresentado como o marido da mulher que se veste com roupas masculinas (***eimarsenoj sthtaj posij***, cf. 1-2). Para o escoliasta a descrição alude a um mito recôndito sobre a fuga travestida de Medéia para a Ásia – tornando-se epônimo da raça dos medos (cf. Heródoto VII 62) – após seu plano de assassinar Teseu ser descoberto por Egeu. A feiticeira é conectada a Jasão a partir de um episódio pouco conhecido que lhe fornece características masculinas e conseqüentemente feminiza o Esonida, rebaixando seu *status* heróico e o aproximando da condição de ***anandria***. O herói ainda é chamado de

disaboj (cf. 2), ou seja, “duas vezes jovem”, em referência ao processo mágico de rejuvenescimento a que foi submetido, enquanto Medéia é descrita como ***eyandra*** (cf. 5), ou seja, “cozinheira do marido”, por conta da técnica empregada durante esse processo. Em ambas as designações da esposa é atribuído a Jasão um papel passivo ou subordinado, ressaltado pelo contexto em que o altar dedicado a Apolo foi erguido: os argonautas escaparam da ameaça iminente de Talos graças aos feitiços de Medéia, chamada por Apolônio de ***polufarmakou*** (*Argonáuticas* IV 1677).

Após breve apresentação das diferentes aparições de Jasão na poesia grega até o período helenístico, é possível enfraquecer o argumento de que as *Argonáuticas* seriam responsáveis pelo rebaixamento heróico do protagonista em oposição aos modelos prefigurados pela poesia arcaica, bem como a suposição de que Apolônio simplesmente pretende apresentar uma personagem mais humana, condizente com o público alexandrino do século III a. C.[241] O Esonida presente pelos quatro cantos das *Argonáuticas* não é uma figura isolada em seu contexto, mas possui similaridades ao cotejarmos o tratamento dado ao mesmo mito por poetas como Teócrito, Licofrão ou Dosíades. Em todos esses autores há uma reiterada inclinação em enfatizar a dependência de Jasão ao auxílio alheio – principalmente de Medéia – e sua ineficiência no uso da força. Podemos pressupor tratar-se de uma maneira predominante no período helenístico de representar a personagem, da qual Apolônio de Rodes não foi o criador, mas indubitavelmente o principal representante.[242]

---

[241] Cf. Zanker (1987: 195-209) e Jackson (1992: 155-62).

[242] Deve-se ainda mencionar a existência de uma *Argonáutica* anterior à epopéia de Apolônio de Rodes, escrita possivelmente no século III a. C. e atribuída a Cleão de Cúrio. Quase nada sabemos sobre esse autor – chamado de ***elegopoioj*** no *Etymologicum magnum* 389. 24 – exceto três menções à sua obra feitas nos escólios de Apolônio (cf. ***S*** I 77-78, ***S*** 587 e ***S*** 623-26a, quando é atestada a anterioridade de Cleão a partir da sentença ***para Klewnoj ta panta methnegken Apollwnioj***). Não há indícios seguros para afirmar se tratar de uma narrativa em prosa semelhante às *Argonáuticas* de Heródoro e Dioniso Citobráquion ou em hexâmetro, constituindo o mais antigo poema conhecido pelo nome ***Argonautika*** na antigüidade. O fragmento 339A do *Supplementum Hellenisticum* apresenta uma discussão sobre diferentes versões da história dos argonautas. Por conta da má preservação do papiro, datado do século II, não são claros os argumentos empregados, no entanto é perceptível a comparação entre poetas que narraram a expedição, destacando o nome de Apolônio nas linhas 10 e 33. Em SH 339A. 3 (***] Argonautaj all" o ge Kourieuj o []***), o adjetivo ***Kourieuj*** nos remete a Cleão de

O elemento erótico associado a Jasão – responsável em parte pelo modo pedestre de representá-lo – também remonta a modelos anteriores a Apolônio e a presença de Afrodite, comprovada pelos fragmentos das *Naupácticas*, já apontava a sedução como possibilidade de ação. Contudo podemos conjecturar que a partir da *Lide* de Antímaco no século V a. C., a matéria amorosa passou a ser enfatizada. Segundo Plutarco em *Consolação a Apolônio* 106b, esta longa elegia teria sido escrita por ocasião da morte da mulher do poeta e se propunha a amenizar o sofrimento enumerando outros acontecimentos heróicos igualmente tristes.[243] Um número significativo de fragmentos abarca a expedição dos argonautas em diferentes momentos, desde o catálogo de tripulantes (fr. 56 Wyss), passando pela construção da nau (fr. 57 Wyss), pela luta contra os touros que cospem fogo (fr. 62 Wyss) e finalizando com a viagem de regresso

---

Cúrio, já que seria de sua autoria uma obra sobre o mesmo assunto. Talvez o nome ***Dionusi%*** citado na linha 6 se refira a Dioniso Citobráquion. Alguns episódios são aludidos, como o confronto na Bebrícia (***] dia tou prwtou mexri thj bebr []***) e a passagem em Tróia antes do rapto de Helena e início da guerra (***] Ilion autouj agagwn akolou[q-***), evento inexistente na epopéia de Apolônio. A presença do vocábulo ***akolou[q-*** indica alguma influência entre Cleão e Dioniso quanto à inserção desse episódio, mas não é seguro afirmar qual autor teria servido de modelo. A menção ao termo ***]stixoij*** em SH 339A. 9 seguido de ***suntomoj*** em SH 339A. 12 sugere uma ***sugkrisij*** baseada na idéia de extensão, ou seja, uma oposição entre o excesso de versos (***polustixoij*** em SH 339A. 17) e a concisão poética. O nome de Apolônio aparece em SH 339A. 10, mas não sabemos se o comentador o associaria à longa ou à breve epopéia. Da mesma forma não é clara a identificação de quem seria o poeta ***omhrikwteron*** mencionado em SH 339A. 13. Por conta destes comentários, podemos inferir que a narrativa de Cleão seria escrita em versos, fato que justificaria a discussão acerca da ***polustixia***. Ao final do papiro, quando são citados eventos não relatados nas *Argonáuticas* de Apolônio, como a intervenção de Afrodite nas ações de Eeta (***f]hsin Afrodeithn Aiht$***) e a presença dos pretendentes de Medéia (***]j Mhdeiaj mnhsthraj au-***) – provavelmente abordados por Cleão – , o comentador usa o adjetivo ***enmetrouj***, corroborando a possível existência de uma narrativa metrificada chamada ***Argonautika*** atribuída ao poeta de Cúrio. Para mais informações, cf. Lloyd Jones et Parsons (1983: 159-62) e D'Alessio (2000: 92-109).

[243] Ἐχρήσατο δὲ τῇ τοιαύτῃ ἀγωγῇ καὶ Ἀντίμαχος ὁ ποιητής. ἀποθανούσης γὰρ τῆς γυναικὸς αὐτῷ Λύδης, πρὸς ἣν φιλοστόργως εἶχε, παραμύθιον τῆς λύπης αὐτῷ ἐποίησε τὴν ἐλεγείαν τὴν καλουμένην Λύδην, ἐξαριθμησάμενος τὰς ἡρωικὰς συμφοράς, τοῖς ἀλλοτρίοις κακοῖς ἐλάττω τὴν ἑαυτοῦ ποιῶν λύπην.

à Grécia por rota similar à descrita na *Pítica* IV de Píndaro (fr. 65 Wyss).[244] A sobrevivência de excertos cobrindo diferentes estágios da expedição sugere um relato completo do mito, estabelecendo alguma relação com o conteúdo programático da narrativa elegíaca.

A consumação do casamento de Jasão e Medéia na Cólquida, às margens do rio Fásis (fr. 64 Wyss), não aparece em nenhuma versão anterior.[245] Ao contrário de Apolônio, localizando a realização estratégica da cerimônia na ilha dos feácios (*Argonáuticas* IV 1110-200), Antímaco antecipa o evento por motivos pouco claros. O único autor posterior conhecido a apresentar uma versão similar foi Timônax nos *Citas* (cf. ***S*** *Argonáuticas* IV 1217-19a)[246], afirmando que a união ocorreu na terra dos colcos pois o próprio Eeta oferecera a filha em casamento ao estrangeiro. Acaso a elegia de Antímaco narraria o estabelecimento de uma aliança entre Jasão e o rei selada por meio do casamento com Medéia? Quais benefícios tal aliança traria a Eeta? É muito provável que a *Lide* não abordasse a história dessa maneira, visto o poeta relatar o encantamento utilizado por Medéia para adormecer a serpente vigilante e possibilitar o roubo do velocino, servindo de modelo para a descrição da mesma cena em Apolônio (fr. 63 Wyss). Essa é a fonte mais antiga preservada que, indubitavelmente, atesta a derrota do dragão não por meio da ação do Esonida, mas através dos ***farmaka*** de outra personagem. Torna-se bastante comum na literatura posterior narrar o episódio reduzindo o papel de Jasão a coadjuvante e engrandecendo a participação de Medéia como real executora da façanha.[247] Inferimos que o cumprimento dos ***aeqla*** mencionados no fr. 62 Wyss também ocorreu mediante imunização proporcionada por Medéia. Talvez na versão de Antímaco o casamento fosse imposto previamente como condição para o auxílio e vitória de Jasão na Cólquida.

---

[244] Há várias menções a Antímaco nos escólios das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes: ***S*** I 211, ***S*** I 1008, ***S*** I 1289, ***S*** II 178, ***S*** II 296, ***S*** III 409, ***S*** IV 156, ***S*** IV 259 e ***S*** IV 1153.

[245] Τιμαίου λέγοντος ἐν Κερκύρᾳ τοὺς γάμους ἀχθῆναι, Διονύσιος ὁ Μιλήσιος ἐν β τῶν ᾿Αργοναυτῶν ἐν Βυζαντίῳ φησίν, ᾿Αντίμαχος δὲ ἐν Λύδῃ ἐν Κόλχοις πλησίον τοῦ ποταμοῦ μιγῆναι. (cf. ***S*** *Arg.* IV 1153).

[246] Τιμῶναξ ἐν α τῶν Σκυθικῶν ἐν Κόλχοις φησὶν ᾿Ιάσονα Μήδειαν γῆμαι Αἰήτου αὐτῷ ἐγγυήσαντος.

[247] *It is probably part of the later trend in the myth to magnify the role of Medea and lessen that of Jason and may well have originated with Antimachus. It would seem fitting for the subject matter of the* Lyde *that the female characters receive greater emphasis.* (Matthews 1996: 219).

Filetas de Cós também menciona essa união sexual em *Télefo* (fr. 22 Spanoudakis), obra citada somente pelo escoliasta de *Argonáuticas* IV 1141.[248] Tal como Apolônio e Timeu (cf. 566F87 Jacoby), a união se passa em Córcira durante o regresso da expedição. Não é claro o vínculo existente entre a busca pelo velocino de ouro e a história de Télefo. Se, de fato, houve algum poema com esse título, é possível que o relato sobre os argonautas só aparecesse de modo incidental como ponto de comparação.[249] A descrição da união sexual do casal sugere a presença de um elemento erótico ao mito, já bem explorado a partir do final do século V a. C. Apolônio teria sido responsável por verter esse tratamento amoroso para a narrativa hexamétrica, criando uma espécie de epopéia erótica cujo herói permanece na dependência de uma figura feminina.

A importância das *Argonáuticas* como principal epopéia sobre a expedição dos argonautas na Antigüidade não pode ser ignorada. Da mesma forma que compor um poema épico implica dialogar, de alguma maneira, com a poesia homérica e com os lugares-comuns pertencentes à *Ilíada* e à *Odisséia*, seria impossível passar despercebido à narrativa de Apolônio ao abordar a história da viagem à Cólquida e descrever o caráter de sua principal personagem. O comportamento atribuído a Jasão e a aparente passividade e dependência à intervenção de outros são traços de seu ***hqoj*** que dificilmente poderiam ser negligenciados por autores posteriores.

Um bom exemplo dessa influência são as *Argonáuticas Órficas*, poema anônimo de difícil datação, provavelmente escrito entre o final do século IV e o início do século V.[250] O autor segue com muita proximidade a versão de Apolônio, apesar de apresentar algumas variações em relação às *Argonáuticas*, como a visita dos heróis ao centauro Quirão e a Aquiles no Pélion (cf. 355-454), o assassinato de Cízico cometido

---

[248] ἐν τῷ ἄντρῳ <τῷ> Μάκριδός φησι τὸν γάμον γεγενῆσθαι Μηδείας καὶ Ἰάσονος, Φιλητᾶς δὲ ἐν Τηλέφῳ ἐν τῇ Ἀλκινόου οἰκίᾳ.

[249] *It would seem possible that the Jason / Medea episode could be accomodated in* Hermes*. Abuse of hospitality with an illegimate coupling is the subject-matter of the Odysseus-episode in that poem. If this is the case, the marriage in Philitas would have to take place in Alcinous' palace. Apolonius Rhodius' version, making Alcinous' judgement about Medea's future depend upon her previous marriage with Jason, may be a compromising invention with grotesque overtones. Possibly, some of the facetious details in the secret marriage of Jason and Medea in Apolonius Rhodius are a reworking of motifs from Philitas.* (Spanoudakis 2002: 311).

[250] Cf. Vian (1987: 45-46).

por Héracles (cf. 522-25), todo o episódio de Fineu (cf. 667-79) e o itinerário da viagem de regresso (cf. 1043ss). A discutida debilidade do Esonida em relação à tripulação é também explorada no poema, apesar de ele ser chamado no início da epopéia de "herói de terrível força" (***deinobihn hrwa***) e "ilustre" (***perikluton***, cf. 65). No verso 71 é dito que o ***dioj Ihswn*** (cf. 806) reuniu nobres ***basileij*** para o acompanharem na empreitada (cf. também 110, 364 e 399) e, de modo similar, Orfeu se reporta aos companheiros de viagem como semi-deuses (***hmiqeoij***, cf. 110) e nobres mínias (***aristhwn Minuiwn***, cf. 113). Contudo o herói responsável por reunir semelhante conjunto de valorosos guerreiros sente o coração se afligir no peito ante a dificuldade física dos homens empurrarem a nau até o mar (***Paxnwqh d' au qumoj Iasonoj***, cf. 248). O verbo ***paxnow***, cujo sentido primeiro abarca a ação de tornar algo espesso, pode designar metaforicamente a aflição ou angústia sentidas em uma situação de perigo (*Ilíada* XVII 112, Ésquilo *Coéforas* 83, Eurípides *Hipólito* 803 e Hesíodo *Trabalhos e dias* 360). Portanto semanticamente o termo está relacionado à condição de ***amhxania*** reiteradas vezes presente nas *Argonáuticas* e com muita freqüência associada a Jasão. Ao chegarem à Cólquida e travarem o primeiro contato com Eeta, o temor é coletivo e o coração de todos os mínias se aflige diante do rei (***Aisonidhj Minuai te peri frena paxnwqhsan***, cf. 810).

A escolha do líder é inteiramente baseada na versão de Apolônio. O Esonida sugere a escolha do ***hgemwn*** para se preocupar com todos os detalhes da missão e para saber de que maneira agir tanto em atos quanto em palavras durante a travessia marítima e nos contatos com povos estrangeiros (cf. 281-92). Jasão enfatiza não desejar liderar homens mais valentes que ele (***areioteroisin***, cf. 282) e sugere Héracles para o comando, mas o filho de Zeus declina da oferta e lhe oferece o posto. Na Cólquida, após ouvir as razões da longa viagem empreendida, Eeta exige a seleção do melhor ou mais real dos argonautas (***krinantej ton ariston h oj basileuteroj estin***, cf. 851) para cumprir as provas impostas. Nesse momento uma dor toma a alma dos heróis (***Minuai d' axoj epleto qum%***, cf. 855) por conta da impossibilidade de Héracles assumir a função por estar ausente. A discussão acerca da condição de ***aristoj Argonautwn*** empreendida por Apolônio é retomada pelo autor das *Argonáuticas*

Órficas nessa passagem. O lamento por Héracles ter sido deixado para trás e não poder aceitar o desafio proposto por Eeta imediatamente o coloca em tal posição.

A partir do verso 870 o poeta informa que Jasão cumpriu os ***aeqla*** auxiliado pela paixão de Medéia provocada por Afrodite (cf. 866-69), obtendo glória reluzente (***aglaon kudoj***, cf. 875). Não fica claro como ele aceitou executar as tarefas, nem se seu corpo foi imunizado por algum tipo de ***farmakon***, mas, visto a necessidade de Medéia abandonar o palácio na noite posterior às provas (cf. 876-86), fica implícita a colaboração da feiticeira para a vitória.

Ao enfrentar o dragão vigilante o papel de Medéia é diminuído – já que Orfeu o adormece por meio do canto (cf. 1001-15) –, no entanto ela mantém o coração firme (***akampea qumon***, cf. 999) ante a fera, ao contrário dos demais argonautas, apavorados (***autar em" hd" etarouj tromoj ellabe***, cf. 998, ecoando o ***Aisonidhj pefobhmenoj*** em *Argonáuticas* IV 149). O autor anônimo segue os passos de Apolônio ao mencionar a exortação de Medéia para Jasão apanhar o velocino preso aos galhos da árvore (cf. 1017), fato não negligenciado pelo herói, pois imediatamente a obedeceu (***o d" ouk apiqhsen akousaj***, cf. 1018; bem como *Argonáuticas* IV 162-63), evidenciando sua subordinação no episódio.[251]

[251] Para mais informnaçãos sobre as *Argonáuticas Órficas* cf. Vian (1981: 136-56) e Hunter (2005: 149-68) e Nelis (2005: 169-92).

2.4 A recepção de Apolônio de Rodes em contexto romano

A julgar pelas diversas maneiras como foi representado na Antigüidade, seja pela literatura preservada, seja pela iconografia, podemos afirmar que existiram diferentes modelos de Jasão reproduzidos pelos poetas, resultando em formas alternativas e co-existentes de narrar a expedição dos argonautas e descrever seu líder. É inegável a dessemelhança existente entre a descrição de Jasão na *Pítica* IV de Píndaro e nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes, contudo seu ***hqoj*** é moldado a partir de um diálogo intermitente com a tradição poética anterior e com as alternativas maneiras de relatar o mito. Sob essa perspectiva, abordar o protagonista do poema de Apolônio como mero anti-herói ou herói alexandrino influenciado por uma maneira "humanizada" de representar personagens pertencentes à Idade Heróica reduz as possibilidades de leitura da obra e nega a dimensão histórica acerca dos diversos tratamentos conferidos ao mesmo herói. Nesse contexto a epopéia de Apolônio exerceu influência decisiva ao se tornar provavelmente versão modelar quanto ao tratamento dado ao mito dos argonautas e à caracterização do Esonida a partir de então.

As *Argonáuticas* foram imitadas pela literatura latina desde a suposta tradução feita por Varrão no século I a. C. Apesar de Quintiliano tratá-lo como *interpres operis alieni* em *Instituição Oratória* X 1. 87[252], outros autores sugerem que sua narrativa não poderia ser classificada como simples tradução (cf. Ovídio *Tristia* II 439 e Estácio *Silvae* II 7. 77), já que a abordagem da Argo como nau primordial em (cf. Ovídio *Amores* I 15. 21-22) inexistiria na versão grega.[253] A boa recepção dos *Argonautas* de

---

[252] *Atacinus Varro in iis per quae nomen est adsecutus interpres operis alieni, non spernendus quidem, uerum ad augendam facultatem dicendi parum locuples.*

[253] *Varronem primamque ratem quae nesciet aetas, / ureaque Aesonio terga petita duci?* A mais antiga referência conhecida a Argo como o primeiro navio feito pelo homem é atribuída a Ácio (fr. 467D) em uma tragédia chamada *Medéia* ou *Argonautas*. Segundo Cícero em *Sobre a natureza dos deuses* II 89, ao avistarem a nau os pastores ficaram admirados, porque jamais haviam visto uma embarcação (*utque ille apud Accium pastor, qui navem numquam ante vidisset, ut procul ivinum et novum vehiculum argonautarum e monte conspexit, primo admirans et perterritus hoc modo loquitur*). Em consonância com essa versão, o escoliasta de *Argonáuticas* I 4 afirma que alguns julgavam ser esta a primeira nau, mas o assunto não era consenso (ταύτην δὲ λέγουσι πρώτην ναῦν γεγενῆσθαι. ἄλλοι δὲ λέγουσιν, <ὅτι> Δαναὸς διωκόμενος ὑπὸ Αἰγύπτου <τὴν> πρώτην κατεσκεύασε, ὅθεν καὶ Δαναΐς ἐκλήθη). Sexto Empírico em *Contra os físicos* I 32 compartilha da mesma opinião ao chamar Argo de ***prwtoploun***. Para Diodoro da Sicília Argo foi a maior e mais bem equipada nau de sua época.

Varrão por poetas posteriores (cf. Propércio II 34. 85-86. Ovídio *Arte de amar* III 333-38) e a discutida citação de um verso pertencente à sua epopéia nas *Geórgicas* de Virgílio (II 404) expõem a maneira como se deu a transmissão da narrativa de Apolônio em contexto romano. O fato de Ovídio inserir os *Argonautas* entre a poesia elegíaca e a *Eneida* em *Arte de amar* III 333-38, aconselhando ser um livro para mulheres[254], sugere que as *Argonáuticas* foram lidas como exemplo de epopéia mista na qual o elemento erótico, enfatizado pela conduta de Jasão, seria bastante explorado, evitando a identificação imediata com a poesia heróica tradicional.

Ao narrar a história dos argonautas em *Metamorfoses* VII 1-452 Ovídio não esconde a falta de virilidade heróica do Esonida. Ao contemplarem os touros que cospem fogo no campo de Marte, os mínias se assustam apesar de Jasão permanecer tranqüilo, pois, como o poeta faz questão de evidenciar, as drogas que o imunizaram eram potentes e seguramente o protegeriam (*tantum medicanima possunt*, cf. 115-116). Mesmo imbatível por conta do feitiço, ainda assim ele foi auxiliado por Medéia durante as provas, através de um canto mágico invocando as artes secretas (VIII 134-38).[255] Ao final do desafio ela não podia abraçar o estrangeiro vitorioso, mas se regozijava por dentro agradecendo a seus encantos e aos deuses que os concederam, por serem os únicos responsáveis pelo sucesso de Jasão (VII 147-48).

Na contramão da influência apoloniana, Valério Flaco, durante o período flaviano no século I, compôs suas *Argonáuticas* baseando-se no modelo de protagonista explorado pela *Pítica* IV. O poeta latino acrescenta episódios inexistentes na epopéia grega, como a tempestade marinha durante o percurso de ida até a Cólquida (I 574-58),

---

Acostumadas a embarcações pequenas, as pessoas se surpreendiam ao vislumbrarem o navio dos argonautas em pleno mar (βολήν. καὶ πρῶτον μὲν περὶ τὸ Πήλιον ναυπηγήσασθαι σκάφος, πολὺ τῷ μεγέθει καὶ τῇ λοιπῇ κατασκευῇ τὴν τότε συνήθειαν ὑπερβάλλον, διὰ τὸ σχεδίαις πλεῖν τοὺς τότε ἀνθρώπους καὶ μικροῖς παντελῶς ἀκατίοις. διὸ καὶ τῶν ἰδόντων αὐτὸ τότε καταπληττομένων, καὶ τῆς φήμης διαδοθείσης κατὰ τὴν Ἑλλάδα περί τε τοῦ ἄθλου καὶ τῆς κατὰ τὴν ναυπηγίαν ἐπιβολῆς, οὐκ ὀλίγους τῶν ἐν ὑπεροχαῖς νεανίσκων ἐπιθυμῆσαι μετασχεῖν τῆς στρατείας).

[254] *Et teneri possis carmen legisse Properti, / Sive aliquid Galli, sive, Tibulle, tuum: Dictaque Varroni fulvis insignia villis / Vellera, germanae, Phrixe, querenda tuae: Et profugum Aenean, altae primordia Romae, Quo nullum Latio clarius extat opus.*

[255] *ipsa quoque extimuit, quae tutum fecerat illum. / utque peti vidit iuvenem tot ab hostibus unum, / palluit et subito sine sanguine frigida sedit, / neve parum valeant a se data gramina, carmen / auxiliare canit secretasque advocat artes.*

o suicídio de Esão e Alcimede após a partida do filho (I 752-826), o resgate de Hesíone (II 451-78), a libertação de Prometeu (V 154-76) e a guerra travada entre os irmãos Eeta e Perses narrada em detalhes por todo o livro VI. Jasão assume um ***hqoj*** inexplorado por Apolônio, ocupando a posição de *dux* dos argonautas sem oferecimento prévio da função a Héracles e exibindo maestria no emprego da violência quando necessário. Ante o desafio de Amico, o *asper* Jasão é o primeiro a se prontificar a enfrentá-lo (IV 222-25)[256], bem como incita seus homens a um grandioso desempenho no embate contra o exército de Perses, alegrando-se em ver os argonautas participarem de um conflito que poderá lhes proporcionar glória (VI 545-49).[257] Após a exortação, o herói fere de imediato os inimigos (VI 550-52)[258] e adiante terá seu principal feito bélico – a luta contra Colaxes – descrito em detalhes em VI 621-56.

De modo similar à narrativa de Apolônio, o Esonida foi responsável pelo assassinato não intencional do antigo hospedeiro Cízico. Segundo Éforo 70F61 Jacoby, os dolíones seriam identificados com os pelasgos e a luta noturna contra os argonautas decorreria da rivalidade com os tessálios.[259] O mesmo argumento é utilizado por Díoco (471F7 Jacoby) para justificar a refrega como motivada pelo ódio sentido pelos pelasgos por terem sido expulsos da Tessália tempos atrás (cf. também Calístenes 124F6 Jacoby). Na versão de Cônon (26F1. 41 Jacoby), ao serem informados sobre a chegada dos argonautas, os pelasgos iniciam uma batalha noturna contra os estrangeiros, motivados pela ira, porém Cízico tenta em vão dissolver o certame sendo mortalmente ferido por Jasão. Segundo os escólios de *Argonáuticas* I 1032, havia

---

[256] *Talia dicta dabat, cum protinus asper Iason / et simul Aeacidae simul et Calydonis alumni / Nelidesque Idasque prior quae maxima surgunt / nomina, sed nudo steterat iam pectore Pollux.*

[257] *atque hos in medio duri discrimine belli / laudibus inque ipsis gaudens ubi vidit Iason / 'macte' ait 'o nostrum genus et iam certa propago / Aeoliae nec opina domus. sat magna laborum / dona fero, satis hoc visu quaecumque rependo.*

[258] *dixit et in Sueten magnique in fata Ceramni / emicuit clipeumque rotans hunc poplite caeso / deicit, illum aperit lato per pectus hiatu.*

[259] ἐστι τῷ ἐκτός. περὶ δὲ τῆς μάχης καὶ Δηίοχος ἱστορεῖ. περὶ δὲ τῆς τοῦ Κυζίκου ἀναιρέσεως καὶ τῆς ὅλης μάχης οὐ συμφωνεῖται. Ἔφορος μὲν γάρ φησι τοὺς Δολίονας Πελασγοὺς ὄντας καὶ ἐχθρωδῶς διακειμένους πρὸς τοὺς τὴν Θεσσαλίαν καὶ Μαγνησίαν κατοικοῦντας διὰ τὸ ἀπελασθῆναι ὑπ' αὐτῶν ἐπιθέσθαι αὐτοῖς, γράφων ἐν τῇ θ. ἠκολούθηκε δὲ Ἀπολλώνιος Δηιόχῳ Καλλισθένης δὲ ἐν τῷ α τοῦ Περίπλου κατ' ἔχθραν φησὶ τοὺς οἰκοῦντας τὴν Κύζικον ἐπιθέσθαι νυκτὸς τοῖς Ἀργοναύταις.

versões diferentes atribuindo o assassinato do rei ora a Jasão, ora aos Dióscuros.[260] Apolônio opta por não representar os dolíones como inimigos dos tessálios, conectando os pelasgos aos mácrios (*Argonáuticas* I 1024), e descrever o Esonida como responsável pela morte de Cízico, causada pelo desconhecimento sobre a identidade do oponente. Ao contrário de versões anteriores como a de Éforo (70F61 Jacoby), os dolíones não se oporiam aos argonautas e o abatimento do aliado Cízico demandará expiação e retardará a continuação da expedição por algum tempo.[261]

Valério Flaco também apresenta Jasão como o executor do rei, contudo o crime não é fruto de um equívoco doloroso e sim arquitetado pelos deuses, pois Cízico deveria ser punido por determinação de Cibele após matar um leão que conduzia o carro da deusa (III 20-31). Tal justificativa não aparece em versões anteriores, sendo talvez um acréscimo de Valério Flaco visando a justificar o desajeitado ato marcial de Jasão como decorrência de um plano divino do qual o herói é mero instrumento. O próprio Esonida, ao perceber a aproximação dos dolíones, é o primeiro a por o elmo e incitar os companheiros à luta como se estivessem diante dos colcos (III 80-82).[262]

A luta contra o exército de Perses no livro VI corrobora o caráter bélico de Jasão.[263] A participação na batalha é requisito para a aquisição do velo de ouro segundo Eeta, porém o rei não cumprirá sua palavra e, após o êxito no embate, ainda exigirá dos estrangeiros a realização de alguns ***aeqla***. O auxílio aos feitiços de Medéia, portanto, se faz necessário em um contexto em que o emprego da força por si só é ineficaz. Contudo a guerra contra os aliados de Perses demonstra que o uso adequado de ***bih*** não é desconhecido por Jasão e seus homens e quando surge a ocasião propícia para pô-lo em prática eles o fazem de modo vitorioso. A presença dos ***farmaka*** e dos conselhos de Medéia não diminuem a condição heróica de Jasão tornando-o subordinado a uma figura feminina, mas funcionam como resposta à vilania de Eeta por não cumprir o que prometera e impor provas irrealizáveis para ceder o velocino.[264]

---

[260] τὸν [δὲ] Κύζικον οἱ μὲν ὑπὸ Διοσκούρων φασὶν ἀναιρεθῆναι, ἄλλοι δὲ ὑπὸ Ἰάσονος.

[261] Para mais informações sobre o episódio, cf. Fitch (1912: 43-56).

[262] *princeps galeam constringit Iason / vociferans: 'primam hanc nati, pater, accipe pugnam / vosque, viri, optatos huc adfore credite Colchos.'*

[263] Para mais informações sobre o livro VI das *Argonáuticas*, cf. Wijsman (2000: 1-14).

[264] Para mais informações sobre as *Argonáuticas* de Valério Flaco, cf. Garsons (1963: 260-67), Pollini (1984: 51-61), Taylor (1994: 212-35), Edwards (1999: 150-63) e Zissos (2008: xiii-lxv).

A epopéia de Valério Flaco, apesar de pertencer ao mesmo ciclo mítico, apresenta um protagonista com poucos aspectos em comum em relação ao presente nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes. A caracterização do herói não passou por um processo de transformação linear, mas diferentes aspectos da mesma personagem co-existiram desde, ao menos, a poesia do período arcaico. É impossível analisar o ***hqoj*** de Jasão na epopéia de Apolônio sem levar em conta o contexto mítico do qual essa personagem foi retirada e as maneiras díspares pelas quais suas aventuras seriam relatadas. Qualquer leitura reducionista explorando seu "anti-heroísmo", "heroísmo-sedutor" ou "heroísmo-diplomático", baseada estritamente em uma análise do contexto helenístico, nega essa dimensão maior que molda a composição da epopéia.

CAPÍTULO 3: HÉRACLES ENTRE OS ARGONAUTAS

Ao final da expedição, quando passam por Creta e entram no mar Egeu, os argonautas são surpreendidos, após a aurora, por uma escura noite surgindo ao horizonte e escondendo as estrelas e a lua. Os homens desconhecem onde se encontram e começam a desconfiar que navegam em pleno Hades. A reação de Jasão, o líder da tripulação, é bastante adequada ao seu modo de agir durante toda a viagem em busca do velocino de ouro: ele ergue as mãos para o alto e invoca Apolo para salvá-lo, enquanto lágrimas escorrem de seus olhos.[265] Esta cena narrada nas *Argonáuticas* IV 1694-1718 encontra seu paralelo em *Ilíada* XVII, quando Zeus envolve o campo de batalha com uma espessa neblina e infunde o temor no coração dos aqueus para favorecer os troianos. Ájax pede imediatamente a interferência de Zeus e lhe roga que dissipe a escuridão para os gregos poderem, ao menos, morrer às claras, se essa é a vontade do deus (XVII 645-47).[266]

Apesar das diferenças de contexto, o contraste entre as cenas ilustra, de modo breve, duas diferentes modalidades de ação heróica. Pseudo-Longino em *Sobre o sublime* IX 10 considera essa passagem da *Ilíada* como exemplo de grandeza heróica (***ta hrwika megeqh***). Para o autor, pedir para viver seria baixo demais a um herói, de modo que ele simplesmente implora pela luz para poder exercer sua bravura em combate.[267] Em consonância com este raciocínio, o escólio da *Ilíada* afirma que Ájax

---

[265] *Mas Jasão, / após erguer as mãos, invoca Febo com forte voz / chamando-o para salvá-lo. E angustiado, escorriam-lhe / as lágrimas.* (*Argonáuticas* IV 1701-4).

αὐτὰρ Ἰήσων / χεῖρας ἀνασχόμενος μεγάλῃ ὀπὶ Φοῖβον ἀύτει, / ῥύσασθαι καλέων, κατὰ δ' ἔρρεεν ἀσχαλόωντι / δάκρυα.

[266] *Zeus poderoso! Liberta os Acaios das trevas que os cercam! / O firmamento serena, concede-lhes luz para os olhos! / Morram, se assim te é agradável, mas que isso se passe no claro"*

Ζεῦ πάτερ ἀλλὰ σὺ ῥῦσαι ὑπ' ἠέρος υἷας Ἀχαιῶν, / ποίησον δ' αἴθρην, δὸς δ' ὀφθαλμοῖσιν ἰδέσθαι· / ἐν δὲ φάει καὶ ὄλεσσον, ἐπεί νύ τοι εὔαδεν οὕτως.

[267] οὐκ ὀχληρὸς ἂν ἴσως, ἑταῖρε, δόξαιμι, εν ἔτι τοῦ ποιητοῦ καὶ τῶν ἀνθρωπίνων παραθέμενος τοῦ μαθεῖν χάριν ὡς εἰς τὰ ἡρωικὰ μεγέθη συνεμβαίνειν ἐθίζει. ἀχλὺς ἄφνω καὶ νὺξ ἄπορος αὐτῷ τὴν τῶν Ἑλλήνων ἐπέχει μάχην· ἔνθα δὴ ὁ Αἴας ἀμηχανῶν Ζεῦ πάτερ (φησίν), ἀλλὰ σὺ ῥῦσαι ὑπ' ἠέρος υἷας Ἀχαιῶν ποίησον δ' αἴθρην, δὸς δ' ὀφθαλμοῖσιν ἰδέσθαι· ἐν δὲ φάει καὶ ὄλεσσον. ἔστιν ὡς ἀληθῶς τὸ πάθος Αἴαντος, οὐ γὰρ ζῆν εὔχεται (ἦν γὰρ τὸ αἴτημα τοῦ ἥρως ταπεινότερον), ἀλλ' ἐπειδὴ ἐν ἀπράκτῳ σκότει τὴν ἀνδρείαν εἰς οὐδὲν γενναῖον εἶχε διαθέσθαι, διὰ ταῦτ' ἀγανακτῶν ὅτι πρὸς τὴν μάχην ἀργεῖ, φῶς ὅτι τάχιστα αἰτεῖται, ὡς πάντως τῆς ἀρετῆς εὑρήσων ἐντάφιον ἄξιον, κἂν αὐτῷ Ζεὺς ἀντιτάττηται.

age de modo ***megalofronwj***, ou seja, com grandeza de alma. Jasão, por sua vez, agiria de modo completamente oposto, reclamando pela própria vida – portanto com baixeza de alma – enquanto suas lágrimas escorrem. Ainda segundo Pseudo-Longino IX 11, o emprego das lágrimas e da lamentação associadas aos heróis é explorado na *Odisséia* em virtude do declínio da genialidade do poeta. Portanto se a *Ilíada* é repleta de descrições de combates, a *Odisséia* simplesmente trata de narrar histórias.[268] Apressadamente poderíamos concluir que Jasão representa um tipo de heroísmo de tradição odissíaca marcado pela baixeza.

Tal conclusão se mostra errônea quando observamos seu comportamento durante os quatro cantos das *Agonáuticas*. Jasão não pode ser considerado uma personagem cujo heroísmo é questionado tomando como modelo determinadas figuras representadas na *Ilíada* como Ájax ou Aquiles. Seu modo de ação deve ser adequado ao ambiente criado pelo poeta. Em outras palavras, o comportamento heróico não deve ser considerado unívoco em todas as situações, mas dependente da tradição na qual o poema se insere e das circunstâncias nas quais as personagens irão interagir.

O tema da representação da figura heróica nas *Argonáuticas* é um dos mais explorados pela crítica apoloniana, resultando em pontos de vista bastante divergentes nestes últimos sessenta anos, como foi comentado no primeiro capítulo deste trabalho. Segundo Carspecken (1952: 102), a epopéia de Apolônio carece de unidade artística,

---

Talvez, meu amigo, não me aches importuno por citar ainda um passo do poeta de conteúdo humano, para aprendermos como ele costumava acompanhar a grandeza do heroísmo. A batalha dos gregos, ele (i. e. Homero) *a interrompe com um súbito nevoeiro e trevas impérvias; nesse momento Ájax, impotente, exclama:"Zeus pai, vamos, salva dessa neblina os filhos dos aqueus; faze um céu sereno; deixa que nossos olhos enxerguem; aniquila-nos, mas na luz." É deveras o que sentiria um Ájax; ele não pede para viver – seria baixo demais para um herói – mas como, tolhido pela escuridão, não pode empregar sua bravura em nenhuma proeza nobre, indignado com sua inércia na batalha, reclama luz com urgência, com a esperança de achar um funeral à altura de seu valor, ainda que o arrostasse Zeus.* (Longino *Sobre o sublime* IX 10, tradução de Jaime Bruna).

[268] Para Longino essa predisposição para narrar histórias é própria da velhice. Portanto se a *Ilíada* foi composta no auge da inspiração, a *Odisséia* nada mais seria que sua continuação sem o mesmo fôlego demonstrado previamente. *"Por isso podemos comparar Homero na* Odisséia *ao sol no ocaso, quando conserva já não a força, mas a grandeza."* (Longino *Sobre o sublime* IX 13).

pois lhe falta uma força unificadora representada por um herói.[269] No entanto não seria a intenção do poeta plasmar um herói central, mas sim representar todo o grupo de argonautas como protagonista. O prólogo do poema já deixaria bem clara essa opção, quando o narrador afirma recordar os ***klea fwtwn*** e não especificamente os feitos de Jasão, destacado somente no oitavo verso.[270] Desta forma, é comum, em determinados episódios, um membro da tripulação, possuidor de uma perícia específica, surgir para resolver um impasse quando a trama assim o exige.

A crítica de Carspecken repercutiu negativamente sobre a abordagem de Jasão, tomado como modelo de anti-heroísmo por excelência[271], herói de apelo sexual[272] ou "diplomata" trabalhando mais pela busca do consenso que pelo uso da força.[273] Independente de todas as posições aqui mencionadas, deve-se reconhecer que Jasão é escolhido o líder da expedição e esta indicação lhe confere uma condição de destaque em relação às demais figuras heróicas do poema.

Prestes a partirem do porto de Pagasas, os argonautas são exortados por Jasão a escolher o líder (I 336-40):

Mas caros, é comum o retorno posterior à Hélade
e são comuns a nós as rotas até Eeta,
logo, não hesitando, escolhei agora o melhor
para ser nosso chefe, o qual se ocupará de cada coisa,

---

[269] *This failure of Jason to achieve heroic stature is important because it is directly pertinent to the criticism most commonly advanced against the* Argonautica*, that it fails to have un artistic unity because it lacks the strong unifying force which an interesting, vital hero, would have given it.*

[270] A expressão ***klea fwtwn*** é uma variação da expressão ***klea andrwn*** (*Il.* IX 189). Para Carspecken (1952: 111) há um fato relevante para a escolha de ***fwj*** no lugar de ***anhr***. O termo ***anhr*** pressuporia uma origem aristocrática e uma virtude bélica exibida no campo de batalha (*Il.* XVI 270). Já ***fwj*** teria um sentido mais geral e abrangeria todos os mortais (*Il.* IV 194 e XVII 98). Em *Ilíada* XVII 377-78 os dois termos são justapostos, sugerindo alguma diferença semântica entre eles. *"If, then, the words differ in connotation, Apollonius would appear to be emphasizing a contrast between the subject chosen for his poem, "the glorious deed of [ordinary] man" and "the glorious deeds of heroes", the subject of Achilleus' song."* (Carspecken 1952: 111).

[271] Cf. Lawall (1966: 121-69).

[272] Cf. Beye (1969: 31-55).

[273] Cf Zanker (1979: 52-75) e (1987: 202-3).

como realizar disputas e pactos com os estrangeiros.[274]

O termo empregado por Apolônio para designar o líder é ***orxamoj***, claramente retirado do vocabulário homérico denotando o chefe de um grupo de homens, como podemos notar em *Ilíada* II 837, VI 99 e XII 210. No entanto ***orxamoj*** não se restringe ao uso marcial, mas pode ser empregado em qualquer situação de liderança, já que Eumeu é chamado ***orxamoj*** por sua condição de porqueiro em *Odisséia* XIV 22. Ou seja, a palavra escolhida para nomear o comandante da expedição dos argonautas não se limita a um jargão técnico militar, mas é mais abrangente e pressupõe contextos contrários à própria prática guerreira. Contudo Jasão especifica que este líder deve ser o melhor (***ariston***) dentre os argonautas. Ora, quais são as implicações do emprego do superlativo nesta passagem?

Segundo Nagy (1986: 26-41), a condição de ***aristoj Axaiwn*** é constantemente atribuída a alguns heróis por toda a *Ilíada* em virtude de suas façanhas bélicas. Considerar Aquiles o ***aristoj Axaiwn*** é um tema claramente iliádico (cf. *Ilíada* I 244 e 412, XVI 271 e 274), mas tal atribuição não lhe é exclusiva. Por ser o líder da expedição que conduziu os gregos até as planícies de Tróia, Agamêmnon é também chamado assim (I 91, II 92 e 580). Igualmente receberam a designação de ***aristoj*** Ájax (II 768) e Diomedes (especificamente no livro V (103, 414 e 839), no qual é narrada sua ***aristeia***). O poeta, ao final do catálogo das naus, questiona a Musa sobre quem seria o melhor dos guerreiros (II 761-2)[275] e, segundo Nagy (1986: 32), tal resposta poderia ser aplicada sobretudo a estes quatro heróis mencionados. Em *Ilíada* XVII 689-90, Menelau, ao contemplar Pátroclo morto no campo de batalha, o distingue como ***aristoj Axaiwn***, aumentando o número de heróis detentores de tal distinção. No entanto Pátroclo só é assim chamado por representar Aquiles e sua verdadeira

---

[274] ἀλλὰ φίλοι, ξυνὸς γὰρ ἐς Ἑλλάδα νόστος ὀπίσσω, / ξυναὶ δ' ἄμμι πέλονται ἐς Αἰήταο κέλευθοι, / τούνεκα νῦν τὸν ἄριστον ἀφειδήσαντες ἕλεσθε / ὅρχαμον ἡμείων, ᾧ κεν τὰ ἕκαστα μέλοιτο, / νείκεα συνθεσίας τε μετὰ ξείνοισι βαλέσθαι.

[275] *Musa, revela-me, agora, qual era o melhor dos guerreiros / que com o Atrida vieram, bem como os mais fortes cavalos.*
τίς τὰρ τῶν ὄχ' ἄριστος ἔην σύ μοι ἔννεπε Μοῦσα / αὐτῶν ἠδ' ἵππων, οἳ ἅμ' Ἀτρειδῆσιν ἕποντο.

identidade é revelada aos troianos após ser morto. Ou seja, ele sugere um prenúncio da morte de Aquiles a ocorrer nos eventos posteriores ao final da *Ilíada*. Se Pátroclo o representa nesta batalha, inclusive portando a própria armadura do herói, é natural evocá-lo com caracterizações próprias do Pelida, justificando, exatamente neste momento, ser considerado o melhor dos aqueus por seus pares. Segundo este mesmo raciocínio, notamos Ájax e Diomedes serem chamados ***aristoj Axaiwn*** em momentos nos quais Aquiles está voluntariamente afastado das lutas, implicando uma tácita disputa pela excelência bélica entre os guerreiros. Concluímos, portanto, que à exclusão de Agamêmnon, considerado o melhor em virtude de sua posição de líder, o termo ***aristoj*** se encontra na *Ilíada* conectado à figura de Aquiles e centrado em um contexto de virtude heróica. Resta ainda saber em que se centra essa virtude para compreendermos o sentido conferido por Apolônio ao termo em *Argonáuticas* I 338.

Demódoco narra a discussão entre Aquiles e Odisseu na primeira canção proferida à audiência de feácios em *Odisséia* VIII 72-82. O ***neikoj*** entre os dois ***aristoi*** (cf. 75) alegra o coração de Agamêmnon, pois ele se recorda da profecia feita em Delfos sinalizando o início da derrota dos troianos. A querela entre os dois heróis não é encontrada em nenhuma outra passagem dos poemas homéricos, mas talvez aluda a um tema tradicional explorado pelo poeta nesse canto. Segundo o escoliasta da *Ilíada* VIII 77, a contenda seria fruto da oposição sobre a melhor forma de conquistar Tróia: ou por meio de artifício e reflexão (***mhxanh kai fronhsij***), representados por Odisseu, ou por meio da virilidade (***andreia***), representada por Aquiles.[276] O fato de Odisseu rogar o auxílio de Aquiles na cena da embaixada ao acampamento dos mirmidões em *Ilíada* IX talvez implique a primazia do emprego da força (***bih***) em ambiente iliádico. O próprio Pelida chega a desafiar seu oponente a suportar os troianos sem o auxílio de seu braço (*Ilíada* IX 423-26), em uma clara consciência de que o uso de estratagemas e artimanhas não se mostra suficiente para alcançar o êxito almejado. Portanto, neste contexto, o emprego de ***aristoj*** deve pressupor a primazia bélica associada à força.

---

[276] ἔχαιρε δὲ ὁ Ἀγαμέμνων ἐπὶ τῇ τούτων φιλονεικίᾳ οὐχ ὡς χαιρέκακος, ἀλλὰ διὰ τὸ ἔχειν ἀπὸ χρησμοῦ, τότε ἐγγίζειν τὴν τῆς Τροίας ἅλωσιν ὅτε ἴδῃ τοὺς τῶν Ἀχαιῶν ἀρίστους φιλονεικοῦντας. καὶ ὁ μεν Ἀχιλλεὺς ἔλεγε δι᾽ ἀνδρείαν ἁλῶναι τὸ Ἴλιον, ὁ δε Ὀδυσσεὺς διὰ μηχανῆς καὶ φρονήσεως.

Ao retornarmos às *Argonáuticas* ficam evidentes as razões que levaram a tripulação, após Jasão expor a necessidade da indicação de um líder, a escolher Héracles para a função. Como bem ressalta Apolônio, após as palavras do Esonida todos os nautas fitaram o audacioso Héracles (***qrasun Hraklha***) e, em uníssono, exortaram-no a ser o chefe. Ora, atribuir-lhe o título de ***aristoj*** é facilmente compreensível e os elementos que norteiam essa leitura estão dispostos no próprio poema.

Héracles é justamente marcado por uma força descomunal, fato explorado em inúmeras passagens do canto I. Podemos citar a luta contra os nascidos da terra na ilha de Cízico, empreendida pelo herói sem a ajuda dos demais argonautas (I 985-1011). Outra cena destacada seria a competição de remos entre os nautas antes de desembarcarem na Mísia, quando Héracles chega a guiar a nau sozinho. Após ter seu instrumento quebrado, ele desce à ilha e arranca uma árvore do chão, abraçando-a, para lhe servir de remo (I 1187-1206). Suas façanhas são executadas quando se encontra sozinho e não tem o auxílio de outros guerreiros, como a conquista dos dríopes, cujo espólio adquirido foi o escudeiro Hilas (I 1211-19), ou o assassinato da serpente guardiã dos pomos de ouro no jardim das Hespérides (IV 1433-49).

A inserção de Héracles na expedição diverge segundo as diferentes versões do mito preservadas. Sabemos que em alguns relatos o herói não teria participado (Éforo 70F14 Jacoby) ou teria desistido de participar durante o percurso. Para Antímaco de Colofão (fr. 68 Wyss) ele teve de abandonar a empreitada, pois sua presença tornava o navio muito pesado. A mesma história seria relatada por Ferecides (3F11 Jacoby) e Apolodoro *Biblioteca* I 9. 19. Em Aristóteles *Política* 1284a22-5 a nau Argo se recusa a transportá-lo por causa de seu peso. Por fim, o escólio às *Argonáuticas* I 1287 testemunha que Héracles chegaria até a Cólquida nas versões de Dioniso de Mitilene e Demaretes. Diante de tantas possibilidades de exclusão, porque Apolônio opta por inseri-lo como membro da tripulação para posteriormente abandoná-lo na Mísia, no final do canto I?

A lista de argonautas participantes não é fixa, mas encontra inúmeras alterações de acordo com a versão do mito reproduzida. Píndaro em *Pítica* IV apresenta um catálogo parcial de membros (171-83), somente mencionando os filhos dos deuses em uma hierarquia baseada na importância dos pais: Héracles, Cástor e Polideuces (Zeus), Eufemo e Periclimeno (Posêidon), Orfeu (Apolo), Equião e Érito (Hermes), Zeta e

Calais (Bóreas).[277] Mas haveria outros catálogos anteriores a Píndaro, como nos atestam Hesíodo (fr. 63 M. W.) e Ferecides (3F26 Jacoby), além da menção, no escólio da *Pítica* IV 306b, a uma lista de argonautas presente nos *Cabiros* de Ésquilo.[278] Poucos são os heróis consensuais que aparecem em todas as versões. Um exemplo dessas variações seria a presença de Teseu, confirmada em alguns relatos, mas, em virtude da cronologia de eventos estruturada por Apolônio, ausente nas *Argonáuticas*. Neste exato momento ele estava preso no Hades junto de Píritoo por tentar capturar Perséfone (I 101-4).[279] Portanto a necessidade de uma justificativa para a exclusão de Teseu nos leva a uma outra conclusão: a inserção de Héracles representaria uma escolha temática. Apolônio conhecia a versão do mito reportada por Antímaco, de modo que, para evitar

---

[277] φαινέμεν παντᾷ. τάχα δϲ Κρονίδαο / Ζηνὸς υἱοὶ τρεῖς ἀκαμαντομάχαι /ἦλθον Ἀλκμήνας θ' ἑλικογλεφάρου Λήδας τε, δοιοὶ δ' ὑψιχαῖται /ἀνέρες, Ἐννοσίδα γένος, αἰδεσθέντες ἀλκάν, /ἔκ τε Πύλου καὶ ἀπ' ἄκρας Ταινάρου· τῶν μϲν κλέος /ἐϲλὸν Εὐφάμου τ' ἐκράνθη σόν τε, Περικλύμεν' εὐρυβία. / ἐξ Ἀπόλλωνος δὲ φορμιγκτὰς ἀοιδᾶν πατήρ /ἔμολεν, εὐαίνητος Ὀρφεύς. /πέμψε δ' Ἑρμᾶς χρυσόραπις διδύμους υἱοὺς ἐπ' ἄτρυτον πόνον, /τὸν μὲν Ἐχίονα, κεχλάδοντας ἥβᾳ, τὸν δ' Ἔρυτον. ταχέες δ' ἀμφὶ Παγγαίου θεμέθλοις /ναιετάοντες ἔβαν, / καὶ γὰρ ἑκὼν θυμῷ γελανεῖ θᾶϲϲον ἔντυνεν βαϲιλεὺϲ ἀνέμων / Ζήταν Κάλαϲν τε πατὴρ Βορέαϲ, ἄνδραϲ πτεροῖϲιν / νῶτα πεφρίκονταϲ ἄμφω πορφυρέοιϲ.

Logo do Cronida / Zeus os três filhos infatigáveis no combate / vieram, de Alcmena de olhos redondos e de Leda, e dois varões / de elevada cabeleira, da raça do Enosida, respeitados por sua força, / de Pilo e do promontório Tenaro. E a glória / valorosa deles realizou-se, a de Eufemo e a tua, Periclimeno de vasta força. / De Apolo, o tocador de forminge e pai dos cantos, / veio Orfeu bem louvado. / Hermes de vara áurea enviou os dois filhos gêmeos para um trabalho infatigável, / Equião, fervilhando em juventude, e Érito. Velozes, / eles vieram, habitando a base do Pangeu. E voluntariamente, com ânimo alegre, o mais rápido possível, o rei dos ventos, / o pai Bóreas, exortou Zeta e Calais, homens que têm as costas / eriçadas com asas púrpuras, ambas. (*Pítica.* IV 171-83).

[278] Ainda há os católogos posteriores às *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (cf. Valério Flaco *Argonáuticas* I 352-489, Higino *Fábulas* 14, Apolodoro *Biblioteca* I 9.16 e *Argonáuticas Órficas* I 118-229).

[279] Teseu participaria da expedição dos argonautas segundo Apolodoro, Higino e Estácio (*Aquileida* I 157 e *Tebaida* V 432), no entanto Apolônio considera sua inserção errônea por considerá-la cronologicamente inadequada. Héracles, em sua descida ao Hades para capturar Cérbero, liberta Teseu, mas seu companheiro Píritoo é abandonado (cf. Hesíodo fr. 280-81 M. W. e Homero *Odisséia* XI 631). Para Ardizzoni (1967: 113) *"sembra evidente che Apollonio prenda posizione contro l'arbitrario inserimento di Teseo nel mito degli Argonauti, ma l'argomento che egli porta contrasta con quanto è detto in altri luoghi del poema* (I 609ss, III 997ss) *sulla più remota antichità delle imprese di Teseo.*

o peso do herói sobrecarregando a nau Argo e a fazendo tombar, estabeleceu um banco no meio do navio como assento fixo para ele, enquanto todos os outros argonautas tiveram seu lugar definido por sorteio (I 394-400). Outra reminiscência desta versão ocorre em I 531-33 quando Héracles embarca e deposita sua clava no chão, enquanto a carena da nau submerge. Evidentemente a opção de lhe conferir um assento no meio da embarcação pressupõe a idéia de possibilitar o equilíbrio do navio e, desta forma, aludir implicitamente a outras versões do mito em que Héracles declinou de participar da missão e, por conseqüência, contar como um dos argonautas. A presença do filho de Zeus responde a uma exigência da narrativa.

Héracles destoa do restante da tripulação, sobretudo de seu líder Jasão. Isso se deve, em parte, ao seu caráter ambivalente por participar ao mesmo tempo de uma natureza divina e humana. Ele ascende ao Olimpo e é deificado, recebendo de Píndaro o título de ***hrwj qeoj*** (*Neméicas* III 22). Heródoto II 43 inclui Héracles como um dos doze deuses e o considera uma divindade antiga de proveniência egípcia.[280] Em II 44 ele

[280] Como bem observa Stephens (2000: 196-97), a corte ptolomaica é possuidora de uma herança cultural greco-macedônica inserida em uma sociedade multi-étnica não possuidora de heróis autóctones e fundadores. A narrativa de viagem dos argonautas neste contexto representaria o mito da conquista helênica sobre os povos bárbaros, sobretudo se recordarmos o relato de que a Cólquida teria sido, no princípio, uma colônia egípcia. Segundo Heródoto II 102-6, o faraó Sesóstris fizera várias incursões pela Europa e Ásia travando guerra com povos estrangeiros. Ao retornar ao Egito, parte do exército se estabeleceu na região do rio Fásis, fundando o que viria a ser a cidade de Aia. Indiretamente Apolônio menciona essa origem egípcia em *Argonáuticas* IV 272-78 (cf. também Calíamco fr. 383.14 e 672 Pf, Hecateu de Abdera 264F25, Estrabão *Geografia* I 3. 21 e XI 2. 17). A chegada à Cólquida, por conseqüência, rememoraria o avanço de Alexandre Magno sobre os povos não-helenizados, enfraquecendo as fronteiras entre os conceitos de grego e não-grego (Stephens 2000: 200). Desta forma Héracles seria um antecedente poético muito mais adequado a Alexandre que Jasão, sobretudo por representar, em seus mitos, o elemento civilizador ante um ambiente desconhecido e monstruoso. Portanto um ambiente pré-helenizado. Em apoio a esse raciocínio, Hunter (1993:26) acrescenta que a dinastia dos Ptolomeus se dizia descendente de Héracles, de modo que sua presença na literatura do período é freqüente (cf. Calímaco *Hino a Ártemis* 145-61, *Aitia* fr. 22-25 e 54-59 Pf, *SH* 254-69 (*Victoria Berenices*), Teócrito *Idílios* XIII, XVII, XXIV e XXV, além das *Heracleidas* de Diótimo de Adramítio (cf. Ateneu 603d e *SH*393) e de Riano de Creta (cf. *Etymologicum magnum* 153. 5), não preservadas. Em *Victoria Berenices*, no início do livro III dos *Aitia*, em que provavelmente seria narrada a origem dos Jogos Neméicos, Héracles é hospedado em Cleonas por um camponês chamado Molorco, quando ia ao encontro do Leão de Neméia. No *Hino a Ártemis* o herói é motivo de riso entre os deuses por sua glutonaria, enquanto em Teócrito *Idílio* XVII 26-33 ele está presente em um simpósio no Olimpo ao lado de Alexandre Magno e Ptolomeu Sóter, todos mortais deificados. Por fim, o *Idílio* XXIV narra a façanha

afirma que esse deus acabou sendo recebido na Grécia como um mortal filho de Anfitrião e Alcmena (ambos com ascendência egípcia) e, portanto, dois cultos lhe foram instituídos: *dedicando sacrifícios a Héracles como a um imortal e chamando-o de olímpio, enquanto ao outro eles* (i. e. os gregos) *levam oferendas como se faz em relação a um herói.* [281]

Apesar de pertencer a uma geração anterior à guerra de Tróia, Héracles é mencionado inúmeras vezes na *Ilíada* e na *Odisséia* em contextos nos quais sua condição mortal é ressaltada. Em colóquio com Tétis, Aquiles garante ciência de seu funesto destino e cita o exemplo de Héracles para ilustrá-lo:

A força de Héracles não conseguiu subtrair-se da Morte
nem que mui caro ele fosse a Zeus grande, nascido de Crono;
de Hera a vingança terrível e a Moira, afinal, o alcançaram.[282]

(*Ilíada* XVIII 117-19)

Homero conhece sua dupla filiação, ora afirmando Zeus ser seu pai (*Il.* V 396 e VIII 368), ora Anfitrião (*Il.* V 392). Sua virtude heróica e força descomunal são destacadas, pois ele enfrenta e fere as próprias divindades, como Hera (*Il.* IV 392-93) e Hades (*Il.* IV 395-7), além de um embate igualmente exitoso com Ares, narrado pormenorizadamente por Hesíodo em *Escudo* 424-66.

A dubiedade de sua natureza humano-divina aludida por Heródoto já se encontra presente na *Odisséia.* Em XI 601-27 Odisseu contempla Héracles no Hades, portando um arco e flecha junto a um escudo de ouro representando figuras de animais selvagens, combates e mortes. No entanto o narrador se apressa a argumentar, nos versos 602-3, que aquele é somente seu ***eidwlon***, pois o verdadeiro Héracles jazeria entre os imortais tendo Hebe como esposa. Como entender essa bipartição do herói, sobretudo porque sua mortalidade já fora descrita como um fado inescapável em *Ilíada* XVIII 117-19? Alguns entendem os versos 602-3 como uma interpolação tardia, já que a coexistência de Héracles entre os deuses e entre os mortos seria paradoxal. Segundo Heubeck &

---

de Héracles ainda criança ao matar as serpentes enviadas por Hera a seu berço. Segundo Hunter & Fantuzzi (2004:201-2) *"it is now generally accepted that the young Heracles evokes the young Philadelphus, who, like all the Ptolemies, was to be (officially, at least) 'superior to his enemies'"*

[281] ποιέειν, οἳ διξὰ Ἡράκλεια ἱδρυσάμενοι ἔκτηνται, καὶ τῷ μεν ὡς ἀθανάτῳ, Ὀλυμπίῳ δὲ ἐπωνυμίην θύουσι, τῷ δὲ ἑτέρῳ ὡς ἥρωι ἐναγίζουσι.

[282] οὐδὲ γὰρ οὐδὲ βίη Ἡρακλῆος φύγε κῆρα, / ὅς περ φίλτατος ἔσκε Διὶ Κρονίωνι ἄνακτι· / ἀλλά ἑ μοῖρα δάμασσε καὶ ἀργαλέος χόλος Ἥρης.

Hoekstra (2006: 114) *a morte física é precondição para a presença do* ***eidwlon*** *no submundo.* Por outro lado, há vários relatos que descrevem a apoteose e ascensão de Héracles ao Olimpo na condição de deus detentor de cultos e sacrifícios próprios. A mesma ambivalência é destacada em Hesíodo fr. 25. 26-33 e 229. 6-13 M. W. Em *Teogonia* lhe é dada sua filiação divina (cf. 943-4), além de seu assento garantido entre os olímpicos ao lado de Hebe, alheio ao sofrimento e à velhice (cf. 950-55).

A deificação de Héracles provavelmente foi um fenômeno tardio não anterior ao século VII a. C. A julgar pelos testemunhos de Pausânias I 15. 3 e de Diodoro da Sicília IV 39, seu culto como um deus e não mais como um herói teria se iniciado em Maratona e posteriormente se espalharia por todo o mundo helênico a partir do século VI a. C. É freqüente sua aparição no período clássico enquanto divindade, como nos comprovam as representações de sua apoteose na cerâmica ática[283] ou o *status* de ***hrwj qeoj*** em Píndaro *Neméicas* III 22.

Na *Ilíada* a natureza mortal do homem é fato inevitável e aí se centra a diferença em relação aos deuses. Os imortais, ao contrário dos homens, cultivam uma descuidada existência (***akhdeej***), isentos de tristezas e infelicidades (*Ilíada* XXIV 525-6). Em XXIII 69-79 o ***eidwlon*** de Pátroclo afirma a Aquiles ser impossível retornar da morte por ser ela condição inelutável. A *Odisséia*, por sua vez, sugere a possibilidade de o homem escapar de sua natureza perecível e atingir a imortalidade. Por ser marido de Helena e genro de Zeus, Menelau não habitará o Hades após terminada sua existência, mas os Campos Elísios, (*Od.* IV 561-69). Odisseu também poderia obter a imortalidade conferida pela ninfa Calipso caso optasse por permanecer na ilha Ogígia, renunciando aos planos de retornar à Ítaca (*Od.* V 135-36).

No Ciclo Épico, por sua vez, é comum a morte ser evitada por meio da imortalização. Enquanto a *Ilíada* ignora esse fato e a *Odisséia* o aborda em escala menor, Mêmnon no *Etíope* se torna imortal por ação de Zeus depois de Aquiles matá-lo. O próprio Pelida, é imortalizado por Tétis ao ser assassinado sorrateiramente por Paris, passando a habitar a Ilha Branca.[284] Na *Ilíada*, após Helena perceber a ausência de

---

[283] Cf. West (1988: 417).

[284] ***epeita Axilleuj Memnona kteinei. kai tout% men Hwj para Dioj aithsamenh aqanasian didwsi. treyamenoj d" Axilleuj touj Trwaj kai eij thn polin suneispeswn upo Paridoj anaireitai kai Apollwnoj:*** (...) ***kai Qetij afikomenh sun***

Cástor e Polideuces entre as fileiras de soldados aqueus, o narrador nos informa que ambos já se encontravam sem vida e enterrados na Lacônia (III 243-44), no entanto nos *Cantos Cíprios* Zeus lhes concedeu imortalidade em dias alternados.[285] Ainda nos *Cantos Cíprios*, Ifigênia é transportada a Táuride e lá feita imortal por Ártemis.[286] Finalmente na *Telegonia*, Circe livra Penélope, Telêmaco e Telêgono da condição de mortais conferindo-lhes imperecibilidade.[287] Ora, na *Ilíada* a condição humana é marcada pela inevitabilidade da morte e toda ação heróica está baseada nesse pressuposto. À medida que o Ciclo Épico aborda essa temática sob um diferente ponto de vista, a noção de heroísmo e a relação entre os homens e os deuses são alteradas.

Nas *Argonáuticas* a participação de Héracles como membro da tripulação se encerra no momento em que os heróis partem da Mísia sem perceber sua ausência, pois ele procurava desesperadamente por Hilas. Ao se darem conta do abandono. Tem início uma breve discussão somente rompida com a aparição de Glauco, divindade marinha descrita como intérprete do sábio Nereu (I 1311, cf. também Eurípides *Orestes* 364). O deus afirma ser a vontade de Zeus que Héracles finalize os trabalhos impostos por

---

Mousaij kai taij adelfaij qrhnei ton paida. kai meta tauta ek thj puraj h Qetij anarpasasa ton paida eij thn Leukhn nhson diakomizei. (cf. Proclo *Crestomatia* 172 Serve).

Em seguida Aquiles mata Mêmnon. E Aurora, depois de rogar a Zeus, concedeu-lhe imortalidade. Aquiles, após voltar-se para os troianos e precipitar-se para a cidade, é assassinado por Paris e Apolo. (...) E Tétis chegou com as Musas e com as irmãs e lamentou o filho. Depois disso Tétis arrebatou o filho da pira e o levou à Ilha Branca.

[285] ***kai Kastwr men upo tou Ida anaireitai, Lugkeuj de kai Idaj upo Poludeukouj.*** (cf. Proclo *Crestomatia* 80 Serve).

Cástor foi morto por Idas e Idas e Linceu por Polideuces. Zeus lhes atribui a imortalidade em dias alternados. Notar que esta imortalidade em dias alternados para Cástor e Polideuces também é mencionada em *Odisséia.* XI 298-304.

[286] ***Artemij de authn ecarpasasa eij Taurouj metakomizei kai aqanaton poiei.*** (Proclo *Crestomatia* 80 Serve).

Ártemis toma Ifigênia, a leva aos tauros e a faz imortal.

[287] ***h de autouj aqanatouj poiei, kai men Phnelop$ Thlegonoj, Kirk$ de Thlemaxoj.*** (Proclo *Crestomatia* 306 Serve).

Ela os fez imortais e Telégono casou com Penélope e Telêmaco com Circe.

Euristeu para residir junto aos imortais e se tornar um deles (I 1315-20).[288] Além da força sobre-humana, a previsão da apoteose situa Héracles a uma distância considerável em relação aos demais membros da expedição. Trata-se de um herói cuja força ilimitada não encontra oponentes e cujo futuro aponta para uma ascensão à condição de deus adorado por parte dos mortais dentre os quais ele outrora fizera parte.

Mas não é somente em virtude da natureza humano-divina que Héracles é uma figura dúbia. Suas ações ora são marcadas pela violência brutal, ora têm caráter civilizatório. Em *Odisséia* XXI 22-33 o filho de Zeus mata de modo ímpio o hóspede Ífito quando este viera a seu palácio reivindicar alguns cavalos, sendo censurado pelo narrador por agir de modo desrespeitoso aos deuses e à antiga mesa hospedeira que o havia acolhido. O lado brurtal de Héracles não é negligenciado pelo poeta[289], mas salientado, sugerindo uma correlação entre seu modo de ação e o do ciclope Polifemo quanto às leis de hospitalidade. Na tragédia *As traquínias* de Sófocles, sua violência é enfatizada quando mata brutalmente Licas por lhe trazer um manto ungido com um suposto filtro amoroso seguindo as ordens de Dejanira (cf. 775-80). Ao ser carregado, prestes a morrer e ciente do embuste da esposa, Héracles pretende vingar-se dela com suas próprias mãos (cf. 1110).[290] Em *Héracles* de Eurípides, após retornar a Tebas a tempo de salvar a família dos planos assassinos do tirano Lico, o herói promete retaliação, planejando decapitar o inimigo e lançar sua cabeça aos cães (cf. 565-68). Da mesma forma, Aquiles assegura ao ***eidwlon*** de Pátroclo abandonar o corpo de Heitor para ser dilacerado pelos cães (*Il.* XXIII 21), provocando a ira dos deuses. No entanto Héracles vai além ao afirmar matar indistintamente todos os tebanos que encontrar em seu caminho, culpados ou inocentes, enchendo de cadáveres o Ismeno e ensangüentando o curso do Dirce (cf. 568-73).

Por outro lado, o aspecto civilizador é posto em evidência em grande parte dos poemas sobre suas façanhas. Em *Héracles* de Eurípides, Anfitrião considera o herói

---

[288] Há vários relatos sobre outras intervenções de Glauco durante a viagem dos argonautas. Em Filóstrato *Imagens* 2. 15 ele lhes aparece em pleno Ponto Euxino e relata as adversidades futuras. Já em Diodoro da Sicília IV 48 a profecia ocorre durante o retorno dos heróis. Segundo Póssis de Magnésia (480F2 Jacoby) Glauco seria o construtor da nau Argo e seu piloto. Após seu desaparecimento, teria se tornado uma divindade marinha.

[289] Cf. (Kirk 1993: 202).

[290] Cícero, em uma tentativa de amenizar a agressividade excessiva de Héracles, verte para o latim o discurso do herói, ao ser trazido ao palco, omitindo justamente esta passagem (*Tusculanas* II 8. 9).

ínclito (***kleinoj***, 12) e bem nascido ou nobre (***eugenhj***, 50) por ter livrado a terra de figuras monstruosas (***echmerwsai gaian***, 20) e, portanto, tê-la pacificado e a tornado habitável.[291] A ação civilizadora de Héracles é constantemente mencionada na peça (os versos 225-6 destacam a purificação dos mares e da terra[292], idéia reproduzida nos versos 851-3[293]). Sua força descomunal lhe possibilita participar como aliado ao lado dos deuses na luta contra os gigantes (cf. 180)[294] e derrotar os violentos e luxuriosos centauros em Foloe, na Arcádia.[295] Héracles também está conectado ao assassinato de vários homens ímpios, como Cicno (*Escudo* 345-423, Estesícoro PMG 207 e Eurípides *Héracles* 389-93)[296], Diomedes (Eurípides *Alceste* 481-506, *Héracles* 380-88 e Diodoro da Sicília IV 15.3)[297] e Busíris (Heródoto II 45 e Apolodoro II 5)[298], além de ter sido responsável pela criação dos Jogos Olímpicos a partir do butim do rei Áugias (Pìndaro *Olímpicas* X 43-6 e 55-9).

---

[291] Cf.Virgílio *Geórgicas* IV 17 e Aristófanes *Vespas* 1043. Em Sêneca *Dos benefícios* I 13.3 Héracles é considerado um salvador.

[292] *Nem aprovo a Hélade nem tolerarei ficar calado, / encontrando-a vilíssima para com meu filho, / a qual deveria ter vindo a estas crianças trazendo / fogo, lanças, armas, em retorno pela purificação / dos mares e da terra, em gratidão pelo que penou.*

οὐδ᾽ Ἑλλάδ᾽ ἤνεσ᾽ οὐδ᾽ ἀνέξομαί ποτε / σιγῶν κακίστην λαμβάνων ἐς παῖδ᾽ ἐμόν, / ἣν χρῆν νεοσσοῖς τοῖσδε πῦρ λόγχας ὅπλα / φέρουσαν ἐλθεῖν, ποντίων καθαρμάτων / χέρσου τ᾽ ἀμοιβάς᾽ὧν ἐμόχθησας χάριν.

[293] *Impérvio território e mar feroz / pacificou, e dos deuses, sozinho, restaurou / as honras, decadentes devido a homens ímpios.*

ἄβατον δε χώραν καὶ θάλασσαν ἀγρίαν / ἐξημερώσας, θεῶν ἀνέστησεν μόνος / τιμὰς πιτνούσας ἀνοσίων ἀνδρῶν ὕπο.

[294] Poucas são as referências ao auxílio de Héracles na gigantomaquia. Uma possível alusão a este evento ocorre em Hesíodo *Teogonia* 954 (cf. West 1988: 419), associada à sua conseqüente deificação. Encontramos outras referências em Píndaro *Neméicas* I 67ss, Apolodoro *Biblioteca* I 6. 1, Nono *Dionisíacas* IV 45ss e Sêneca *Hércules no Eta* 87ss. Já a representação visual dessa cena seria muito comum a partir do final do século VII a. C.

[295] Cf. Estesícoro PMG 181 e Diodoro da Sicília IV 12.

[296] Segundo a versão de Estesícoro, Cicno roubava os peregrinos, os matava e construía templos com seus crânios.

[297] Diomedes, apresentado como irmão de Cicno em *Alceste*, alimentava suas éguas com a carne dos estrangeiros que hospedava.

[298] Rei do Egito que costumava sacrificar os estrangeiros recém-chegados em sua terra.

Este caráter ambíguo de Héracles, mesclando selvageria e civilização, vai atuar em sua caracterização nas *Argonáuticas*. Herdando um herói oriundo de uma longa tradição na qual diferentes facetas foram justapostas[299], Apolônio acabou por representá-las exibindo uma figura contraditória em algumas situações. Um exemplo disso seria o assassinato de Tiodamante, pai de seu futuro escudeiro Hilas (*Arg.* I 1211-19, cf. também Calímaco *Aitia* fr. 24-5 Pf). Por lhe recusar dar o boi com o qual arava a terra, Tiodamante foi impiamente trucidado por Héracles. A motivação por trás da exigência do animal não é clara, mas Calímaco menciona a pretensão de Héracles em devorá-lo, numa possível referência à sua fome voraz.[300] Na seqüência o narrador justifica o assassinato com uma causa nobre: todo o ocorrido servira de pretexto para

---

[299] Havia, nos períodos arcaico e clássico, vários poemas épicos abordando a vida de Héracles sobre os quais pouco sabemos por não terem sido preservados. Entre eles destaca-se a *Tomada de Hecália*, erroneamente atribuída a Homero (cf. *Suda*), a *Heracleida* de Pisandro de Rodes (século VI a. C.), a *Heracleida* de Paniásis (século V a. C.), além da recolha em prosa do acervo mítico do herói por Ferecides. Aristóteles em *Poética* 1451a19 critica poemas como as *Heracleidas*, centrados não em uma ação una, mas em vários eventos pelos quais o protagonista passou sem necessária conexão entre si. *Assim, parece que tenham errado todos os poetas que compuseram uma* Heracleida *ou uma* Teseida *ou outros poemas que tais, por entenderem que, sendo Héracles um só, todas as ações haviam de constituir uma unidade.* (tradução de Eudoro de Souza).

[300] De acordo com Apolônio de Rodes, Tiodamante seria ***dioj***, adjetivo que marca sua posição nobre entre os dríopes, no entanto Héracles o mata impiedosamente (***nhleiwj***) a despeito desta condição. Em Calímaco *Hino a Ártremis* 159-61 a motivação para o assassinato seria a colossal fome de Héracles, provavelmente mencionada nos *Aitia* fr. 24-5Pf. Influenciado pela leitura do escólio para esta passagem, segundo a qual Tiodamante não quisera conceder comida ao filho de Héracles, Fränkel (1961: 51) corrige a passagem em dois versos, substituindo o adjetivo ***diou*** por ***d$ou*** (inimigo) e o advérbio ***nhleiwj*** por ***nhleih***, associando a idéia de impiedade não mais às ações do herói, mas ao caráter do próprio rei dos dríopes. O desejo desmoderado de Héracles por vingança é também aludido quando os Boréadas dissuadem os argonautas a retornarem à terra firme para recolherem os homens abandonados na Mísia. *De fato um terrível castigo lhes veio no porvir / pelas mãos de Héracles, porque impediram de buscá-lo. / Pois quando voltavam dos Jogos Fúnebres a Pélias tombado, / trucidou-os em Teno banhada ao redor* (*Arg.* I 1302-5). O relato seria bastante conhecido (cf. Acusilau 2F31 Jacoby), mas a motivação por trás do assassinato é variada. Para Estesímbroto de Tasos (107F19 Jacoby), seria resultado de uma contenda por conta dos presentes ofertados por Jasão aos argonautas. Já Enesídamo (cf. ***S*** *Argonáuticas* 1300-5a) sugere uma retaliação pela intenção dos Boréadas em matá-lo armando uma emboscada. Apolônio, por sua vez, opta por conectar o crime ao caráter vingativo de Héracles.

Héracles sozinho empreender uma guerra contra os dríopes por não se preocuparem com a justiça[301], da mesma forma que ele enfrentara, em outros relatos míticos, homens marcados pela impiedade. O narrador não opta por uma explicação ou outra para compreender o ocorrido, mas apresenta simultaneamente uma dupla motivação concatenando os conceitos de ***ubrij*** e ***dikh*** na formação do ***hqoj*** da mesma personagem.

Mas seria essencial a participação de Héracles na expedição dos argonautas? Segundo Kirk (1993: 183-229), as principais tarefas que lhe possibilitariam o acesso ao mundo dos deuses, seriam os doze trabalhos impostos por Euristeu. Durante a realização dessas provas, ele ainda teria realizado façanhas incidentais, além de participar de expedições nas quais estaria no comando (Kirk 1993: 188-89). O ingresso à navegação como um argonauta representa uma interrupção na realização das gestas heróicas. Ou seja, Héracles estaria se desviando dos desígnios de Zeus (*Arg.* I 1315, II 154)[302], como afirma Glauco na passagem mencionada acima:

Porque contra a vontade do grande Zeus desejais
levar à cidadela de Eeta o corajoso Héracles?
Seu lote é, em Argos, cumprir para o presunçoso
Euristeu todas as doze fatigantes lutas
e morar junto à lareira dos imortais quando executar
as poucas restantes. Por isso não tendes saudade alguma dele.[303]

(*Arg.* I 1315-20)

A primeira menção de Héracles no poema ocorre justamente no catálogo de heróis, ao ocupar uma posição central (I 122-32) como o vigésimo nono herói nomeado de um total de cinqüenta e cinco guerreiros, incluindo Jasão.[304] Ele ouvira um rumor

---

[301] Em concordância com esta motivação (e talvez usando o texto de Apolônio como fonte), o escólio chama os dríopes de "raça injusta" (***eqnoj … adikon***).

[302] Sobre os planos de Zeus para Héracles e para a expedição, conferir Feeney (1991: 60).

[303] "Τίπτε παρεκ μεγάλοιο Διὸς μενεαίνετε βουλήν / Αἰήτεω πτολίεθρον ἄγειν θρασὺν Ἡρακλῆα; / Ἄργεϊ οἱ μοῖρ' ἐστὶν ἀτασθάλῳ Εὐρυσθῆι /ἐκπλῆσαι μογέοντα δυώδεκα πάντας ἀέθλους, /ναίειν δ' ἀθανάτοισι συνέστιον, εἴ κ' ἔτι παύρους /ἐξανύσῃ· τῷ μή τι ποθὴ κείνοιο πελέσθω.

[304] Deve-se notar que Héracles também ocupa o assento central na nau entre os membros da tripulação por motivos já expostos.

acerca da expedição quando retornava da Arcádia carregando nas costas um javali ainda vivo, caçado no pântano de Erimanto. Esta gesta seria um de seus doze trabalhos, conforme as métopas esculpidas no templo de Zeus em Olímpia (aproximadamente 460 a. C.).

O mito das tarefas de Héracles é um dos mais conhecidos da literatura grega e foi registrado pela primeira vez na poesia homérica (cf. *Ilíada* XIX 98-133 – justificando a submissão de Héracles a Euristeu, um parente que lhe era inferior –, VIII 362-69 e *Odiséia* XI 620-26). No entanto não é mencionado um número exato de trabalhos realizados. Há nove ***aeqla*** representados nas métopas do templo ateniense de Hefesto, enquanto o tesouro de Atenas em Delfos exibe dez de suas façanhas.[305] Para Bond (1988: 154), o número preciso de doze trabalhos só seria fixado a partir do período helenístico (cf. Teócrito *Idílios* XXIV 82 e Apolônio de Rodes *Argonáuticas* I 1318), contudo as referências mais antigas ocorrem no primeiro estásimo do *Héracles* de Eurípides (348-450) e nas métopas do templo de Zeus em Olímpia datadas do século V a. C. Na peça de Eurípides os ***aeqla*** são louvados por meio de um hino (***umnhsai***, 355) e metamorfoseados em uma coroa (***stefanwma***, 355). As fadigas de Héracles

---

Αὐτὰρ ἐπεὶ τὰ ἕκαστα περιφραδέως ἀλέγυναν, / κληῖδας μὲν πρῶτα πάλῳ διεμοιρήσαντο, / ἄνδρ' ἐντυναμένω δοιὼ μίαν· ἐκ δ' ἄρα μέσσην / ρεον Ἡρακλῆι καὶ ἡρώων ἄτερ ἄλλων / Ἀγκαίῳ, Τεγέης ὅς ῥα πτολίεθρον ἔναιεν· / τοῖς μέσσην οἴοισιν ἀπὸ κληῖδα λίποντο /αὔτως, οὔτι πάλῳ·

Mas depois que se ocuparam habilmente de cada coisa, / primeiramente dividiram por sorteio os bancos, / dois homens ocupando cada um. O do meio / escolheram para Héracles e, à exclusão dos outros heróis, / para Anceu, que morava na cidadela de Tegea. / A eles, somente, deixaram o banco do meio / deste modo, sem sorteio. (*Argonáuticas* I 394-400).

[305] Em *Traquínias* de Sófocles, Héracles, em desespero agonizante, menciona apenas seis de seus trabalhos (1095ss): *Ó mãos, minhas mãos! Meu dorso, meu peito, meus braços amigos, sois vós aqueles que outrora exterminastes, com o vosso vigor, o monstro habitante de Neméia, esse leão, flagelo dos pastores, criatura terrível e inabordável, e a Hidra de Lerna, e esse exército de monstros híbridos e selvagens, de patas de cavalo, ímpios, violentos e inexcedíveis na sua força, e a besta de Erimanto, e essa fera invencível, o cão do Hades, de três cabeças, que habita debaixo da terra, nascido da terrível Eqüidna, e o dragão que guarda os pomos de ouro nos confins do mundo.* (tradução de Maria do Céu Zambujo Fialho).

seriam as flores com as quais é feita uma grinalda. As virtudes destas lutas constituem um monumento para os mortos (cf. 357-8).[306]

Não há total convergência entre os trabalhos descritos no primeiro estásimo de *Héracles* e os esculpidos nas métopas do templo de Zeus[307], mas se destaca o fato de, em ambas as versões, parte deles estar circunscrita aos limites do Peloponeso e parte às regiões mais remotas do mundo conhecido, em uma tentativa de situar Héracles menos como herói dórico, mas sobretudo pan-helênico.[308]

Além de caçar o javali de Erimanto, ele já havia cumprido outras tarefas antes de participar da viagem à Cólquida, como a luta com o Leão de Neméia (I 1195), a aquisição do cinto de Hipólita, rainha das amazonas (II 777-79), o abatimento das aves do lago Estínfalo (II 1052-57) e o assassinato da Hidra de Lerna (IV 1404). O roubo dos pomos de ouro das Hespérides ocorrerá depois do abandono do herói na Mísia e será narrado no livro IV.

Héracles é uma figura anômala entre os argonautas.[309] Em primeiro lugar, sua força excessiva o transforma em um herói praticamente invencível capaz de realizar as

---

[306] ἐγὼ δὲ τὸν γᾶς ἐνέρων τ' / ἐς ὄρφναν μολόντα, παῖδ' εἴτε Διός νιν εἴπω, εἴτ' Ἀμφιτρύωνος ἶνιν, / ὑμνῆσαι στεφάνωμα μόχθων δι' εὐλογίας θέλω. /γενναίων δ' ἀρεταὶ πόνων / τοῖς θανοῦσιν ἄγαλμα.

E eu, o que foi para a treva / da terra e dos ínferos – quer o nomeie filho de Zeus, quer de Anfitrião descendente – / desejo hinear com louvor, como coroa de seus trabalhos. / As virtudes de nobres fadigas / são glória para os mortos. (Eurípides *Héracles* 352-58).

[307] Cf. Bond (1988: 153-55).

[308] Segundo a tragédia de Eurípides, os doze trabalhos de Héracles seriam os seguintes: o sufocamento do Leão de Neméia (cf. 359-63), a luta contra os centauros (cf. 364-74), a captura da corça de cornos de ouro (cf. 375-79), a domesticação das éguas de Diomedes (cf. 380-88), o assassinato de Cicno (cf. 389-93), o roubo das maçãs do jardim das Hespérides (cf. 394-99), a limpeza do mar, livrando-o dos piratas (cf. 400-2), a sustentação do céu para Atlas (cf. 403-7), a luta contra as amazonas (cf. 408-18), a morte da Hidra de Lerna (cf. 419-21), a derrota de Gerião (cf. 422-24) e a busca de Cérbero (cf. 425-29). Destes trabalhos listados, somente quatro não correspondem aos representados nas métopas do templo de Zeus em Olímpia. Evidencia-se a intenção de Eurípides em selecionar ***aeqla*** menos conectados com a região do Peloponeso, abrangendo a vasta extensão da terra até os confins do mundo conhecido. Apenas três tarefas estão circunscritas ao Peloponeso (Leão de Neméia, Corça dos cornos de ouro e Hidra de Lerna), ao invés das seis esculpidas nas métopas. Os demais ***aeqla*** estão divididos entre o norte (os centauros, Diomedes e Cicno), leste (as amazonas) e oeste (limpeza do mar, Atlas e pomos de ouro), além da descida ao Hades para a captura de Cérbero. Mais informações em Kirk (1993: 191-203).

[309] Cf. Levin (1971: 22), Clare (2002: 88-89) e Hunter (1993: 26).

façanhas alheio ao auxílio de outros. Seu desempenho pode ser contraposto ao dos demais (I 1161-63)[310] e sua ausência é reiteradamente lamentada pelo restante da tripulação. Segundo um herói anônimo, ele teria facilmente derrotado Amico na Bebrícia antes mesmo do pugilato ter sido organizado (II 145-53). No final desse discurso afirma-se de modo sentencioso:

cada um de nós
conhecerá a funesta ruína por este estar ausente.[311]

Quando Eeta surge armado agitando seu escudo feito de muito couro e sua lança terrível para assistir aos ***aeqla***, Jasão se apavora (III 1221-34). De acordo com o poeta, nenhum dos heróis suportaria sequer contemplar as armas do rei, com a exceção de Héracles, pois *"ele sozinho combateria mano a mano"*. [312] Sua ausência chega ainda a ser lamentada por Lico, rei dos mariandines (II 774-95), ao afirmar:

Ó caros, de que homem vós perdestes o socorro,
vós que navegais até Eeta.[313]

(*Argonáuticas* II 774-5)

Portanto subjaz a idéia, em todas estas passagens, de que a força excessiva de Héracles seria suficiente para derrotar Eeta e adquirir o velocino de ouro, resultando em êxito para toda a tripulação.

Em segundo lugar, Hera é uma das divindades protetoras da expedição e, ao mesmo tempo, age deliberadamente contra Héracles enviando os nascidos da terra em Cízico para lhe servirem de ***aeqlion*** (*Arg.* I 996-7).[314] Enquanto a maior parte dos

---

[310] *From the point of view within the poem, Heracles holds the central position. He is the central Argonaut of the catalogue. When the list of men comes to life, he sits at their center (I. 342). Before they set off, the Argonauts assign him to the center rowing bench (I 396-97, 531). Thus, he is consistently presented as having an equal number of Argonauts stretching out on either side. Within the story, he is the central hero.* (De Forest 1994: 50).

[311] μάλα δ' ἡμέων αὐτὸς ἕκαστος / εἴσεται οὐλομένην ἄτην ἀπάνευθεν ἐόντος.

[312] τὸ μὲν οὔ κέ τις ἄλλος ὑπέστη / ἀνδρῶν ἡρώων, ὅτε κάλλιπον Ἡρακλῆα / τῆλε παρέξ, ὅ κεν οἶος ἐναντίβιον πτολέμιξεν.

[313] "Ὦ φίλοι, οἵου φωτὸς ἀποπλαγχθέντες ἀρωγῆς / πείρετ' ἐς Αἰήτην τόσσον πλόον.

[314] Cf. Vian (1974: 34), Hunter (1993: 26). *The manner in which this entire incident* (*Arg.* I 992-1002) *is narrated makes it seem semi detached from the main action of the voyage. Separation of Heracles from the main group of heroes permits the unprovoked attack by the giants to be interpreted not as a test of the Argonauts, but rather as part of a larger series of trials devised for Heracles by Hera and the*

nautas sobe o monte Díndimo para observar a rota a ser seguida pelo mar, Héracles é deixado próximo à nau no porto, junto a alguns jovens, quando é surpreendido pelos nascidos da terra irrompendo do outro lado da montanha e lançando pedras contra eles. Estendendo o arco, o filho de Zeus os derruba ao chão um após o outro (cf. 994). Somente após a rápida investida de Héracles, os demais heróis aparecem e terminam a matança. Devemos notar não somente que as ações dos argonautas afastados são retardadas pelo narrador, mas também que seus nomes permanecem no anonimato, enquanto a presença de Héracles figura como fundamental para o êxito desta tarefa incidental, exclusivamente destinada a ele.[315] Apesar de destoante da narrativa por pressupor uma ação paradoxal de Hera – as pedras lançadas quase destroem a nau Argo cuja tripulação a deusa protege – o combate contra os nascidos da terra não foi criado por Apolônio mas já seria relatado por Heródoro (31F7 e 31F41 Jacoby), não conectado à expedição. Segundo o autor, Héracles jamais teria feito parte da tripulação. Talvez isso explique porque o herói foi acometido por um ataque repentino ao se encontrar separado do restante dos companheiros.[316]

Em terceiro lugar, há uma marcante diferença de idade entre Héracles e os demais argonautas, constantemente caracterizados como ***neoi*** (I 382, 1134, III 194, 555, IV 184, 503)[317]. Em I 341 este contraste é evidenciado quando Jasão propõe a escolha do líder e todos os ***neoi*** reunidos voltam os olhos para Héracles sentado no meio deles. Hunter (1993: 15-16) lembra que há um número considerável de mitos gregos contando os sofrimentos impostos a jovens heróis antes de ocuparem seu lugar

---

highlighting in this manner of the hostile disposition of that goddess towards the hero is a primary distinction between Heracles and the other Argonauts; Hera is of course well disposed towards the Argonautic expedition as a whole. (Clare: 2002: 90).

[315] Este embate deve ser contrastado com a luta entre Jasão e os homens armados que brotam dos dentes de dragão semeados (também chamados, em *Argonáuticas* III 1355 de ***Ghgeneej***, ou seja, nascidos da terra). Apesar de Héracles e Jasão lutarem sozinhos contra seus terríveis oponentes, o Esonida está ungido pelos ***farmaka*** de Medéia, de modo a se tornar invulnerável e, conseqüentemente, invencível (*Argonáuticas* III 1354-404).

[316] Cf. Clauss (1993: 149-50).

[317] Em I 408, 1107 e II 263, 495 é emprego o comparativo ***kouroteroi***.

na sociedade adulta.[318] A expedição dos argonautas poderia ser compreendida como uma iniciação ou rito de passagem baseado em tarefas a serem cumpridas, cujo sucesso possibilitará a seus realizadores o acesso reconhecido ao mundo adulto. Para o cumprimento da missão é necessário seguir à risca os conselhos do adivinho Fineu, caracterizado como um homem velho (***geron***, cf. II 411) instruindo crianças (***tekoj***, cf. II 420) sobre como agir em cada situação para alcançar o fim almejado. Portanto Héracles, com um número considerável de façanhas realizadas e interrompendo os seus doze ***aeqla*** responsáveis pelo renome e imortalidade posterior, não encontra espaço adequado nesse grupo de mancebos.

Sendo, por conseguinte, uma personagem inadequada para a narrativa desenvolvida, por que Apolônio opta por inseri-la na expedição? E por que lhe confere posição central no catálogo de heróis (*Arg.* I 23-223)? Seguindo o modelo da poesia homérica, o catálogo possui um arranjo baseado na ordem geográfica de onde as personagens são oriundas, sendo iniciado na Trácia com Orfeu e terminado no mesmo lugar com os Boréadas. Duas figuras acabam sendo realçadas, tendo em vista a posição no catálogo e os modos de ação opostos: Orfeu, o primeiro a ser mencionado, e Héracles, o herói central e, portanto, iniciador da segunda parte do catálogo.

O catálogo de heróis das *Argonáuticas* está organizado em uma forma bipartida, sendo cada uma de suas metades encabeçada por uma figura emblemática ao tema proposto: Orfeu (23-121) e Héracles (122-223)[319]. Orfeu é também considerado um dos argonautas por Píndaro *Pítica* IV, Herórodo (31F42-43 Jacoby), Apolodoro *Biblioteca*, *Argonáuticas Órficas* e Valério Flaco *Argonáuticas*. Segundo Heródoro (31F43 Jacoby), Jasão o teria chamado para participar da missão orientado por Quirão, pois o canto de Orfeu salvaria a tripulação do perigo das sirenas. Apolônio, igualmente, destaca a perícia de Orfeu em encantar as pedras e a correnteza dos rios com seus cantos, enquanto os carvalhos selvagens se alinham em seqüência com o som de sua forminge (I 26-31). Há, implícito nesta passagem, um elemento de sedução claramente associado à música. O canto de Orfeu põe fim à discussão entre Idas e Idmão em um potencial momento de desintegração da tripulação na hora da partida do porto de

---

[318] *Generational passage is secured by the successful accomplishment of difficult tasks. Orestes and Theseus are two of the most prominent examples, and the most relevant for Apollonius' Jason.* Cf. Hunter (1988: 448-50), Hunter (1993: 15) e Moreau (1994: 117-42).

[319] Cf. Clauss (1993: 29-32).

Pagasas (I 492-518). Ao fim, todos se encontravam atentos em virtude da sedução do canto (***qelktun aoidhj***, 515). O emprego do termo ***qelktuj*** nos conecta ao verbo ***qelgw*** ("encantar") em suas formas infinitiva (***qelcai***, 27) e participial (***qelgomenoj***, 31), quando Orfeu é apresentado no catálogo. O elemento erótico também comporta a idéia de encanto, fato comprovado pela reincidência deste vocábulo no contexto da sedução de Medéia por Jasão e conseqüente sucesso da missão. Érato, musa dos cantos eróticos invocada no prefácio do livro III, justamente tem o poder de encantar (***qelgeij***) as virgens indômitas com seus cuidados (III 4-5). No Olimpo, Hera e Atena solicitam a Afrodite que ordene a Eros alvejar Medéia para encantá-la (***qelcai***, 28; cf. ainda 86 e 143) no interesse de Jasão. Por fim, as drogas usadas pelo Esonida para imunizá-lo durante os ***aeqla*** são chamadas de encantatórias (***farmaka qelkthria***, III 739, 766 e 820-1).

Contrabalançando a influência de Orfeu, o narrador apresenta Héracles como figura oposta e enfatiza sua esfera de atuação contrária à perícia encantatória do filho de Apolo:

> *Nem mesmo a força de Héracles de violentas entranhas,*
> *pelo que nos informamos, negligenciou ao desejo do Esonida.*[320]
>
> (*Arg.* I 122-23)

O herói é apresentado por meio de uma pequena alteração da fórmula homérica ***bih Hraklheih*** (cf. *Ilíada* II 658, V 638, XI 690, XV 640, XIX 98 e *Odisséia* XI 601), contaminada pela fórmula ***Hraklha kraterofrona*** (*Ilíada* XIV 324), resultando na expressão ***bih kraterofronoj Hraklhoj*** (cf. 122). Héracles é destacado primeiramente por sua força, realçada pelo adjetivo que acompanha o seu nome: ***kraterofrwn*** significa "de forte coração" ou, simplesmente, "corajoso". É o mesmo termo usado para designar o ânimo violento dos homens da Idade do Bronze (Hesíodo *Trabalhos e dias* 147), cujo interesse estava focado nas obras gementes de Ares e nas violências (***erga … stonoenta kai ubriej***, 146), sendo marcados por grande força e braço invencível (***megalh de bih kai xeirej aptoi***, cf. 148).

Em conformidade com a ***bih*** destacada, o herói surge portando um javali vivo nas costas, um de seus doze trabalhos. Seu ingresso na expedição por vontade própria

[320] Οὐδε μεν οὐδε βίην κρατερόφρονος Ἡρακλῆος /πευθόμεθ' Αἰσονίδαο λιλαιομένου ἀθερίξαι

(***$ iothti***, 130) ocorre contra o desejo de Euristeu, interrompendo a execução das tarefas impostas. O objetivo desta empreitada é tornar-se glorioso (***eukleieij***, 869), como fica claro na reprimenda feita aos companheiros, quando a expedição é interrompida na ilha de Lemno para partilharem o leito de mulheres estrangeiras. Ora, Héracles independe da participação na missão para obter ***kleoj***, já que sua glória antecede a própria viagem dos argonautas. Além disso, os fatos que lhe possibilitarão a ascensão ao plano divino serão os doze ***aeqla*** e não a busca pelo velocino de ouro, façanha vetada a ele pelos desígnios de Zeus (cf. 1315-20). Por conseqüência, sua inclusão no poema deve ser considerada supérflua ou desnecessária, fruto de um eruditismo livresco comum à poética alexandrina, buscando citar diferentes versões do mito nas quais Héracles seria representado como personagem? Certamente não, pois há uma intenção dupla em sua participação. Em primeiro lugar ele integra a expedição deliberadamente e essa vontade verbalmente expressa (cf. 130) o opõe a Jasão, o ***orxamoj*** da tripulação, cuja tarefa imposta por Pélias é lamentada em diversas circunstâncias.[321] Em segundo lugar há a intenção do narrador em, justamente, opor dois modos de ação conflitantes no poema. A representação de Héracles portando o javali de Erimanto serve como paradigma de seu *modus operandi* característico pelos quatro cantos das *Argonáuticas* (mesmo depois de ter sido abandonado) e o distingue da ação baseada na perícia, representada no catálogo por Orfeu.

Estes dois distintos modos de ação ilustrados com as emblemáticas figuras de Orfeu e Héracles em cada uma das metades do catálogo são também contrapostos na segunda cena da ***ekfrasij*** do manto de Jasão (I 735-41). É representada a construção de Tebas por Anfião e Zeto, no entanto ambos trabalham de modo diferente. Enquanto Zeto porta sobre os ombros o cume de uma montanha, valendo-se exclusivamente da força sobre-humana, Anfião caminha tocando a forminge – o mesmo instrumento associado a Orfeu – e as pedras seguem seus passos. Segundo ***S*** *Argonáuticas* I 740-41a, o poeta pretende mostrar a virtude da música e da boa instrução (***thn thj mousikhj kai thn thj eupaideusiaj arethn***) contra o uso da virilidade irracional (***thn alogon andrian***), já que Zeto, apesar de exausto, pouco material trouxe para a construção, enquanto Anfião obteve mais êxito. A imagem, portanto, opõe

[321] Cf. *Argonáuticas* I 840-41, 901-3 e III 388-90.

de modo explícito o emprego da força e o emprego da perícia e revela um posicionamento favorável ao segundo, gerando conseqüências para o desfecho da expedição.

No final do catálogo surgem Argos e Acasto, filho de Pélias, desejosos por participarem da expedição (I 224-27). É importante a presença deles para fortalecer a confiança dos nautas quanto ao potencial sucesso da viagem. Argos é o construtor do navio (I 19 e 111-12) e, segundo versões mencionadas pelo escoliasta em I 224-226a, Pélias lhe ordena sabotar a nau para não resistir por muito tempo às vicissitudes do mar. Sua participação espontânea na missão inviabiliza qualquer possibilidade de ação insidiosa.[322] Já a participação de Acasto, em outras versões, seria uma imposição do Esonida a Pélias, para que houvesse a certeza de nenhuma sabotagem por parte do rei, como reporta Valério Flaco em *Argonáuticas* I 153-55.

A presença destes heróis em adendo ao catálogo, totalizando cinqüenta e cinco argonautas, antecede o discurso de Jasão para a escolha do líder. A distinção de vestimentas dos últimos membros exemplifica, de modo simbólico, os dois grandes temas contrapostos na construção do enredo e usados como critério para a escolha do ***orxamoj***. Acasto traz um belo manto (***kalhn diplaka***, 325-26) dado por sua irmã Pelópeia. O mesmo tipo de manto será associado a Jasão em I 722 (***diplaka porfurehn***), confeccionado pela deusa Atena, vermelho ao fundo, púrpura nas bordas e repleto de imagens (I 721-29). Argos, por sua vez, porta sobre os ombros uma negra pele de touro com pêlos (***derma d" o men tauroio podhnekej … melan***, 324-25). De acordo com Ferecides (3F66-7 Jacoby), Astor, o pai de Argos, seria também o pai do homônimo guardião de Io, dotado de muitos olhos. Motivado por essa reminiscência genealógica bestial, o poeta lhe confere uma rústica vestimenta. Seu ***derma tauroio*** ecoa a pele de leão característica de Héracles (I 1195), associando os dois em aspectos externos.

---

[322] Argos não passa de um executor, pois trabalha sob a instrução da deusa Atena (***upoqhmusun$si***, 19 e 112; conferir também I 551, 723; II 612. III 340; IV 583), a verdadeira construtora da embarcação Segundo Ferecides (3F106 Jacoby), o construtor da nau Argo seria o filho de Frixo, também chamado Argos, o qual, na versão de Apolônio, é encontrado no final do livro II preso com seu irmão na ilha de Ares.

A mesma oposição baseada nos trajes será retomada no início do livro II, quando Amico, rei da Bebrícia, desafia um dos argonautas para o pugilato e Polideuces aceita enfrentá-lo. Amico traz uma dupla capa sombria (***eremnhn diptuxa lwphn***, 32), além de um bastão grosseiro (***kalaurapa trhxeian***, 33) – rememorando a clava (***ropalon***) de Héracles em I 1196 – enquanto Polideuces traz um fino manto com o qual foi presenteado por uma das lemnienses. A vitória coube ao Tindarida, graças à sua extrema habilidade (II 67-97). Portanto o tema da perícia em oposição ao uso da força é trabalhado nesse episódio e conecta seus dois actantes com as figuras emblemáticas de cada um dos modos de ação contrapostos no poema: Héracles e Jasão. A vitória de Polideuces é um claro indício da ineficácia do emprego de ***bih*** como escolha temática para a estrutura narrativa desenvolvida.

A brutalidade de Héracles o conecta a um contexto primitivo e violento no qual o excesso permeia todas as ações. Sua indumentária já sugere um ambiente distante do mundo heróico. A clava e a pele lhe cobrindo o corpo como armadura foram adquiridas após o assassinato do Leão de Neméia. A pele da fera era impenetrável, de modo que Héracles teve de matá-la por sufocamento. Desde então ele passou a portá-la como troféu de vitória por lhe proporcionar os mesmos benefícios. No entanto essa indumentária só passa a ser comumente descrita a partir da primeira metade do século VI a. C. Antes dessa data a cerâmica e a poesia o representavam trajando uma armadura tradicional e usando o arco e flecha (cf. Hesíodo *Escudo* 122-324).[323]

A predisposição de Héracles para agir solitariamente é outra marca distintiva que o opõe à ação deliberativa e conjunta por parte dos demais membros da expedição. Isso se deve, evidentemente, à sua força descomunal sem comparação com nenhum outro argonauta. A luta de Héracles contra os nascidos da terra ilustra isso, sendo sucedida pelo combate noturno entre os dolíones e os helenos. Depois de serem recebidos hospitaleiramente em Cízico, os heróis partem com o tempo propício, mas durante a noite a tempestade contrária os obriga a retornar à terra de onde haviam saído. Não percebendo tratar-se do mesmo local, pressupuseram que os soldados ao redor fossem membros do exército dos pelasgos e acabaram entrando em confronto com eles. Os dolíones também não imaginaram tratar-se de seus hóspedes e os atacaram como se fossem inimigos invasores. Enquanto nenhum argonauta saiu ferido, muitos dolíones

[323] Cf. Kirk (1993: 192).

morreram e os sobreviventes fugiram apavorados como pombas diante de falcões de asas velozes (*Argonáuticas* I 1015-52).

O momento do embate rememora cenas de batalhas narradas por Homero.[324] Contudo se estas cenas são freqüentes na *Ilíada*, nas *Argonáuticas* elas raramente ocorrem. Os nomes das doze vítimas – inventados sem nenhum fundamento histórico por Apolônio, segundo Lucílio de Tarra[325] – são registrados isentos de quaisquer dados sobre suas vidas.[326] O único herói cuja morte é detalhadamente destacada é o rei Cízico, abatido por Jasão em virtude do lote destinado (*Argonáuticas* I 1030-39).

Clauss (1993: 160-67) pressupõe um paralelo entre a luta contra os nascidos da terra e o confronto com os dolíones. Os principais actantes de cada gesta – ambos surpreendidos pelo inimigo – seriam Héracles e Jasão. De um lado o herói solitário defendendo a nau contra as pedras lançadas por seres monstruosos, praticamente sem o auxílio de nenhum outro guerreiro ele pode aniquilar os oponentes. De outro lado o líder da expedição em conjunto com o restante do grupo combatendo um exército de amigos hospedeiros, fato que provoca o assassinato do rei, o suicídio da rainha e gera luto e desespero à população local. Ao pôr ambas as "ações heróicas" em paralelo, o poeta pretende enfatizar as diferenças entre seus principais perpetradores.

Para Lawall (1966: 125) a caracterização excessiva de Héracles seria proposital. O narrador pretenderia contrastá-lo, como representante de um mundo mítico repleto de feitos sobrenaturais, com uma suposta representação da "realidade contemporânea" esboçada pelos demais heróis.[327] Tal afirmação é bastante duvidosa, sobretudo porque

---

[324] Cf.Vian (1976: 99).

[325] Cf. escólio 1040-1 (***peplake ta onomata tauta Apollwnioj, ouk apo istoriaj elaben***).

[326] *Plusieurs d'entre eux sont d'ailleurs des heros éponyme: Artakes est en relation avec le port d'Artaké; Zélys, avec la ville homérique de Zéleia (B 824) proche de l´Aisépos, Basileus est peut-être l'ancêtre de certains* Basileis *chargés du sacerdoce de Core; Géphyros semble tirer son nom des ponts jetés sur le chenal qui coupait l'isthme de Cyzique.* (Vian 1976: 99, cf. também Delage 1930: 94).

[327] Lawall exemplifica esse contraste com assuntos náuticos. *The rowing context (I 1153-71) comes to focus on Heracles' strength, and at the same time, it begins to suggest his limitations. He not only outlasts all other Argonauts, but he is also able to propel the ship singlehanded against adverse winds. His truly incredible performance here contrasts sharply with Apollonius' otherwise realistic representation of nautical matters on the outward voyage. Heracles is drawn out of the realm of commonplace, contemporary reality, and is placed back in a mythic world of heroic feats.* (Lawall 1966: 125).

os membros da tripulação com seus dons específicos ficam bem distantes do que Lawall entende como “homens comuns”. Orfeu encanta as pedras e os rios com seus cantos (I 26-7), Linceu possui olhares penetrantes capazes de alcançar enormes distâncias (I 153-55), Periclimeno assume a forma desejada no ardor da batalha (I 156-60), Eufemo detém pés velozes que lhe possibilitam caminhar sobre o oceano sem imergir (I 182-84), Zeta e Calais, dotados de asas plumadas, conseguem voar (I 644-48) e, finalmente, Etálida tem como lote viver alternadamente entre os mortos e os vivos (I 644-48). Apesar de tantas perícias particulares serem anunciadas no catálogo de heróis (com a exceção do dom de Etálida), parte delas não é utilizada em nenhum momento da narrativa.

Em meio a este elenco de heróis “sobrenaturais” destaca-se a figura de Héracles e sua ***bih*** imensurável. Ao caminharem sedentos pelo deserto da Líbia, os argonautas atingem a região das Hespérides, onde eram guardados os pomos de ouro (*Argonáuticas* IV 1393-1536). Orfeu roga às ninfas que lhe indiquem uma nascente para saciarem a sede e Egle fornece uma preciosa informação: um homem terrível (***kuntatoj***, 1433) chegara àquela região um dia antes, matara a serpente protetora e roubara os pomos de ouro. Os helenos chegam a encontrar o cadáver do animal estendido ao chão, repleto de moscas sobre suas chagas pútridas (cf. 1400-5). O assassino é considerado o mais funesto tanto em comportamento excessivo quanto em estatura (***olowtatoj ubrin*** / ***kai demaj***, 1436-37) e impiedoso (***nhlhj***, 1436). A descrição da vestimenta e da arma não suscita dúvidas sobre sua identidade: a pele de leão não curtida, a clava feita com um tronco de oliveira e o arco com flechas envenenadas são as insígnias de Héracles (cf. 1438-40).[328] Após assassinar a serpente guardiã, ele parte à procura de água e encontra um rochedo próximo ao lago Tritão. Ao golpeá-lo com o pé, a água começou a jorrar em abundância saciando-lhe a sede. Segundo Egle, o herói bebia do curso d’água com as mãos e os pés apoiados no solo, em grandes goles, até saciar o vasto ventre como um animal no pasto (cf. 1447-49). O caráter de Héracles nesta cena é duplo, pois, ao mesmo tempo, ele é o salvador dos argonautas, disponibilizando-lhes água corrente, e figura monstruosa descrita pela ninfa hespéride como funesta,

[328] Os próprios heróis constatam tratar-se de Héracles em 1458-1460.

excessiva e impiedosa.[329] Tal rebaixamento é metaforizado na imagem bestial do herói bebendo de modo animalesco, com o ventre saliente à mostra.[330]

Ao encontrarem o rochedo vertendo água, os argonautas o circundam equiparados a formigas fendendo a terra ou moscas ao redor de poucas gotas do doce mel (cf. 1452-55). Se o excesso marca a sede descomunal de Héracles, comparado a um animal de grande porte com ventre avantajado, a moderação caracteriza os demais heróis, assemelhados a insetos pequenos rodeando um líquido que jorra escassamente.

Os excessos de Héracles atingem também o apetite sexual e a glutonaria. Vários são os relatos míticos associando o herói a diversas uniões com mulheres. Da mesma forma, sua voracidade para devorar os alimentos é apresentada de modo jocoso em vários gêneros poéticos, tais como a comédia, os hinos e até mesmo a tragédia. Em Aristófanes *Rãs* 503-18, a serva de Perséfone oferece várias iguarias ao seu gosto, como pães, bolos de mel, carnes de aves, peixes, um boi inteiro, vinho doce, uma tocadora de flauta e algumas dançarinas. A seguir as estalajadeiras reclamam da última vez em que Héracles esteve no Hades, quando devorou dezesseis pães, toda carne disponível, os alhos e o queijo com o cesto e nada pagou pelo que foi servido. Em Eurípides *Alceste* 773-802, Héracles recebe hospedagem no palácio de Admeto ignorando a morte da rainha. Servido pelo criado e não ciente do luto dos familiares, o filho de Zeus canta grosseiramente enquanto espera lhe servirem o vinho e o banquete, não se comportando como um hóspede, mas como um salteador. Incomodado com a fisionomia aborrecida do criado, chega a aconselhá-lo a honrar Afrodite, a divindade mais grata aos mortais.[331] Por fim, no *Hino a Ártemis* de Calímaco (cf. 145-61), Héracles recolhe os animais de

---

[329] Cf. Stephens (2000: 212-13).

[330] Cf. Vian (1981: 197).

[331] *Alceste* seria a quarta peça de uma tetralogia de Eurípides encenada no ano de 438 a. C. Os títulos das tragédias (*Mulheres cretenses, Alcmeão em Psófis, Télefo* e *Alceste*) pressupõem mitos de difícil conexão temática para serem justapostos em uma representação dramática. *Alceste* ocupa o quarto lugar da tetralogia, posição reservada aos dramas satíricos. Conseqüentemente, vários elementos identificariam essa peça como proto-satírica: sua brevidade, o uso de dois atores e a caracterização burlesca de Héracles. Segundo Dale (1984: XX), *this stock figure is perhaps most prominent in comedy, where we meet him as far back as the* Busiris *of Epicharmus and his existence is implied in half a dozen plays of Aristophanes and Cratinus; but he appears also in the satyr plays* Heracles at Taenarum *of Sophocles,* Syleus *of Euripides,and* Omphale *of Ion, and is in fact a conspicuous example of the overlapping of comic and satiric themes*.

grande porte abatidos pela deusa Letida e provoca o riso entre os imortais, pois a deificação não fez com que ele abandonasse a glutonaria.

Herdeiro de uma tradição que representa Héracles de forma propositalmente exagerada, Apolônio plasma sua personagem como um paradoxo, ao mesmo tempo adequado e distante dos modelos precedentes e servindo de contraste e auxílio à ação dos argonautas. Héracles é o presente que não se enquadra, contudo o ausente cuja falta é reiteradamente lamentada.

A primeira aventura dos argonautas serve de exemplo. A estadia em Lemno relata a união sexual entre os nautas e as mulheres assassinas de maridos. Segundo o escoliasta de *Argonáuticas* I 769-73, há relatos de combates entre ambas as partes antes do enlace amoroso. O narrador, portanto, ao abordar o episódio, realiza a mudança de um contexto bélico para um contexto erótico.[332] A tripulação acaba sendo recebida calorosamente pelas lemnienses, inclusive freqüentando os seus leitos, e permanece na ilha por um certo tempo, interrompendo a rota rumo à Cólquida. Cípris suscita o desejo nos homens para se alojarem em Lemno e engendrarem uma futura geração de crianças (*Argonáuticas* I 850-52). Apesar de Afrodite ser uma deusa muito cara a Héracles (cf. *Alceste* 790-91), o herói não participa da ***aristeia*** erótica, mas é deixado próximo à nau por vontade própria, junto a alguns poucos companheiros (*Argonáuticas* I 854-55). A maior parte dos argonautas é vencida pelos prazeres, mas as reprimendas de Héracles os fazem retornar ao objetivo da expedição, segundo o escoliasta graças à natureza forte e moderada do herói (***kai proj thn krateran kai swfrona fusin tou hrwoj***). A descrição de um Héracles prudente e casto contradiz sua representação costumeira na poesia grega, conferindo-lhe um caráter inadequado porque dotado de excesso na força e moderação nos costumes.[333]

Para alguns comentadores essa cena apresenta um herói misógino que despreza as uniões heterossexuais ou um virtuoso asceta no controle de todas as suas afecções. Semelhante leitura é baseada na narrativa de Pródico na qual o jovem Héracles deve escolher entre seguir o caminho de Vício e o da Virtude (cf. Xenofonte *Memoráveis* II

---

[332] *Jason enters the city with epic fanfare. His* arête, *"heroism", consists of attractiveness to women; his richly embroidered cloack is an erotic version of Achilles' shield. As an erotic warrior, he should storm the town of maidens and vanquish their queen's virginity.* (De Forest 1994: 56).

[333] Para Hunter (1993: 34-5) esta ***swfrosunh*** possui um sentido irônico, pois contradiz a fertilidade de Héracles pelo Mediterrâneo.

1. 21-34). Se a trilha do Vício é repleta de iguarias, bebidas, prazeres, pilhagem, e repouso, a da Virtude pressupõe o sofrimento (***ponoj***) e a preocupação (***epimeleia***) para a obtenção do ***kleoj*** desejado. Do mesmo modo, encontramos no verbete ***Hraklhj***, na *Suda*, uma leitura alegórica do roubo dos pomos de ouro, na qual a serpente guardiã simboliza o desejo, a clava representa a filosofia, a pele de leão a meditação e as três maçãs são as três virtudes supremas, ou seja, a ausência de irritação, o desapego às riquezas e o desprezo pelos prazeres.[334] A filosofia torna Héracles um exemplo de austeridade.[335]

Imbuído de um caráter modelar pelo domínio das paixões, Héracles censura os argonautas por virem a uma terra afastada da pátria para desposarem mulheres estrangeiras e insultar as concidadãs. O afastamento da missão não lhes concederá ***kleoj***, objetivo que o impulsiona a participar dela, nem fará o velocino chegar até eles por si só. Mas o alvo principal de suas palavras é Jasão, a quem são destinados os três últimos versos do discurso:

> *Retornemos cada um à própria casa e na cama*
> *de Hipsípile abandonemos Jasão por todo o dia, até que*
> *povoe Lemno com filhos homens e obtenha grande fama.*[336]
>
> (*Argonáuticas* I 872-74)

Portanto a autoridade de Héracles restaura a missão[337], lembrando o apelo feito pelos companheiros de Odisseu para abandonar Circe e retornar a Ítaca (*Odisséia* X 469-74). Nos dois casos, o líder é censurado por seus subordinados e a navegação volta a seu curso a partir da reprimenda. No entanto se na *Odisséia* os companheiros são um grupo de anônimos, nas *Argonáuticas* o censor é Héracles, não um simples subordinado,

---

[334] Cf. também Epíteto III 24. 13-16.

[335] Para Vian (1976: 259) essa idealização de Héracles alheio aos prazeres e preocupado com a instrução alheia (cf. I 1211 no caso de Hilas) se deve a Pródico e à filosofia posterior. Segundo Ardizzoni (1967: 212-13), *se profila la figura dell'Eracle "austero" concepito da Apolonio in armonia com l'Eracle di Prodico, di Antistene, di Aristotele ,forse sulla scorta del logofrafo Erodoro de Eraclea, autore di un* ***logoj kaq' Hraklea****, dove il protagonista era rappresentato come il modelo ideale, come il simbolo dell'umanità operosa e anelante allá virtù.*

[336] ἴομεν αὖτις ἕκαστοι ἐπὶ σφεά· τὸν δ' ἐνὶ λέκτροις / Ὑψιπύλης εἰᾶτε πανήμερον, εἰσόκε Λῆμνον / παισὶν ἐπανδρώσῃ, μεγάλη τέ ἑ βάξις ἔχῃσιν.

[337] Cf. De Forest (1994: 58).

mas o melhor dos argonautas (cf. I 338 e 1285), cujas qualidades lhe outorgariam a liderança caso a desejasse. Apesar de Jasão estar no comando, é Héracles quem ainda detém a autoridade sobre os demais.

Já na Mísia o poeta pode explorar os elementos contraditórios na construção do ***hqoj*** de Héracles e fazer com que o herói não se recorde da prudência e da austeridade com as quais exortara seus pares em Lemno. Ao desembarcarem em terra firme, o filho de Zeus aconselha os companheiros a se alimentarem enquanto ele próprio vai procurar algo para substituir o remo partido (*Argonáuticas* I 1187-89). Se no episódio comentado acima Héracles não cedia a seu costumeiro apetite sexual, agora o jejum o distancia do voraz glutão descrito em diversas fontes. Nesse ínterim o escudeiro Hilas é raptado por uma ninfa aquática maravilhada por sua beleza. Polifemo escuta os gritos do rapaz e, após vasculhar o local em sua procura, notifica Héracles do desaparecimento. Ao ouvir o relato, o herói passa a suar em excesso e um sangue negro começa a borbulhar em suas entranhas, configurando claros indícios de descontrole (I 1261-62). Passa então a correr sem rumo certo bradando pelo nome do pupilo, semelhante a um boi mugindo ao ser alvejado por uma mosca (I 1265-72).[338] Semelhante imagem aparece em *Argonáuticas* III 275-77, quando Eros é comparado a um tavão ao se preparar para atingir Medéia com um dardo. A agitação causada pelo rapto de Hilas talvez se devesse a alguma relação de instrução regida pelos conceitos de ***erasthj*** e ***erowmenoj***, no entanto o relato de Apolônio não explora explicitamente essa leitura, como fazem as versões de Teócrito *Idílio* XIII e Valério Flaco *Argonáuticas*.[339] Em oposição a esse

---

[338]ὡς δ' ὅτε τίς τε μύωπι τετυμμένος ἔσσυτο ταῦρος / πίσεά τε προλιπὼν καὶ ἑλεσπίδας, οὐδε νομήων /οὐδ' ἀγέλης ὄθεται, πρήσσει δ' ὁδὸν ἄλλοτ' ἄπαυστος, / ἄλλοτε δ' ἱστάμενος καὶ ἀνὰ πλατὺν αὐχέν' ἀείρων / ἴησιν μύκημα, κακῷ βεβολημένος οἴστρῳ– / ὣς ὅγε μαιμώων ὁτε μεν θοὰ γούνατ' ἔπαλλεν /συνεχέως, ὁτε δ' αὖτε μεταλλήγων καμάτοιο / τῆλε διαπρύσιον μεγάλῃ βοάασκεν ἀυτῇ.

Como quando um touro se lança, picado por uma mutuca, / abandonando o prado e o pântano, não se preocupando / nem com os pastores, nem com o rebanho, mas atravessa o caminho ora sem pausa, / ora parando e, erguendo o largo pescoço, / muge ao ser atingido por um funesto tavão. / Assim ele, agitado, tanto movia os ágeis joelhos / continuamente, como interrompendo a fadiga / ao longe bradava com grande voz de modo penetrante.

[339] *Scholars are still divided about whether or not Heracles and Hylas are depicted as lovers. Vian argues that an affair between them would destroy the effect of Heracles' reproach to the men on Lemnos, and thus misses Apollonius' humor. Fuchs believes that Apollonius left out the erotic motif from delicacy, though a mad bull, to which Heracles is compared, is hardly a delicate image. Carspecken believes that*

relacionamento, há narrativas do mito que atribuem a Héracles a paternidade sobre Hilas (cf. Sócrates de Argos 310F10 Jacoby).

Independente da relação erótica permeando os laços de instrução, o desinteresse momentâneo pela expedição e o anseio desesperado por encontrar o escudeiro desordenadamente sem o auxílio dos outros homens marcam a saída de Héracles da viagem à Cólquida. Se ***erwj*** for um fator relevante para o comportamento do herói, o narrador ironiza os modos castos exibidos em Lemno. Sua renúncia aos prazeres de Cípris asseguram a continuidade da navegação. Posteriormente uma suposta adesão a esses mesmos prazeres gera o abandono do mais forte herói. Héracles seria vítima das afecções que ele próprio reprochara.

De Forest (1994:62-3) estabelece um paralelo entre Hilas e Pátroclo quanto à influência sobre os diletos amigos para o desenrolar da narrativa. Ambos fazem com que seus protetores retornem ao embate e adquiram ***kleoj***. Aquiles cessa a contenda com Agamêmnon para se vingar de Heitor pelo assassinato de Pátroclo, enquanto Hilas possibilita a Héracles voltar ao cumprimento dos doze trabalhos, permitindo-lhe a posterior apoteose. Sem o auxílio do mais forte guerreiro, os argonautas evitarão o enfrentamento bélico, caminhando para uma modalidade épica classificada por De Forest (1994: 65-6) como calimaquiana. O modelo heróico defendido por Héracles não encontrou seu devido espaço na narrativa.

*

Retornarnando, finalmente, ao início deste capítulo, podemos justificar os motivos que levaram Jasão a ser indicado o líder da expedição. Ao sugerir à tripulação que elegesse o comandante, os companheiros foram unânimes em escolher Héracles, considerado o ***aristoj*** (I 338) por consenso. A mesma caracterização será conferida pelo narrador quando os argonautas percebem que o herói foi abandonado na Mísia.

Uma violenta discórdia caiu entre eles, um tumulto
infindável por partirem tendo deixado para trás o melhor

Heracles subordinates pleasure to duty. The notion of Heracles' austerity is refuted by the style of his departure. (De Forest 1994: 63). Dentre os autores que defendem a existência de um relacionamento erótico entre Héracles e Hilas, cf. Beye (1982: 94-6), Hunter (1993: 38-40) e Clauss (1993: 185-96).

de seus companheiros[340]

Evidentemente se subentende uma associação entre o sentido de melhor e a idéia de mais forte, inegavelmente conectada a Héracles por todo o poema. Como já foi comentado, esse sentido de ***aristoj*** decorre de uma tradição iliádica na qual a excelência do herói é medida pelas proezas bélicas executadas no campo de batalha. Ao propor a seleção do líder, Jasão traz uma distinta conotação a este termo, inviabilizando a escolha de Héracles para tal cargo:

Mas caros, é comum o retorno posterior à Hélade
e são comuns a nós as rotas até Eeta,
logo, não hesitando, escolhei agora o melhor
para ser nosso chefe, o qual se ocupará de cada coisa,
como realizar disputas e pactos com os estrangeiros. [341]

Jasão igualmente defenderá a idéia da expedição como algo comum (***cunoj***) a todos os participantes em III 171-76, em seu primeiro discurso ao chegarem à Cólquida, exortando os companheiros a deliberarem sobre os modos de obter êxito. Essa fala introduz uma discussão sobre a natureza e qualificação do líder, elementos que devem ser levados em conta para a escolha adequada. Portanto não se trata de selecionar o ***aristoj*** em estrito sentido iliádico, mas sim de optar pelo melhor herói a exercer a liderança nas circunstâncias exigidas pela expedição.

O líder da missão deve se preocupar com cada detalhe (***ta ekasta***, 339) e com a salvação de cada membro da tripulação (I 339 e 461). Como bem afirma o Esonida após a passagem pelas Simplégades, a continuidade da navegação lhe assusta e traz preocupações pois ele teme pela vida de todos os companheiros, com os quais, salvos, pretende retornar à Grécia (II 631-37). Héracles é um herói que age independente de auxílios e a força imensurável o capacita a prescindir dos outros homens. A reação ao desaparecimento de Hilas na Mísia comprova que Héracles se move por afecções pessoais (I 1261-72), tornando-se inadequado para exercer a

---

[340] ἐν δέ σφιν κρατερὸν νεῖκος πέσεν, ἐν δὲ κολῳός / ἄσπετος, εἰ τὸν ἄριστον ἀποπρολιπόντες ἔβησαν / σφωιτέρων ἑτάρων. (I 1284-6)

[341] ἀλλὰ φίλοι, ξυνὸς γὰρ ἐς Ἑλλάδα νόστος ὀπίσσω, / ξυναὶ δ᾽ ἄμμι πέλονται ἐς Αἰήταο κέλευθοι, / τούνεκα νῦν τὸν ἄριστον ἀφειδήσαντες ἕλεσθε / ὄρχαμον ἡμείων, ᾧ κεν τὰ ἕκαστα μέλοιτο, / νείκεα συνθεσίας τε μετὰ ξείνοισι βαλέσθαι. (I 336-40)

liderança em um contexto no qual a preocupação com a coletividade é uma exigência para o bom desempenho da missão.

Por fim, o ***orxamoj*** deve ser hábil em realizar disputas e pactos (***neikea sunqesiaj te***) com os estrangeiros. É necessária uma postura diplomática por parte do líder[342], como exibirá Jasão durante a viagem. O combate armado acaba se tornando a última alternativa viável, só executada quando toda forma de negociação não funciona (cf. III 177-90).

A condição de ***aristoj Argonautwn*** pressupõe o emprego da perícia e do ardil – associados ao conceito de ***mhtij*** – pelo bem do grupo, ao contrário do emprego imediato e individual da violência. No momento em que Héracles concede a Jasão o ***kudoj*** de chefiar a expedição (I 345-47), o tema da ***mhtij*** acaba se destacando sobre o modo de ação baseado na força e o abandono de Héracles no final do livro I só confirma esta tese.[343] Até o final do poema sua ausência será constantemente lamentada, mas seu modo de ação não será seguido. Apesar de Jasão não agir de modo ***megalofronwj*** como Ájax, mas se encontrar quase à periferia deste conceito, ainda assim nenhuma personagem estaria mais adequada a exercer a liderança da nau Argo e ser, portanto, considerada o melhor dos argonautas que ele próprio.

---

[342] Cf. *Argonáuticas* IV 340 e 378.

[343] Devemos notar que Héracles não se vale exclusivamente da violência, mas também sabe fazer uso de artimanhas em alguns contextos, como no caso das aves do lago Estínfalo (*Argonáuticas* II 1052-57). Impossibilitado de atingi-las com suas flechas, ele agitou um instrumento de bronze e produziu um estrondoso barulho, fazendo com que as aves se dispersassem. Rememorando a façanha de Héracles, Anfidamante sugere a elaboração de um artifício semelhante (***tw kai nun toihn tina epifrazwmeqa mhtin***, cf. 1058) para os argonautas se defenderem das aves da ilha de Ares.

TRADUÇÃO DAS ARGONÁUTICAS

CANTO I

Começando por ti, Febo, as glórias dos homens antes nascidos
eu lembrarei, os quais, pela boca do Ponto e através das Pedras
Cianéias, por ordem do rei Pélias,
ao áureo tosão impeliram a bem construída Argo.
Pois Pélias ouviu tal oráculo: como no porvir
um lote odioso o esperava do homem que ele visse
com um só calçado, saído do povo, para tramando subjugá-lo.
Não muito tempo depois, segundo tua profecia, Jasão,
vindo a pé pelo fluxo do invernal Anauro,
salvou um calçado do lodo, mas o outro no fundo
deixou, retido pela correnteza.
Chegou logo até Pélias para participar
da festa que o rei a seu pai Posêidon e aos outros
deuses realizou, mas não se preocupou com Hera Pelásgida.
Tendo prontamente o visto, refletiu e lhe preparou
uma tarefa de mui difícil navegação, para no oceano
ou entre estrangeiros lhe arruinar o retorno.
A nau os aedos de outrora ainda gloriam,
feita por Argos, sob os conselhos de Atena.
Mas eu agora narrarei a estirpe e o nome
dos heróis, os caminhos do longo mar e o que realizaram
vagueando. Que as Musas sejam as intérpretes deste canto.
Primeiro lembrarei o nome de Orfeu, o qual a própria
Calíope declara, deitando-se com o trácio
Eagro, próximo ao cume do Pimpléia, ter parido.
Contam que ele encanta as pedras duras
nas montanhas e o fluxo dos rios com o som de seus cantos.
Os carvalhos selvagens, ainda sinais desta dançante melodia,
na costa trácia de Zone abundante,
alinham-se comprimidos em seqüência, os quais,
encantados com sua forminge, ele faz descer da Piéria.
Tal Orfeu, auxiliar de suas tarefas,
o Esonida, convencido pelas ordens de Quirão,
recebeu, chefe da Piéria bistonida.

Veio logo Asterião, que Cometa gerou
sobre as águas do volteante Apidano,
na Pirésia, morando próximo da montanha filéia,
onde o grande Apidano e o divino Enipeu,
ambos, se unem vindo de longe para formarem um só.
Depois deles, deixando Larisa, chegou Polifemo
Italida, que antes, o mais jovem dos vigorosos lápitas,
combatera quando os lápitas se encouraçavam contra
os centauros. Agora pesavam, de fato, seus membros,
mas seu ânimo permanecia belicoso como no passado.
Íficlo não ficou para trás em Filace por muito tempo,
o tio do Esonida, pois Esão desposou sua irmã,
a Filacida Alcimede. Exortou-o
o parentesco e a aliança para ser aceito na tropa.
Nem Admeto, soberano de Feras de muitos carneiros,
ficou sob o cume da montanha calcodônia.
Nem ficaram em Alope os filhos de Hermes,
ricos em trigo, bons conhecedores de dolos, Érito e Equião.
Após eles, chegava o terceiro irmão,
Etálida. Perto da correnteza do Anfriso
A filha de Mirmidão, Eupolêmia da Ftia, o pariu.
Os outros dois, por sua vez, nasceram da Menecíada Antianira.
Veio, deixando o opulento Girtão, Corono
Cenida, valoroso mas não melhor que seu pai.
Os aedos ainda gloriam que Ceneu, mesmo vivo,
pereceu nas mãos dos centauros, quando sozinho, longe dos outros,
perseguiu-os bravamente e eles, movendo-se em sentido contrário,
não o inclinaram adiante nem dilaceraram seu vigor,
mas penetrou na terra sem fraturas ou curvado,
golpeado com impetuosidade por robustos pinheiros.
Veio por sua vez Mopso Titarésio, a quem a respeito de tudo
o Letida ensinou os presságios dos pássaros.
Foi também Euridamante, filho de Ctemeno, que próximo ao lago
Xiniada morava na Ctimena dos dólopes.

E Áctor impeliu de Oponte seu filho
Menécio, para entre os mais bravos partir.
Seguiram Euritão e o forte Euribote,
filhos um de Teleonte e o outro de Iro Actorida.
De Teleonte era filho o glorioso Eribote,
de Iro, Euritão. Com eles veio também o terceiro, Oileu,
superior em coragem e em perseguir
os inimigos bem experiente, quando põe em fuga as falanges.
Mas da Eubéia ia Canto, que Caneto
Abantíada enviou, por ele ardorosamente desejar isso. Não devia
retornar a Cerinto pois era seu destino
e igualmente o de Mopso, conhecedor da arte divinatória,
errando até os limites da Líbia, morrer.
Assim não há aos homens mal inacreditável de se atingir,
quando erguerem uma tumba na Líbia a estes,
tão longe dos colcos quanto o intervalo
do nascimento e do pôr do sol é contemplado.
Depois dele se juntaram Clítio e Ífito,
guardiões da Ecália, filhos do cruel Eurito,
de Eurito, a quem o longicerteiro concedeu o arco, mas não aproveitou
o presente, porque voluntariamente rivalizou com seu próprio doador.
Depois deles iam os Eácidas, não juntos,
nem do mesmo lugar, pois, por terem fugido, moravam longe
de Egina, desde quando assassinaram o irmão Foco
irrefletidamente. Telamão morava na ilha ática
e Peleu morava na Ftia fecunda, afastado.
Depois destes veio o belicoso Buta da Cecrópia,
filho do nobre Teleonte, e Falero de forte lança.
Alcão, seu pai, o deixou partir. Não tinha
outros filhos que tomassem conta de sua velhice e de sua vida,
mas mesmo lhe sendo caro e único
enviou-o para se distinguir entre os corajosos heróis.
Quanto a Teseu, que brilhou entre todos os Erectidas,
sob a terra tenária uma invisível corrente o retinha,

após seguir com Píritoo uma via comum. Certamente ambos
teriam por hábito tornar o fim desta empresa mais fácil a todos.
Tífis Hagníada deixou o povo sifeu dos téspios,
valoroso por conhecer com antecedência o movimento
das ondas do vasto mar e valoroso por conjecturar as tempestades
de vento e o trajeto por meio do sol e das estrelas.
A própria Tritonida para a tropa dos bravos
impeliu-o, Atena, e veio aos que muito o desejavam.
Pois ela própria fez a nau veloz e com ela Argos
Arestorida a fabricou sob seus conselhos.
Por isso era superior a todas as naus
que sob os remos experimentaram o mar.
Fliante, em seguida, chegou de Aretira depois deles,
onde, opulento, morava por vontade de Dioniso,
seu pai, e tinha o fogo doméstico próximo às fontes do Asopo.
De Argos, em seguida, Talau e Areio, filhos de Biante,
vieram, e o robusto Leodoco, os quais pariu Pero
Nelida, por quem sofrera uma grave aflição
o Eólida Melampo nos estábulos de Íficlo.
Nem mesmo a força de Héracles de violentas entranhas,
pelo que nos informamos, negligenciou ao desejo do Esonida.
Mas quando ouviu o rumor a respeito dos heróis reunidos,
recentemente retornando da Arcádia para a lincéia Argos,
pela via na qual portava um javali vivo que no vale
de Lampéia pastava por entre o grande pântano erimântio,
sacudido na entrada da ágora de Micenas
pelas grandes costas, envolvido com correntes,
ele próprio, por sua vontade, contra o desígnio de Eurísteu,
lançou-se. Com ele ia Hilas, valoroso acompanhante,
em plena juventude, portador das flechas e guardião do arco.
Depois dele ia, da estirpe dos dânaos divinos,
Náuplio. De fato era filho de Clitoneu Naubólida,
Náubolo, por sua vez, de Lerno e sabemos que Lerno era
filho de Preto Nauplíada. Com Posêidon,

deitando-se outrora, Amimone Danáida pariu
Náuplio, que entre todos se distinguiu na navegação.
Idmão, dos que moravam em Argos,
ia por último, pois, conhecendo seu destino pelos pássaros,
partia para o povo não invejar sua glória.
Ele não era verdadeiramente filho de Abante, mas
gerou-o para contar entre os ilustres Eólidas
o Letida, e o próprio o ensinou os presságios,
a prestar atenção nos pássaros e a observar os sinais ígneos.
O violento Polideuces e Cástor conhecedor
de cavalos de pés-velozes a Etólida Leda impeliu
de Esparta, os quais, no palácio de Tíndaro,
muito caros, com uma única dor ela os havia parido. Não desobedeceu
aos suplicantes, pois pensava coisas dignas do leito de Zeus.
Os Afaretíadas Linceu e o soberbo Idas
de Arena partiram, confiantes em sua grande força,
ambos. Linceu se distinguiu pelos seus penetrantes
olhares, se é real a glória de que aquele homem
facilmente, mesmo sob o solo, via com distinção.
Com eles Periclimeno Nelida se impeliu a vir,
o mais velho dos filhos que em Pilo nasceram
de Neleu divino. Posêidon força
ilimitada lhe concedeu e a forma que lhe agradasse
assumir, quando combatia no aperto da guerra.
E Afidamante e Cefeu vieram da Arcádia,
os quais moravam em Tegea e na região afidântia,
os dois filhos de Aleo. Por terceiro lhes seguiu
Anceu. Seu pai Licurgo o enviou,
o mais velho de ambos os irmãos, mas ele
permaneceu na cidade para tomar conta do envelhecido Aleo
e concedeu seu filho aos irmãos.
Ele foi com uma pele de urso menálio e agitando um grande
machado de dois gumes na mão direita. Pois suas armas
Aleo, o avô paterno, escondera no fundo do celeiro

para ainda, de alguma forma, impedi-lo de partir.
Foi também Áugia, que diziam ser filho de Hélio
e reinava sobre os homens da Élida,
orgulhoso com sua riqueza. Desejava a grande terra colca
ver e o próprio Eeta, chefe dos colcos.
Astério e Anfião, filhos de Hiperásio,
chegaram da Pelene acaia, a qual Pele,
seu avô paterno, fundou sobre a colina de Egialo.
Abandonando Tenaro, em seguida, Eufemo chegou depois deles,
o qual, de pés mais velozes que os outros, a Posêidon
Europa, filha de Títio de grande vigor, havia parido.
Este homem corria sobre as ondas
do glauco oceano e não imergia os ágeis pés, mas somente
molhando as pontas era levado por uma liquida estrada.
E os dois filhos de Posêidon chegaram,
da cidadela do magnífico Mileto
tendo partido Ergino e de Partênia, assento
de Hera Imbrásia, o soberbo Anceu. Ambos se gabavam
por serem conhecedores da navegação e da guerra.
Depois deles o Enida, partindo de Calidone,
o forte Meléagro, veio e Laocoonte –
Laocoonte irmão de Eneu, não de uma só
mãe, mas uma escrava o pariu. Eneu
enviou-o já envelhecido para cuidar de seu filho
e assim ele, ainda jovem, entrou para a confiante tripulação
de heróis. Nenhum outro a ele superior, penso,
à exceção de Héracles, viria, se somente ainda
um ano aqui permanecendo fosse instruído pelos etólios.
E seu tio à mesma via, sabendo muito bem
como resistir na lança e no combate corpo a corpo,
Íficlo Testíada, se lançou com ele,
e junto Palemônio, filho de Lerno Olênio,
de Lerno pelo nome, mas da estirpe de Hefesto.
Por isso era manco, mas ninguém suportaria ultrajar

suas mãos e sua coragem e ele veio entre o número
de todos os bravos para aumentar o renome de Jasão.
Dos foceus ia Íficlo, do Ornitida
Náubolo nascido. Outrora Jasão foi seu hóspede
quando foi até Pito consultar o oráculo
para a navegação. Lá o recebeu em seu palácio.
Zeta, por sua vez, e Calais, filhos de Bóreas, chegaram,
os quais antes, para Bóreas, a Erectíada Orítia pariu
no extremo da Trácia invernal. Levou-a
de lá da Cecrópia o trácio Bóreas
enquanto, na região ao longo do Ilisso, ela dançava.
E a conduzindo ao longe, onde chamam de pedra
sarpedônia, próximo à correnteza do rio Ergino,
subjugou-a por obscuras nuvens escondido.
Os dois, se erguendo, sobre os ossinhos dos pés, de cada lado,
chacoalhavam sombrias asas, grande maravilha de se ver,
brilhantes pelas plumas áureas. Ao redor das costas,
do alto da cabeça e do pescoço, aqui e ali,
a cabeleira negra se agitava com o sopro do vento.
Não, nem Acasto, filho do próprio Pélias
robusto, desejava no palácio de seu pai
ficar, nem Argos, servidor da deusa Atena,
mas os dois estavam prestes a ser admitidos na tripulação.
Tais auxiliares se reuniram ao Esonida.
Os moradores ao redor chamavam todos os bravos
de mínias, porque a maioria e os melhores
se gabavam de ser do sangue das filhas de Mínias
Assim a mãe engendrou o próprio Jasão,
Alcimede, nascida da Miníada Clímene.
Mas depois que pelos servos foram preparadas todas as coisas
com as quais as naus munidas de remos são equipadas no interior,
quando a necessidade conduz o homem a navegar,
então foram até a nau pela vila, onde a costa
é chamada Pagasas da Magnésia. Ao redor

a multidão se impelindo corria junto e eles, como brilhantes
astros entre as nuvens, se distinguiam. Assim cada um
dizia, ao vê-los se precipitar com armas:
“Zeus soberano, qual é o desígnio de Pélias? Para onde tal tripulação
de heróis lança, fora de toda a terra acaia?
No mesmo dia com o funesto fogo destruiriam o palácio
de Eeta, se não lhes cedesse a pele voluntariamente.
Mas aos que partem a rota é inescapável e o sofrimento árduo.”
Assim falavam aqui e ali pela cidade. As mulheres
erguiam plenamente as mãos para o céu aos imortais,
rogando para concederem o retorno que alegra o coração.
Uma para a outra se lamentava vertendo lágrimas.
“Infeliz Alcimede, a ti, apesar de tarde, o mal
veio e não terminaste a vida com alegria.
Esão, por sua vez, é grandemente infortunado. Ser-lhe-ia
melhor se outrora, envolvido em vestes fúnebres,
sob a terra repousasse ainda ignorante das funestas tarefas.
Assim também deveria a negra onda inundar Frixo
com o carneiro, quando pereceu a virgem Hele. Mas uma voz
humana o funesto monstro emitiu para depois
provocar em Alcimede sofrimentos e muitas dores.”
Assim elas diziam enquanto eles se aproximavam da partida.
Já se reuniam muitos servos e servas,
a mãe caiu em mudez e a aguda aflição
penetrava em cada um. Com eles o pai, sob a funesta velhice
envolvido, gemia escondido no leito.
Mas Jasão acalmava seus sofrimentos,
encorajando-os. Ordenava aos servos para trazer as armas
belicosas e eles, em silêncio, de olhos baixos, as traziam.
A mãe, como primeiro jogou os braços sobre seu filho,
assim o retinha chorando intensamente, como uma garota,
sozinha, abraçando alegremente a grisalha nutriz,
pranteia, já que não possui outros parentes,
mas, sob a madrasta, leva uma vida pesada.

E há pouco, com muitas censuras, ela a maltratou.
Enquanto lamenta, seu coração está preso por dentro à ruína
e não pode extravasar tanto gemido quanto gostaria.
Assim Alcimede intensamente chorava, tendo seu filho
nos braços. E com preocupação disse tais palavras:
“Quisessem os deuses que neste dia, quando ouvi tu dizeres,
infeliz de mim, a ordem do rei Pélias,
eu logo deixasse a alma partir e esquecesse as preocupações
para que tu próprio, com tuas queridas mãos, me erguesses uma tumba,
meu filho. Pois este, somente, era o último desejo que eu esperava
de ti, todas as outras recompensas há tempos saboreio.
Agora eu, outrora admirável às aquéias,
serei abandonada como serva em uma residência vazia,
consumida por saudade de ti, infortunada, por quem muito
brilho e renome eu tive no passado, somente por quem,
pela primeira e última vez, eu soltei a faixa virginal, pois
a deusa Ilítia absolutamente me recusou muitos filhos.
Ai, que ruína a minha! Nem um pouco, sequer em sonho,
eu pensei que Frixo, ao fugir, me seria funesto.”
Assim ela, deplorando, se lamentava. As empregadas
gemiam uma após a outra. Mas ele lhe
disse, consolando com doces palavras:
“Não te lances por minha causa, mãe, em tristes aflições
tanto assim, pois não escaparás do mal
com lágrimas, mas ainda cultivarias dores sobre dores.
Pois os deuses invisíveis distribuem pesares aos mortais.
Apesar de sofrer no coração o lote deles,
suporta. Confia na amizade de Atena
e nos presságios, pois coisas muito favoráveis Febo
vaticinou, e, por fim, no auxílio dos bravos.
Mas tu aqui, tranqüila entre as empregadas,
fica no palácio e não te tornes uma ave agourenta para a nau.
Para lá me acompanharão os amigos e os servos.”
Disse e adiante se impeliu a sair do palácio.

Qual Apolo sai de seu templo perfumado
pela sagrada Delos, ou Claro, ou Pito,
ou pela vasta Lícia próxima à corrente do Xanto,
tal Jasão ia pela multidão do povo e ela própria o impelia,
todos gritando juntamente. Aproximou-se dele a velha
Ifíade, sacerdotisa de Ártemis protetora da cidade,
e lhe beijou a mão direita. Não conseguiu falar nada,
apesar de desejar, enquanto a tripulação se adiantava,
mas ela foi deixada lá, velha como era, fora do caminho
pelos jovens e, para longe, ele se afastava.
Mas depois que deixou as ruas bem construídas da cidade,
chegou à costa de Pagasas, onde os companheiros
saudaram-no permanecendo juntamente ao lado da nau Argo.
Ao avançar, ali ficou e eles se reuniram à sua frente.
Perceberam Acasto e Argos para longe da cidade
descendo e se espantaram ao vê-los
chegar com todo ímpeto, contra o desígnio de Pélias.
Argos Arestorida envolvia os ombros com uma pele negra de touro
caída até os pés e com pêlos, já o outro, com um belo
manto concedido por sua irmã Pelópeia.
No entanto de interrogar os dois a respeito de cada coisa
Jasão se absteve e os exortou a sentarem juntos em assembléia.
Lá mesmo, sobre as velas enroladas e o mastro
inclinado, todos, um após o outro, se sentaram.
A eles o filho de Esão prudentemente disse:
“Parece que estão prontas as coisas para a nau
e tudo jaz preparado em boa ordem para partirmos,
por isso não nos reteríamos por muito tempo da
navegação, quando somente os ventos soprarem.
Mas caros, é comum o retorno posterior à Hélade
e são comuns a nós as rotas até Eeta,
logo, não hesitando, escolhei agora o melhor
para ser nosso chefe, o qual se ocupará de cada coisa,
como realizar disputas e pactos com os estrangeiros.”

Assim falou. Os jovens fitaram o corajoso Héracles
sentado no meio deles e todos, numa única e mesma voz,
exortavam-no a ser o chefe. Ele, no mesmo lugar onde estava
sentado, esticou a mão direita e disse:
“Que ninguém conceda a mim este renome, pois eu não
obedecerei e também impedirei um outro de se levantar.
Aquele que nos reuniu seja o nosso líder.”
Disse sendo muito prudente. Elogiavam o que ordenava
Héracles. O belicoso Jasão se ergueu
alegre e aos que desejavam proferiu tais palavras:
“Se me confiais ocupar-me do renome,
não mais então, como antes, nos retenhamos das rotas.
Agora invocando Febo com sacrifícios,
preparemos logo um banquete. Enquanto vão
meus servos responsáveis pelos estábulos, ocupados
em conduzir para cá bois bem escolhidos do rebanho,
a nau empurremos ao mar e, após todas as armas
termos inserido, sorteai os remos segundo os bancos.
Neste ínterim façamos um altar costeiro
a Apolo Protetor dos Embarques; ao vaticinar, prometeu-me
sinalizar e mostrar os caminhos do mar, se com sacrifícios
a ele próprio eu começasse a tarefa para o rei.”
Disse e se voltou primeiro ao trabalho. Eles se levantaram
obedecendo. As vestimentas amontoaram em pilha
sobre uma rocha lisa que o mar não alcançava
com ondas, mas outrora a invernal água salgada banhava.
A nau, com força, pelos conselhos de Argos,
cingiram, antes de tudo, com um cabo flexível por dentro,
estendendo-o de cada lado, para bem ajustar pelas cavilhas
as pranchas e resistir à impetuosidade das ondas.
Prontamente escavaram um fosso na largura ocupada pela nau,
da proa até o mar, prestes a ser
percorrido, sendo a nau puxada com as mãos,
e prosseguindo cavaram mais fundo

que a quilha. No sulco estenderam toras polidas.
Inclinaram a nau sobre as primeiras toras
para a levarem escorregando por elas.
No alto, aqui e ali, retornando aos remos,
prenderam-nos, proeminentes em um côvado, ao tolete
e alternadamente eles próprio, dispostos de cada lado,
apoiaram junto o peito e as mãos. Tífis
embarcou para incitar os jovens a empurrar no momento oportuno.
Exortando-os berrou e eles logo
imprimindo peso com força a arrastaram, num impulso,
do estaleiro e avançaram com os pés
agressivamente. Argos Pelíada seguiu
com rapidez enquanto eles, de cada lado, ao se precipitarem, gritavam.
Sob a carena as robustas toras gemeram
ao se friccionarem e ao redor deles uma negra fumaça exalou
por causa do peso. A nau escorregou até o mar. Eles, lá mesmo,
retiveram-na puxando com cordas para que ela não fosse adiante.
Dos dois lados prepararam os remos nos toletes, o mastro,
as velas bem feitas e dispuseram as provisões.
Mas depois que se ocuparam habilmente de cada coisa,
primeiramente dividiram por sorteio os bancos,
dois homens ocupando cada um. O do meio
escolheram para Héracles e, à exclusão dos outros heróis,
para Anceu, que morava na cidadela de Tegea.
A eles, somente, deixaram o banco do meio
deste modo, sem sorteio. E após aprovarem, confiaram
a Tífis empurrar o timão da nau de bela quilha.
Então movendo as pedras para perto do mar,
ergueram lá mesmo um templo costeiro atribuído
a Apolo Costeiro e Protetor dos Embarques. Rapidamente eles
estenderam por cima troncos de oliveira seca.
Enquanto isso os boiadeiros do Esonida enviaram do rebanho,
com antecedência, dois bois. Os mais jovens dos companheiros
empurraram-nos para perto do altar. Os outros, em seguida,

forneceram a água lustral e os grãos de cevada. Então Jasão
orou invocando Apolo paternal.
“Ouve, soberano que habita Pagasas e a cidade Esonida,
cujo nome vem do nosso genitor, tu que me proferiste,
quando consultei o oráculo em Pito, o cumprimento e os limites do caminho
sinalizar, pois tu próprio é o causador destas tarefas.
Conduz a nau com os companheiros salvos
para lá e de volta à Hélade. A ti, depois,
quantos retornarmos, depositaremos no teu altar
esplendidas oferendas de tantos touros, outros em Pito,
e outros presentes infinitos a Ortígia trarei.
Agora vem e recebe, Longicerteiro, nosso sacrifício
o qual, graça primeira, nós te oferecemos por esta nau
em seu embarque. Tomara que eu solte, soberano, por um lote sem pesar,
as amarras segundo teu plano. Tomara que o vento sopre
doce e com ele iremos sobre o mar tranqüilos.”
Disse e durante a oração lançou grãos de cevada. Dois se prepararam
para sacrificar os bois, o soberbo Anceu e Héracles.
Este com a clava o golpeou no meio da cabeça,
ao redor da fronte, e o animal, ao cair compacto, se estendeu sobre o chão.
Anceu, golpeando o largo pescoço do outro boi
com um machado de bronze, cortou-lhe os fortes tendões
e ele foi abatido tombando sobre ambos os chifres.
Os companheiros agilmente os degolaram, esfolaram sua pele,
talharam e dividiram, bem como separaram as coxas sacrificiais
e envolvendo todas juntas com abundante gordura
queimaram-nas sobre lascas de madeira. O Esonida verteu
a libação pura, e Idmão se alegrou contemplando o clarão
que brilhava por toda a parte do sacrifício e a fumaça
lançada em espiral púrpura favoravelmente.
Logo exprimiu abertamente o desígnio do Letida.
“A vós o lote dos deuses e a necessidade é retornar
para cá trazendo o tosão, mas no meio, durante a ida
e a volta, infinitas são as tarefas.

Mas a mim, pelo odioso destino de um nume, morrer
em algum lugar longínquo foi reservado, sobre o solo asiático.
Assim conhecendo com antecedência, por um funesto presságio,
minha sorte, saí de minha pátria para embarcar
na nau e, ao embarcar, deixar boa glória em meu palácio."
Assim ele disse. Os jovens ouvindo a profecia
sobre o retorno se alegraram, mas a aflição os tomou pelo destino de Idmão.
Quando o sol ultrapassa o meio-dia
e aos poucos os campos são sombreados pelos rochedos,
após o sol se deitar sob as trevas da tarde,
então todos, depois de estenderem sobre a areia
uma espessa folhagem ao longo da grisalha praia,
deitaram-se em seqüência. Ao lado deles jazia numerosos
alimentos e suave vinho que os escanções derramavam
nos jarros. Em seguida conversavam
entre si, como os jovens, em meio ao banquete e ao vinho,
agradavelmente se divertem quando o pernicioso excesso está ausente.
O Esonida, por sua vez, sem saber o que fazer, consigo mesmo
meditava em cada coisa, com aspecto tristonho.
Ao perceber, Idas o censurou com grande voz:
"Esonida, que plano volves nos pensamentos?
Anuncia no meio de nós teu desígnio. Ou te doma
o pavor que se aproxima e os homens sem força assusta?
Juro agora pela minha impetuosa lança, com a qual, mais do que qualquer outro,
adquiri renome nas guerras – nem mesmo me é tão útil
Zeus quanto minha lança – que não haja um pesar
pernicioso, nem uma tarefa sem resultado,
já que Idas te segue, mesmo se um deus se opuser.
Tal defensor transportas, proveniente de Arene."
Disse e retendo o copo cheio nas duas mãos
bebia o suave vinho puro; molhavam-se com ele
os lábios e a negra barba. Todos
vozearam juntamente e Idmão abertamente falou:
"Insensato, pensas coisas malfazejas a ti próprio desde antes

ou para a ruína o vinho sem mistura infla um coração
audacioso em teu peito e te leva a desprezar os deuses?
Há outras palavras de consolo com as quais um homem
encoraja o outro. As tuas são completamente loucas.
Segundo um rumor, outrora verteram tais palavras de censura contra os afortunados
os Aloiadas, com os quais nem um pouco te igualas
em vigor, no entanto com ágeis flechas foram domados,
ambos, pelo Letida, mesmo sendo robustos."
Assim falou. Idas Afareio riu bastante
e, pestanejando em zombaria, respondeu-lhe com injúrias:
"Vamos, diga isto com tuas profecias,
se também a mim os deuses realizarão uma morte
como a que teu pai deu aos Aloiadas.
Pensas como escaparás salvo de minhas mãos
se fores pego predizendo um vão destino."
Irritou-se insultando. A disputa teria ido além
se os companheiros e o próprio Esonida, ao interpelarem juntos,
não retivessem os contendentes. E Orfeu,
erguendo a cítara com a mão esquerda, tentava um canto.
Cantava como a terra, o céu e o mar,
antes justapostos entre si em uma forma una,
por uma funesta disputa foram cindidos cada um separadamente.
E como no éter sempre têm um sinal fixo
as estrelas e as rotas da lua e do sol.
E como as montanhas se ergueram e como os rios ressoantes
surgiram com suas próprias ninfas e todos os animais.
Cantava como primeiro Ofião e Eurinome,
a Oceanida, tinham o domínio do Olimpo coberto de neve.
Como, pela força das mãos, ele cedeu a honra a Crono
e ela a Réia e caíram sobre as ondas do Oceano.
Durante um tempo eles reinaram, os afortunados deuses titãs,
enquanto Zeus ainda jovem, ainda no pensamento semelhante às crianças,
morava na caverna de Dicte. Os ciclopes
nascidos da terra ainda não o fizeram dominar o raio,

o trovão e o relâmpago. Pois isto concede o renome a Zeus.
Disse e reteve a forminge junto com sua divina voz.
Quando ele terminou, ainda insaciavelmente esticavam as cabeças,
todos juntos, tranqüilos com os ouvidos atentos
pela sedução. Ele lhes deixou tal encanto de canção.
Pouco depois, mesclando as libações a Zeus,
segundo o costume, de pé eles a verteram sobre as línguas
queimantes das vítimas e, então, se ocuparam do sono durante o crepúsculo.
Mas quando a resplandecente Aurora com os olhos brilhantes
viu os altos cumes do Pelião, e pelo vento
as serenas costas do mar revolto estavam agitadas,
então Tífis despertou e prontamente incitou os companheiros
a embarcar na nau e ajustar os remos.
Terrivelmente gritou o porto de Pagasas e a própria
Argo Pelíada, impelindo-os a partir.
Pois nela Atena encravou uma prancha divina e a ajustou
no meio da quilha de carvalho de Dodona.
Vindo até seus bancos, um depois do outro,
como dividiram outrora para remar, no lugar
em boa ordem se sentaram, ao lado de suas armas.
No meio Anceu e o grande vigor de Héracles
se assentaram e perto de si ele pôs a clava. E sob
seus pés a carena da nau submergiu. Logo puxavam
as amarras e vertiam vinho sobre o mar, mas Jasão,
lacrimejante, desviou os olhos da terra natal.
Como os jovens formando um coro a Febo em Pito,
ou em Ortígia, ou sobre as águas do Ismeno,
ao som da forminge e ao redor do altar
batem junto, com ritmo, o solo com os ágeis pés –
assim eles, ao som da cítara de Orfeu, feriram com remos
a impetuosa água do mar e as ondas batiam.
A sombria água salgada jorrava aqui e ali em espuma,
espontaneamente murmurando pela força dos vigorosos homens,
e as armas clareavam sob o sol, enquanto a nau ia,

semelhante a uma chama. As longas rotas sempre embranqueciam,
como uma vereda percebida ao longo de uma planície verde.
Todos os deuses naquele dia contemplavam do céu
a nau e a raça dos heróis semi-deuses, os quais, os melhores,
navegavam sobre o mar. Sobre os mais altos cumes
as ninfas Pelíadas se espantavam ao ver
a obra de Atena Itonida e também os próprios
heróis agitando os remos com as mãos.
Mas da mais alta montanha ia para perto do mar
Quirão Filírida; na orla grisalha pelas ondas
molhava os pés e, muito os exortando com a pesada mão,
desejou aos que partiam um retorno intacto.
Com ele a esposa, levando nos braços
o Pelida Aquiles, mostrava-o ao caro pai.
Quando abandonaram a costa recurvada do porto,
pela prudência e astúcia do hábil Hagníada
Tífis, que com suas mãos manejava com técnica
o bem trabalhado timão para dirigir de modo constante,
eles ergueram o grande mastro sobre a enora
e o prenderam com estais, esticando-os de cada lado.
Do alto eles soltaram as velas após as ter içado até em cima
e o vento de agudo som lhes caiu. Sobre o convés as escotas
com polidas cavilhas separadamente enrolavam
e percorriam, tranqüilos, o longo promontório Tiseu.
Tocando a forminge o filho de Eagro lhes celebrava,
com harmonioso canto, a salvadora das naus, de pai ilustre,
Ártemis, que velava aqueles cumes do mar,
protegendo também a terra de Iolco. Sobre o profundo
mar os peixes lançando-se, junto aos pequenos
os grandes, seguiam pulando a úmida rota.
Como quando sob as pegadas do pastor que habita os campos
inúmeras ovelhas bem fartas de folhagem seguem
até o aprisco, enquanto ele vai adiante, com a siringe de agudo som
melodiando belamente uma melodia pastoral – assim os peixes

acompanhavam a nau que sempre o impetuoso vento portava.
Logo a brumosa terra de muito trigo dos pelasgos
mergulhava e eles passavam ao longo dos penedos do Pelião,
sempre percorrendo à frente, e o promontório Sepíada mergulhava.
Aparece Esquiato no mar, aparecem ao longe
Pirésias, a serena costa de terra
Magnésia e a tumba de Dólops. Lá eles,
à tarde, abordaram por causa do sopro contrário do vento.
E honrando-o, durante o crepúsculo, dentre as ovelhas vítimas sacrificiais
queimaram enquanto o mar era agitado pelas ondas. Por dois dias
eles permaneceram na costa. Mas no terceiro partiram
na nau, esticando no alto a grande vela.
E ainda chamam a costa de Partida da Argo.
De lá percorreram adiante a Melibéia
contemplando a costa e a praia batida pelo vento.
Desde a aurora, logo vendo Homole
situada no mar, a costearam. Não muito tempo depois
estavam prestes a ultrapassar a correnteza do rio Amiro.
De lá fitaram Eurimenas e as escarpas de Ossa
e do Olimpo muito batidas pelas ondas, mas em seguida
passaram pelos morros de Pelene, além do promontório
Canastreu, percorrendo com o sopro do vento durante a noite.
De manhã, aos viajantes, a colina trácia de Atos
ergueu-se, a qual a Lemno, estando tão longe
quanto a duração da passagem de uma embarcação bem equipada
até o meio dia, sombreava com o altíssimo cume, mesmo até o Mirine.
Durante o dia até o crepúsculo lhes insuflava um vento
bem forte e as velas da nau foram estendidas.
Mas tendo o vento partido com os raios de sol,
por meio dos remos chegaram à ilha rochosa Sinteida.
Lá todo o povo, por um crime das mulheres,
sem piedade foi morto no ano precedente.
Pois os homens, por ódio às esposas legítimas,
rejeitaram-nas e mantinham pelas cativas

um violento amor, as quais eles mesmos trouxeram da costa oposta,
após devastar a Trácia. Já que os perseguia a raiva terrível
de Cípris, porque há muito tempo a privaram de honras.
Ó infelizes, lamentavelmente insaciáveis de ciúme.
Não somente aniquilaram seus esposos com as cativas
na cama, mas também toda a raça masculina, para que mais tarde
não pagassem uma expiação do triste assassinato.
De todas somente Hipsípile poupou o venerável
pai Toante, que reinava sobre o povo,
e o abandonou numa côncava urna para ser levado sobre o mar
em fuga. E em direção à ilha Enóie
– outrora chamada assim, mas posteriormente Sicino,
de Sicino, que a ninfa Naiada Enóie, deitando-se
com Toante, pariu – os pescadores o puxaram.
Criar os rebanhos de bois, vestir as brônzeas
armas e laborar os campos férteis em trigo
era mais fácil a todas elas que os trabalhos de Atena
dos quais, antes, sempre se ocupavam. No entanto
com freqüência observavam o largo mar
com o triste temor de quando os trácios viriam.
Por isso, quando, perto da ilha, viram Argo empurrada por remos,
logo todas juntas, para fora das portas de Mirine,
vestidas com armas hostis, espalharam-se pela praia
semelhantes aos tíadas comedores de carne, pois disseram que chegavam
os trácios. Com elas Hipsípile, a Toantíada,
vestia as armas do pai. Por não saberem o que fazer, se mantinham
sem voz, tal o pavor que se erguia sobre elas.
Enquanto isso os bravos enviaram da nau
o ágil arauto Etálida, a quem confiaram
ocupar-se das mensagens e do cetro de Hermes,
seu genitor, que lhe concedeu lembrança imperecível
de tudo. Nem mesmo agora que ele partiu para os turbilhões
indizíveis do Aqueronte, o esquecimento percorre sua alma.
Mas é seu lote constantemente alternar,

ora contando entre os que estão sob a terra, ora entre os homens
vivos aos raios do sol. Mas qual a necessidade
de eu profirir continuamente estas palavras sobre Etálida?
Ele então tornou Hipsípile favorável a receber os recém-chegados
quando o dia terminou durante o crepúsculo. Nem na aurora
soltaram as amarras da nau ao sopro de Bóreas.
As mulheres lemnienses, vindas pela cidade, se assentavam
em assembléia, pois a própria Hipsípile ordenara.
E quando todas estavam junto reunidas,
logo ela, ao exortar, proferiu entre as outras:
"Ó caras, concedamos presentes agradáveis
aos homens, convenientes para conter na nau,
alimentos e o suave vinho, para que permaneçam fixamente
fora de nossas portas e que, não nos seguindo por necessidade,
saibam com exatidão de todo o ocorrido e muito se espalhe
um mau rumor, pois realizamos um grave ato. Isso de modo algum
alegrar-lhes-á o coração, se acabarem se informando.
Tal é o nosso plano agora apresentado.
Se uma outra de vós planeja algo melhor,
diz. Pois por causa disso chamei-as aqui."
Assim disse e se sentou sobre o assento pétreo de seu
pai. Mas em seguida ergueu-se a cara nutriz Polixo,
por causa da velhice cambaleando sobre os pés contraídos,
apoiada num bastão, e desejou proferir algo.
Perto dela estavam acomodadas quatro virgens
indômitas, cobertas de branca cabeleira.
Ela se pôs de pé no meio da assembléia, ergueu o pescoço
com dificuldade sobre as costas recurvadas e disse assim:
"Presentes, como agrada à própria Hipsípile,
enviemos aos estrangeiros, já que é melhor concedê-los.
Mas qual é o vosso plano para usufruir da vida
se pesar sobre nós o exército trácio ou um outro
de inimigos, coisas que muitas vezes acontecem entre os homens
como agora mesmo esta tropa chega inesperadamente?

Mas se um dos afortunados disto nos desviar, no porvir outros
inumeráveis pesares superiores à batalha permanecem.
Quando as veneráveis mulheres perecerem
e as mais jovens chegarem estéreis à odiosa velhice,
como, então, vivereis, infelizes? Acaso em espessos
campos vossos bois autômatos, jungidos,
puxam através de um alqueire o arado que sulca a terra
e subitamente, completado um ano, ceifam a espiga?
Quanto a mim, mesmo se ainda não me têm em horror
as Ceres, penso que já no próximo ano
estarei vestida com a terra, após receber o lote das honras fúnebres,
assim como é o costume, antes de eu me avizinhar ao pior.
Exorto às mais jovens a pensarem bem nestas coisas.
Pois agora a defesa está alcançável aos pés,
se confiais as casas e todo o butim
vosso e o governo da esplendida vila aos estrangeiros."
Assim falou. E a assembléia se encheu de murmúrios, pois lhe agradavam
estas apalavras. Depois dela, em seguida, novamente se ergueu
Hipsípile e disse em resposta tais palavras:
"Se este pensamento agrada a todas,
enviemos já um mensageiro até a nau."
Assim disse e dirigiu-se à empregada que estava próxima:
"Ergue-te, Ifinoé, e roga a este homem
que comanda a expedição para vir até nós,
para eu lhe dizer as palavras do povo, agradáveis ao seu coração.
E convida seus homens, caso queiram, a em nossa terra
e vila entrarem com confiança e benevolentes."
Disse e dissolveu a assembléia. Ergueu-se para retornar à sua casa.
Assim também Ifinoé chegou até os Mínias. Perguntavam-na
por qual interesse refletindo ela se aproximara. Rapidamente
dirigiu-se com todo ímpeto aos que lhe interrogavam, com estas palavras:
"A filha de Toante enviou-me até aqui,
Hipsípile, para chamar o chefe da nau, seja quem for,
para ela lhe dizer as palavras do povo, agradáveis ao seu coração.

Ela convida seus homens, se quiserdes, a em nossa terra
e vila entrarem logo e benevolentes.”
Assim disse e a todos agradaram as favoráveis palavras.
Acharam que, com a morte de Toante, Hipsípile,
sua cara filha, tornara-se a soberana. Rapidamente enviaram
Jasão e eles próprios se preparavam para ir.
Ele afivelou em torno dos ombros a obra da deusa Itonida,
um manto púrpura, que lhe concedera
Palas quando primeiro se aplicou sobre a escora de carvalho da nau
Argo e lhe ensinou a medir os bancos com os esquadros.
Seria mais fácil para o sol nascente
ergueres os dois olhos que contemplares aquele vermelho.
Pois o meio do manto, de fato, era vermelho.
Toda a extremidade era púrpura e em cada
margem foram bordadas, separadamente, muitas cenas com arte.
Em uma havia ciclopes empreendendo uma obra imperecível,
trabalhando o raio para o soberano Zeus. Ele já
era todo resplandecente, mas ainda lhe faltava somente
um raio. Eles o produziram com o férreo
martelo, fervente sopro do impetuoso fogo.
Em outra havia os dois filhos de Antíope Asopida,
Anfião e Zeto e Tebas ainda sem torres
estava próxima. Eles há pouco lançavam as pedras fundamentais
com ardor. Zeto erguia sobre os ombros
o cume de uma montanha escarpada e parecia fatigado.
Anfião, depois dele, tocando a áurea forminge
ia, e uma pedra duas vezes maior lhe seguia as pegadas.
Em seguida foi representada a Citeréia de espessa cabeleira
portando o ágil broquel de Ares e de seu ombro
o laço da túnica caía até o braço esquerdo,
por sob o seio. De frente a ela, assim com exatidão,
sua imagem aparecia visível no escudo de bronze.
Em outra havia um denso pasto de bois e por estes
pelejavam os teleboas e os filhos de Alectrião,

estes se defendendo, mas aqueles, os ladrões táfios,
querendo espoliá-los. O prado orvalhado estava molhado
com o sangue deles e muitos aniquilavam os poucos pastores.
Em outra, dois carros em luta foram representados
e à frente de um guiava Pélops agitando
as rédeas, e ao seu lado estava Hipodâmia.
Sobre o outro que o perseguia, Mirtilo conduzia os cavalos,
com ele estava Enomau segurando com a mão a lança esticada.
Quando o eixo rompeu, inclinando
ele caiu, ao tentar dilacerar as costas de Pélops.
Em outra também havia Febo Apolo lançando flechas,
menino grande, ainda não adulto, contra o grande Títio
ao audaciosamente puxar o véu de sua mãe, o qual a divina
Elare pariu, mas a Terra nutriu e novamente engendrou.
Em outra também estava Frixo mínia, como verdadeiramente
ouvindo o carneiro, que parecia de fato falar.
Vendo-os emudecerias e enganarias o ânimo,
esperando escutar deles um consistente
rumor e com esperança, mesmo por muito tempo, contemplarias.
Tais foram os presentes da deusa Itonida.
Ele pegou com a mão direita a hasta longicerteira que Atalante
outrora lhe deu no Menalo como dom de hospitalidade,
vindo até ele de boa vontade, pois muito desejava seguir
este caminho. Mas voluntariamente ele próprio reteve a garota,
pois temia os dolorosos conflitos por causa do amor.
Caminhou até a vila igual a um astro brilhante
que, reclusas atrás de uma cortina nupcial,
as recém casadas contemplam ao se erguer sobre a casa,
e encanta seus olhos pelo negro céu
belamente enrubescendo e se regozija a virgem
desejosa por um rapaz que está entre os estrangeiros
a quem seus genitores a destinaram para ser noiva –
semelhante a este astro o herói ia seguindo os passos da mensageira.
E quando atravessaram os portões para dentro da vila,

as mulheres do povo se lançavam atrás deles,
alegres com o estrangeiro. Ele, fixando os olhos no solo,
ia despreocupadamente, até que chegou ao esplendido palácio
de Hipsípile. Ao aparecer, as servas lhe abriram as portas
de duas batentes, ajustadas com tábuas bem trabalhadas.
Então Ifinoé o fez sentar num assento todo brilhante,
conduzindo-o com ímpeto, através do belo vestíbulo,
diante de sua senhora. Baixando os dois olhos,
a virgem enrubesceu as faces. Apesar de envergonhada,
dirigiu-se a ele com sedutoras palavras:
“Estrangeiro, por que permaneceste fora dos muros
por tanto tempo? Já que a vila não é habitada por homens,
mas, emigrantes, no continente trácio
aram o campo fértil em trigo. Todo o infortúnio
eu contarei com veracidade, para que conheceis bem também vós.
Quando Toante, meu pai, reinava sobra a vila,
o povo, ao partir das naus, devastou os estábulos
dos trácios que habitam diante
de Lemno, e infinito butim com garotas
trouxeram para cá. Cumpriu-se a ira funesta da deusa
Cípris, que lhes inspirou a ruína destruidora de corações.
Pois passaram a odiar as esposas e das casas
expulsaram as mulheres, cedendo à loucura,
mas dormiam com as cativas conquistadas pela lança,
infortunados. Por um tempo suportamos, talvez eles poderiam,
mais tarde, mudar seu pensamento, mas continuava crescendo
o duplo pesar funesto. Desprezavam os filhos
legítimos nos palácios e florescia uma descendência bastarda.
Assim as garotas indômitas, junto às viúvas
mães, vagavam negligenciadas pela cidadela.
Nem o pai se inquietava, um pouco que fosse, com sua filha,
mesmo se a visse, com seus olhos, maltratada
pelas mãos da insensata madrasta. Nem da mãe
os filhos desviavam o indigno insulto, como outrora,

nem os irmãos se preocupavam no ânimo com a irmã.
Mas somente as garotas cativas nos palácios,
nos coros, nas ágoras e nos festins os preocupavam,
até que um deus nos inspirou uma coragem extrema
de não mais recebê-los dentro dos muros quando retornassem
da Trácia, para que fossem sensatos como de costume,
ou partissem com estas cativas para outro lugar.
Depois de implorarem que partisse a raça masculina dos filhos
presentes na cidadela, voltaram para onde ainda agora
moram, os campos nevosos da Trácia.
Por isso vós podeis errar por este país. Se aqui
quiseres e te agradares morar, logo terás
a marca honorífica de Toante, meu pai. Não penso
que censures esta terra, pois tem mais rica messe que as outras
ilhas que moram no mar Egeu.
Agora vá; indo à nau, diga aos companheiros
nossas palavras e não permaneças fora da cidade."
Falou, dissimulando a realização do assassinato como aconteceu
aos homens, mas Jasão em resposta lhe disse:
"Hipsípile, rogaríamos uma muito agradável ajuda
a qual concedes a nós que de ti necessitamos.
Estarei de volta à cidade quando cada coisa
eu tiver contado em ordem. Mas confia a soberania
e a ilha para ti mesma. Não por descuido
eu recuso, mas tristes tarefas me impulsionam."
Disse, tocou-lhe a mão direita e prontamente
recuou. Ao redor dele, de um lado e de outro, jovens
inúmeras circulavam alegres, até que pelos portões
ele saiu. Em seguida, em rápidas carroças,
foram até a costa portando muitos dons de hospitalidade,
quando Jasão já havia minuciosamente contado aos companheiros
tudo o que Hipsípile, ao ter lhe chamado, dissera.
E os levaram para hospedá-los em suas casas,
sem esforço. Pois Cípris suscitou um doce desejo,

por graça de Hefesto muito astuto, para que novamente
Lemno pura fosse, no porvir, habitada por homens.
Então o Esonida se impeliu para o palácio real
de Hipsípile; os outros, para onde cada um, ao acaso, chegava,
exceto Héracles, pois foi deixado próximo à nau
por vontade própria, com poucos distintos companheiros.
Logo a vila se alegrava com coros e festins,
circundada pela fumaça de carne assada. Mais que os outros
imortais, tornavam favoráveis o glorioso filho de Hera
e a própria Cípris com cantos e sacrifícios.
Tardava dia após dia o retorno à navegação.
E por muito tempo eles teriam lá permanecido inativos
se, reunindo os companheiros longe das mulheres,
Héracles não lhes dissesse, em tom de censura:
“Infortunados, o sangue familiar jorrado nos afasta
da pátria ou viemos para cá necessitados de casamentos,
ultrajando nossas concidadãs, e nos agradou, aqui mesmo
morando, dividir o opulento campo de Lemno?
Não seremos muito gloriosos aqui reclusos
por muito tempo com mulheres estrangeiras, nem um deus
concederá conquistar um tosão autômato por nossas orações.
Retornemos cada um à própria casa e na cama
de Hipsípile abandonemos Jasão por todo o dia, até que
povoe Lemno com filhos homens e obtenha grande fama.”
Assim censurou a tropa. Diante dele ninguém suportou
erguer os olhos, nem lhe dirigir a palavra,
mas assim mesmo, saindo da assembléia, estavam prontos para partir
apressados. As mulheres correram até eles, quando disso souberam.
Como quando as abelhas zumbem ao redor dos belos lírios,
espalhando-se da colméia pétrea; em torno um prado
orvalhado radia e elas ora aqui ora acolá o doce
fruto colhem enquanto voam. Assim elas,
com zelo, espalhavam-se ao redor dos homens, lamentando,
e saudavam cada um com mãos e palavras,

rogando aos imortais para concederem um retorno sem pesares.
Assim também Hipsípile imprecava, tomando as mãos
do Esonida, e as lágrimas lhe escorriam pela falta do que partia.
“Vá e que os deuses te conduzam de volta com os companheiros
intactos, trazendo a pele áurea para o rei,
assim como queres e te é caro. Mas esta ilha
e o cetro de meu pai estarão à disposição, se no porvir,
após ter retornado, quiseres vir de novo para cá.
Facilmente reunirias para ti um povo infinito
vindo de outras cidades. Mas tu este pensamento
não terás, nem eu mesma prevejo que será deste modo.
Lembra-te de Hipsípile, tanto distante quanto já retornado.
Deixa-nos uma palavra que eu mesma a cumprirei
de bom grado, se os deuses me concederem dar à luz.”
O filho de Esão, admirando-se, disse:
“Hipsípile, que todas estas coisas favoráveis aconteçam
por graça dos afortunados. Tu retenha um melhor ânimo
concernente a mim, já que me basta, por vontade de Pélias,
morar em minha pátria. Somente os deuses me libertariam das tarefas.
Se não for meu destino retornar à terra helênica,
ao longe navegando, e tu deres à luz um menino,
envia-o quando jovem a Iolco pelásgida,
remédio das aflições de meu pai e de minha mãe, se acaso
encontrá-los ainda vivos, para que, à parte de tal rei,
sejam cuidados próximos à lareira em sua residência.”
Disse e caminhou até a nau primeiro. Assim também os outros
bravos caminharam e pegaram com as mãos os remos
sentando um depois do outro. Argos lhes soltou
as amarras de uma rocha banhada pelo mar. Então eles
batiam fortemente a água com longos pinheiros.
Por ordens de Orfeu abordaram, à tarde,
na ilha de Electra Atlântida, para que, conhecendo
os misteriosos ritos por admiráveis iniciações,
navegassem seguros sobre o glacial mar.

Nada mais narrarei sobre isso, mas saúdo
esta ilha e os numes moradores, detentores destas
cerimônias que não nos são permitidas cantar.
De lá indo com os remos pela profundeza do Mar
Negro, tinham de um lado o solo dos trácios, de outro,
ao norte, a oposta Imbro. Logo que o sol
se pôs, eles chegaram ao proeminente Quersoneso.
Lá o ágil Noto lhes soprou e ao vento as velas
estendidas se lançavam à árdua correnteza da filha
de Atamante. Deixaram o pélago ao norte,
pela manhã, e à noite o interno do promontório Retíada
percorriam, tendo a terra Idea à direita.
Após deixarem a Dardânia se lançaram a Abido
e depois costearam Percote, a praia areenta
de Abarnide e a sacra Pitiéia.
E durante a noite eles atravessaram o Helesponto, agitado
por um turbilhão de uma parte a outra enquanto a nau prosseguia.
Há no interior da Propôntida uma ilha escarpada
situada ao mar, um pouco longe do continente frígio
de muito trigo, separado por um istmo banhado pelas ondas,
descendo inclinado sobre a terra firme. Aí há costas
duplas que ficam além das águas de Esepo.
Os moradores das redondezas a chamam de Montanha do Urso,
e moravam os violentos e selvagens
nascidos da terra, grande maravilha de se ver para os vizinhos.
Os seis braços potentes de cada um volteavam,
dois saindo dos ombros robustos e quatro
abaixo, ligados aos terribilíssimos flancos.
Em torno ao istmo e à planície, por sua vez, residiam
os dolíones. Lá o soberano era o filho de Eneu, o herói
Cízico, o qual Eneta, filha do divo Eusoro,
pariu. Jamais os nascidos da terra lhe causaram dano algum,
mesmo sendo assustadores, graças ao auxílio de Posêidon,
pois originariamente os dolíones nasceram dele.

Neste lugar chega Argo arrastada pelos ventos
trácios. Belo Porto a acolhe em seu percurso.
Lá, depois de puxarem a pequena pedra da âncora,
pelos conselhos de Tífis a deixaram sob uma fonte,
sob a fonte Artácia. Pegaram uma outra mais pesada,
que fosse adaptada. Mas a primeira, segundo a profecia do deus longínquo,
as Nelidas jônias, mais tarde, consagraram,
como era justo, no templo de Atena Jasônia.
Os dolíones e o próprio Cízico, juntos,
em amizade, indo ao encontro deles quando ouviram sobre a expedição
e sua ascendência, os acolheram hospitaleiramente.
E os convenceram a avançar com os remos
e prender as amarras da nau no porto da vila.
Em seguida eles construíram um altar a Apolo Protetor dos Desembarques,
erigido na areia, e se ocuparam dos sacrifícios.
O próprio soberano lhes deu juntamente o suave vinho e carneiros,
já que não os possuíam. Pois um oráculo lhe anunciara que ao chegar
uma divina expedição de heróis, logo fosse
amavelmente ao encontro deles e não se preocupasse com a guerra.
Também nele florescera recentemente a penugem.
Ainda não lhe fora destinado alegrar-se com filhos,
mas no palácio sua esposa ainda desconhecia
as dores do parto, Clite de bela cabeleira, nascida
de Mérope Percósio. Ele a trouxe recentemente da casa
do pai, na costa oposta, por meio de maravilhosos presentes.
Mas tendo então abandonado o tálamo e o leito da jovem esposa,
preparava-lhes o banquete e retirava do ânimo o temor.
Alternativamente se interrogavam. O soberano se informava
sobre o fim da expedição deles e sobre as ordens de Pélias,
os heróis se informavam sobre as cidades dos habitantes das redondezas
e sobre todo o golfo da vasta Propôntida. Mas para além ele não
poderia detalhar aos que desejam conhecer.
À aurora, subiram o grande Díndimo para eles próprios
observarem os caminhos daquele mar. Enquanto isso outros

conduziram a nau do primeiro ancoradouro no porto Cito.
Esta via pela qual seguiram é chamada Jasônia.
Os nascidos da terra, ao irromperem do outro lado da montanha,
obstruíram com inumeráveis pedras, ao fundo, a boca marinha
do Cito, como se armassem uma emboscada a uma fera que estivesse ali.
Mas foi deixado, com os homens mais jovens,
Héracles, que, prontamente lhes estendendo o arco
recurvado, derrubou no chão um após o outro. Eles próprios,
erguendo pedras abruptas, as jogavam.
Pois fato é que a deusa Hera nutriu aqueles terríveis
monstros, a esposa de Zeus, para servir de luta a Héracles.
Em seguida os outros heróis belicosos, retornando
antes mesmo de atingir o cume, empreenderam o assassinato
dos nascidos da terra, recebendo-os com flechas
e com lanças, até o momento em que dilaceraram
todos, apesar de suas investidas ardorosas.
Como quando as longas pranchas recém golpeadas com machados
os carpinteiros lançam em fila sobre o lido,
para, molhadas, manterem firmes as fortes cavilhas.
Assim eles, na embocadura da praia grisalha, se estendiam
em seqüência. Uns na água salgada
tinham imersos a cabeça e o peito, mas os membros sobre
a terra seca estavam estendidos. Outros, ao contrário, apoiavam
o rosto na areia da praia e os pés na profundeza do mar;
ao mesmo tempo tornar-se-iam presa de pássaros e peixes.
Os heróis, quando a rota não mais lhes causava temor,
soltando as amarras da nau ao sopro
do vento, partiram adiante através das ondas do mar.
A nau percorreu à vela por todo dia. Quando veio
a noite o impulso não mais se manteve, mas tempestades
contrárias a fizeram retornar com violência, para se aproximarem
dos hospitaleiros dolíones. Desembarcaram
na mesma noite (é chamada ainda de sagrada a pedra
ao redor da qual eles, apressados, lançaram as amarras da nau).

Ninguém cuidadosamente notou se tratar da mesma ilha.
Nem durante a noite os dolíones perceberam
que, de fato, os heróis tinham retornado, mas
acharam que o exército pelásgico dos mácrios tivesse abordado.
Por isso, vestindo as armas, contra eles ergueram as mãos.
Impeliram-se com freixos e escudos, uns contra os outros,
semelhantes ao impulso penetrante do fogo que, tombando
nos arbustos ressequidos, se ergue. Um tumulto
terrível e violento tombou sobre o povo dolíone.
Contra o lote, o rei não estava prestes a novamente da batalha
retornar à sua casa, ao tálamo nupcial e ao leito,
mas o Esonida, logo tendo se voltado contra ele,
feriu-o no meio do peito, com a lança
aniquilando-lhe os ossos. Rolando na areia ele
cumpriu o lote. Pois jamais é permitido escapar dele
aos mortais, toda uma grande rede se desdobrando em volta.
Assim, pensando estar livre da amarga ruína
provocada pelos bravos, nesta mesma noite o lote o prendeu,
enquanto os combatia. Muitos outros defensores
foram mortos. Héracles executou Télecles
e Megabronte, Acasto assassinou Esfódron,
Peleu abateu Zéli e Géfiro ágil na pugna,
Telamão, com o forte freixo, matou Basileu.
Idas, por sua vez, trucidou Clítio e Jacinto,
ambos os Tindaridas, Megalossaques e Flógio,
próximo destes o Enida abateu o corajoso Itimoneu
e Arataques, chefe de homens. Todos os que
os moradores ainda glorificam com honras heróicas.
Os outros estavam apavorados ao se retirarem, como as pombas
em bando se apavoram com falcões de asas velozes.
Num tumulto se precipitaram em massa até as portas. Logo a cidade
encheu-se de gritos de dor ao regresso da guerra.
Desde a aurora ambos os lados reconheceram o erro
funesto e irreparável. Uma terrível aflição tomou os heróis

mínias ao verem adiante o filho de Eneu,
Cízico, caído entre o pó e o sangue.
Durante três dias inteiros gemendo cortaram os cabelos,
eles e o povo dolíone. Em seguida,
com armas de bronze volteando três vezes ao redor do morto,
prestaram-lhe as últimas honras em sua tumba e celebraram as provas,
segundo o costume, sobre a planície Limonião, onde mesmo ainda hoje
este túmulo se ergue, também para ser visto pelos que estão por vir.
Não, a esposa Clite não deixou para trás
seu finado marido, mas sobre o mal um outro pior
cumpriu ao ajustar um laço no pescoço. As próprias
ninfas do bosque lamentaram a finada.
E de todas as lágrimas que seus olhos verteram
à terra, as deusas fizeram uma fonte chamada
de Clite, o nome glorioso da infortunada esposa.
Às mulheres e aos homens dolíones aquele
foi o mais terrível dia vindo de Zeus. Nenhum deles
ousou ingerir alimentos. E por um longo tempo,
por causadas aflições, não se ocuparam do trabalho de moer os grãos,
mas se mantiveram comendo assim mesmo não torrados.
De onde hoje, quando lhes vertem libações anuais
os jônios moradores de Cízico, sempre, com constância,
moem a farinha sacrificial sobre a mó pública.
Por causa disso ergueram-se violentas ventanias
durante doze dias e noites e lá os retiveram
de navegar. Na noite seguinte
os outros bravos, domados pelo sono, repousavam
pouco antes de terminar o amanhecer, mas Acasto e
Mopso Ampicida protegiam os que dormiam profundamente.
De repente, sobre a face loura do Esonida,
uma alcíone voou, com aguda voz predizendo
o fim dos ventos agitados. Mopso, ao ouvir,
compreendeu o presságio favorável da ave costeira.
Depois uma deusa afastou-a e, ao atravessar o ar,

sentou-se sobre o aplustre da nau.
Mopso, chacoalhando Jasão imediatamente, despertou-o
quando ele se reclinava em um macio tosão de ovelha e assim lhe disse:
“Esonida é necessário que tu, ao subir este topo
do Díndimo pontiagudo, torne favorável a mãe
de belo trono de todos os afortunados, para que as tempestades violentas
cessem. Pois tal presságio eu acabei de ouvir
de uma alcíone marinha que, enquanto dormias,
voou sobre e em torno de ti, explicando cada coisa.
Pois dela os ventos, o mar e toda a terra
profunda e o nevoso assento do Olimpo dependem.
E quando sobe das montanhas para o grande céu,
o próprio Zeus Cronida lhe cede o lugar e também os outros
imortais afortunados honram a terrível deusa.”
Assim falou e, ao ouvir, as palavras foram agradáveis a Jasão.
Ergeu-se alegre do leito e apressado ergueu
todos os companheiros e lhes anunciou,
despertos, a profecia de Mopso Ampicida.
Prontamente os mais jovens retiraram dos estábulos
os bois e os conduziram para o cume escarpado da montanha.
Os outros, soltando as amarras da Pedra Sagrada,
remaram até o porto trácio e também eles mesmos
caminharam, deixando poucos dos companheiros na nau.
Os cumes macríadas e toda a costa da Trácia,
em suas mãos, lhes aparecia à vista.
Aparecia a boca sombria do Bósforo e as colinas
mísias. De outro lado o curso do rio Esopo,
a vila e a planície nepeiana de Adrastéia.
Havia um robusto tronco de vinha crescida na floresta,
uma cepa totalmente envelhecida. Cortaram-na para fazer
uma estátua sagrada da deusa montanhosa e Argos a poliu
com arte. E a colocaram sobre uma pontiaguda
colina, coberta pelos altíssimos carvalhos
com as raízes mais profundas que todos os outros.

Amontoaram cascalho como um altar. Após espalharem ao redor
folhas de carvalho, ocuparam-se do sacrifício,
invocando a muito augusta Mãe Dindimiana,
moradora da Frigia, e junto Títia e Cileno,
os únicos que são chamados dirigentes do lote e auxiliares
da Mãe Idea, dentre muitos que são
dáctilos ideios de Creta, que outrora a ninfa
Anquiale, na caverna dictaia, fez nascer,
agarrando com ambas as mãos a terra de Easso.
Com preces em excesso o Esonida lhe suplicava para
desviar as borrascas, vertendo libações sobre as vítimas
ardentes. Ao mesmo tempo os jovens, sob a ordem de Orfeu,
agitando-se, dançavam a marcha armada
e batiam os escudos com as espadas para fazer o grito
infausto que o povo ainda gemia pelo funeral do soberano
sumir pelo ar. De onde sempre
os frígios tornam Réia favorável com tambor e tímpano.
A deusa implorada recebeu em seu coração os sacrifícios
puros e surgiram sinais perceptíveis.
As árvores verteram fruto infinito e em volta dos pés
a terra autômata gerou as flores da tenra folhagem.
As feras, deixando as tocas e as matas,
vieram chacoalhando as caudas. Ela também fez
um outro prodígio, pois outrora nenhum fluxo d'água fluía
sobre o Díndimo, mas a eles esguichou, então, do árido
cimo, incessante. Dizem ser a fonte
Jasônia, desde então, os homens que moram nas redondezas.
E realizaram banquetes à deusa nas montanhas dos Ursos,
celebrando Réia muito augusta. Mas à aurora,
quando os ventos cessaram, deixaram a ilha com remos.
Então uma competição incita cada um dos bravos,
qual pararia por último. Pois o ar ao redor,
sem ventos, acalmou os turbilhões e fez adormecer o mar.
Confiantes na calmaria, eles guiavam adiante

a nau com força e nem os cavalos de pés tempestuosos
de Posêidon a atingiriam atravessando o mar.
Todavia quando a borrasca foi desperta pela violenta refrega
que se erguera há pouco, dos rios, durante a tarde,
repousaram esgotados pelo esforço. Mas Héracles
arrastou-os, todos juntos fatigados, com o vigor
dos braços e agitou a prancha ajustada da nau.
Mas quando, desejando chegar no continente dos mísios,
costearam observando o promontório de Rindaco
e a grande tumba de Egeão, um pouco abaixo da Frigia,
então, soerguendo os sulcos das ondas revoltas,
ele quebrou o remo no meio. Segurando um pedaço
com ambas as mãos ele caiu de lado, enquanto o mar banhava
o outro, portando-o no fluxo das ondas. Sentou-se em silêncio
fitando, pois suas mãos não se acostumavam a permanecer tranqüilas.
Quando retornam do campo um jardineiro ou um lavrador
alegremente para o seu aprisco, ansiando pela refeição,
e lá mesmo no limiar curva os esgotados joelhos,
sujo de pó, e observando as mãos gastas
põem-se a muito imprecar contra seu ventre –
neste momento eles chegaram nas moradas da terra ciânia
perto da montanha Argantônio e dos promontórios de Cio.
Os mísios, moradores daquele solo, os saudaram
hospitaleiramente por virem em amizade e alimentos,
ovelhas e vinho infinito ofereceram por lhes faltarem.
Então alguns portavam lenha seca, outros folhagem
do prado em excesso para o leito, recolhida
para ser estendida, outros, por sua vez, friccionavam a madeira para produzir fogo,
e outros mesclavam o vinho nas crateras e preparavam o banquete,
realizando um sacrifício, ao crepúsculo, a Apolo Protetor dos Desembarques.
Mas o filho de Zeus, após ter bem recomendado aos seus companheiros
comerem, foi até a floresta para se equipar,
primeiro, de um remo que lhe fosse adaptado às mãos.
Em sua errância logo encontrou um pinheiro não carregado

de muitos ramos, nem muito viçoso,
mas semelhante ao rebento de um longo álamo.
Parecia ter a mesma altura e espessura ao se ver.
Rapidamente ele depositou no solo o carcás repleto de flechas
com seu arco e despiu a pele de leão.
Agitando-o com a clava pesada pelo bronze até a profundeza
do chão, ele envolveu o tronco com ambas as mãos,
confiante em seu vigor, e apoiou os ombros largos,
mantendo as pernas bem separadas. E mesmo tendo profundas raízes,
agarrado, ele o arrancou do solo com torrões de terra.
Como quando, sobretudo no invernal ocaso do funesto
Orião, uma veloz rajada de vento, precipitando-se do alto,
puxa inesperadamente dos estais o mastro
da nau com suas próprias cunhas.
Assim ele o arrancou. E após recolher o arco,
as flechas, a pele e a clava, retornou.
Enquanto isso Hilas, com um jarro de bronze, para longe da tripulação
buscava o curso sagrado de uma fonte, para chegar primeiro
após ter lhe recolhido a água para a refeição e, vivamente, deixar,
ao seu retorno, todas as outras coisas em ordem.
Pois Héracles cuidava dele com tais hábitos,
tendo-o tirado, quando ainda criança, do palácio do pai,
o inimigo Tiodamante impiedoso, o qual ele trucidou
entre os dríopes, ao lhe afrontar por causa de um boi que divide a terra.
Tiodamente fendia o campo de um alqueire com o arado,
lançado em sofrimento. Héracles o exortava
a conceder o boi arador, mas ele não queria.
Ele, de fato, buscava um triste pretexto de guerra para se lançar
entre os dríopes, já que eles viviam não se preocupando com a justiça.
Mas estas narrativas me desviariam para longe do canto.
Logo ele chegava na fonte que os vizinhos
moradores das redondezas chamam Pege. Os coros
de ninfas neste momento se formavam. Pois todas as ninfas
que moravam nas redondezas daquele amável topo

sempre se ocupavam de celebrar Ártemis com cantos noturnos.
Aquelas que obtiveram, por sorte, os cumes das montanhas ou as grutas
e as que eram as guardiãs da floresta, de longe avançavam alinhadas.
Há pouco emergira da fonte de belas correntes
a ninfa aquática. Percebeu-o perto,
enrubescido em beleza e doce graça,
pois a lua cheia, brilhante, se lançava do céu
sobre ele. Cípris embaralhou
seus pensamentos e, em embaraço, reuniu o ânimo com dificuldade.
Mas quando Hilas primeiro afundou o jarro no curso,
apoiando-se de lado, e a água infinita ressoava ao redor,
ao irromper no sonoro bronze, logo a ninfa
pôs o braço esquerdo sobre seu pescoço,
desejosa por beijar-lhe a tenra boca e com a mão
direita puxou-lhe o cotovelo. Ele foi arrastado para o meio do turbilhão.
Somente um dos companheiros o ouviu quando gritou,
o herói Polifemo Ilatida, e, adiantando-se na rota,
esperava que o potente Héracles retornasse.
Logo, sacando o grande alfange, se impeliu a persegui-lo
para que não se tornasse presa de feras ou homens
não lhe armassem uma emboscada por estar sozinho, levando seguro butim.
Ele se lançou para perto de Pege, como uma fera
selvagem a quem vem de longe o balido das ovelhas
e se aproxima consumida pela fome, mas não encontra
os rebanhos, pois antes os próprios pastores as amontoaram
nos estábulos. Deplorando ela brame violentamente até se fatigar.
Assim então gemia imensamente o Ilatida e vasculhava
as redondezas da região berrando, mas seu grito era inútil.
Então encontrou o próprio Héracles no caminho,
enquanto sacudia a espada descoberta na palma da mão. Bem o reconheceu
ao se apressar para a nau ao crepúsculo. Imediatamente falou
da triste ruína, tendo o ânimo carregado em sufoco:
“Caro, serei o primeiro a te relatar uma terrível aflição.
Pois Hilas, indo até a fonte, não voltou a salvo,

mas ladrões o pegaram e levaram
ou feras lhe fizeram dano. Eu o escutei gritando.”
Assim falou. Ao ouvir, um suor em abundância de suas têmporas
escorria e o sangue negro borbulhava sob suas entranhas.
Irritado, jogou o pinheiro no chão e correu
pela rota através da qual seus pés o levavam precipitado.
Como quando um touro se lança, picado por uma mutuca,
abandonando o prado e o pântano, não se preocupando
nem com os pastores, nem com o rebanho, mas atravessa o caminho ora sem pausa,
ora parando e, erguendo o largo pescoço,
muge ao ser atingido por um funesto tavão.
Assim ele, agitado, tanto movia os ágeis joelhos
continuamente, como, interrompendo a fadiga,
ao longe, bradava com grande voz de modo penetrante.
Logo sobre os mais elevados cumes se levantou a estrela
matutina e a brisa voltou. Rapidamente Tífis
incitou-os a embarcar e aproveitar o vento.
Em seguida eles embarcaram desejosos e no alto da nau,
puxando a âncora, suspenderam as escotas.
As velas eram curvadas ao meio pelo vento e longe da costa,
alegres, eram levados ao longo do promontório Posideio.
Quando a aurora de olhos radiantes brilhou no céu,
elevando-se do horizonte e as veredas embranqueceram
e as planícies úmidas brilharam pela claridade reluzente,
então perceberam ter deixado os companheiros por ignorância.
Uma violenta discórdia caiu entre eles, um tumulto
infindável por partirem tendo deixado para trás o melhor
de seus companheiros. O Esonida, desolado
pelo embaraço, não pronunciava nem uma palavra
nem outra, mas estava sentado sob pesada ruína,
devorando o ânimo. A cólera tomou Telamão que assim disse:
“Sentas assim tranqüilo, já que estava tudo pronto
para abandonar Héracles. Partiu de ti um plano
para que o renome dele na Hélade não te encobrisse,

se os deuses nos concederem retornar à casa.
Mas qual é o prazer destas palavras? Pois eu irei até lá,
mesmo sem teus companheiros que urdiram este dolo.”
Disse. E acorreu até Tífis Hagníada; seus dois olhos
assemelhavam-se às chamas do fogo impetuoso.
E teria retornado à terra dos mísios,
desafiando o mar profundo e o urro incessante do vento,
se os dois filhos de Bóreas trácio
não contivessem o Eácida com ácidas palavras.
De fato um terrível castigo lhes veio no porvir
pelas mãos de Héracles, porque impediram de buscá-lo.
Pois quando voltavam dos Jogos Fúnebres a Pélias tombado,
trucidou-os em Teno banhada ao redor. Amontoou terra
ao redor deles e por cima construiu duas estelas
das quais uma, aos homens extrema maravilha de se contemplar,
move-se sob o sopro de Bóreas sonoro.
Estas coisas estavam prestes a ser assim cumpridas com o tempo.
Mas lhes surgiu do mar abismal Glauco,
intérprete muito sábio do deus Nereu.
Erguendo ao alto o rosto peludo e o peito
até os flancos, segurou com robusta mão
a popa da nau e gritou aos que se lançavam:
“Por que contra a vontade do grande Zeus desejais
levar à cidadela de Eeta o corajoso Héracles?
Seu lote é, em Argos, cumprir para o presunçoso
Euristeu todas as doze fatigantes lutas
e morar junto à lareira dos imortais quando executar
as poucas restantes. Por isso não tendes saudade alguma dele.
Assim, por sua vez, a Polifemo, próximo ao promontório de Cio,
está destinado, após construir uma muito gloriosa vila entre os mísios,
completar o lote na imensa terra dos calibos.
Mas quanto a Hilas, uma deusa ninfa o fez, por amor,
seu esposo, por quem eles foram abandonados ao se distanciarem.”
Disse e vestiu-se com vigorosas ondas quando imergiu ao fundo.

Ao redor dele, borbulhando por turbilhões, a água agitada
espumava e o vórtice do mar banhava a côncava nau.
Os heróis se alegraram. Impetuosamente Telamão
Eácida foi até Jasão e, envolvendo com sua mão
a mão dele, o abraçou e falou:
“Esonida, não te encolerizes comigo se, por irreflexão,
cometi um engano, pois a aflição levou-me a dizer
palavras arrogantes e intoleráveis. Mas lancemos
aos ventos a falta e, como antes, sejamos benevolentes.”
O filho de Esão, por sua vez, cuidadosamente disse:
“Ó caro, certamente me insultaste com palavras funestas
ao falar em meio a todos estes que eu era o culpado
quanto ao amável homem. Mas sem dúvida não quero aumentar a amarga ira,
mesmo que antes tenha sofrido, já que nem por alfeires de ovelhas,
nem por bens, indignado, te irritaste,
mas por um outro homem; e espero que lutes
com outro por mim, se vier a acontecer algo semelhante.”
Disse e unidos como antes eles se assentaram.
Quanto aos dois, pela vontade de Zeus, um, o Ilatida Polifemo,
estava prestes a fundar e construir entre os mísios uma vila
com o nome do rio; o outro as lutas de Euristeu
voltou a cumprir. E ameaçava devastar
a terra mísia logo, se não encontrasse
Hilas, fosse vivo ou morto.
Escolhendo os melhores filhos do povo, ofereceram-lhe
butim e fizeram um juramento
de jamais cessar os esforços para procurá-lo.
Por isso, mesmo ainda hoje, os habitantes de Cio procuram Hilas,
filho de Tiodamante, e cuidam da bem erguida
Trácia. Pois lá mesmo Héracles concedeu habitação aos jovens
que lhe haviam dado para serem levados como butim.
O vento impetuoso, soprando, levou a nau por todo o dia
e toda a noite. Mas não ventava nem um pouco
quando a aurora nasceu. Percebendo a costa

de uma terra se erguendo, do golfo muito vasta
para ser vista, abordaram por meio de remos, com o sol.

CANTO II

Lá havia os estábulos de bois e o aprisco de Amico,
o arrogante rei dos bébrices, o mais violento dos homens,
que outrora, tendo se deitado com Posêidon progenitor,
a ninfa bitínia Melia pariu.
Ele estabeleceu uma lei indigna aos estrangeiros,
5
ninguém partiria antes de desafiá-lo
no pugilato, e dilacerou muitos dos vizinhos.
E então, indo até a nau, não se dignou,
por soberba, a perguntar a razão da navegação,
mas entre todos eles logo disse tais palavras:
10
“Ouvi, errantes sobre o mar, o que vos convém saber.
Não é legítimo a nenhum estrangeiro
que se aproxime dos bébrices retirar-se
antes de erguer suas mãos contra as minhas mãos.
Por isto escolhei um da tripulação, o melhor,
15
para comigo lutar no pugilato, neste mesmo lugar.
Mas se, descuidados, ultrajarem meus costumes,
certamente alguém os perseguirá com ódio por forte necessidade.”
Disse cheio de orgulho e selvagem cólera os tomou
ao ouvirem, mas o apelo bateu sobretudo em Polideuces.
20
Prontamente se pôs à frente dos seus companheiros e falou:
“Contenha-te agora, seja lá quem te gabas de ser, e não nos
reveles tua funesta força. Pois obedeceremos aos costumes, como proclamas.
Eu mesmo, voluntariamente, prometo afrontá-lo.”
Assim falou despreocupadamente. Tornando os olhos ele o fitou,
25
como um leão ferido por uma lança, o qual, nas montanhas,
os homens enfurecem. Mesmo envolvido pela multidão,
não se inquieta com eles, mas fita somente
um homem e o fere, não o matando.

Então o Tindarida depôs o bem flexível manto
30
fino que uma das lemnienses lhe concedeu como dom
de hospitalidade. Amico jogou ao chão a dupla capa sombria
com as próprias fivelas e o bastão grosseiro
que ele portava, de oliveira nutrida nas montanhas.
Logo que observaram um lugar agradável por perto,
35
assentaram separadamente todos os seus companheiros na areia.
Nem em porte, nem em aspecto eram semelhantes de se ver.
Mas um parecia ser o rebento monstruoso do funesto
Tifeu ou da própria Terra, que outrora,
irritada, pariu a Zeus. O outro, o Tindarida, era igual
40
a uma estrela celeste que, ao brilhar
durante a noite vespertina, possui os mais belos clarões.
Tal era o filho de Zeus, ainda lhe crescendo a barba
em penugem, ainda radiante nos olhares, mas sua força
era como de uma fera. Agitou os braços
45
tentando ver se eles se portavam ágeis como antes
e não pesavam ao mesmo tempo pela fadiga e pelo remo.
Amico, por sua vez, nada tentou. Em silêncio permanecendo,
ao longe mantinha os olhos fixos nele e o ânimo
palpitava-lhe por desejar espalhar o sangue de seu peito.
50
Entre eles Licoreu, servo de Amico,
colocou de cada lado, diante dos pés, correias duplas
de couro não curtido, seco. Elas estavam bastante duras.
Mas Amico dirigiu-se a ele com palavras arrogantes:
“Destas eu te darei as que quiseres sem sorteio,
55
de minha própria vontade, para que depois não me censures.
Mas as lança ao redor dos braços e ao conhecer contarás a outro

o quanto eu sou superior em cortar as peles secas
dos bois e em molhar com sangue as faces dos homens.”
Assim falou. Mas ele, por sua vez, não rivalizou,
60
mas docemente sorrindo tomou de modo inesperado as correias
que jaziam a seus pés. Diante dele vieram Cástor
e o grande Talau Biantíada e rapidamente prenderam
as correias, enquanto lhe exortavam com muitas palavras ao combate.
A Amico, por sua vez, vieram Areto e Ornito; nada sabiam,
65
os néscios, que as prendiam pela última vez, segundo o funesto destino.
Quando eles prepararam à distância as correias,
logo levantando as mãos pesadas diante
dos rostos, afrontaram-se com ardor entre si.
O soberano dos bébrices era como a violenta onda do mar
70
erguendo-se sobre a nau veloz que, em pouco tempo,
escapa graças à sabedoria do sagaz comandante,
enquanto a agitação das vagas tenta penetrar o casco.
Assim ele, assustando, perseguia o Tindarida e não o permitia
tardar, mas, sempre sem ferimentos, se esquivava
75
aos ataques por sua astúcia.Prontamente percebendo seu cruel
pugilato, onde ele era invencível em violência e onde ele era inferior,
permaneceu firme e uniu braço contra braço.
Como quando os carpinteiros, tendo juntado com urgência
as pranchas navais, ajustadas às pontudas cavilhas,
80
batem com martelos e um barulho abundante sopra,
um após o outro. Assim, de ambos os lados, as faces
e os maxilares ressoavam e se ergueu um rangido de dentes.
Não cessaram de se golpear um após o outro,
até que um funesto sufoco domou a ambos.
85

Separando-se um pouco os dois enxugaram o muito suor
das frontes, enquanto exalavam um bafejo fatigante.
Novamente os dois se entrechocaram, como dois touros
furiosos que lutam por uma vaca pastando.
Então, em seguida, Amico, erguendo-se sobre as pontas
90
dos pés, se estendeu como um abatedor de bois e moveu
contra Polideuces sua pesada mão. Ele suportou o ataque
inclinando o rosto e recebeu o braço dele em seu ombro.
Um pouco à parte dele, avançando joelho após joelho,
ao se lançar golpeou-lhe sobre a orelha e quebrou-lhe os ossos
95
por dentro. Com dor ele tombou de joelhos. Os heróis
mínias gritaram. Neste instante o ânimo o abandonou.
Os bébrices não negligenciaram o rei,
mas, em seguida, erguiam ao mesmo tempo os duros
bastões e as lanças e afrontavam Polideuces.
100
Os companheiros estavam diante dele, puxando as pontudas
alfanjes da bainha. Primeiro Cástor atingiu na cabeça
um homem que o atacava. Ele fendeu
em duas partes, aqui e ali, sobre ambos os ombros.
Ele combatia o monstruoso Itimoneu e Mimante,
105
avançando com o calcanhar feriu um no peito com o ágil
pé e o lançou no pó; estando o outro próximo,
golpeou com a mão direita sobre a sobrancelha esquerda,
rasgou-lhe a pálpebra e deixou a vista descoberta.
Orite, acompanhante de Amico, orgulhoso de sua força,
110
atingiu o flanco de Talau Biantíada,
mas não o matou, o bronze perfurou apenas
a pele sob o cinturão, deixando intacto o ventre.
Do mesmo modo Areto, ao golpear, bateu em Ífito,

persistente na batalha, filho de Eurito, com o rígido bastão,
115
o qual não estava ainda marcado pelo funesto destino. Ele próprio
estava prestes a logo morrer sob a espada de Clítio.
E então Anceu, o corajoso filho de Licurgo,
prontamente brandindo o grande machado e, na mão esquerda,
segurando a sombria pele de urso, atirou-se no meio,
120
enfurecido com os bébrices. Junto a ele se agitaram
os Eácidas e com eles impeliu-se o belicoso Jasão.
Como quando lobos grisalhos assustam inúmeras ovelhas
nos estábulos durante um dia invernal, ao se moverem
escondidos dos cães de bom faro e dos próprios pastores
125
e procuram qual, irrompendo-se, tomar, primeiro
olhando para muitas ao mesmo tempo, e as ovelhas de todos os lados
comprimem-se caindo uma perto da outra. Assim eles
tristemente assustavam os arrogantes bébrices.
Como os ovelheiros ou os apicultores enfumaçam
130
um grande enxame de abelhas na pedra;
elas, até este momento juntas em sua colméia,
agitam-se zumbindo e irrompem para fora da pedra
sufocadas pela fuliginosa fumaça contínua.
Assim eles não mais permaneceram firmes por muito tempo, mas se dispersaram
135
para dentro da Bebrícia, anunciando o lote de Amico.
Néscios, não perceberam que um outro pesar imprevisto
era-lhes próximo. Pois suas vinhas e suas aldeias
foram devastadas, então, pela lança inimiga de Lico
e dos mariandinos, estando o soberano ausente.
140
Pois sempre combatiam por uma terra rica em ferro.
Os heróis destruíram os estábulos e apriscos

e, em seguida, olhando ao redor, cortaram infinitas
ovelhas. E entre eles um disse tais palavras:
“Pensai o que eles realizariam com sua fraqueza,
145
se de algum modo o deus também trouxesse Héracles para cá.
pois creio que, caso ele estivesse presente,
sequer se dividiriam em pugilato. Mas quando viesse
dizer os costumes, com a clava o faria esquecer a arrogância
e os mesmos costumes com os quais proclamava.
150
Sim, avançamos por mar despreocupadamente
deixando-o na terra, mas cada um de nós
conhecerá a funesta ruína por ele estar distante.”
Assim falou. Todas as coisas aconteceram por vontade de Zeus.
E então lá permaneceram durante o crepúsculo, cuidaram das feridas
155
dos homens machucados e, após realizar sacrifícios
aos imortais, prepararam uma grande refeição. O sono
não tomou ninguém próximo da cratera e das vítimas ardentes.
Coroando a fronte loira com folhas de um loureiro
perto do mar, no qual prenderam as cordas,
160
cantavam um hino ressoante com a forminge de Orfeu,
harmoniosamente, e nas redondezas a costa sem ventos
regozijava com suas canções. Celebravam o filho terapneu de Zeus.
Quando o sol iluminou as colinas orvalhadas,
levantando-se do firmamento, e reuniu os ovelheiros,
165
após soltarem as amarras do pé de loureiro
e embarcarem quanto butim fosse necessário levar,
pelo sopro se alinharam através do Bósforo turbilhonante.
Lá uma onda semelhante a uma montanha escarpada
ergue-se diante de quem avança,
170

sempre se levantando sob as nuvens. Dirias
não fugir ao funesto destino, já que bem sobre o meio da nau
a impetuosa onda está suspensa sobre a nuvem, todavia
ela se aplaina, caso a nau se beneficie de um valoroso comandante.
Por isso, graças à instrução de Tífis, eles foram
175
seguros, apesar de temerosos. No outro dia
prenderam as amarras na terra tínia, do lado oposto.
Lá Fineu Agenorida possuía uma casa costeira,
o qual provocou os mais funestos pesares dentre todos,
por causa da arte divinatória que outrora lhe ofereceu
180
o Letida, mas não teve nenhum respeito ao revelar
com exatidão o desígnio sagrado do próprio Zeus aos homens.
Por isso lhe mandou uma velhice longeva,
tomou-lhe a doce luz dos olhos e não permitiu
saborear os infinitos alimentos que os moradores das redondezas
185
reuniam em sua casa quando vinham conhecer as profecias.
Mas de repente, irrompendo através das nuvens,
as Harpias continuamente os pegavam da boca e das mãos
com os bicos e não lhe deixavam nada
de comida, nem um pouco para, sobrevivendo, continuar o sofrimento,
190
mas vertiam um odor abominável. Ninguém ousava
levá-la à garganta, mas se mantinha à distância,
tal era o cheiro que exalavam os restos do banquete.
Logo que ouviu a voz e o barulho da tripulação,
percebeu que estes presentes eram os que viriam para ele,
195
segundo a profecia de Zeus, desfrutar dos alimentos.
Levantando-se da cama como um sonho sem vida,
apoiado em seu bastão, com os pés contraídos, foi porta afora
tateando as paredes e enquanto avançava suas articulações tremiam

por fraqueza e velhice. Sua crosta negra de sujeira
200
estava ressecada e a pele cobria somente os ossos.
Saindo da residência ele se sentou, por ter cansado os joelhos,
na entrada do corredor. Uma sombria vertigem
envolveu-o, parecia que a terra girava ao seu redor,
das profundezas, e, sem voz, ele se reclinou em débil torpor.
205
Quando eles o viram reuniram-se ao redor
e se surpreenderam. Mas com muita dificuldade respirando do fundo
do peito, falou-lhes com adivinhações:
“Ouvi, superiores entre todos os helenos, se realmente
vós sois estes que, pela fria ordem de um rei,
210
Jasão conduz sobre a nau Argo até o tosão
– sois vós com exatidão. Minha mente conhece ainda cada coisa
com suas profecias – graças a ti soberano filho
de Leto, e estou preso a dolorosas fadigas.
Por Zeus Protetor dos Suplicantes, que é terribilíssimo
215
aos criminosos, em nome de Febo e da própria Hera a quem,
mais que aos outros deuses, ao avançarem sois motivo de preocupação, eu rogo.
Ajudai-me, salvai um homem infortunado de maus tratos,
e não vos lanceis deixando-me assim
com negligência. Pois não somente a Erínia espezinhou
220
meus olhos e arrasto uma interminável velhice até o fim,
mas a estes males suspende-se um outro mal mais amargo.
As Harpias pegam o meu alimento da boca,
irrompendo de qualquer parte, de uma imprevista ruína,
e não tenho nenhum plano de proteção. Mas facilmente,
225
preocupando-me com a refeição, esconderia a mim mesmo minha intenção
que a elas, tão prontamente voam através dos ares.

Se, por acaso, nos deixam um pouco de alimento,
ele exala um odor pútrido e insuportável.
Nenhum dos mortais, ao se aproximar, lá ficaria, um pouco que fosse,
230
nem se tivesse um coração forjado no aço.
Mas uma insaciável necessidade me obriga a permanecer
no amargo banquete e, ao permanecer, pô-lo no funesto ventre.
Segundo uma profecia, os filhos de Bóreas
hão de contê-las. E me protegerão não sendo estrangeiros,
235
se, de fato, eu sou Fineu, outrora famoso entre os homens
pela riqueza e arte divinatória. O pai Agenor me engendrou
e quando eu era o soberano dos trácios a irmã deles,
Cleópatra, eu conduzi como esposa a meu palácio com presentes."
Falou o Agenorida. Uma profunda solicitude tomou cada um
240
dos heróis, sobretudo os dois filhos de Bóreas.
Após enxugar as lágrimas os dois se aproximaram e Zeta
assim disse, tomando em sua mão a mão de um velho agastado:
"Ah, infeliz, afirmo que nenhum outro homem
é mais miserável que tu. Por que tais pesares estão ligados a ti?
245
Será que, por uma funesta imprudência, ofendeste os deuses
ao revelar as profecias? Por isso se irritaram tanto contigo?
Nossa mente por dentro se turva, se, de fato,
ao virmos, o nume ofereceu inteiramente a nós dois esta honra
de ajudá-lo. Pois são claras as censuras dos imortais
250
aos que vivem sobre a terra. Não combateremos as Harpias
quando vierem, mesmo se muito desejarmos, antes que tenhas jurado
por causa disso não estarmos longe da vontade dos deuses."
Assim falou. O velho se levantou até onde ele estava,
abrindo as pupilas vazias, e o reprochou com tais palavras:
255

“Cala-te filho, por mim, não lances tais coisas na mente.
Juro pelo filho de Leto, que, benévolo, ensinou-me
a arte divinatória. Pela Cere de nome odioso que me obteve,
por esta nuvem cega sobre os olhos e pelos numes
subterrâneos – não me sejam benignos nem mesmo após a morte –
260
que não haverá nenhuma cólera vinda dos deuses por causa do auxílio.”
Os dois, em seguida ao juramento, desejavam protegê-lo.
Prontamente os mais jovens prepararam um banquete para o velho,
último repasto das Harpias. Ambos estavam
próximos para, com espadas, se lançarem contra elas ao se agitarem.
265
Tão logo o velho tocou o alimento,
de repente, como acres tempestades ou relâmpagos,
elas se lançaram com grunhidos, saltando das nuvens
de imprevisto e ansiando pela comida. Quando os heróis
viram-nas no meio gritaram, mas elas, após devorarem
270
tudo com barulho,voaram sobre o mar
para bem distante e lá deixaram um odor insuportável.
Os dois filhos de Bóreas corriam em condições semelhantes
atrás delas retendo os alfanjes, pois Zeus
enviou-lhes um vigor infatigável. Mas os dois não perseguiriam
275
sem Zeus, já que sempre elas irrompiam como tempestades
de Zéfiro, quando iam até Fineu e de Fineu.
Como quando nas montanhas hábeis cães de caça,
ao seguir os passos de cabras com chifres ou cabritas,
correm e ao avançarem bem próximos
280
entrechocam em vão os dentes nas mandíbulas superiores,
assim Zeta e Calais, ao irromperem para bem perto,
inutilmente as tocavam com as pontas dos dedos.
E certamente as dilacerariam, a despeito dos deuses,

após as alcançarem, muito ao longe, sobre as ilhas Plotas,
285
se a rápida Íris não visse, se impelisse do céu
através do ar e os contivesse exortando tais coisas:
“Não é permitido, ó filhos de Bóreas, com espadas golpear
as Harpias, cadelas do grande Zeus. Mas eu própria
jurarei a vós que elas, ao retornar, não mais tocarão em Fineu.”
290
Tendo assim falado, jurou pela água do Estige, a todos
os deuses o mais terrível e o mais respeitável,
que elas não mais se aproximariam outra vez da residência
de Fineu Agenorida, já que isto estava estabelecido pelo lote.
Ao recuarem, por causa do juramento, eles se viraram para retornar
295
rápido à nau. Por causa disso os homens mudaram o nome
para Ilhas da Virada, chamando-as antes de Plotas.
As Harpias e Íris se separaram. Elas mergulharam
em uma caverna da Creta de Minos, ela subiu
ao Olimpo, através do ar, com ágeis asas.
300
Enquanto isso os bravos, após purificarem completamente a pele
imunda do velho, sacrificaram ovelhas selecionadas
trazidas do saque de Amico.
Mas depois de porem uma grande refeição na residência,
banquetearam sentados. Com eles Fineu se banqueteava
305
avidamente, como regozijando o ânimo em sonhos.
Então depois de se saciarem da refeição e da bebida,
permaneceram por toda a noite esperando os filhos de Bóreas.
O próprio velho se sentou no meio deles, próximo à fogueira,
dizendo sobre os limites da navegação e o cumprimento da rota:
310
“Ouvi agora. Não vos é permitido se informar sobre tudo
com exatidão, mas o que for agradável aos deuses não esconderei.

Arruinei-me outrora ao revelar, por imprudência, o desígnio
de Zeus em ordem e até o fim. Por isso ele
quer desvelar aos homens profecias insuficientes
315
da arte divinatória, para que ainda precisem do desígnio dos deuses.
Após vos distanciardes de mim, vereis, antes de tudo,
as duas Pedras Cianéias, no estreito do mar.
Afirmo que ninguém conseguiu passar através delas.
Pois não se sustentam com raízes profundas,
320
mas com freqüência se aproximam uma contra a outra,
juntando-se, e sobre elas muita água do mar se acumula
ao se agitar e nas redondezas a áspera costa brame agudamente.
Por isso obedecei aos nossos conselhos,
se verdadeiramente vos preocupando com o consistente desígnio dos afortunados
325
atravessai, e não segui irrefletidamente um destino voluntário
para serem mortos, guiados pela juventude.
Recomendo-vos que testai antes com uma pomba,
um presságio, deixando-a sair da nau. Se através das mesmas
pedras ela escapar, por suas asas, salva em direção ao Ponto,
330
por mais tempo não vos afasteis da rota,
mas segurando bem os remos em vossas mãos,
cortai o estreito do mar, já que vossa vida nem tanto
jaz nas preces quanto na força dos braços.
Por isso, deixando as outras coisas de lado, de modo proveitoso trabalhai
335
corajosamente. Mas não vos impeço de antes rogarem aos deuses.
Mas se, voando reto por entre as pedras, ela morrer,
retornai, já que é muito melhor recuar
aos imortais. Pois não escaparíeis do lote funesto
pelas pedras, nem se Argo fosse de ferro.
340

Ó infelizes, não ouseis ir alheios às minhas profecias,
mesmo se pensais que sou três vezes mais odiado
pelos Uranidas do que, de fato, eu sou, ou se mais.
Não ouseis ainda atravessar com a nau alheios ao presságio.
E assim será como essas coisas devem acontecer. Se fugirdes
345
do entrechoque das pedras entrando salvos no Ponto,
logo, tendo a terra dos bitinos à direita,
navegai vigiando as ondas frangíveis até, contornando
o rio Rebas de curso veloz e o cume Negro,
chegardes ao ancoradouro da ilha Tínia.
350
Não muito longe de lá, através do mar, abordai
na terra oposta dos mariandinos ao retornar,
onde há uma rota que desce ao Hades.
Estende-se acima a alta falésia Aquerúsia
e o turbilhonante Aqueronte, cortando o mesmo
355
cume, lança suas águas de um grande precipício.
Perto dele passai ao longo das muitas colinas
dos paflagônios, sobre os quais primeiramente Pelops
Eneléio reinou e se gabam de descender de seu sangue.
Há um cume diante da Ursa Maior
360
de todos os lados escarpado, e o chamam Carambis,
sobre ele as tempestades de Bóreas se dividem em duas
e assim ele atinge o éter, voltando-se sobre o mar aberto.
Ao contornar o cume, estende-se o Grande
Egialo. Ao extremo do Grande Egialo,
365
após uma falésia, o curso do rio Hális
terrivelmente brame. Próximo dele o Íris, menor,
corre paralelo e volteia até o mar com brancos turbilhões.
De lá, adiante, o grande e proeminente cotovelo

avança da terra. Depois a boca do Termodonte,
370
em um tranqüilo golfo sob o alto Temiscírio,
verte suas águas, após percorrer um vasto continente.
Lá fica a planície de Doiante e, perto, as três
cidades das amazonas. Depois estão os mais miseráveis dos homens,
os trabalhadores calibos, que têm uma terra áspera
375
e dura e se ocupam dos trabalhos do ferro.
Perto moram os tibarenos ricos em rebanhos,
sobre o cume Geneteu de Zeus Hospitaleiro.
Após eles os limítrofes mossinecos ocupam
uma planície coberta de florestas e os pés das montanhas,
380
tendo construído nas torres de pranchas habitações
de madeiras e torres bem ajustadas, as quais chamam
‘mossines’, de onde lhes vem o próprio nome.
Ao passar ao longo deles abordai numa ilha lisa,
após expulsar por variada astúcia os pássaros
muito impudentes que, a saber, infinitos, perseguem
a erma ilha. Aí um templo de pedra
385
a Ares as rainhas das amazonas, Otreta
e Antíope, fizeram, quando acampavam.
De onde vos virá um benefício do amargo mar,
mas não posso dizê-lo. E, por ser caro a vós, digo para lá
pararem. Mas porque necessidade eu novamente cometo uma falta,
390
revelando minuciosamente, pela arte divinatória, cada coisa.
Longe da ilha e da planície, na outra margem,
os filires vivem. Além dos filires estão
os macrones e depois deles estão, por sua vez, a imensa tribo dos bequires.
Em seguida os sapires moram após eles
395

e os bizines vizinhos após estes, longe dos quais
os próprios colcos belicosos se mantêm. Mas atravessai
na nau até chegardes à parte mais afastada no mar.
Onde, da planície Cita, vindo de longe das montanhas
Amarantes e da região de Circe,
400
o Fásis turbilhonante lança seu vasto curso no mar.
Impelindo a nau para a embocadura daquele rio,
observareis as torres de Eeta citeu
e o sombrio bosque de Ares, onde um dragão,
monstro terrível de se ver, é encarregado de vigiar ao redor
405
o tosão, aberto sobre o alto de um carvalho. Nem ao dia,
nem à noite o doce sono lhe doma os dois olhos impudentes."
Assim falou. Logo um temor tomou os ouvintes
e durante um instante se mantiveram em mudez. Depois o herói
filho de Esão disse, em embaraço pelo infortúnio:
410
"Ó velho, já expuseste os limites das tarefas
desta navegação e o sinal segundo o qual, obedecendo, avançaremos
ao Ponto através das terríveis pedras. Mas se,
após escapar delas, haverá a nós mais tarde o retorno
à Hélade, isso alegremente eu gostaria de saber de ti.
415
Como devo agir, como novamente irei por tal rota do mar,
sendo ignorante e com companheiros ignorantes ? – Ea colca
situa-se nos extremos do mar e da terra –"
Assim falou. O velho lhe disse em resposta:
"Ó filho, quando primeiro escapares destas funestas pedras,
420
confia. Já que um nume os guiará de Ea por outro
trajeto e para Ea sereis conduzidos em excesso.
Mas caros, considerai o auxílio doloso da deusa
Cípris, pois nela jaz os gloriosos limites das tarefas.

E não me pergunteis nada além destas coisas.”
425
Assim falou o Agenorida. Próximo dele os dois filhos
do trácio Bóreas, irrompendo do céu,
puseram os lépidos pés no limiar. Os heróis
levantaram-se dos assentos quando viram os presentes.
Zeta, ainda exalando um sopro infinito pela fadiga,
430
Disse aos que assim desejavam quão longe
perseguiram-nas, como Íris os impediu de dilacerá-las,
os juramentos que a deusa benevolente concedeu e como, por imenso
temor, penetraram na gruta do pico Dicteu.
Em seguida todos os companheiros na casa se alegraram
435
com a notícia, inclusive o próprio Fineu. Logo o Esonida,
de modo bastante prudente, disse-lhe:
“Certamente foi um deus, Fineu, que se preocupou
com tua triste ruína e nos trouxe de longe
para cá, para que os filhos de Bóreas te defendessem.
440
Se também lhe concedesse luz aos olhos, penso que certamente
alegrar-me-ia como se eu retornasse para casa.”
Assim falou, mas ele melancólico lhe disse:
“Esonida, isto é irreparável e não há nenhum
remédio, pois minha visão vazia foi lentamente consumida.
445
Ao invés disso o deus me dispôs logo a morte,
e quando estiver morto estarei envolto em todo brilho.”
Assim conversavam com reciprocidade entre si.
Pouco depois, enquanto discorriam, surgiu
a Erigênia e os homens habitantes das redondezas se reuniram
450
ao seu redor, os quais costumavam antes ir até lá durante o dia,
sempre juntos, levando uma parte de seu alimento.

O velho vaticinava a todos com cuidado, mesmo se
viesse enfraquecido, e libertou muitos dos pesares
pela arte divinatória. Por isso ao irem até lá o nutriam.
455
Com eles veio Parébio, o qual lhe era
o mais caro, e alegre os percebeu na casa.
Pois antes ele próprio narrou que uma expedição de bravos
homens, avançando da Hélade em direção à cidade de Eeta,
prenderia as amarras na terra tínia
460
e eles, por ordem de Zeus, lhe poriam um fim às incursões das Harpias.
Após satisfazê-los com palavras consistentes,
o velho os enviou de volta e exortou somente Parébio
a ficar lá com os bravos homens. Prontamente
apressando o enviou para lhe trazer a melhor
465
de suas ovelhas. Após ele sair da residência,
Fineu docemente proclamou aos remadores reunidos:
“Ó caros, não são todos os homens soberbos,
nem se esquecem de boas ações. Assim também é o homem
que veio até aqui para conhecer o seu lote.
470
Pois quanto mais trabalhava e mais se fatigava,
então a premente necessidade de víveres extremamente
consumia-o e dia após dia ficava pior.
Não lhe havia fôlego sofrendo,
mas ele pagava o funesto castigo da falta
475
de seu pai. Pois ele, cortando sozinho árvores nas montanhas,
negligenciou as súplicas de uma ninfa Hamadríada,
a qual, lamentando-se, com firmes palavras o apaziguava
a não cortar o cepo de carvalho de mesma idade, sobre o qual
passara continuamente sua longa existência. Mas ele
480

insanamente o fendeu em virtude do orgulho da juventude.
Por isso a ninfa concedeu no porvir uma sorte nociva
a ele e a seus filhos. Eu, quando cheguei,
soube da falta. Então ordenei que ele construísse um altar
à ninfa Tiníada e realizasse sacrifícios expiatórios
485
sobre ele, pedindo para escapar do destino paterno.
Desde quando fugiu do infortúnio lançado pelo deus, não mais
esqueceu ou me negligenciou. Com dificuldade o envio não querendo,
porta afora, já que deseja prestar auxílio a mim em condição deplorável."
Assim falou o Agenorida. Muito próximo vinha Parébio,
490
guiando do rebanho as duas ovelhas. Jasão e os filhos
de Bóreas ficaram de pé por ordem do velho,
e rapidamente invocando Apolo Oracular
sacrificaram sobre o fogo do altar, quando o dia há pouco terminara.
Os mais jovens dos companheiros preparavam um banquete agradável.
495
Então, após bem se banquetearem, dormiram reunidos, uns próximos
às amarras da nau e outros na casa de Fineu.
De manhã surgiram os ventos etesianos, que sopram,
de modo igual, em toda a terra, por auxílio de Zeus.
Conta-se que Cirene, entre os homens de outrora, apascentava
500
carneiros próximo ao pântano de Peneio, pois lhe agradava
a virgindade e o leito intacto. Mas Apolo,
carregando-a enquanto ela apascentava perto do rio,
longe de Hemonia confiou-a às ninfas da região,
habitantes da Líbia, próximo ao cume do Mirto.
505
De onde nasceu, a Febo, Aristeu, que os hemoneus,
ricos em trigo, chamam Agreu e Nômio.
O deus, por amor, fez dela uma ninfa
caçadora e longeva e levou seu pueril

filho para ser instruído na gruta de Quirão.
510
As deusas Musas pretendiam o casamento com ele,
após ter crescido. Ensinaram-lhe a cura e as profecias
e fizeram dele guardião de seus carneiros, apascentados
pela planície atamantiana da Ftia, ao redor do Otris
escarpado e do curso sagrado do rio Apidano.
515
Quando do céu o Sírio abrasava as ilhas
de Minos e não havia remédio aos moradores, durante um bom tempo,
então chamaram-no, por ordens do Longicerteiro,
de defensor contra a peste. Por prescrição do pai ele abandonou
a Ftia e se estabeleceu em Céos, reunindo
520
o povo parrásio, da descendência de Licaão.
E fez um altar ao grande Zeus Icmeu,
e bem realizou oferendas sacrificiais nas montanhas àquele astro
Sírio e ao próprio Zeus Cronida. Por causa disso
os ventos etesianos vindos de Zeus refrescam a terra
525
durante quarenta dias e os sacerdotes em Céos, ainda hoje,
antes do Cão se erguer, realizam sacrifícios.
E assim estas coisas são cantadas. Os bravos lá mesmo
ficaram retidos e todo o povo tínio, alegre
por Fineu, lhes enviou infinitos dons de hospitalidade.
530
Depois de construírem lá aos doze afortunados
um altar na costa oposta do mar e depositarem oferendas sacrificiais,
embarcaram na nau veloz para remarem. E não se esqueceram
de levar com eles uma assustada pomba, mas Eufemo
portava-a encolhida de pavor, segurando-a com
535
sua mão. Soltaram as duplas amarras da terra.
E sua partida não passou despercebida a Atena.

Logo, impetuosamente, ao atingir com os pés uma nuvem
leve que ela portaria mesmo sendo robusta,
impeliu-se em direção ao Ponto, benévola com os remadores.
540
Como quando alguém erra para longe da pátria – os homens
vagamos suportando muitas coisas e nenhuma terra
é distante, mas todas as rotas são visíveis –,
percebe sua própria casa e ao mesmo tempo a rota
úmida e a sólida lhe aparece; ora uma ora outra,
545
agitado em pensamentos, segue com os olhos.
Assim prontamente a filha de Zeus irrompendo
pôs os pés na inospitaleira costa tínia.
Quando eles chegaram ao estreito da passagem tortuosa,
cercada de ambos os lados por rochedos ásperos,
550
um curso turbilhonante abaixo banhou a nau
enquanto avança e, com medo, estavam muito adiante.
O barulho das pedras que se entrechocam já lhes surgia
ininterruptamente aos ouvidos e as costas molhadas pelo mar fremiam.
Então Eumeu se ergueu, segurando a pomba com a mão,
555
para ir até a proa, enquanto os outros, por ordem
de Tífis Hagníada, continuaram remando
de bom grado para, em seguida, se lançarem através das pedras,
confiantes em sua força. Neste instante, após contornarem o ângulo
extremo, viram as pedras abertas
560
e o ânimo deles verteu-se. Eufemo lançou
a pomba para que ela se lançasse com as asas e, ao mesmo tempo,
todos levantaram as cabeças observando. Ela voou através
das pedras. As partes opostas, ao mesmo tempo,
ao irem de novo, ambas, ao mesmo lugar, bateram entre si com estrondo.
565

Muita água borbulhante se ergueu, como uma nuvem. O mar
bradou assutadoramente. E todo o grande éter bramiu ao redor.
Côncavas grutas sob os rochedos ásperos
ressoavam quando o mar as banhava por dentro e do alto da falésia
a espuma branca da onda borbotoante jorrava.
570
Em seguida a correnteza gira ao redor da nau. As pedras
cortam as últimas plumas da cauda da pomba, mas ela avança
sã e salva e os remadores gritam alto. O próprio Tífis
vociferou para remarem fortemente, pois novamente elas se abriam
em duas partes. Um tremor os mantinha ao se impelirem, enquanto o fluxo,
575
retornando novamente em sentido contrário, precipitou a nau
em direção às pedras. Então o mais terrível pavor tomou
todos, pois a destruição sobre suas cabeças era irremediável.
Já aqui e ali o vasto mar se mostrava ao redor
e de imprevisto uma grande onda surgiu diante deles,
580
recurvada, semelhante a um cume talhado. Quando a notaram
inclinaram-se com os rostos abaixados, pois ela parecia
lançar-se sobre toda a nau para cobri-la,
mas Tífis a fez avançar após aliviá-la do peso
das remadas. Muita água se precipitava sob a carena,
585
pela popa ela puxou a própria nau para longe
das pedras e a portava na superfície, levada pelas vagas.
Eufemo, indo a todos os companheiros, bradava
para se empenharem aos remos com todo vigor. Eles golpearam
a água com um berro. Quanto a nau cedia com os remos,
590
duas vezes ela se lançava para trás, e eles dobravam
como arcos recurvados, enquanto os heróis faziam força.
Em seguida, então, uma onda inclinada se precipitou
e logo a nau corria sobre a onda impetuosa do côncavo mar

como sobre um cilindro, sendo levada violentamente. No meio
595
das Plégades o turbilhonante curso a retinha. Ao se agitarem,
de cada lado elas ressoavam e as pranchas navais estavam entravadas.
E então Atena deteve a pedra com a robusta
mão esquerda e com a direita empurrou a nau para passar.
Ela se precipitou pelo ar semelhante a uma flecha alada,
600
todavia as pedras opostas ceifaram os altos ornamentos
do aplustre quando ininterruptamente se chocavam. Atena
lançou-se para o Olimpo, quando eles escaparam seguros.
As pedras em um só lugar, perto entre si,
ininterruptamente se fixaram. Isso fora estabelecido pelo lote
605
dos afortunados, quando alguém, após vê-las, com a nau atravessasse.
Os heróis respiravam depois do recente medo aterrador,
fitando, ao mesmo tempo, o ar e o pélago
expandindo ao longe. Pois disseram ter sido salvos
do Hades. Tífis, primeiro, começou com as palavras:
610
“Creio que nós firmemente escapamos graças
à nau. Nenhum outro é tão responsável quanto Atena,
que soprou um vigor divino quando
ajustou-a com cavilhas e não é permitido destruí-la.
Esonida, quando o deus nos concedeu fugir
615
através das pedras, não mais tanto temas a ordem
do teu rei, já que Fineu Agenorida falou
que as próximas tarefas seriam fáceis de serem cumpridas.”
Afirmou e ao mesmo tempo conduziu a nau adiante ao longo da terra
bitínia através do meio do pélago. Mas ele,
620
com doces palavras, disse-lhe em resposta:
“Tífis, por que me consolas, aflito, com este discurso?

Errei e cometi uma falta funesta e irremediável.
Pois seria necessário, em oposição ao envio de Pélias,
logo recusar essa expedição, mesmo se estivéssemos prestes
625
a impiedosamente morrer esquartejados, pedaço por pedaço.
Agora me abatem um temor considerável e preocupações
insuportáveis, odiando navegar rotas gélidas
do mar com a nau e odiando quando desembarcamos
em terra firme, pois por todos os lados os homens são hostis.
630
Sempre, dia após dia, velo durante a noite gemente,
desde quando vos reunistes primeiramente por minha causa,
refletindo cada coisa. Tu facilmente proferes isso,
somente te inquietando com tua vida. Mas eu
não me assusto nem um pouco por mim, mas por este
635
e por aquele temo, igualmente por ti e pelos outros companheiros,
se não vos trarei seguros para a Hélade."
Assim falou, testando os bravos. Eles rumorejaram
com palavras confiantes. Alegrando-se em suas entranhas
com a exortação deles, novamente disse de modo claro:
640
"Ó caros, aumento minha confiança sobre vossa virtude.
Por isso, agora, nem mesmo se vos levasse pelo abismo
do Hades, eu sentiria pavor, já que sois
firmes em terríveis temores. Mas desde que atravessamos
as Pedras Plégades, penso que não haverá,
645
no porvir, outro medo semelhante, se verdadeiramente
vamos seguindo a prudência de Fineu."
Assim falou. E, em seguida, cessaram tais palavras
e mantiveram, com as remadas, o duro trabalho. Prontamente eles
foram ao longo do rio Reba de curso veloz,
650

do rochedo de Colone e, não muito tempo depois, do Cabo Negro,
depois da embocadura filida. Lá, outrora,
Dipsaco recebeu o filho de Atamante em sua casa,
quando fugia da cidade de Orcomeno com o carneiro.
Uma ninfa do prado o pariu. O excesso
655
não lhe agradava, mas voluntariamente vivia com a mãe,
próximo às águas de seu pai, apascentando rebanhos costeiros.
Enquanto observavam, passaram ao longo de sua tumba,
das vastas margens do rio e da planície,
e do Calpe de profundo curso. Depois do dia, com a noite
660
igualmente sem ventos, moviam-se com os infatigáveis pinheiros.
Como, fendendo o campo úmido,
os bois laboriosos se fatigam e, ao redor, um suor infinito
escorre de seus flancos e do pescoço, seus olhos
oblíquos, sob o jugo, são desviados, mas um sopro
665
seco brame, com força, de suas bocas. Durante todo o dia
os dois, apoiando os cascos na terra, trabalham –
Semelhantes a eles os heróis puxavam os remos do mar.
Quando não há nem a luz imortal, nem mesmo
completa escuridão, mas um débil brilho se expande
670
pela noite – quando despertam chamam-na alvorada –,
então, entrando no porto da deserta ilha
tínia, desembarcavam em terra com sofrível fadiga.
O filho de Leto, vindo da Lícia,
ao longe, até o imenso povoado dos hiperboreus,
675
apareceu-lhes. De cada lado das faces áureas
caracóis em forma de cachos se agitavam enquanto ele vinha.
Na mão esquerda manejava o arco argênteo, nas costas,
sobre os ombros, estendia o carcás. Sob seus pés

a ilha inteira estremecia e as ondas inundavam a terra firme.
680
Uma surpresa impotente os tomou quando o viram, ninguém ousava
fitar os belos olhos do deus,
mas ficaram de pé após baixarem a cabeça ao solo. Mas ele
se distanciara para o mar, através do ar. Bem depois
Orfeu falou tais palavras, explicando aos bravos:
685
“Vamos, chamemos esta ilha sagrada
de Apolo Matinal, já que, chegando durante a manhã,
ele apareceu a todos. Sacrifiquemos o que nos é disponível,
após erguermos um altar costeiro. Se nos conceder
um retorno são e salvo, no porvir, à Hemônia,
690
então lhe depositaremos coxas de cabras com cornos.
Ainda assim, agora exorto a o apaziguarem com fumaça
e libações. Torna-te propício, soberano, torna-te propício ao ter aparecido.”
Assim falou. E alguns construíram um altar
com seixos, enquanto outros davam voltas pela ilha, procurando
695
observar as corças ou as cabras
selvagens que, muitas, pastam na densa floresta.
O Letida lhes forneceu caça. Segundo o rito,
queimaram, de modo puro, duas coxas sobre o altar
sagrado, gloriando Apolo Matinal.
700
Em torno das oferendas ardentes formaram um vasto coro,
celebrando o belo Hiepaion Hiepaion
Febo, e com eles o nobre filho de Eagro
começou, com a forminge bistônia, um melodioso canto.
Como outrora, sob o dorso rochoso do Parnaso,
705
matou com flechas o monstruoso Delfine,
sendo ainda um jovem despido, alegrando-se com seus cachos.

(Perdoa-me. Nunca, soberano, tua cabeleira será cortada,
nunca danificada, pois assim é a lei e somente a própria
Leto Coiogênia a acaricia com amáveis mãos).
710
Muitas vezes as ninfas corícias, filhas de Plisto,
encorajavam-no com palavras gritando “iê, iê”.
De onde surgiu esse belo refrão a Febo.
Mas quando o celebraram com canto e dança,
com libações puras juraram sempre socorrer
715
uns aos outros em concordância de pensamento,
enquanto tocavam as oferendas. E ainda hoje há
o templo da Concórdia benévola que eles fizeram
em honra do muito ilustre nume.
Quando a luz solar veio pela terceira vez, então
720
deixaram a ilha escarpada com Zéfiro de forte sopro.
De lá, do lado oposto, enquanto observavam, passavam ao longo
da boca do rio Sangario e da terra fecunda
dos mariandinos, do curso do Lico
e do lago Antemoiside. As escotas e todos
725
os cabos navais eram agitados pelo sopro enquanto seguiam.
Na aurora, após o vento repousar durante o crepúsculo,
alegremente chegaram ao ancoradouro do promontório Aqueruside.
O promontório se ergue com precipícios escarpados,
observando o mar da Bitínia. As pedras polidas
730
molhadas pelo mar estão enraizadas sob ele e em torno delas
a onda ao redor brame fortemente. Mas acima
nasciam vastos plátanos sobre o cimo.
Do promontório um côncavo vale se estende abaixo,
para dentro da planície, onde há a caverna de Hades
735

coberta por florestas e pedras, e de lá um sopro
glacial, exalado da profundeza aterradora,
continuamente condensa, nas redondezas, uma brilhante geada
não derretida quando o sol está no meio de seu curso.
O silêncio jamais se mantém neste assustador promontório,
740
mas, ao mesmo tempo, geme por meio do mar sonoro
e das folhas agitadas pelos ventos profundos.
Lá está a embocadura do rio Aqueronte,
que atravessa o promontório para se lançar ao mar
oriental, e um côncavo precipício o faz descer do alto.
745
Os niseus megarenses, entre os descendentes, chamaram-no
Salva-marinheiros, quando estavam prestes a morar
na terra dos mariandinos. Pois os salvou
em suas próprias naus, ao se aproximarem numa funesta tempestade.
Lá então eles, através do promontório Aqueruside,
750
abordaram a nau, após o vento ter cessado.
Não passaram despercebidos por muito tempo a Lico, chefe
daquela terra, e aos mariandinos os homens que haviam ancorado,
matadores de Amico, segundo o rumor que antes ouviram.
Mas também estabeleceram laços com eles por isso
755
e acolheram o próprio Polideuces como um deus,
vindos de todos os lugares. Já que eles, há um bom tempo,
guerreavam contra os arrogantes bébrices.
E com ímpeto, naquele dia, em amizade, ao irem
ao interior da residência de Lico, na cidadela,
760
ocuparam-se do banquete e agradaram o ânimo com palavras.
O Esonida lhe narrava a estirpe e o nome
de cada um de seus companheiros e as ordens de Pélias;
como receberam hospitalidade das mulheres lemnienses

e o que realizaram a Cízico na terra dolíone.
765
Como chegaram à Mísia e a Cio, onde abandonaram o herói
Héracles contra a vontade deles e expôs o vaticínio
de Glauco; e como dilaceraram os bébrices e Amico.
E falou das profecias e do infortúnio de Fineu;
como fugiram das Pedras Cianéias e como encontraram
770
o Letida numa ilha. Enquanto ele contava os fatos,
Lico se encantava em seu ânimo ao ouvi-los, mas uma aflição por Héracles
abandonado tomou-o e disse a todos tais palavras:
“Ó caros, perdendo o auxílio de qual homem
empreendeis tal trajeto a Eeta. Pois eu bem
775
conheço-o, observando-o aqui na residência de meu pai
Dáscilo, quando veio para cá, através do continente
asiático, a pé, trazendo o cinturão de Hipólita,
amante de guerras. Encontrou-me com as faces recém cobertas pela barba.
Aqui lutando nos jogos fúnebres do meu irmão Priolas,
780
morto pelos mísios, lamuriado
desde então pelo povo com queixosos lamentos,
Héracles venceu no pugilato o potente Títia,
que se distinguia entre todos os jovens
em aspecto e força, e lhe empurrou os dentes ao chão.
785
Além dos mísios, ele subjugou a meu pai
os migdones que moram em nossos vizinhos campos sulcados
e conquistou, na mesma terra, a raça dos bitínios
até as embocaduras do Reba e o rochedo de Colone.
Deste modo, após eles, os paflagônios pelópios cederam,
790
circundados pela negra água do Bileu.
Mas os bébrices e a arrogância de Amico

separaram-me de Héracles, que vive ao longe,
enquanto me despojavam de abundante terra, para demarcarem
as fronteiras sobre o charco do Hípio de profundo curso.
795
No entanto por vós foram punidos. E afirmo
não ter sido a despeito dos deuses que eu próprio, neste dia, impeli a guerra,
Tindarida, contra os bébrices, quando mataste aquele homem.
Por isso, qual graça me seja possível pagar,
pagarei voluntariamente. Pois é a lei aos homens
800
fracos, quando outros mais fortes são os primeiros a prestar auxílio.
Em comum a todos, exortarei Dáscilo, meu filho, a seguir
convosco a expedição – se ele for
certamente encontrareis de parte a parte homens
hospitaleiros até a boca do próprio Termodonte.
805
Aos Tindaridas, no alto do cabo Aqueruside,
construirei um templo escarpado que, de muito longe, todos
os marinheiros pelo pélago, ao verem, os honrarão com preces,
e em seguida, ante a cidade, como aos deuses,
dedicar-lhes-ei opulentos campos da planície boa para laborar."
810
Assim, então, durante todo o dia se divertiam no banquete.
De manhã desceram apressados até a nau
e o propício Lico vinha com eles, concedendo-lhes trazer
inúmeros presentes. Junto enviou do palácio seu filho para partir.
Lá o lote destinado lançou-se sobre o Abantíada
815
Idmão, excelente na arte divinatória, mas não o salvou
a arte divinatória, já que a necessidade o levou a perecer.
Pois jazia no charco do rio repleto de juncos,
refrescando os flancos e o enorme ventre na lama,
um javali de dentes brancos, funesto monstro que mesmo as próprias
820

ninfas do pântano temem. Nenhum homem
conhecia-o, mas sozinho ele se alimentava pelo largo palude.
Mas o Abantíada vinha por uma elevação
da planície lodosa e, repentinamente de algum lugar,
saltando muito alto para fora dos juncos, a fera se lançou sobre
825
sua coxa com ímpeto e lhe cortou ao meio os nervos com o osso.
Ao gritar agudamente ele caiu no chão. Berraram em resposta juntos,
enquanto Idmão clamava. Prontamente Peleu
tentou ferir com um dardo o javali funesto que se movimentava em fuga
para o brejo. Retornando à sua frente o animal irrompeu, mas Idas
830
feriu-o e, ao rugir, ele caiu com a lança veloz.
E o deixaram lá mesmo caído na terra.
Os companheiros, aflitos, levaram Idmão com a vida em risco
até a nau. Morreu nas mãos de seus companheiros.
Contiveram-se, então, de se ocupar da navegação
835
e lá ficaram sofrendo pelo funeral do cadáver
durante três dias inteiros de lamentos. No dia seguinte
cumpriram-lhe com grandeza os últimos deveres e o povo lhe prestou
honras fúnebres junto do próprio rei Lico. Cortaram a garganta de inúmeras
ovelhas ao lado da sepultura, segundo o costume aos finados.
840
O sepulcro de Idmão foi erguido naquele solo
e é possível ver o túmulo mesmo aos que estão por vir,
uma tora naval de oliveira – florescente em folhas –
um pouco ao interior do cabo Aqueruside. Se há necessidade
de eu cantar despreocupadamente, pelas Musas,
845
Febo disse aos beócios e aos niseus para tornarem propício
este homem com alcunha de protetor da cidade
e em torno daquela tora de antiga oliveira
fundar a vila, mas no lugar do Eólida temente aos deuses

Idmão, ainda hoje honram Agamestor.
850
Qual foi o outro que morreu (já que novamente os heróis
ergueram o sepulcro de um companheiro defunto,
pois os dois túmulos destes homens podem ainda ser vistos) ?
É dito que o Hagníada Tífis morreu. Não era
seu lote navegar para ainda mais longe, mas uma curta
855
doença o fez repousar lá, longe da pátria,
justamente quando a tropa cumpria os últimos deveres ao cadáver do Abantíada.
Uma dor insuportável os tomou após funesto pesar.
Quando logo lhe cumpriram os últimos deveres, durante longo tempo
caídos lá mesmo diante do mar, em impotência,
860
calmamente envolvidos em mantos, não se ocupavam da comida
nem da bebida. Mergulharam em aflições
o ânimo, já que o retorno ficara muito distante da esperança.
E, entristecidos, ficariam retidos por ainda mais tempo
se Hera não lançasse uma coragem excessiva
865
em Anceu, que, próximo às águas imbrásias, Astipália
pariu a Posêidon, pois superiormente brilhava
em guiar. Impelindo-se até Peleu disse:
“Eácida, como é belo durante longo tempo negligenciarmos,
em terra estrangeira, as tarefas? Não é tanto
870
por ser hábil na guerra que Jasão me conduz ao tosão,
longe da Partênia, mas por ser instruído em naus.
Por isso, que não haja nem um pouco de temor por causa da nau.
Como também há aqui outros homens capazes,
qual deles embarcarmos na popa não comprometerá
875
a navegação. Mas rapidamente, ao exortá-los estas coisas, incita
todos corajosamente a se lembrarem da tarefa.”

Assim falou. O ânimo dele expandiu em alegria.
Não muito tempo depois proferiu no meio dos homens:
“Infortunados, por que retemos assim um inútil luto?
880
De algum modo os companheiros pereceram pelo destino que lhes cabia.
Há em nossa tripulação também muitos
comandantes, por isso não retardemos a tentativa.
Mas vos erguei ao trabalho após repelir os sofrimentos.”
O filho de Esão, por sua vez, disse-lhe embaraçado:
885
“Eácida, onde estão esses comandantes?
Os que antes se gabavam de serem capazes
estão mais confusos e entristecidos que eu.
Por isso também prevejo uma vil ruína junto aos defuntos,
se não nos for possível alcançar a cidade do funesto
890
Eeta e retornar à terra da Hélade
através das pedras. Aqui mesmo uma vil sorte
ingloriosamente nos esconderá, enquanto envelhecemos inutilmente.”
Assim falou. Anceu impetuosamente prometeu
conduzir a ágil nau, pois se voltou por impulso de um deus.
895
Depois dele Ergino, Náuplio e Eufemo
impeliram-se, desejosos por guiar. Mas se retiveram,
pois muitos dos companheiros aprovaram Anceu.
Então no décimo segundo dia, durante a manhã,
embarcaram, já que a grande ventania de Zéfiro lhes soprava.
900
Prontamente atravessaram o Aqueronte com remos,
içaram as velas, confiantes no vento, e para bem longe,
ao desdobrarem os velames, singraram tranqüilos o oceano.
Rapidamente passaram pelas embocaduras do rio
Calícoro, onde contam que o filho niseu de Zeus,
905

quando abandonou a raça dos indianos e percorreu Tebas,
iniciou orgias e estabeleceu os coros diante da gruta
onde ele se alojou durante noites sagradas e sem sorrisos.
Daí os moradores das redondezas chamarem pelo nome
o rio de Calícoro e a gruta de Aulio.
910
Em seguida observaram a sepultura de Esténelo Actorida
que retornando da muito corajosa guerra
das amazonas (pois foi junto de Héracles),
atingido por um dardo, morreu sobre a costa próxima ao mar.
Não navegaram para mais adiante, pois a própria
915
Perséfone enviou a alma muito lacrimosa do Actorida
que suplicava ver, mesmo por pouco tempo, homens de semelhante caráter.
Ao se por sobre a coroa do sepulcro, espiou a nau
tal como estava ao partir para a guerra, e ao redor o belo
elmo de quatro cimeiras com penacho púrpura brilhava.
920
E quando ele mergulhou novamente nas negras trevas, eles, ao observarem,
surpreenderam-se. Mopso Ampicida, pressagiando,
exortou-os a abordar e apaziguá-lo com libações.
Eles impetuosamente retiraram a vela e após lançarem
as amarras na costa cuidaram da sepultura de Esténelo,
925
vertendo-lhe libações, e queimaram vítimas de ovelhas.
Além das libações, tendo erguido um altar
a Apolo protetor das naus, abrasaram coxas. E Orfeu
ofertou a lira. Por isso Lira tornou-se o nome desse lugar.
Em seguida, já que o vento os impelia, embarcaram
930
na nau e, após puxarem a vela, estenderam-na
até ambas as escotas. A nau os levava pelo mar
com força, como um gavião, no alto, através do ar
soltando as plumas ao sopro, levado com velocidade, sem agitar

um impulso sequer, planando com as asas tranqüilas.
935
E passavam ao longo do curso do Partênio que corre para o mar,
o mais doce rio, no qual a filha
de Leto, quando retornando da caça para subir ao céu,
refresca seu corpo em suas desejáveis águas.
Na noite seguinte, percorrendo incessantemente para além,
940
passaram por Sêsamo, as elevadas Eritinas,
Crobíalo, Cromna e Cítoro coberta por florestas.
Então com os raios de sol tendo contornado
o Carambis, lançaram-se com remos à Grande
Praia durante o dia inteiro e, depois do dia, durante a noite.
945
Em seguida atingiram o solo assírio, onde o próprio
Zeus estabeleceu Sinope, filha de Esopo,
e lhe concedeu a virgindade, enganado por suas promessas.
Pois desejava a união e lhe consentiu
dar o que ansiasse em suas entranhas.
950
Ela pediu com esperteza sua virgindade.
Assim também enganou Apolo, que desejava
deitar-se com ela, e depois deles o rio Hális. Nenhum dos homens
domou-a em seus desejáveis braços.
Lá os filhos do admirável Deimaco
955
Triceu, Dileão, Autólico e Flógio,
naquele tempo moravam, errando longe de Héracles.
Assim que perceberam a expedição de bravos homens,
ao virem ao encontro deles, fizeram-se de fato conhecer.
Não queriam mais ficar lá continuamente, mas na nau
960
embarcaram quando o agreste soprava próximo.
Com eles, então, sendo levados pela ágil brisa,

deixaram o rio Hális, deixaram o Íris de curso próximo
e a aluvião do solo assírio. No mesmo dia
contornaram de longe o cabo das amazonas dotado de um porto,
965
onde o herói Héracles emboscou Melanipa,
filha de Ares, quando ela avançava. E como resgate
de sua irmã, Hipólita lhe concedeu o cinto
variegado. Héracles a enviou em seguida sem dano.
No golfo do cabo eles abordaram perto da embocadura
970
do Termodonte, já que o mar se agitava enquanto seguiam.
Nenhum dos rios é semelhante a ele, nem lança
à terra tantas correntes, de onde se divide.
Faltariam quatro para cem se alguém contasse
cada corrente. Mas somente uma verdadeira fonte as enche.
975
Ela desce das elevadas montanhas rumo à planície,
as quais dizem serem chamadas montanhas amazônias,
e em seguida se expande por dentro da terra mais escarpada
em direções opostas. Por isso as rotas são sinuosas,
sempre uma aqui e outra acolá, do modo como encontram
980
a planície baixa, desenrolam-se ora distantes
ora próximas. Não se sabe onde muitos destes cursos d'água
vão desembocar, anônimos, mas o Termodonte, misturado a poucos cursos,
visivelmente ressoa pelo cabo recurvado em direção ao Mar Inospitaleiro.
E caso tardassem se mesclariam às amazonas
985
em combate e não lutariam sem derramamento de sangue,
(Pois as amazonas, não sendo muito benévolas e não honrando
as leis, residiam em torno da região Deância,
mas se ocupavam do doloroso excesso e dos trabalhos de Ares.
Pois eram da raça de Ares e Harmonia,
990

ninfa que pariu a Ares garotas amantes da guerra,
deitando-se com ele na profundeza do bosque Acmônio.)
se, oriundos de Zeus, os sopros do agreste
não retornassem e, com o vento, eles abandonaram o cabo arredondado
onde as amazonas temiscírias se armavam.
995
Pois não estavam reunidas em uma única cidade, mas pela região
moravam, divididas em três tribos.
Estas viviam longe e Hipólita lhes comandava,
adiante residiam as de Licaste
e adiante as lança-projétil de Cadésia. No outro dia
1000
e na noite próxima eles contornaram a terra dos Calibos.
Não se ocupavam com o trabalho dos bois, nem com alguma outra
plantação de frutas doces como mel e não
pastoreavam os rebanhos no campo orvalhado.
Mas, fendendo o solo, produtor do duro ferro,
1005
trocam-no por víveres. A aurora
nunca se ergue a eles sem fadigas, mas em negra
fumaça e fuligem suportam a pesada fadiga.
Depois dos calibos, após contornarem o cabo de Zeus
Geneteu se lançaram ao lado da terra tibarenida.
1010
Lá, quando as mulheres geravam filhos a seus maridos,
eles próprios gemiam, caídos nos leitos,
com a cabeça presa. Elas bem alimentam os maridos
com comidas e lhes preparam os banhos parturientes.
Então, depois deles, passaram pelo Monte Sagrado e pela terra
1015
na qual os Mossinecos moravam, nas montanhas.
Eles possuíam diferentes hábitos e leis.
Todas as coisas que, segundo o costume, são feitas abertamente

em público ou na ágora eles as realizam em casa.
1020
E as coisas cumpridas nas residências, porta afora
fazem-nas, sem censura, no meio da rua.
Não têm costumeira vergonha do ato sexual, como porcos
no pasto, não se perturbando nem um pouco com os presentes
unem-se por terra com mulheres em comum afeto.
1025
O rei, assentado sobre a mais alta cabana,
julga as retas sentenças à numerosa multidão,
néscio. Pois se cometia uma falta ao legislar,
mantinham-no aprisionado durante aquele dia, com fome.
Passando ao longo deles e perto da ilha de Ares,
1030
do outro lado, cortavam a água com os remos
durante o dia, pois a agradável brisa os abandonou no crepúsculo.
Logo viram do alto uma ave moradora
da ilha de Ares, precipitando-se através do ar.
Batendo as asas em face à nau que avançava,
1035
lançou sobre ela uma pena pontuda. Pousou no ombro esquerdo
do divo Oileu que, atingido, largou o remo
das mãos. Eles se admiraram ao verem o dardo alado.
Eribote, sentado ao seu lado, puxou-lhe o dardo
e amarrou a ferida após soltar o boldrié suspenso
1040
de sua bainha. E apareceu
outra ave voando depois da primeira. Mas o herói
Clítio Eritida – porque esticou antes o arco recurvado
e lançou um dardo veloz na direção do pássaro – ele próprio se antecipando
golpeou-a e a ave, rodopiando, caiu perto da ágil nau.
1045
Anfidamante, filho de Aleo, falou a eles:
“A ilha de Ares nos é próxima, vós próprios bem sabeis,

depois de verem estas aves. E acho que as flechas
não nos socorrerão suficientemente no desembarque. Mas um outro
artifício eficaz preparemos, se estamos prestes
1050
a abordar, lembrando-se de Fineu e o que ordenou.
Pois nem Héracles, quando veio da Arcádia,
era forte para se precipitar com seu arco sobre as aves flutuantes
do lago Estínfale e eu mesmo vi isso.
Mas ele, agitando nas mãos um instrumento brônzeo,
1055
produziu um barulho sobre um muito alto cume e elas fugiram
para longe gritando, com um terrível temor.
Por isso também agora pensemos em um artifício semelhante –
e o que eu mesmo pensei antes vos direi.
Colocando sobre as cabeças elmos de altos penachos,
1060
uma metade de vós reme e, alternativamente, a outra metade
cubra a nau com lanças polidas e escudos.
Então, com toda força, emiti um grito alto
juntos, para que as aves, surpreendidas, se assustem com esse tumulto,
com as crineiras inclinadas e com as lanças erguidas.
1065
Se chegarmos à própria ilha, logo
provocai um enorme barulho com os escudos."
Assim falou. O plano auxiliador agradou a todos.
Puseram nas cabeças os elmos brônzeos,
terrivelmente brilhantes, e sobre eles os penachos púrpuras
1070
agitavam. Parte deles remava,
enquanto os demais cobriam a nau com lanças e escudos.
Como quando alguém cobre um cercado com telhas de barro
para ser esplendor da residência e proteção contra a chuva,
e elas se ajustam com firmeza, uma após a outra.
1075

Assim eles, preenchendo as naus com escudos, se inclinavam.
Qual o brado que surge de uma hostil confusão
de homens avançando, quando as falanges se chocam –
tal o grito que acima da nau se espalhou pelo ar.
Não fitaram nenhuma das aves, mas quando, ao se aproximarem
1080
da ilha, golpearam os escudos, elas,
aos milhares, voaram assustadas em todas as direções.
Como quando o Cronida lança espesso granizo
das nuvens por sobre a cidade e as casas e nelas
os moradores, ouvindo o barulho no teto,
1085
sentam-se em silêncio, já que a estação do inverno não os surpreenderá
inesperadamente, pois antes reforçaram o telhado.
Assim lançaram espessas penas sobre eles voando
para o alto através do mar em direção às montanhas da terra fronteira.
Qual era o plano de Fineu ao desembarcar aqui
1090
a divina tropa de heróis ou qual vantagem
poderia haver aos que assim esperavam?
Os filhos de Frixo iam para a cidade de Orcomeno
partindo de Aia de Eeta citeu,
embarcados numa nau colca, para tomar a riqueza imensa
1095
do pai. Antes de morrer ele lhes recomendara esta rota.
Estavam muito perto da ilha naquele dia,
e Zeus fez soprar o vento Bóreas,
sinalizando com a água o líquido caminho de Arcturo.
Durante o dia ele agitava as folhas nas montanhas,
1100
com leveza, nos mais altos ramos.
Mas durante a noite veio monstruoso sobre o mar e agitava as ondas
ressoando com seus sopros. Uma negra névoa circundava
o céu e não era possível ver, entre as nuvens, em lugar algum os astros

radiantes, a treva escura encobria tudo ao redor.
1105
Molhados e temendo pela odiosa morte,
os filhos de Frixo eram, desta forma, levados pelas ondas.
A força do vento arrancou as velas e partiu
a própria nau em duas, agitada pelo rebuliço marítimo.
Então, por instrução divina, mesmo sendo quatro
1110
seguraram numa imensa prancha, dentre as muitas que,
ajustadas à veloz quilha, espalharam-se enquanto a nau naufragava.
Bem perto da morte, as ondas e o balanço
do vento os levava, aflitos, à ilha.
Repentinamente uma vasta tempestade desabou e chovia sobre o mar,
1115
sobre a ilha e sobre toda a região oposta
à ilha onde os soberbos mossinicos residiam.
O impulso de uma onda jogou os filhos de Frixo,
juntos, com a resistente prancha, na costa da ilha,
durante a noite sombria. A abundante água enviada por Zeus
1120
cessou com o sol. Logo se aproximaram
os dois grupos. Argos primeiro disse tais palavras:
“Suplicamos, por Zeus onividente, quem quer que sejais,
para serdes benevolentes e socorrerdes as nossas necessidades.
Pois a violenta borrasca, ao se abater sobre o mar,
1125
dispersou as pranchas da nau imprópria
sobre as quais, por sobrevivência nos apoiando, atravessamos a maré.
Por isso agora vos imploramos para que confiais
em nos conceder roupas para cobrir o corpo e cuidar de nós,
apiedando-vos de homens de mesma idade em infortúnio.
1130
Mas respeitai os estrangeiros suplicantes por causa de Zeus
protetor dos estrangeiros e de todos os suplicantes.

Ambos, suplicantes e estrangeiros,
são de Zeus, que nos é onividente.”
O filho de Esão, por sua vez, sabiamente lhe perguntou
1135
pensando que a profecia de Fineu se cumpria:
“Logo, benevolentes, forneceremos todas essas coisas.
Mas contai, verdadeiramente, a mim, em que terra
morais, que necessidade vos impulsiona a viajar pelo mar,
qual vosso glorioso nome e vossa estirpe.”
1140
Argos lhe disse, perdido em infortúnio:
“Sobre um Eólida Frixo, que veio da Hélade para Aia,
penso que vós mesmos já escutastes outrora, com exatidão,
Frixo que chegou até a cidade de Eeta
montado num carneiro transformado em ouro
1145
por Hermes. Ainda hoje veríeis o tosão
estendido sobre o ramo frondoso de um carvalho.
Em seguida, seguindo os conselhos do próprio carneiro,
sacrificou-o a Zeus Cronida, protetor dos fugitivos. E o recebeu
Eeta no palácio e lhe concedeu a filha
1150
Calcíope sem dote, com alegria de espírito.
Somos da raça de ambos, mas Frixo já
morreu bem velho na residência de Eeta.
Nós, logo nos ocupando das ordens do pai,
vamos a Orcomeno por causa dos bens de Atamante.
1155
Se te empenhas também a conhecer os nomes,
o nome deste é Citissoro, o deste é Fróntis,
o deste é Melas e chamaríeis a mim mesmo de Argos.”
Assim falou. Os nobres se alegraram com o encontro
e os rodearam maravilhados. Mas Jasão,
1160

por sua vez, respondeu com tais palavras:
Na condição de nossos parentes paternos
suplicais que sejamos benevolentes para vos proteger contra o infortúnio.
Pois Creteu e Atamante eram irmãos
e eu, neto de Creteu, com estes companheiros
1165
vou da Hélade até a mesma cidade de Eeta.
Mas conversaremos de novo sobre estas coisas,
agora primeiramente vos vesti. Penso que, por instrução
dos imortais, viestes necessitados até minhas mãos."
Disse e lhes deu vestimentas da nau para se cobrirem.
1170
Prontamente foram até o templo de Ares
para sacrificar carneiros e rápido os colocaram
no altar de seixos do lado de fora do templo
sem teto. Dentro ficava a pedra negra
sacra, sobre a qual as amazonas outrora rogavam.
1175
Não lhes era permitido, quando chegavam do lado oposto,
queimar no altar sacrifícios de carneiros e bois,
mas cortavam cavalos após cuidarem deles demasiadamente.
Depois de sacrificarem, consumiram o banquete preparado
e então o Esonida falava e começou com tais palavras:
1180
"Zeus verdadeiramente observa todas as coisas e aos homens
certamente não lhe escapam tanto os pios quanto os justos.
Assim ele afastou vosso pai do assassinato
pretendido pela madrasta e, distante, concedeu-lhe infinita fortuna,
assim também ele vos salvou sem danos
1185
da funesta tempestade. Mas sobre esta nau é possível
ir para qualquer lugar que vos seja caro, seja Ea,
seja a cidade opulenta de Orcomeno divina.
Pois Atena a planejou e com o bronze cortou

as pranchas do cume pelíade e com ela Argos
1190
construiu-a. Mas a vossa nau as terríveis ondas dispersaram
antes mesmo de se aproximar das pedras que, no estreito
do Ponto, durante todo o dia, se chocam entre si.
Mas, então, sede auxiliares em nosso desejo
de levar para a Hélade o áureo tosão
1195
e sede os guias da navegação, já que empreendo essa viagem
para expiar os sacrifícios de Frixo, a ira de Zeus contra os Eólidas."
Falou exortando. Eles odiavam o que ouviam.
Diziam que não encontrariam um brando Eeta
se desejassem levar o tosão do carneiro. E assim disse
1200
Argos, preocupado por se encarregar de tal expedição:
"Ó caros, quanto seja a nossa força, não vos faltará,
de modo algum, o nosso auxílio quando dele necessitardes.
Mas Eeta é terrivelmente dotado de uma funesta
rudeza. Por isso temo por essa viagem.
1205
Ele se gaba de ser da raça de Hélio, em torno dele as infinitas
tribos dos colcos moram e a Ares
ele se igualaria no grito temível e na grande força.
Mas sem Eeta não é fácil pegar a pele. Tal é a serpente protetora,
imortal e insone, gerada pela própria Terra
1210
nos flancos do Cáucaso, sobre a pedra tifônia,
onde dizem que Tifão, semi-fulminado pelo raio de Zeus
Cronida quando ergueu contra ele suas mãos robustas,
gotejou sangue quente da cabeça. E dessa maneira veio
até as montanhas e a planície niséia, onde ainda hoje
1215
jaz sob as águas do lago Serbonide."
Assim falou. Uma palidez logo figurou no rosto

de muitos quando ouviram sobre semelhante tarefa. Mas, de imediato, Peleu
respondeu com palavras corajosas e disse:
“Digno, não assustes tanto assim com teu discurso.
1220
Coragem não nos falta, de modo a sermos
inferiores a Eeta quando testados com armas.
Mas penso que, também conhecedores da guerra,
nós, nascidos do sangue dos aventurados, vamos para lá.
Por isso, se ele não conceder a pele áurea em amizade,
1225
tenho esperanças de que não poderá lhe socorrer as tribos dos colcos.”
Assim conversavam sucessivamente entre si,
até que, depois de se saciarem com a ceia, repousaram.
De manhã uma brisa suave soprava aos que despertavam
e eles içaram as velas. Elas se esticavam pelo impulso
1230
do vento e rapidamente deixaram a ilha da Ares para trás.
Com a proximidade da noite passaram pela ilha Filarida,
onde o Uranida Crono, quando reinava sobre os titãs
no Olimpo e numa caverna de Creta
Zeus ainda era criado entre os curetas do Ida,
1235
deitou-se com Filira enganando Réia. A deusa
encontrou-os no leito e ele pulou da cama
e fugiu semelhante a um cavalo de longa crina na forma.
Por pudor, tendo abandonado aquele lugar e seus hábitos,
a Oceanida Filira foi até as altas montanhas
1240
dos pelasgos, onde o monstruoso Quirão, parte cavalo,
parte deus, pariu no leito cambiante.
De lá costearam a terra infinita dos macrones
e dos bequires e os arrogantes sapires
e os bizires depois deles. Sempre avançavam
1245

impetuosamente, sendo levados pelo vento suave.
E enquanto seguiam aparecia o interior do Ponto
e os abruptos rochedos das montanhas do Cáucaso
erguiam-se, onde, nas ásperas colinas com os membros
presos por grilhões brônzeos, Prometeu
1250
alimentava com seu fígado uma águia que sempre para lá se lançava.
À tarde eles a viram no alto voando
sobre a nau com um trinado agudo, perto das nuvens, no entanto
agitou todas as velas com o bater de suas asas.
Pois ela não tinha a forma de uma ave aérea,
1255
mas suas asas se moviam semelhantes a remos bem polidos.
Não muito tempo depois ouviram a voz muito tristonha
de Prometeu ao ter seu fígado arrebatado; o ar ressoava
com seu lamento até que, da montanha, perceberam
a águia carnívora lançando-se pelo mesmo caminho.
1260
De noite, graças à perícia de Argo, chegaram
ao Fásis de vasto curso e aos limites extremos do Ponto.
Imediatamente se ordenaram após amainar as velas e a verga
dentro do côncavo cavalete e logo abaixaram
o próprio mastro, inclinando-o. Rapidamente com remos
1265
impeliram-se pelo grande curso do rio, enquanto ele, borbulhante,
cedia a passagem. À esquerda estavam
os cumes do Cáucaso e a cidade citéia de Ea,
do outro lado, a planície de Ares e o bosque sagrado
do deus, onde uma serpente vigilante protege o tosão.
1270
O próprio Esonida verteu no rio, com uma taça
áurea, libações melífluas de vinho puro
para a Terra, para os deuses locais e para as almas dos heróis
mortos e lhes rogava para serem auxiliares sem dano

benevolentemente e para receberem os ajustados cabos da nau.
1275
Logo Anceu disse tais palavras:
“Chegamos na terra colca e no curso
do Fásis. É hora de nós deliberarmos
se tentaremos Eeta com doçura
ou se nos valeremos de um outro recurso eficaz.”
1280
Assim falou. E Jasão, por um conselho de Argos,
ordenou que puxassem a nau com as âncoras levantadas,
guiando-a até um denso pântano, bem perto
de onde eles haviam chegado. Lá, durante a noite, descansaram.
Não muito tempo depois a aurora surgiu aos que desejavam.
1285

BIBLIOGRAFIA

ALBIS, R. V. “Jason’s prayer to Apollo in *Aetia* I and the *Argonautica*” *Phoenix* 49, 1995, pp. 104-9.

_____ *Poet and Audience in the* Argonautica *of Apollonius*, Rowman & Littlefield Publishers, London, 1996.

ALLEN, T. W. et MONRO, D. B. *Homeri Opera* tomus I. Libri I-XII, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1939.

_____ *Homeri Opera* tomus II Libri XIII-XXIV, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1949.

ALLEN, T. W. *Homeri Opera* tomus III Libri I – XII Odysseae, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1950.

_____ *Homeri Opera* tomus IV Libro XIII – XXIV Odysseae, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1946.

ALLEN, W. Jr. “The Epyllion”, *TAPA* 71, 1940, pp. 1 – 26.

ANDERSON, A. R. “Heracles and his successors. A study of a heroic ideal and the recurrence of a heroic type” *HSCP* 39 1928, pp. 7-58.

ANDREWS, N. E. “Philosophical Satire in the *Aetia* Prologue”, in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Genre in Hellenistic Poetry*, Hellenistica Groningana III, Egbert Forsten, Groningen, 1998, pp. 1 – 19.

APOLLONIO RODIO *Le Argonautiche* (traduzione di Guido Paduano, introduzione e commento de Guido Paduano e Massimo Fusillo), Biblioteca Universale Pizzoli, Milano, 1986.

APOLLONIOS DE RHODES *Argonautiques* (texte établi et commenté par Francis Vian, traduit par Émile Delage), Les Belles Lettres, Paris, 1976 (tome I).

APOLLONIOS DE RHODES *Argonautiques* (texte établi et commenté par Francis Vian, traduit par Émile Delage), Les Belles Lettres, Paris, 1980 (tome II).

APOLLONIOS DE RHODES *Argonautiques* (texte établi, commenté et traduit par Émile Delage et Francis Vian), Les Belles Lettres, Paris, 1981 (tome III).

APOLLONIUS RHODIUS *The Argonautica* (trad. R. C. Seaton), The Loeb Classical Library, London, 1930.

ARCHIBALD, A. D. *The origins of Latin love-elegy*, Blackwell, Oxford, 1938.

ANDREWS, N. E. "Philosophical satire in the *Aetia* Prologue", in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Genre in Hellenistic Poetry*, Hellenistica Groningana III, Egbert Forsten, Groningen, 1998.

ARDIZZONI, A. *Apollonio Rodio Le Argonautiche: libro I* (texto, traduzione e commentario), Edizioni dell'Ateneo, 1967.

ASSUNÇÃO, T. R., "Nota crítica à *bela morte* vernantiana". *Classica* 7/8, pp. 53-62, 1994/5.

_____ "Ulisses e Aquiles repensando a morte (*Odisséia* xi.478-491)". *Kriterion* 107, 2003, pp. 100-9.

BARIGAZZI, A. "Mimnermo e Filita, Antimaco e Cherilo nel proemio degli *Aitia* di Calimaco", *Hermes* 84, 1956, pp. 186-94.

BENEDETTO, G. "Il Prologus Aetiorum de A. Hecker", in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Callimachus*, Hellenistica Groningana I, Egbert Forsten, Groningen, 1993.

BERKOWITZ, G. Semi-public narration in Apollonius' *Argonautica*, Peeters, Leuven, 2004.

BERNABÈ, A. *Fragmentos de épica griega arcaica*, Biblioteca Clássica Gredos, Madrid, 1979.

_____ *Poetarum Epicorum Graecorum: Testimonia et Fragmenta* Pars 1, Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, Leipzig, 1996.

BEYE, C. "Jason as love hero in Apollonius' *Argonautika*" *GRBS* 10, 1969, pp. 31 – 55.

_____ *Epic and Romance in the* Argonautica *of Apollonius Rhodius*, Carbondale, 1982.

BOEDEKER, D. "Becoming Medea: assimilation in Euripides" (in CLAUSS, J. J. & JOHNSTON, S. I. (ed.) *Medea (Essays on Medea in myth, literature , philosophy and art)*, New Jersey, Princeton University Press, 1997).

BOND, G. W. *Euripides'* Hypsipyle, Oxford University Press, Oxford, 1963.

BOND, G. W. *Euripides'* Heracles, Clarendon Press, Oxford, 1988.

BONGIE, E. B. "Heroic elements in the *Medea* of Euripides" in *TAPA* 107, 1977, pp. 27-56.

BOWRA, C. M. *Tradition and Design in the* Iliad, Oxford, 1930.

_____ *Ancient Greek poetry*, Oxford University Press, Oxford, 1933.

_____ *From Virgil to Milton*, Macmillan & Co., London, 1948.

BRASWELL, B. K. *A commentary on the fourth pythian ode of Pindar*, Walter de Gruyter, Berlin, 1988.

BREMMER, J. M. "Full Moon and Marriage in Apollonius' *Argonautica*", *CQ* 37, 1987, pp. 423 – 6.

BULLOCH, A. W. "Apollonius Rhodius Argonautica I 177: a case study in Hellenistic Poetic Style", *Hermes* 1973, pp. 496 - 8

_____ *Hellenistic Poetry*, in EASTERLING, P. E. & KNOX, M. W. (eds.) *The Cambridge History of Classical Literature I: Greek Literature*, Cambridge University Press, New York, 1985.

_____ “Jason’s cloak”, *Hermes* 2006 134, pp. 44-68.

BUNDY, E. L. “The ‘quarrel between Kallimachos and Apollonios’. Part I: The epilogue of Callimachos’ *Hymn to Apollo*” *CSCA* 5, 1972, pp. 39-94.

BURGESS, J. S. “The non-Homeric *Cypria*” TAPA 126, 1996, pp. 77-99.

BYRE, C. S. The Narrator’s Addresses to the Narratee in Apollonius Rhodius’ *Argonautica*, *TAPA* 121, 1991, pp. 215 – 227.

_____ *A reading of Apollonius Rhodius’* Argonautica: *the poetics of uncertainty*, The Edwin Mellen Press, Lewston, 2002.

CAMERON, A. “Genre and Style in Callimachus”, *TAPA* 122, 1992, pp. 305 – 12.

_____ *Callimachus and his Critics*, Princeton University Press, 1995.

CAMPBELL, M. “Critical Notes on Apollonius Rhodius”, *CQ* 1969, pp. 269 – 284.

_____ *Three Notes on Alexandrine Poetry*, *Hermes*, 1974, pp. 38 – 46.

_____ *Studies in the Third Book of Apollonius Rhodius’* Argonautica, Hildesheim, New York, 1983.

_____ *A commentary on Apollonius Rhodius Argonautica III 1-471*, E. J. Brill, Leiden; New York, 1994.

CAMPOS, A. M. *O resgate do cadáver: o último canto da* Ilíada. Humanitas, São Paulo, 2000.

_____ *AGRIOS ATH, a selvagem perdição: Interpretação da Ilíada* (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2003).

CANFORA, L. *Histoire de la Littérature Grecque (d’Homère à Aristote)*, Éditions Desjonquères, Paris, 1986.

CAIRNS, D. L. (org.) *Oxford Readings in the* Iliad, Oxford, 2001.

CARSPECKEN, J. F. “Apollonius Rhodius and the Homeric Epic”, *YCS*, 13, 1952, pp. 35 – 143.

CLARE, R. J. *The path of the Argo*, Cambridge University Press, Cambridge, 2002.

CLAUSS, J. J. *The Best of the Argonauts: The Redefinition of the Epic Hero in Book 1 of Apollonius’* Argonautica, University of California Press, Berkeley, 1993.

_____ “A mythological thaumatrope in Apollonius Rhodius”, *Hermes* 1991, pp. 484 – 489.

_____ “Conquest of the Mephistophelian Nausicaa: Medea’s role in Apollonius’ redefinition of the epic hero” in CLAUSS, J. J. & JOHNSTON, S. I. (ed.) *Medea (Essays on Medea in myth, literature , philosophy and art)*, New Jersey, Princeton University Press, 1997.

CLAUSS, J. J. & JOHNSTON, S. I. (ed.) *Medea (Essays on Medea in myth, literature , philosophy and art)*, New Jersey, Princeton University Press, 1997.

CLAY, J. S. *The Wrath of Athena: Gods and Men in the* Odyssey. Lanham, 1997.

COUAT, A. *La poésie alexandrine sous les trois premiers Ptolémées (324 – 222 av. J.*), Hachette, Paris, 1882.

CURRIE, B. *Pindar and the cult of heroes*, Oxford University Press, Oxford, 2005.

CUSSET, C. *La Muse dans la Bibliothèque (réecriture et intertextualité dans la poesie alexandrine)*, CNRS Editions, Paris, 1999.

_____ “Le Nouveau Héros Épique comme Interface Intertextuelle entre Callimaque et Apollonios de Rhodes”, *REG* 114, 2001, pp. 228 – 41.

DALE, A. M. *Euripides’ Alcestis*, Oxford Clarendon Press, Oxford, 1984.

D’ALESSIO, G. B. “Le *Argonautiche* di Cleone Curiense” in PRETAGOSTINI, R. (ed.) *La letteratura ellenistica. Problemi e prospettive di ricerca*, Edizioni Quasar, Roma, 2000.

DAVIES, M. *Sophocles' Trachiniae*, Clarendon Press, Oxford, 1991.

_____ *The Greek epic cycle*, Bristol Classical Press, London, 2001.

DE FOREST, M. M. *Apollonius'* Argonautica*: A Callimachean Epic* (Mnemosyne Suppl. 142), Leiden, New York, Cologne, 1994.

DEFORGE, B. "Eschyle et la légende des Argonautes", *REG* 100, 1987, pp. 30-44.

DELAGE, E. *La Géographie dans les Argonautiques d'Apollonios de Rhodes*, Feret, Bordeaux, 1930.

_____ *Biographie d'Apollonius de Rhodes*, Feret, Bordeaux, 1930.

DETIENNE, M. & VERNANT, J. P. *Les ruses de l'intelligence: la mètis des grecs*, Flammarion, Paris, 1974.

DINIZ, F. G. M. *A passagem do cetro: aspectos dos personagens Héracles e Jasão na* Argonáutica *de Apolônio de Rodes* (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciência e Letras da Universidade Estadual Paulista em 2010).

DOVER, K. J. *Greek popular morality in time of Plato and Aristotle*, Indianapolis, Hackett, 1994.

DUARTE, A. S. "As relações entre retorno e glória na *Odisséia*", *Letras Clássicas* 5 2005, pp. 89-97.

DUNN, F. M. "Eurípides and the rites of Hera Akraia", *GRBS* 35, 1994, pp. 103-15.

DYCK, A. R. "On the Way from Colchis to Corinth: Medea in Book 4 of the *Argonautica"*, *Hermes*, 1989, pp. 455 – 70.

EASTERLING, P. E. *Sophocles Trachinae*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

EDWARDS, A. T. "Achilles in the Underworld: *Iliad*, *Odyssey* and *Aethiopis*", *GRBS* 26, 1985, pp. 215-27.

EDWARDS, M. J. “The role of Hercules in Valerius Flaccus”, *Latomus* 1999, pp. 150-63.

EFFE, B. “The similes of Apollonius Rhodius. Intertextuality and epic innovation” in PAPANGHELIS, T. D. & RENGAKOS, A. *A Companion to Apollonius Rhodius*, Brill, Leiden, 2001.

ELDERKIN, G. W. “Repetiton in the Argonautica of Apollonius”, *AJP* 34, 1913, pp. 198 – 201.

ENDSJO, D. O. “Placing the unplaceable: the making of Apollonius’ argonautic geography”, *GRBS* 38, 1997, pp. 373-85.

ÉSQUILO *Orestéia* (estudo e tradução de Jaa Torrano), São Paulo, Iluminuras, 2004.

EURÍPIDES *Medéia* (tradução de Jaa Torrano) São Paulo, Hucitec, 1991.

_____ *Héracles* (introdução, tradução e notas de Maria Cristina R. S. Franciscato) São Paulo, Palas Athena, 2003.

FANTUZZI, M. & HUNTER, R. *Tradition and innovation in Hellenistic poetry*, Cambridge University Press, Cambridge, 2004.

FEENEY, D. C. “Epic hero and epic fable”, *CL* 38 1986, pp. 137-158.

_____ *The Gods in Epic*, Oxford University Press, London, 1991.

FINKELBERG, M. “Odysseus and the genus ‘hero’”. *G&R* 42, 1995, pp. 1-14.

_____ “*Timê* and *aretê* in Homer”. *CQ* 48, 1998, pp. 14-28.

FITCH, E. “Apollonius Rhodius and Cyzicus”, *AJP* 33 1912, pp. 43 – 56.

FORD, A. “Epic as a Genre” in MORRIS, I. & POWELL, B. *A New Companion to Homer*, Brill, Leiden, 1997.

FRANCISCATO, M. C. R. S. *Héracles: da grandeza à loucura* (Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2001)

FRÄNKEL, H. *Apollonii Rhodii Argonautica*, Typographeo Clarendoniano, Oxinii, 1961.

_____ "Apollonius Rhodius as Narrator in *Argonautica* 2. 1 – 140", *TAPA* 83 1952, pp. 144 – 55.

_____ "Problems of the Text and Interpretation in Apollonius' *Argonautica*", *TAPA* 71 1950, pp. 113 – 133.

FRASER, P. M. *Ptolomaic Alexandria* vol. 1: Text, Oxford University Press, London, 1972.

_____ *Ptolomaic Alexandria* vol. 2: Notes, Oxford University Press, London, 1972b.

FRIEDRICH, R. "Heroic man and polymetis: Odysseus in the Cyclopeia". in *GRBS* 28, 1987, pp. 121-33.

FUSILLO, M. *Il Tempo delle Argonautiche*, Roma, 1985.

_____ "Apollonius Rhodius as inventor of the 'interior' monologue" in PAPANGHELIS, T. D. & RENGAKOS, A. *A Companion to Apollonius Rhodius*, Brill, Leiden, 2001.

FUSILLO, M. & HURST, A. *Licofrone Alessandra*, Guerini, Milan, 1991.

GALINSKY, G. K. *The Herakles theme: the adaptations of the hero in literature from Homer to the twentieth century*, Oxford, 1972.

GARSON, R. W. "The Hylas episode in Valerius Flaccus' *Argonautica*", *CQ* 13, 1963, pp. 260-67.

_____ "Homeric Echoes in Apollonius Rhodius' *Argonautica*", *CP* 67, 1972, pp. 1 – 9.

GAUNT, D. M. “Argo and the Gods in Apollonius Rhodius”, *G&R* 19 1972, pp. 117 – 26.

GEORGE, E. V. “Poet and Character in Apollonius Rhodius’ Lemnian Episode”, *Hermes* 1972, pp. 47 – 63.

GIANGRANDE, G. “‘Arte allusiva’ and Alexandrian epic poetry”, *CQ* 17, 1967: 85-97.

GLEI, R. F. “Outlines of Apollonian Scholarship 1955-1999” in PAPANGHELIS, T. D. & RENGAKOS, A. *A Companion to Apollonius Rhodius*, Brill, Leiden, 2001.

GOLDHILL, S. *The Poet’s Voice*, Cambridge University Press, New York, 1991.

GOW, A. S. F. “The twenty second idyll of Theocritus”, *CR* 56, 1942, pp. 11-18.

_____ *Theocritus*, Cambridge University Press, Cambridge, 1965.

GONZALES, J. M. M. “Musai Hypophetores: Apollonius of Rhodes on Inspiration and Interpretation”, *HSCP* 100, 2000, pp. 268 – 92.

GRAF, F. “Medea, the enchantress from afar: remarks on a well-known myth” in CLAUSS, J. J. & JOHNSTON, S. I. (ed.) *Medea (Essays on Medea in myth, literature , philosophy and art)*, New Jersey, Princeton University Press, 1997.

GRIFFIN J. “The Epic Cycle and the uniqueness of Homer”, *JHS* 97 1977, pp. 39-53.

_____ *Homer on Life and Death*, Clarendon Press, Oxford, 1980.

GUTZWILLER, K. *A guide to Hellenistic literature*, Blackwell Publishing, Oxford, 2007.

HADAS, M. “The Tradition of a feeble Jason”, *CP* 31 1936, pp. 166 – 8.

HARDER, A. “Aspects of the structure of Callimachus’ *Aetia*” in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Callimachus*, Hellenistica Groningana I, Egbert Forsten, Groningen, 1993.

HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Callimachus*, Hellenistica Groningana I, Egbert Forsten, Groningen, 1993.

_____ *Genre in Hellenistic Poetry*, Hellenistica Groningana III, Egbert Forsten, Groningen, 1998.

_____ *Apollonius Rhodius*, Hellenistica Groningana IV, Peeters, Groningen, 2000.

HESÍODO *Teogonia* (estudo e tradução de Jaa Torrano), Iluminuras, São Paulo, 1995.

HOEBECK, A. & HOEKSTRA, A. *A commentary on Homer's* Odyssey (3 vol.), Clarendon Paperbacks, Oxford, 2006.

HOLMBERG, I. "Metis and Genre in Apollonius Rhodius' *Argonautica*", *TAPA* 128, 1998, pp. 135 – 59.

HOPKINSON, N. A. *A Hellenistic Anthology*, Cambridge University Press, New York, 1990.

HUNTER, R. L. "Medea's Flight: the Fourth Book of the *Argonautica*", *CQ* 38, 1987, pp. 129 – 139.

_____ "'Short on Heroics': Jason in the *Argonautica*", *CQ* 38, 1988, pp. 463 – 453.

_____ *Apollonius of Rhodes Argonautica book III*, Cambridge University Press, New York, 1989.

_____ *The* Argonautica *of Apollonius: Literary studies*, Cambridge University Press, Cambridge, 1993.

_____ *Theocritus and the archaeology of Greek poetry*, Cambridge University Press, Cambridge, 1996.

_____ "Generic Consciousness in the *Orphic Argonautica*?" in PASCHALIS, M. (ed.) *Roman and Greek Imperial Epic*, Crete University Press, Herakleion, 2005.

_____ *On coming after (part I: Hellenistic poetry and reception)*, Walter de Gruyter, Berlin, 2008.

HUTCHINSON, G. O. *Hellenistic Poetry*, Clarendon Press, New York, 1988.

_____ *Talking books: readings in Hellenistic and Roman books of poetry*, Oxford University Press, Oxford, 2008.

HUXLEY, G. L. *Greek poetry from Eumelos to Panyassis*, Faber, London, 1969.

JACKSON, S. "Apollonius' Jason: Human Being in an Epic Scenario", *G&R* 39, 1992, pp. 155-62.

_____ "Apollonius' *Argonautica*: the Theseus / Ariadne desertion", *Hermes* 142, 1999, pp. 152-57.

JANKO, R. "The shield of Heracles and the legend of Cycnus", *CQ* 36 1986, pp. 38-59.

JOHNSTON, S. I. "The song of the iynx: magic and rhetoric in Pythian 4, TAPA 125, 1995, pp. 177-206.

JOHNSTON, S. I. "Corinthian Medea and the cult of Hera Akraia" in CLAUSS, J. J. & JOHNSTON, S. I. (ed.) *Medea (Essays on Medea in myth, literature , philosophy and art)*, New Jersey, Princeton University Press, 1997.

KAHANE, A. "Callimachus, Apollonius and the poetics of mud", *TAPA* 124, 1994, pp. 121-33.

KIRK, G. S. *La natura dei miti greci*, Editori Laterza, Roma, 1993.

KLEIN, T. M. "The Role of Callimachus in the Development of the Conceit of the Counter-Genre", *Latomus* 33, 1974, pp. 217 - 31.

_____ "Callimachus, Apollonius Rhodius and the Concept of the 'Big Book'", *Eranos* 73, 1975, pp. 16 - 25.

_____ "Apollonius' Jason. Hero and Scoundrel", *QUCC* 42, 1983, pp. 115-26.

KNIGHT, V. *The renewal of epic: responses to Homer in the Argonautica of Apollonius*, E. J. Brill, Leiden; New York, 1995.

KNOX, B. M. W. "The Medea of Euripides", *YCS* 25, 1977, pp. 193-225.

KÖHNKEN, A. "Hellenistic chronology: Theocritus, Callimachus and Apollonius Rhodius" in PAPANGHELIS, T. D. & RENGAKOS, A. *A Companion to Apollonius Rhodius*, Brill, Leiden, 2001.

KOUREMENOS, T. "Herakles, Jason and 'Programatic' Similes in Apollonius Rhodius' *Argonautica*", *RhM139*, 1996, pp. 233 - 50.

KÖRTE, A. *Hellenistic poetry*, Columbia University Press, New York, 1929.

KYRIAKOU, P. "Empedoclean Echoes in Apollonius Rhodius' *Argonautica*", *Hermes* 1994, pp. 309 - 319.

LAMBERTON, R. & KEANEY, J. J. *Homer's Ancient Readers. The Hermeneutics of Greek Epic's Earliest Exegetes*, Princeton University Press, Princeton, 1992.

LAWALL, G. "Apollonius' *Argonautica*: Jason as Anti hero", *YCS* 19, 1966, pp. 121 - 169.

LEFKOWITZ, M. R. "The quarrel between Callimachus and Apollonius", *ZPE* 40, 1980, pp. 1-19.

LENNOX, P. G. "Apollonius' *Argonautica* 3, 1ff. and Homer", *Hermes* 108, 1980, pp. 45 - 73.

LESKY, A. "Medea", *RE* 15, 1931, pp. 29-65.

_____ *A tragédia grega* (trad. de J. Guinsburg et alli), São Paulo, Editora Perspectiva, 1996.

LÉVÊQUE, P. *O Mundo Helenístico* (trad. de Teresa Mendes), Edições 70, Lisboa, 1987.

LEVIN, D. N. "Apolloniana Minora", *TAPA* 93 1962, pp. 154 – 63.

_____ *Apollonius'* Argonautica *re-examined. I: the neglected first and second books*, Mnemosyne Supplementum 13, Leiden, 1971.

LIVREA, E. *Da Callimaco a Nonno (dieci studi di poesia ellenistica)*, Casa Editore G. D'Anna, Firenze, 1995.

LLOYD-JONES. H. *The justice of Zeus*, University of California Press, Berkeley, 1971.

LLOYD-JONES, H. et PARSONS, P. J. *Supplementum Hellenisticum*, Walter de Gruter, Berlin, 1983.

MACKIE, C.J. "The earliest Jason. What's in a name?" *G&R* 48 2001, pp. 1-17.

MASSIMILLA, G. *Callimaco.* Aitia *Libri Primo e Secondo. Introduzione, Texto Critico, Traduzione e Commento*, Giardini Editore e Stampatori, Pisa, 1996.

MASTRONARDE, D. J. "Theocritus' Idyll 13: Love and Hero", *TAPA* 99, 1968, pp. 273 – 90.

_____ *Euripides Medea*, Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

MATTHEWS. V. J. "*Naupaktia* and *Argonautika*", *Phoenix* 31, 1977, pp. 189-207.

_____ "Antimachus in the *Aitia* Prologue", *Mnemosyne* 32, 1979, pp. 128-37.

_____ *Antimachus of Colophon. Text and commentary*, E. J. Brill, Leiden, 1996.

MICHELINI, A. N. "Neophron and Euripides' *Medea* 1056-80", *TAPA* 119, 1989, pp. 115-35.

MONRO, D. B. "On the fragment of Proclus' abstract of the Epic Cycle contained in the Codex Venetus of the *Iliad*" *JHS* 4 1883, pp. 305-334.

_____ "The poems of the Epic Cycle", *JHS* 5 1884, pp. 1-41.

MOONEY, G. W. *The Argonautica* (introduction and commentary), London Longmans, London, 1912.

_____ *The* Alexandra *of Lycophron*, G. Bell and Sons Ltd., London, 1921.

MOREAU, A. *Le mythe de Jason et Médée. Le va-nu-pied et la sorcière*, Les Belles Lettres, Paris, 1994.

MUELLER, M. "The language of reciprocity in Euripides' *Medea*", *AJP* 123, 2001, pp. 471-504.

PEARSON, L. "Apollonius of Rhodes and the old geographers", *AJP* 59, 1938, pg, 443-59.

PIRES, F. M. *Mithistória*. Humanitas, São Paulo, 1999.

MURRAY, G. *Greek studies*, Oxford Clarendon Press, Oxford, 1946.

NAGY, G. *The Best of the Achaeans. The Concept oh the Hero in the Archaic Greek Poetry*, The Johns Hopkins University Press, London, 1986.

_____ *Homeric Questions*. Austin, 1996.

NELIS, D. P. "Iphias: Apollonius Rhodius, *Argonautica* 1. 311 – 6", *CQ* 41 1991, pp. 96 – 105.

_____ "The reading of Orpheus: the *Orphic Argonautica* and the epic tradition" in PASCHALIS, M. (ed.) *Roman and Greek Imperial Epic*, Crete University Press, Herakleion, 2005.

OAKLEY, J. H. & SINOS, R. H. *The wedding in ancient Athens*, The University of Wisconsin Press, Madison, 1993.

PAGE, D. L. *Euripides Medea*, Oxford University Press, Oxford, 1988.

PAPADOPOULOU, T. "The Presentation of the Inner Self: Euripides' Medea 1021-55 and Apollonius Rhodius' *Argonautica* 3, 772-801", *Mnemosyne* 50, 1997, pp. 641 - 664.

PAPANGHELIS, T. D. & RENGAKOS, A. *A Companion to Apollonius Rhodius*, Brill, Leiden, 2001.

PASCHALIS, M. (ed.) *Roman and Greek Imperial Epic*, Crete University Press, Herakleion, 2005.

PAVLOCK, B. *Eros, Imitation and the Epic Tradition*, Cornell University Press, New York, 1990.

PEARSON, L. "Apollonius of Rhodes and the Old Geographers", *AJP* 59 1938, pp. 443 – 59.

PERROTA, G. *Poesia Ellenistica (Scritti Minori II)*, Edizioni dell' Ateneo & Bizzari, 1978.

PFEIFFER, R. *History of classical scholarship from the beginnings to the end of the Hellenistic age*, Oxford University Press, London, 1968.

_____ *Callimachus* vol. 1: Fragmenta, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1949.

_____ *Callimachus* vol. 2: Hymni et Epigrammata, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1953.

PHINNEY JR, E. "Narrative Unity in the *Argonautica*: the Medea – Jason Romance", *TAPA* 98 1967, pp. 327 – 341.

PIKE, D. L. "Jason's departure: Apollonius Rhodius and heroism", in *AC* 36, 1993, pg 27-37.

POLLINI, E. "Il motivo della visendi cupido nel Giasone di Valerio", *Maia* 1984, pp. 51-61.

POWELL, J. U. *Collectanea Alexandrina*, Typographeo Clarendoniano, Oxonii, 1925.

PRETAGOSTINI, R. (ed.) *La letteratura ellenistica. Problemi e prospettive di ricerca*, Edizioni Quasar, Roma, 2000.

PUCCI, P. *Odysseus Polytropos*: *Intertextual readings in the* Odyssey *and the* Iliad, Cornell University Press, New York, 1995.

_____ *The Song of the Sirens: Essays on Homer*. New York, 1997.

RACE, W. H. “Pindar’s heroic ideal at *Pyth.* 4. 186-87”, *AJP* 106 1985, pp. 359-56.

REHM, R. “Medea and the ***logoj*** of the heroic”, *Eranos* 87, 1989, pp. 97-115.

RIEDINGER, J. C. “Remarques sur la *timê* chez Homère”. in *REG* 89, 1976, 244-64.

RODRIGUES JR., F. *Epopéia e poesia alexandrina: estudo e tradução dos* Argonautica *de Apolônio de Rodes* (Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2005).

ROSE, A. “Three narratives themes in Apollonius’ Bebrycian episode (*Argonautica* 2.1-163)” in *WS* 97, 1984, pp. 115-35.

ROSENMAYER, P. “A cold recepction in Callimachus’ *Victoria Berenices* (SH 257-265), *CQ* 43, pp. 206-214.

ROSSI, L. I “Generi Letterari e le loro Leggi Scritte e non Scritte nelle Letterature Classiche”, *BICS* 18, 1971, pp. 69 - 94.

_____ “La letteratura alessandrina e il rinnovamento dei generi letterali della tradizione” in PRETAGOSTINI, R. (ed.) *La letteratura ellenistica. Problemi e prospettive di ricerca*, Edizioni Quasar, Roma, 2000.

RUSTEN, J. *Dionysius Scytobrachion*, Westdeutscher Verlag, Köln, 1982.

SBARDELLA, L. *Filita: testimonianze e frammenti poetici*, Quasar, Roma, 2000.

SCHEIN, S. L. “Odysseus and Polyphemus in the *Odyssey*” in *GRBS* 11, 1970, 73-83.

_____ *The Mortal Hero. An Introduction to Homer’s* Iliad, University of California Press, Berkeley, 1984.

_____ *Reading the* Odyssey*: Selected Interpretive Essays*. Princeton, 1996.

SEATON, R. C. “The Symplegades and the Planctae”, *AJP* 8, 1887, pp. 433-440.

SENS, A. “Theocritus, Homer and the Dioscuri”, *TAPA* 122, 1992, pp. 335-50.

SEGAL, C. *Singers, Heroes and Gods in the* Odyssey, Cornell University Press, New York, 1994.

SERRAO, G. "La Genesi del "Poeta Doctus" e le Aspirazioni Realistiche nella Poetica del Primo Ellenismo", in LIVREA, E. & PRIVITERA, G. A. (ed.) *Studi in Onore de Anthos Ardizzoni*, Vol. 2, Roma, 1978, pp. 911 - 948.

SEGAL, C. *Singer, Heroes and Gods in the* Odyssey, Cornell University Press, London, 1994.

SHAPIRO, H. A. "Jason's Cloack", *TAPA* 110 1980, pp. 263 – 86.

SILK, M. S. "Heracles and Greek tragedy" *G&R* 32 1985, pp. 1-22.

SPANOUDAKIS, K. "Poets and Telchines in Callimachus' *Aetia* Prologue", *Mnemosyne* 54, 2001, pp. 425-41.

_____ *Philetas of Cos*, Brill, Leiden, 2002.

STANFORD, W. B. *Sophocles Ajax*, Macmillan & Company Limited, London, 1963.

_____ *The Ulysses theme. A study in the adaptability of a traditional hero.* The University of Michigan Press, 1985.

STEPHENS, S. A. "Transculturation and identity in the Argonauticai" in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Apollonius Rhodius*, Hellenistica Groningana IV, Peeters, Groningen, 2000.

TARN, W. & GRIFFTH, G. T. *La Civilisacion Helenística*, Fundo de Cultura Econômica, Ciudad del Mexico, 1969.

TAYLOR, P. R. "Valerius' Flavian *Argonautica*", *CQ* 44, 1994, pp. 212-35.

THALMANN, W. G. Conventions of Form and Thought in Early Greek Epic. Baltimore, London, 1984.

THEODORAKOPOULOS, E. M. "Epic Closure and its Discontents in Apollonius' *Argonautica*", in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Genre*

in Hellenistic Poetry, Hellenistica Groningana III, Egbert Forsten, Groningen, 1998, pp. 187 - 204.

TOOHEY, P. *Reading Epic*, Roudledge, London, 1992.

TORRANO, J. "Escudo de Heracles. Poema de Hesíodo", *Hypnos* 6, 2000, pp. 185-221.

VIAN, F. *Argonautiques : chant III / Apollonios de Rhodes: ed., introd. et commentaire*, Presses Universitaires de France, Paris, 1961.

_____ "***ΙΗΣΩΝ ΑΜΗΧΑΝΕΩΝ***", in LIVREA, E. & PRIVITERA, G. A. *Studi in onore di Anthos Ardizzoni*, Edizioni dell' Ateneo, Roma, 1978.

_____ "La conqête de la toison d' or dans les *Argonautiques Orphiques*", *ICS* 6/1, 1981, pp. 136-56.

_____ *Les Argonautiques Orphiques*, Les Belles Lettres, Paris, 1987.

_____ *L' épopée posthomérique*, Edizioni dell" Orso, Alessandria, 2005.

VIEIRA, L. M. *Ruptura e continuidade em Apolônio de Rodes: os símiles nas* Argonáuticas *I* (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em 2006).

WERNER, C. *Manobras poéticas entre a Ilíada e a Odisséia : o caso de Odisseu* (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2004).

WERNER, E. P. N. *Os hinos de Calímaco: poesia e poética* (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2004).

WEST, M. L. *Theogony*, Clarendon Press, Oxford, 1966.

_____*Hesiod Works and days*, Clarendon Press, Oxford, 1982.

_____ *The Hesiodic catalogue of women: nature, structure and origins*, Oxford University Press, Oxford, 1985.

_____ *Hesiod Theogony*, Clarendon Press, Oxford, 1988.

_____ "'Eumelos': a Corinthian epic cycle?", *JHS* 122, 2002, pp. 109-33.

_____ "*Odyssey* and *Argonautica*", *CQ* 55, 2005, pp. 39-64.

WHEELER, G. "Sing, Muse…: The Introit from Homer to Apollonius", *CQ* 52, 2002, pp. 33 - 49.

WHITE, H. "Three problems in Theocritus XXII", *Emerita* 44, 1976, pp. 403-8.

WIJSMAN, H. J. W. *Valerius Flaccus* Argonautica *book VI*, Brill, Leiden, 2000.

WILKINS, F. G. "A classification of the similes in the *Argonautica* of Apollonius Rhodius", *CW* 14 1921, pg 162-66.

WILLIAMS, M. F. *Landscape in the* Argonautica *of Apollonius Rhodius*, Peter Lang, Frankfurt, 1991.

WRIGHT, F. A. *History of Later Greek Literature from the Death of Alexander in 323 B.C. to the Death of Justinian in 565 A.D.*, Routledge, London, 1932.

ZANKER, G. "The Love Theme in Apollonius Rhodius' *Argonautica*", *WS* 92, 1979, pp. 52 - 75.

_____ *Realism in Alexandrian poetry. A literature and its audience*, Croom Helm, London, 1987.

_____ *The Heart of Achilles: Characterization and Personal Ethics in the Iliad*, University of Michigan Press, Ann Arbor, 1994.

_____ "Pictorial description as a supplement for narrative: the labour of Augeas' stables in *Heracles Leontophonos*", *AJP* 117 1996, pp. 411-23.

_____ “The Concept and the Use of Genre – Marking in Hellenistic Epic and Fine Art”, in HARDER, M. A. et REGTUIT, R. F. et WAKKER, G. C. *Genre in Hellenistic Poetry*, Hellenistica Groningana III, Egbert Forsten, Groningen, 1998, pp. 225 - 238.

ZIEGLER, K. *L’ epos ellenistico. Un capitolo dimenticato della poesia greca*, Levante Editori, Bari, 1988.

ZISSOS, A. *Valerius Flaccus’* Argonautica *book I*, Oxford University Press, Oxford, 2008.